

## Instituto Sedes Sapientiae

### Conselho de Direção do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae – gestão 2006/2008

Claudia Paula Santos (Eventos), Daniela Danesi (Grupos de Formação Contínua), Denise Maria Cardoso Cardellini (Clínica), Fátima Milnitzky (Transmissão e Pesquisa), Flávio Roberto Carvalho Ferraz (Cursos), Lucia Barbero Fuks (Relações Internas), Maria Antonieta Whately (Administração e Tesouraria), Maria Auxiliadora de Almeida Cunha Arantes (Representante da Comissão de Admissão), Mario Pablo Fuks (Publicações), Sílvia Leonor Alonso (Relações Externas), Tera Leopoldi (Representante do Departamento no Núcleo de Departamentos)

# Percursos

REVISTA DE PSICANÁLISE - ANO XX - JUNHO DE 2008

### Conselho Editorial

Camila Salles Gonçalves, Eliana Borges Pereira Leite, Leda Maria Codeço Barone, Lilian Quintão, Mania Deweik, Maria Elisa Pessoa Labaki

### Grupo Administrativo

Zulmira M. Montiel e Eva Wongtschowski

### Grupo de Entrevistas

Andréa Carvalho Mendes de Almeida, Bela M. Sister, Danielle Breyton, Renata Politi, Silvio Hotimsky, Susan Markuszower

### Grupo de Debates

Suzan Markuszower e Gisela Haddad

### Conselho Editorial de Resenhas

Camila Salles Gonçalves, Darcy Haddad Daccache, Mania Deweik, Maria de Lourdes Caleiro Costa (coordenadora), Rubia Delorenzo, Sergio Telles

### Conselho Científico, Consultores ad hoc

Abrão Slavutzky (Porto Alegre), Ana Cecília Carvalho (Universidade Federal de Minas Gerais), Ana Helena Stahl (Paris), Arthur Nestrovsky (São Paulo), Benny Lafer (Universidade de São Paulo), Daniel Orliovsky (Universidade de Buenos Aires), David Levisky (Sociedade de Psicanálise de São Paulo), Dominique Fingermann (Escola de Psicanálise dos Fóruns do Campo Lacaniano), Elias M. da Rocha Barros (Sociedade de Psicanálise de São Paulo), Gilda Sobral Pinto (Sociedade de Psicanálise da Cidade do Rio de Janeiro), Heitor O'Dwyer de Macedo (Quatrième Groupe), Inês Marques (Société Psychanalytique de Paris), João A. Frayze-Pereira (Universidade de São Paulo), Joel Birman (Universidade Estadual do Rio de Janeiro), Luís Celes (Universidade de Brasília), Luís Cláudio Figueiredo (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Luiz Eduardo Prado de Oliveira (Quatrième Groupe), Marcelo Marques (Association Psychanalytique de France), Marcia Neder Bacha (Universidade Federal do Mato Grosso do Sul), Maria Helena Fernandes (Instituto Sedes Sapientiae), Maria Rita Kehl (Associação Psicanalítica de Porto Alegre), Marlise Bassani (Pontifícia Universidade Católica de São Paulo), Néelson Coelho Jr. (Universidade de São Paulo), Purificación Barcia Gomes (Instituto Sedes Sapientiae), Rosine Perelberg (British Psychoanalytic Society), Urania Tourinho Peres (Colégio de Psicanálise da Bahia)

### Linha editorial

*Percursos* é publicada pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae. É uma revista científica dedicada ao avanço dos conhecimentos psicanalíticos em suas vertentes clínica, teórica, metodológica e epistemológica. Visando a estimular o debate entre as várias correntes da Psicanálise, aceitamos trabalhos de todas as orientações, tanto de membros do Departamento quanto de colegas de outras instituições brasileiras e estrangeiras. Pautamo-nos por um ideal exigente de qualidade científica, literária e estética, pela abertura às inovações consistentes, pelo respeito à complexidade da vida psíquica e dos fenômenos socioculturais, pela recusa do dogmatismo, da intolerância e dos reducionismos, pelo diálogo com as áreas conexas. Acreditamos que o pensamento crítico contribui para libertar o espírito das amarras que o prendem à ignorância e ao sofrimento. Como disse Freud, “a voz da razão é suave, mas termina por se fazer ouvir”.

### Digitação de originais

Angela Maria Vitorio • Tel.: (11) 9705-2916 • [angela.vitorio@uol.com.br](mailto:angela.vitorio@uol.com.br)

### Revisão

Simone Zaccarias • Tel.: (11) 9897-1362 • [simonezac@yahoo.com.br](mailto:simonezac@yahoo.com.br)

### Projeto e produção gráfica

Sergio Kon • A Máquina de Idéias • Tel.: (11) 3062-6086 • [amaquina@aclnet.com.br](mailto:amaquina@aclnet.com.br)

### Assinaturas

Jessica Janete da Silva, Regiane Montiel • Tel./Fax: (11) 3816-3780

### Capa

Helena Pessoa. *Sem título*. Bastão óleo e cera de abelha sobre papel japonês, 31 x 23,3 cm, 1997 • Tel.: (11) 3256-8429 • [helenapessoa@gmail.com](mailto:helenapessoa@gmail.com)

### Coordenação editorial / Recepção de originais para publicação

Renato Mezan • Rua Amália de Noronha, 198 • 05410-010 São Paulo • Tel./Fax: (11) 3081-4851

Sítio na Internet: [www.uol.com.br/percurso](http://www.uol.com.br/percurso) • e-mail: [percurso@uol.com.br](mailto:percurso@uol.com.br)

*Percursos* é indexada em *Psychoanalytic Abstracts*, Washington, D.C., USA.



Instituto Sedes Sapientiae

R. Ministro de Godoy, 1484  
05015-900 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3866-2730  
Secretária do Núcleo de  
Departamentos: Rose Batista Oliveira



Gráfica e Editora Santuário

Rua Pe. Claro Monteiro, 342  
12570-000 Aparecida SP  
Tel.: (12) 3104-2000  
Fax: (12) 3104-2036  
0800-16-00-04

Formas  
em contradição

# Percursos 40

REVISTA DE PSICANÁLISE : ANO XX : JUNHO DE 2008

# Sumário

## Table of contents

3 Sumário  
*Table of contents*

7 Editorial  
*Letter from the editors*

### TEXTOS

---

### PAPERS

9 Fetichismo e escolha de objeto na primeira infância  
*Fetishism and object choice in early childhood*  
Moshe Wulff

25 Emilio Rodrigué  
*Emilio Rodrigué*  
Urania Tourinho

33 Enlace libidinal e tolerância  
*Libidinal tie and tolerance*  
Mara Selaibe

43 O ato da criação  
*The act of creation*  
Andrea Menezes Masagão + Philippe Willemart

55 O jogo do inconsciente – falando o que me vem à  
cabeça  
*The game of the unconscious: saying what comes to  
my mind*  
Ignacio Gerber

3

- 69 O primado do masculino em xeque  
*The primacy of masculinity at stake*  
Flávio Carvalho Ferraz
- 79 O que o pai tem a ver com ela?  
*So, what about the father?*  
Marli Ciriaco Vianna
- 85 Belas e adormecidas: a histeria, ainda  
*Beautiful and sleeping: hysteria, as always*  
Ana Lúcia Panachão
- 91 Histeria e patologias *borderline* no discurso  
psicanalítico: linhas tênues  
*Hysteria and borderline pathologies in the  
psychoanalytic discourse: fragile lines of demarcation*  
Gustavo A. R. Mello Neto + Viviana C. V. Martinez  
+ Ana Paula Moreira
- 103 Grupo terapêutico com crianças e a configuração do  
espaço potencial  
*Therapy groups with children and configuration of  
potential space*  
Michele Araújo Santos
- 111 Psicoterapia breve psicanalítica  
*Brief psychoanalytic psychotherapy*  
Mauro Hegenberg

## ENTREVISTA

### INTERVIEW

- 123 Miriam Chnaiderman  
Uma psicanalista que faz cinema  
*A psychoanalyst who is also a film maker*

## DEBATE

### DEBATE

- 139 Uma lente de aumento sobre o feminino no século XXI  
*A magnifier glass on the feminin in the 21th century*  
Malvine Zalberg + Tales Ab'Sáber + Christian I. L. Dunker  
+ Silvia L. Alonso

## LEITURAS

---

### BOOK REVIEWS

- 149 Fidelidade ao inconsciente: trajetória de um psicanalista [ *O paciente das 50 000 horas* ]  
*Fidelity to unconscious: the path of a psychoanalyst*  
Urania Tourinho
- 153 Contribuições ao estudo do processo analítico [ *O contexto do processo analítico* ]  
*Contributions to the study of the analytical process*  
Maria Thereza Ávila Dantas Coelho
- 155 Gigante, para além do princípio do prazer [ *Gigante pela própria natureza* ]  
*Giant, beyond the principle of pleasure*  
Andrea Hollnagel Araújo
- 157 Ousadia e verdade – ou: “Je ne regrette rien” [ *Separações necessárias – memórias* ]  
*Audacity and truth – or: “Je ne regrette rien”*  
Ana Lucia MacDowell Gonçalves
- 161 Emilio Rodrigué: o psicoargonauta de Ondina [ *O caçador de labirintos* ]  
*Emilio Rodrigué: the psychoargonaut from Ondina*  
Danielle Schramm
- 164 A filiação da narrativa [ *Fadas no divã* ]  
*The filiation of narratives*  
Lia Fernandes
- 167 Silvia Bleichmar: paixão pelo conhecimento [ *Clínica psicanalítica e neogênese* ]  
*Silvia Bleichmar: passion for knowledge*  
Maria Laurinda Ribeiro de Souza
- 173 La mer, la mère [ *O amante* ]  
*La mer, la mère*  
Rubia M. Tavares Delorenzo

- 175 Um olhar psicanalítico sobre as disfunções sexuais  
[*Disfunções sexuais*]  
*A psychoanalytical perspective about sexual  
dysfunctions*  
Sonia Maria Rio Neves
- 179 Contos no divã: entre a bruxaria e a ficção [Contos  
no divã: *pulsão de morte e outras histórias*]  
*Tales on the couch: between witchcraft and fiction*  
Luciana Saddi
- 182 Um jabuti no labirinto da violência [A *violência no  
coração da cidade – um estudo psicanalítico*]  
*A land turtle in the labyrinth of violence*  
Renata Udler Cromberg
- 191 Novidades *Percurso*  
*Percurso News*
- 193 Colaboradores deste número  
*Contributors to this issue*
- 195 Normas para envio de artigos e resenhas  
*Rules for contributors*
- 196 Onde encontrar *Percurso*  
*Where to find Percurso*
- 197 Para assinar *Percurso*  
*How to subscribe to Percurso*

# Editorial

Na Bahia, em um de seus momentos poéticos, Emilio Rodrigué contou ter ouvido o sussurro de Ondina a lhe dizer *fique aqui*. Agora, também da terra de todos os santos e de todos os orixás, nossa colaboradora Urania Tourinho traz-nos outra expressão, dizendo que a morte retira “seu corpo de nosso olhar, sua voz de nossa escuta”. Agora, relemos páginas de Pierre Fatumbi Verger, reencontrando Oxossi, o filho de Iemanjá de flechada certa, que poderia ser o orixá de Rodrigué. Seu arquétipo é o das pessoas sempre em movimento, daquelas que são “cheias de iniciativa e sempre em vias de novas descobertas ou de novas atividades” e que “gostam muito de mudar de residência e achar novos meios de existência”.

Não há dúvida de que Rodrigué se mostrou capaz de achar novos meios de existência para o analista e de compreensão da teoria psicanalítica. O encontro com Susanne Langer e com a lógica talvez seja um de seus trajetos mais significativos, incluindo a retomada de questões de linguagem, colocadas sobretudo na parte c do capítulo iv de *A Interpretação dos Sonhos*. Freud reexamina aí possíveis objeções contra sua tese segundo a qual o sonho renuncia a figurar as relações lógicas, e a oposição entre a lógica aristotélica e uma lógica do inconsciente. Para a autora soteropolitana que citamos, a conquista central de Rodrigué no encontro com a filósofa “foi ter adquirido uma maneira particular de lidar com as palavras e o saber”.

A busca de uma lógica afim com a psicanálise continua a estimular a investigação, como verificamos em outro artigo, que incorpora o pensamento de Matte-Blanco. Mostra-nos de

que modo, por admitir a contradição, “a lógica inconsciente eleva ao infinito as relações possíveis entre seus objetos”.

Entre os recursos formais de que o pensar e a sensibilidade se servem, abrem-se campos de investigação psicanalítica, muitas vezes percorridos a partir de questões da clínica. Tributária desta, a metapsicologia imbrica-se com outra lógica a partir de uma criança autista, de formas inusitadas de relacionamento;

com a ética, por meio da escuta dos modos contemporâneos da intolerância, embora talvez nos inspire para reler cartas sobre a tolerância escritas por filósofos; com a estética e teorias da criação artística, por meio da transgressão dos interditos da linguagem por Schreber ou por Joyce. À guisa de apresentação, assim mencionamos aberturas, exemplos, indicamos os férteis percursos de colaboradores deste nosso número.

# Fetichismo e escolha de objeto na primeira infância

**Resumo** Baseado em cinco exemplos clínicos, o texto discute a existência do fetichismo em crianças entre um ano e meio e cinco anos. Por aceitar a teoria de Freud acerca dessa perversão – que se trata da substituição do falo materno inexistente por um objeto que adquire as características de um fetiche – o autor não acredita que crianças tão pequenas possam ter chegado ao estágio no qual essa substituição é possível – segundo Freud, na época do complexo de Édipo, ou seja, ao redor dos cinco anos de idade. Conseqüentemente, sugere que a escolha de um objeto privilegiado para garantir a segurança emocional da criança deve ser explicada por meio do conceito de sexualidade pré-genital, em particular no seu aspecto oral.

**Palavras-chave** fetichismo; sexualidade infantil; oralidade; ansiedade de castração; relação com a mãe; primeira infância.

**Tradução** (da versão inglesa) Daniela Schmidt.

**Revisão** Eliana Borges Pereira Leite e Renato Mezan.

**Moshe Wulff** (1878-1971) foi um dos pioneiros da Psicanálise na Rússia, e posteriormente em Israel. Escreveu o livro *A alma infantil* (1946) e diversos artigos em alemão, russo, inglês e hebraico, mencionados na Apresentação que o Prof. Décio Gurfinkel – a quem agradecemos a indicação do texto – redigiu para a presente tradução.

**Décio Gurfinkel** é psicanalista, doutor em Psicologia pela USP, professor dos Departamentos de Psicanálise e de Psicossomática do Instituto Sedes Sapientiae, autor dos livros *A pulsão e seu objeto-droga* (Vozes); *Do sonho ao trauma: psicossoma e adições* (Casa do Psicólogo), e *Sonhar, dormir e psicanalisar: viagens ao informe* (Escuta).

**Nota do Coordenador de Percurso** Este artigo saiu originalmente no *Psychoanalytic Quarterly* de 1946 (p. 450-71), em tradução do Dr. Henry Alden Bunker, da qual foi realizada a versão aqui publicada. Por esse motivo, as citações de Freud se referem às edições então disponíveis, e não aos *Gesammelte Werke* ou à *Standard Edition*. Da mesma forma, optamos por conservar o vocabulário do original, em particular no que concerne ao termo *Trieb* e seus derivados, para os quais o tradutor inglês empregou – conforme o uso da época – as palavras *instinct* e *instinctive*.

1 S. Freud, “Historia del movimiento psicoanalítico”, p. 1911 (versão Ballesteros).

2 S. Freud, *Totem y tabu*, p. 1829.

## Moshe Wulff

### Apresentação

Nascido na Rússia em 1878, Moshe Wulff fez parte do círculo de pioneiros da Psicanálise, e foi um dos principais responsáveis pela implantação e difusão dessa disciplina na Rússia e em Israel. Psiquiatra formado em Berlim, foi influenciado por Abraham, e entre 1911 e 1912 – como membro externo – participou regularmente da Sociedade Psicanalítica de Viena. Em 1909, após ser demitido de uma instituição em Berlim devido às suas concepções freudianas, voltou para seu país, então mais receptivo a Freud do que a Alemanha, e lá permaneceu até 1927. Em 1922, fundou com outros colegas a Sociedade Psicanalítica Russa. Com a extinção da Psicanálise pelo regime comunista, ao qual foi de início favorável, teve de emigrar, e, após mais alguns anos em Berlim, em 1933 foi novamente forçado ao exílio, devido à ascensão do nazismo. Estabeleceu-se por fim em Jerusalém e Tel-Aviv, onde deu início, juntamente com Eitingon, ao movimento psicanalítico em Israel (ou Palestina, até 1948), permanecendo lá até sua morte, em 1971.

Quanto à sua relação com Freud, vale lembrar que na História do movimento psicanalítico o fundador da Psicanálise afirmou ser Wulff o único “verdadeiro psicanalista” da Rússia de então<sup>1</sup>; um ano antes, havia se referido a ele como “um dos autores que com maior inteligência têm se ocupado das neuroses infantis”<sup>2</sup>. Este último comentário se encontra no trecho do quarto ensaio de Totem e tabu, no qual Freud discute as zoofobias, e cita



*se Winnicott se surpreendeu com a semelhança do fenômeno descrito por ambos, ele discordou do tratamento conceitual dado ao mesmo por Wulff*

com alguma extensão um artigo em que Wulff analisa uma fobia de cachorros<sup>3</sup>.

Wulff foi um dos médicos que recebeu em consulta o Homem dos Lobos, e o aconselhou a empreender um tratamento psicanalítico! Este pioneiro da Psicanálise foi responsável pela tradução das obras de Freud para o russo – hoje reeditadas – e posteriormente para o hebraico, assim como de trabalhos de Abraham.

Interessou-se particularmente pela psicanálise de crianças e pela pedagogia de inspiração psicanalítica; na Rússia, participou da criação de um lar para crianças, que veio a se tornar uma policlínica. Como o leitor verá, um dos exemplos citados no presente artigo provém dessa experiência. Outros temas de interesse clínico do nosso autor foram a fobia, os transtornos alimentares, as adições e o fetichismo.

Dentre seus trabalhos publicados, destaca-se, além do artigo de 1912 mencionado por Freud e deste agora traduzido pela Percurso, um texto de 1932, já vertido para o português: “Sobre um interessante complexo sintomático oral e sua relação com a adição”<sup>4</sup>. Trata-se de um texto extremamente rico e penetrante, considerado por diversos autores como trabalho pioneiro e referência importante para os estudos psicanalíticos dos transtornos alimentares – em particular da bulimia – e das adições. Assim como o artigo sobre o fetichismo, esse trabalho parte de uma descrição detalhada de vários exemplos clínicos e evolui para uma discussão psicopatológica e metapsicológica bastante densa e estimulante. Vale destacar um eixo comum aos dois textos: a ênfase na oralidade como operador

teórico-clínico, dando prosseguimento à abordagem de Abraham sobre o assunto.

Outros trabalhos de destaque de Wulff são A alma da criança (um livro de 1946, originalmente em hebraico) e “The problem of neurotic manifestations in children of preoedipal age” (1951). Assim como este último, publicado no *Psychoanalytic Study of the Child*, o artigo sobre o fetichismo saiu originalmente em inglês, no *Psychoanalytic Quarterly* (1946), sendo posteriormente traduzido na *Revue française de psychanalyse* (1978).

“Fetichismo e escolha de objeto na primeira infância” desperta um duplo interesse: pelo valor intrínseco de sua contribuição, e pelo diálogo de pensamentos que se estabeleceu entre este artigo e o estudo de Winnicott sobre os objetos transicionais. Quanto ao primeiro aspecto, deixo ao leitor o prazer de explorá-lo por si só; quanto ao segundo, algumas notas históricas podem ser úteis.

Winnicott publicou “Objetos transicionais e fenômenos transicionais” em 1953, e havia apresentado o trabalho na Sociedade Britânica em 1951. No intervalo entre a apresentação e a publicação, veio a conhecer o artigo de Wulff, e escreveu: “Proporcionou-me grande prazer e apoio descobrir que o assunto já havia sido considerado digno de discussão por um colega”<sup>5</sup>. A descoberta do texto provocou um grande impacto, e levou Winnicott a acrescentar ao seu próprio trabalho uma seção especial para discutir o artigo de Wulff; podemos imaginar sua surpresa, pois com efeito os fragmentos clínicos apresentados pelo psicanalista russo poderiam muito bem servir para ilustrar um estudo sobre os objetos transicionais!

Abre-se assim uma interessante polêmica: se Winnicott se surpreendeu com a semelhança do fenômeno descrito por ambos, ele discordou do tratamento conceitual dado ao mesmo por Wulff. Winnicott criticou o uso do conceito de fetichismo para descrever o que ele mesmo designou como objeto transicional, pois segundo ele se trata de um fenômeno de caráter saudável e universal, e não patológico e particular. A ideia de um “fetichismo infantil”, diz ele, peca por trazer retroativamente à infância algo da teoria das perversões sexuais dos adultos, e

por estender indevidamente o conceito de fetichismo para fenômenos normais, diluindo a sua significação e valor. Estas observações levaram Winnicott a distinguir o delírio de um falo materno de uma ilusão do falo materno, universal e não patológica, e a propor que a gênese do fetichismo na vida adulta pode ser reconhecida em uma espécie de extravio da experiência da transicionalidade na infância.

Ora, esta discussão nos remete à própria questão que move o artigo de Wulff: podemos falar em fetichismo na infância? Em casos de crianças muito pequenas que supostamente ainda não acederam à problemática fálica, podemos continuar sustentando a proposição freudiana que vê no objeto-fetichismo um substituto do falo materno? As respostas de Wulff ao problema são muito interessantes e plausíveis; partindo de uma visão eminentemente freudiana, ele discute algumas de suas contradições e desenvolve uma compreensão do suposto “fetichismo infantil” sob a ótica da sexualidade pré-genital. Winnicott, por sua vez, escolheu um caminho bastante diferente: inventou um novo conceito, e deu início a uma linha de pesquisa hoje reconhecidamente de grande relevância na história das idéias de nossa disciplina; podemos dizer que Winnicott criou, neste momento, um novo objeto para a psicanálise<sup>6</sup>.

Mas esta apresentação sucinta não faz justiça à complexidade e à riqueza do pensamento teórico-clínico de Wulff, que agora os leitores do *Percurso* têm a oportunidade de examinar com seus próprios olhos.

DECIO GURFINKEL

- 3 “Contribuições sobre a sexualidade infantil” (1912 – original em alemão).
- 4 O artigo, escrito originalmente em alemão, foi vertido para o francês. A tradução brasileira (da versão francesa) encontra-se em B. Brusset, C. Couvreur e A. Fine (orgs.), *Bulimia*.
- 5 D. W. Winnicott, “Transitional objects and transitional phenomena”, *International Journal of Psycho-Analysis*, vol 34 (1953) p. 92 (nota 8).
- 6 Para uma discussão mais extensa da polêmica Wulff-Winnicott, consultar D. Gurfinkel, “O carretel e o cordão”.

»  
*Winnicott distinguiu o delírio de um falo materno de uma ilusão do falo materno, universal e não patológica*

A investigação psicanalítica nunca esclareceu completa e definitivamente os pormenores da escolha do objeto na primeira infância. O que se sabe de mais importante desse assunto vem de Freud, o qual, de fato, assinalou repetidamente que havia muito ainda a ser esclarecido nesta importante questão. Sendo assim, não é de surpreender que precisamente esta parte da doutrina psicanalítica tenha sido alvo de críticas bastante duras por parte dos próprios psicanalistas, o que deu origem às mais diferentes opiniões.

Além da observação direta de bebês, a Psicanálise deu um passo à frente na investigação do desenvolvimento da libido ao estudar as perturbações nesse desenvolvimento tal como se manifestam nas neuroses e perversões dos adultos. Conhecemos duas formas de aberrações sexuais relacionadas à escolha do objeto: a homossexualidade e o fetichismo.

Contudo, para a presente discussão, os detalhes da escolha do objeto primário em relação ao desenvolvimento da homossexualidade nos oferecem relativamente pouca informação, já que o objeto primário é sempre e para ambos os sexos a mãe. Além disso, ao longo do desenvolvimento do indivíduo até (e mesmo após) a puberdade, ambos os sexos podem servir como objetos potenciais. Sabemos também que a constelação psicológica que favorece o desenvolvimento em direção à homossexualidade é mais ou menos independente da predisposição biológica.

Para o nosso tema, os fenômenos de desenvolvimento que caracterizam o fetichismo



*a perversão consiste na regressão a um instinto parcial infantil e primário, que em virtude disso se torna independente e domina por completo a vida sexual do indivíduo*

12

PERCURSO 40 : junho de 2008

na primeira infância apresentam interesse bem maior. Apesar de há muito se saber – graças aos trabalhos de Binet, Havelock Ellis e outros – que as primeiras expressões do fetichismo podem aparecer em qualquer idade da primeira infância, conhecemos muito pouco acerca dos processos psicológicos que levam a isso. E de fato duas questões chamam imediatamente a atenção: (1) Existe mesmo fetichismo, ou manifestações fetichistas, em crianças pequenas? (2) Qual instinto parcial obteria gratificação de maneira autônoma e exclusiva no fetichismo adulto, do mesmo modo que o impulso de olhar e ser olhado a consegue no exibicionismo? Como bem se sabe, a Psicanálise considera que a perversão consiste na regressão a um instinto parcial infantil e primário, que em virtude disso se torna independente, domina por completo a vida sexual do indivíduo e se torna a sua principal fonte de gratificação sexual.

### Dois casos da literatura

Obviamente, a resposta à pergunta sobre as manifestações de fetichismo em crianças pequenas não é simples. Até onde sei – e ficaria grato por outras referências – apenas um caso de fetichismo em criança pequena foi publicado na literatura psicanalítica, por Joseph K. Friedjung, de Viena, no *Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik*, na edição de outubro de 1927. Devido ao seu grande interesse, apresentarei esse caso de modo detalhado.

*Um menino de 16 meses adoeceu de coqueluche. Seus violentos protestos contra o exame do médico, e a atitude ansiosa dos pais, imediatamente evidenciaram um cenário neurótico. Os pais eram músicos alemães, sendo o pai consideravelmente mais velho que a mãe. A família incluía ainda um filho de sete anos, do primeiro casamento do pai. O paciente tinha conseguido se desenvolver razoavelmente bem durante seus nove meses de amamentação por uma mãe nervosa. Era muito mimado: quando a mãe estava em casa, ele a queria à sua total disposição, e se não o conseguisse ficava com raiva. Todas as manhãs, era trazido para a cama dos pais. Durante muitos meses (talvez desde o desmame, disse a mãe quando questionada), o bebê teve um comportamento particular, sem o qual não adormecia: tinha que ter consigo uma meia-calça ou um sutiã que tivesse sido usado pela mãe. Ele apertava o objeto entre as mãos, colocava um dos polegares na boca e imediatamente caía no sono.*

*Quando os pais voltavam para casa à noite, ele acordava, e conforme a mãe se despia exigia que lhe dessem o sutiã, com o qual logo voltava a adormecer. A recusa a este pedido provocava um ataque de raiva. Peças lavadas ou roupas vestidas pelo pai eram por ele recusadas.*

*Devo meu conhecimento desse fato somente à circunstância de ter encontrado na cama da criança uma meia-calça obviamente usada e do avesso, como fazem muitas mulheres, e com certo espanto ter perguntado o motivo de ela estar ali. Destaco esse fato a fim de mostrar quanto em certos casos dependemos do acaso; assim, a estranheza dessa observação não é suficiente para provar que ela não tenha paralelos em outras crianças.*

*Uma semana depois, numa ausência dos pais, soube pela avó e pela empregada idosa que esse comportamento da criança havia começado alguns meses antes, com uma camisola que a mãe não queria mais. Essa camisola continuava desempenhando ocasionalmente o papel agora assumido pela meia e pelo sutiã. (Os pais tinham escondido de mim esse fetiche.) Muito intuitivamente, a avó descreveu como o menino flertava com seu fetiche “de maneira animal”. A empregada acrescentou que agora ele dava preferência à meia, e também que quando lhe dava o jantar na ausência da mãe ele se recusava a comer a menos que a tivesse consigo.*

No volume VII do *Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik*, esta contribuição é seguida pelo seguinte *post-scriptum* (p. 235):

Quando em julho de 1927 comuniquei ao Professor Freud essa singular observação, recebi dele a seguinte resposta: “Foi demonstrado de modo indubitável que em muitos adultos o fetiche é um substituto para o pênis, um substituto à falta de pênis na mãe, bem como um meio de defesa contra a angústia de castração – e nada mais. Resta testar isso no caso dessa criança. Para haver como comprovar, o menino deve ter tido muitas oportunidades de se convencer, pela nudez da mãe, da sua falta de pênis.” Mais tarde, surgiu o estudo de Freud sobre o fetichismo, publicado no Volume XIII do Internationale Zeitschrift für Psychoanalyse<sup>7</sup>, no qual ele expôs esta interpretação.

Recentemente, tive oportunidade de ver o menino, agora aos dois anos, adorável, bem desenvolvido fisicamente, e mentalmente avançado para sua idade. A falha de seus pais, principalmente da mãe, permitiu-lhe prosseguir com seu fetiche como a melhor maneira para fazê-lo pegar no sono rapidamente. Ele esfregava no rosto somente roupas usadas pela mãe, e depois chupava o dedo. O fato de não aceitar peças lavadas, nem roupas usadas pelo pai, levava a mãe a acreditar que o cheiro vindo do corpo dela era significativo para o fetiche. Mas pode-se acrescentar que a expectativa de Freud foi totalmente atendida, pois o filho compartilhava o quarto dos pais: estes se despiam completamente na frente dele, sem constrangimentos, a fim de (segundo a mãe) acostumá-lo aos seus corpos nus, e permitir que ele identificasse a diferença entre os sexos. Diariamente, portanto, ele teve inúmeras oportunidades para a observação comparativa entre a mãe e o pai da qual fala Freud. Minha observação do fetichismo *in statu nascendi* confirma deste modo os resultados da análise dos neuróticos adultos.

Isso quanto ao caso relatado por Friedjung, que levanta uma série de questões a serem discutidas mais detalhadamente no decorrer deste artigo. Encontrei um segundo caso no artigo de Editha Sterba, publicado no volume de 1935 do *Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik* sob o título “Um caso de distúrbio alimentar”<sup>8</sup>. No histórico do caso, entre outras coisas, é relatado o seguinte:

7 S. Freud, “Fetishism”, p. 161. (Nota do tradutor inglês).

8 A tradução em inglês desse caso está em Editha Sterba, “An important factor in eating disturbances of childhood”, p. 370-1. (Nota do editor do *Psy Qua.* ao artigo de Wulff).

»  
aos sete meses e meio,  
ela o abraçava com força  
e protestava: “meu-meu” –  
querendo dizer “é meu, é meu,  
pertence a mim”

Uma menininha de uns vinte meses se agarrava obstinadamente, desde a amamentação, a um objeto particularmente querido. Era um babador, menor que um babador normal, do tamanho de um lenço feminino, com quatro camadas de tecido. Ao ser desmamada aos seis meses e meio, não demonstrou qualquer reação na hora de dormir, exceto a de sempre exigir o tal paninho que usava quando mamava no peito. Pressionava-o contra a bochecha com uma das mãos, chupando o polegar, e adormecia feliz. Mesmo nessa idade, já não era possível enganá-la trocando o paninho por uma fralda ou lenço, pois ela ficava muito brava.

A primeira sílaba clara que pronunciou foi um nome para este objeto tão amado, ao qual ela chamou de “meu-meu”. Aos sete meses e meio, ela o abraçava com força e protestava: “meu-meu” – querendo dizer “é meu, é meu, pertence a mim”. Essa se tornou sua brincadeira predileta, com a qual era possível observar claramente o desenvolvimento de um sentimento de posse. O “meu-meu” era seu conforto e sua proteção em todas as dificuldades e perigos da sua pequena vida. Quando foi vacinada, ele foi o melhor calmante para a dor. Às vezes, no parque, outras crianças pegavam seus brinquedos; ela, então, chorava pelo “meu-meu”, chupava o polegar e se consolava. O mesmo acontecia quando, num ambiente estranho, sentia-se insegura e sem confiança.

Numa tarde, durante um passeio com o pai, ela de repente pediu com insistência o “meu-meu”. Logo em seguida, deliberadamente e com pontaria certa, atirou-o no lixo da rua. O pai se recusou a lhe devolver o paninho sujo, mas ela continuou pedindo-o e começou a chorar, o que raramente acontecia. Assim que o recebeu de volta, atirou-o novamente na sujeira, e isso se repetiu por várias vezes.



*particularmente interessante  
era a relação de um  
menino de menos  
de dois anos  
com o seu penico*

### Três observações em primeira mão

Nos parágrafos seguintes, gostaria de acrescentar algumas observações minhas, que considero interessantes porque lançam mais alguma luz sobre o nosso tema.

14

PERCURSO 40 : junho de 2008

1. Há muitos anos, visitei uns amigos. A família consistia do pai, da mãe e de um menino muito bonzinho, entre quatro e cinco anos. Quando cheguei, já era de noite, na hora de o menino se deitar. Apesar de estar pronto e já na cama, ele não queria dormir, e seguidamente chamava pela mãe, gritando e chorando. Ela tentou acalmá-lo várias vezes, sem sucesso. “Vou lhe dar o ‘cobertor mágico’” – ela disse – “e ele vai ficar quieto na hora.”

Interessado, perguntei que tipo de coisa era um “cobertor mágico”. “É curioso”, contou a mãe. “Desde que mamava no peito, ele tem um cobertorzinho de lã macio e aconchegante, do qual gosta mais do que qualquer outra coisa no mundo – mais do que de mim ou do pai. Se só pudesse ter esse cobertor – que nós chamamos de ‘cobertor mágico’ – ele ficaria tão feliz que nada mais importaria. Por exemplo, não gosta que eu saia e o deixe sozinho, mas se eu der o cobertor, posso simplesmente desaparecer que para ele dá na mesma. O mesmo acontece com outras dificuldades – se tem dor, ou está de mau humor, ou se algo desagradável aconteceu, é só dar-lhe o ‘cobertor mágico’. Ele o enrola na cabeça e adormece, tranqüilo e

feliz”. Neste exemplo, não faltava magia ao “cobertor mágico”.

2. Um segundo exemplo vem do orfanato em Moscou onde trabalhei. As crianças tinham entre um e cinco anos, e todas, mesmo as mais novas, tinham seus próprios objetos: prato, colher e um penico. Todas estimavam muito esses objetos, que além da utilidade prática serviam como brinquedos. Particularmente interessante era a relação de um menino de menos de dois anos com o seu penico. Não se separava dele; era seu brinquedo favorito, que arrastava consigo o dia todo, a menos que por algum artifício fosse tirado dele. Considerava-o como o objeto mais precioso do mundo; obedecia prontamente às mais difíceis e desagradáveis exigências de treinamento e crescimento, desde que como recompensa lhe fosse permitido ficar com o seu penico.

Menciono esse exemplo, nada extraordinário – de fato, posso dizer até comum – a fim de mostrar que exemplos de relação fetichista com qualquer objeto do ambiente não são particularmente raros; são familiares a qualquer pessoa, tanto na vida profissional quanto no dia-a-dia. O que em geral não se observa nem se leva em conta é a natureza fetichista desse comportamento. Os casos inconfundíveis de fetichismo contribuem para o entendimento dessas situações fetichistas comuns, que passam despercebidas ou são consideradas como simples caprichos infantis. Em relação a isso, cito o seguinte trecho de Havelock Ellis: “Um caso bem completo de simbolismo erótico é fornecido pelo ‘pigmalionismo’, o amor por estátuas. Ele é exatamente análogo ao amor de uma criança por uma boneca, o qual é também uma forma de simbolismo sexual (apesar de não erótica)”<sup>9</sup>.

3. Devo ao meu colega Dr. Idelsohn um terceiro exemplo interessante:

*Um menino de um ano e três meses mostrava preferência especial e interesse exclusivo por um determinado babador, que usava durante as refeições. Quando ia para a*

cama após a refeição, de dia ou de noite, ele o levava consigo, cheirava-o e chupava-o; não se separava dele de maneira alguma – segurava-o na mão e, ao afagar o nariz com ele, ficava claro que o cheirava vigorosamente. Logo se verificou que o menino queria apenas um babador específico, ao qual chamava de “Hoppa”. Rejeitava todos os outros babadores que eram amarrados ao seu pescoço nas refeições. O nome “Hoppa” veio de um movimento de dança que ele fazia quando ia para a cama à noite, enquanto cantava “hoppa, hoppa, hoppa”. Era um tipo de dança rítmica, na ponta dos pés, movimentando todo o corpo para trás e para a frente.

Quando o babador era lavado e limpo, ele ficava descontente e o rejeitava. À noite, dormia inquieto, chorando e chamando o “Hoppa”. Após vários dias de uso, quando este já havia perdido o frescor e a limpeza, o menino retomava o prazer de tê-lo e usá-lo como sempre.

Aos dois anos e meio, um dia o “Hoppa” desapareceu e não foi mais encontrado. O resultado foi que a criança não cochilava mais após o almoço, e nos primeiros dias teve muita dificuldade para dormir à noite, chamando continuamente por seu “Hoppa”. Chorava e ficava deprimido, obviamente sentindo falta do babador, enquanto antes adormecia imediatamente e sem dificuldade. Todos os esforços dos pais para achar um substituto para o “Hoppa” falharam por completo. Contudo, o pior estava ainda por vir: o menino já havia tirado as fraldas, mas após o desaparecimento do “Hoppa” voltou a urinar na cama. No entanto, ao mesmo tempo, parou de chupar o dedo.

Um mês antes de completar quatro anos, a mãe comprou lenços xadrezes, de um tipo que nunca havia usado antes. Como o garoto estava resfriado, ela lhe deu um desses lenços para que o levasse para a cama consigo. Depois disso, ele passou a pedir sempre o lenço, cheirava-o, e se recusava a se separar dele. Durante esse período, a enurese desapareceu completamente. Com frequência, ele enfiava o lenço dentro do pijama e o pressionava contra os genitais, dizendo que assim nunca o perderia. Depois de lavado, o lenço não lhe dava prazer nenhum. Usá-lo só era prazeroso quando tinha uma mistura de cheiros que tinham a ver com a mãe – sua água de colônia, sua bolsa, seu armário de roupas de cama etc. Era também freqüente ele acordar à noite e gritar ‘Lenço!’ Em seguida, ao achá-lo, colocava-o sobre o nariz e imediatamente adormecia tranqüilo.

9 H. Ellis, *Erotic Symbolism*, tomo V dos seus *Studies in the Psychology of Sex*, p. 12. (Nota do tradutor inglês).

»  
a referência anal é tão clara  
que dispensa comentários.

Mas deve-se acrescentar  
que essa era uma criança  
extremamente rebelde,  
agressiva e mal humorada

Os casos de Friedjung e Sterba apresentam uma série de fenômenos semelhantes e interessantes, que eu gostaria de assinalar: (1) em ambos, as manifestações de fetichismo apareceram imediatamente após o desmame; (2) em ambos, estavam associados ao ato de chupar o dedo; (3) em ambos, ocorriam antes de adormecer e rapidamente induziam um sono tranqüilo e “satisfeito”. No caso de Friedjung, o comportamento fetichista incluía, além disso, a refeição noturna. Por outro lado, há que ser notada uma diferença muito importante entre os dois casos: no de Friedjung, o fetiche era relacionado ao corpo da mãe, ao seu cheiro, e portanto sem dúvida alguma representava um substituto materno. Isso não pode ser claramente dito quanto ao caso de Sterba: neste último, é evidente a associação com a sucção do dedo, mas deslocada para o babador e suas propriedades.

Em minha opinião, o terceiro caso é interessante porque as características do fetiche – além do aconchego e da sensação agradável na pele em contato com a maciez da lã – provavelmente incluíam também o cheiro do corpo da própria criança, proporcionando assim uma gratificação narcísica.

No quarto caso, a referência anal é tão clara que dispensa comentários. Mas deve-se acrescentar que essa era uma criança extremamente rebelde, agressiva e mal humorada, e que o relacionamento fetichista com o penico se desenvolveu logo após a separação da mãe e a ida para o orfanato.

O quinto caso, o do Dr. Idelsohn, é particularmente interessante. Aqui vemos não somente



*os fenômenos de fetichismo  
na primeira infância  
podem ser, em sua natureza  
clínica ou psicológica,  
inteiramente identificados  
ao fetichismo dos adultos?*

16

PERCURSO 40 : junho de 2008

a origem, mas ainda o desenvolvimento posterior da relação fetichista. Aqui também, como nos casos de Friedjung e Sterba, a associação da atividade oral e da gratificação com o fetiche marca o início deste: o babador foi primeiramente usado nas refeições, e valorizado em seu papel de fetiche só quando tinha migalhas e cheiro de comida. Seu uso, de novo, estava associado ao ato de chupar o dedo antes de dormir. Quando o babador sumiu, voltou o hábito de urinar na cama – uma reação bem conhecida em crianças pequenas ao fato de perder um objeto querido. Aos quatro anos, subitamente surgiu outro fetiche, sob uma nova forma e um pouco modificado: estava agora abertamente relacionado à mãe, ao seu cheiro, e não mais à comida, à atividade oral ou de mamar. Em vez de apertar o fetiche na face ou no nariz, a criança o fazia contra os genitais, sob o notável pretexto de não o perder – como se aos quatro anos já conhecesse o conceito freudiano de fase fálica!

Existe um fetichismo infantil?

Voltemos agora à questão colocada no início: os fenômenos de fetichismo na primeira infância podem ser, em sua natureza clínica ou psicológica, inteiramente identificados ao fetichismo dos adultos?

Com relação às manifestações externas e clínicas, as observações citadas oferecem uma

resposta inequívoca e afirmativa: em todos os casos descritos, vemos um objeto que não possui qualidade alguma que justificasse sua escolha como objeto de amor, e que no entanto foi tomado com tal, isto é, assumiu o papel de um objeto-fetiche substituto, exatamente como acontece nos casos adultos. Nos casos citados, não se pode afirmar com segurança qual seria o verdadeiro objeto primário.

No primeiro (Friedjung), parece ser o corpo da mãe, com seu cheiro particular e próprio. Devido à sua associação com o ato de comer e chupar o dedo, e ao seu início imediatamente após o desmame, levanta-se a suspeita de que o objeto primário não seja o corpo da mãe, mas especificamente o seu seio. Considerando como fetiche o sutiã, essa suposição parece ser justificada até certo ponto, mas já não serve em relação ao mais importante e principal fetiche – a meia-calça usada pela mãe – que tinha um cheiro muito particular e específico. Nesse caso, podemos afirmar com certeza que o corpo da mãe como um todo, com seu odor individual e específico, é substituído pelo fetiche: as peças de roupa (laváveis). Por outro lado, o seio materno tem o mesmo cheiro e as mesmas propriedades que o corpo da mãe como um todo, e poderia muito bem ser o primeiro entre todos os objetos da criança. O motivo pelo qual o fetiche possui uma relação tão específica com o hábito de chupar o dedo, e mais tarde com o de se alimentar, seria então explicável com base na idade da criança (o estágio oral de desenvolvimento).

No caso de Sterba, encontramos igualmente uma relação indubitável com o início oral do fetichismo, pois este surgiu imediatamente após o desmame e ficou associado ao hábito de chupar o dedo antes de dormir. Não se pode deduzir do artigo se existia uma relação específica entre a alimentação e o fetiche; porém algo mais – e extremamente característico – emerge de maneira muito clara e inequívoca. A Sra. Sterba escreve o seguinte sobre o estágio de desenvolvimento dessa criança:

Este exemplo ilustra claramente a íntima inter-relação entre as zonas oral e anal, e a substituição de uma pela outra. Essa garotinha estava na difícil posição (para ela) de não apenas ter que aprender a abrir mão do conteúdo de seu intestino, mas ainda de atender à exigência da babá para defecar num momento estipulado. Isso não poderia ser feito sem resistência de sua parte, pois a tendência a reter, como vimos, já estava fortemente desenvolvida nela. O conflito entre entregar e conservar estava claramente expresso no jogo com o “meu-meu”, que era um fetiche oral do período de amamentação. O intenso sentimento da sua posse evidencia um forte investimento anal.

Em suma, com o progresso do desenvolvimento do estágio oral para o anal, o objeto original de amor (o fetiche oral) passou a ser relacionado à fase do desenvolvimento que se seguiu.

O objeto primário de amor – seja ele qual for – que o fetiche substituiu continua desconhecido. A conexão original do fetiche babador com *mamar no seio materno* é bastante evidente, mas do que foi apresentado por Sterba não se pode saber se existia uma ligação posterior com a alimentação, como nos casos de Friedjung e Idelsohn. Neste último não há qualquer evidência de que o odor do fetiche possa ser considerado significativo para o seu papel como tal. Mas descobrimos que a natureza do material do fetiche (quatro camadas de tecido) era particularmente importante para o estabelecer nessa função. Talvez esse material tivesse a princípio um cheiro próprio, mas é difícil supor que antes de seu primeiro uso – e em inúmeras ocasiões depois – não tivesse sido lavado, o que deve ter causado o desaparecimento de qualquer odor originalmente peculiar ao material. Por isso, pareceria mais importante outra propriedade do fetiche: a sensação tátil particular proporcionada pelo material ao contato com a mão ou com a pele do rosto. O mesmo deve ser dito do terceiro fetiche, o cobertor mágico de lã macia, no qual

10 S. Freud, *Three contributions to the theory of sex*, p. 41. (Nota do tradutor inglês).

que sensações táteis de natureza prazerosa possam ser a causa da “fetichização” de qualquer objeto não é uma novidade particularmente surpreendente

o calor e a prazerosa sensação tátil eram claramente as características decisivas a determinar a escolha desta peça como fetiche.

Que sensações táteis de natureza prazerosa possam ser a causa da “fetichização” de qualquer objeto não é uma novidade particularmente surpreendente. Sabemos também de casos de fetichismo em adultos nos quais as sensações de toque de um tipo especial são o fator que estimula a excitação sexual. Freud concorda com a opinião de que nos fetichismos do cabelo e da pele, por exemplo, os cheiros específicos produzem um efeito sexualmente excitante. É preciso notar ainda que freqüentemente o simples toque da mão ou da pele do rosto, assim como acariciar ou alisar o cabelo ou a pele, têm efeito orgástico nos fetichistas. Além disso, são conhecidos fetichismos por veludo e seda, nos quais o cheiro não tem influência em particular, apenas importando as sensações táteis.

Freud escreveu a seguinte passagem sobre a criança durante a amamentação:

Simultaneamente à sucção, há também o desejo de agarrar coisas, que se manifesta em um puxar ritmado dos lóbulos das orelhas, e que pelo mesmo motivo pode levar a criança a agarrar uma parte de outra pessoa (geralmente a orelha). [...] O prazer de sugar é freqüentemente combinado ao roçar de certas partes sensíveis do corpo, como o peito e os genitais externos. É por esse caminho que muitas crianças passam do hábito de chupar o dedo à masturbação<sup>10</sup>.



*é ainda mais notável  
que a criança pequena  
faça uso do fetiche principalmente  
antes de adormecer, e diretamente  
relacionado ao hábito de  
chupar o polegar*

18

PERCURSO 40 : junho de 2008

É uma suposição inteiramente plausível que com o ato de mamar, importante para a vida, surja desde o início todo um complexo de sensações e sentimentos, tais como a sensação de calor e de cheiro, sensações táteis nas mãos e no rosto, que se originam do seio e do corpo materno. Todas essas sensações e sentimentos podem ser transferidos associativamente para qualquer objeto até então indiferente, fazendo deste último um fetiche para a criança. Chegamos então à conclusão de que na criança pequena o fetiche – graças ao seu cheiro, ao seu calor prazeroso e à sensação tátil particular que produz – toma o lugar do seio e do corpo maternos, tornando-se um substituto deles.

É ainda mais notável que a criança pequena faça uso do fetiche principalmente antes de adormecer, e diretamente relacionado ao hábito de chupar o polegar, como vimos em todos os casos relatados. Nesse estágio inicial, para adormecer calmamente a criança parece sentir a necessidade de restabelecer a situação do momento agradável no qual, satisfeita por várias sensações prazerosas originadas no corpo da mãe ao amamentá-la, caía num sono sossegado.

### Fetichismo e ansiedade de castração

Mas agora chegamos às dificuldades. Ao estabelecer que para a criança o fetiche representa um substituto do seio e do corpo materno, co-

locamo-nos em total oposição ao conteúdo da carta de Freud publicada por Friedjung, na qual consta o seguinte: “Foi demonstrado sem sombra de dúvida que em muitos adultos o fetiche é um substituto do pênis, um substituto à falta de pênis na mãe, e, por conseguinte um meio de defesa contra a angústia da castração – e nada mais. Resta testar isso no caso dessa criança. Para haver como comprovar, o menino deve ter tido oportunidades suficientes de se convencer, pela nudez da mãe, da sua falta de pênis”.

Devo confessar que esta declaração me parece incompreensível. Se considerarmos atendida a condição de Freud de que houve “oportunidades suficientes” de ver a mãe nua, então deve ser traçado o longo e complicado caminho psicológico pelo qual, em uma criança de um ano e meio, a nudez e a falta de pênis na mãe levaram à angústia da castração e criaram o fetichismo. Tal possibilidade, deve-se dizer, está em completa contradição com nossos conhecimentos firmemente estabelecidos a respeito do desenvolvimento da criança e dos seus diversos estágios.

Com efeito, para que o fetichismo se instalasse, o menino de um ano e meio de idade não apenas teria de ter desenvolvido totalmente o complexo de castração, mas ainda de o ter superado. Em oposição a isso, gostaria de citar duas passagens de trabalhos de Freud. Uma delas está no artigo sobre o fetichismo:

O que aconteceu, portanto, foi que o menino se recusou a tomar conhecimento do fato percebido por ele de que a mulher não tem pênis. Não, isso não pode ser verdade, pois se uma mulher pode ser castrada, então seu próprio pênis está em perigo, e é contra isso que se rebela parte de seu narcisismo, que a Natureza providencialmente anexou a esse órgão em particular. [...] O termo mais antigo em nossa terminologia psicológica, “repressão”, já se refere a esse processo patológico<sup>11</sup>.

Deveríamos, portanto, admitir que a criança de um ano e meio de idade já teria completado esse trabalho de repressão. E qual seria a força motriz por trás dessa repressão? A respos-

ta só pode ser: angústia de castração. Em relação a isso, gostaria de citar a seguinte passagem de outro importante estudo de Freud:

Quando um menino avista pela primeira vez a região genital de uma menina, de início hesita e demonstra falta de interesse: não vê nada, ou nega o que viu, o atenua, e procura meios de conciliar o visto com as suas expectativas. Só posteriormente, quando alguma ameaça de castração o atinge, é que a observação se torna importante para ele. Se se lembra ou repete a observação, ela lhe desperta uma terrível tempestade de emoções, forçando-o a acreditar na realidade da ameaça, da qual até então havia feito pouco caso. Essa combinação de circunstâncias leva a duas reações, que podem se tornar fixas. Neste caso – separadamente, juntas, ou em conjunto com outros fatores – elas irão determinar permanentemente a relação com as mulheres: o horror à criatura mutilada, ou o triunfante desprezo por ela. Esses acontecimentos, no entanto, pertencem ao futuro, ainda que a um futuro não tão distante<sup>12</sup>.

E em outra passagem lemos: “Parece-me, no entanto, que o significado do complexo de castração somente pode ser avaliado se levarmos em conta a sua origem no estágio da *primazia do falo*”<sup>13</sup>.

Creio que também eu posso recorrer à análise de manifestações e reações anormais em crianças no período pré-edipiano. Estas análises mostram que tais anormalidades, de natureza neurótica, têm uma estrutura psicológica diferente da dos sintomas neuróticos em adultos. Falta-lhes a etiologia característica dos mesmos, a saber o conflito psíquico entre o impulso do id e a proibição do superego, e o compromisso que resulta dessas forças opostas sob a forma de sintomas neuróticos e perversões. As manifestações anormais na criança durante período pré-

11 S. Freud, “Fetishism”, loc. cit., p. 161. (Cf. p. 162.) (Nota do tradutor inglês).

12 S. Freud, “Some psychological consequences of the anatomical distinction between the sexes”, p. 133. (Cf. p. 137.) (Nota do tradutor inglês).

13 S. Freud, *The infantile genital organization of the libido*. Collected Papers, II, p. 244. (Cf. p. 247.) (Nota do tradutor inglês).

tais anormalidades,  
de natureza neurótica,  
têm uma estrutura psicológica  
diferente da dos sintomas neuróticos  
em adultos. Falta-lhes a etiologia  
característica dos mesmos

edipiano são, em sua estrutura psicológica, nada mais que simples formações reativas contra impulsos instintivos reprimidos ou insatisfeitos. Nelas, a inibição ou a proibição de gratificação provém do mundo exterior.

Encontramos na literatura psicanalítica um grande número de análises desse tipo – principalmente no *Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik*. Apenas como exemplo, mencionaria minha contribuição de 1927 ao *Zeitschrift für Psychoanalyse* (volume XIII), sobre uma fobia em uma criança de um ano e meio de idade. É certo que Michael Bálint, em seu ensaio *Zur Kritik der Lehre von der prägenitalen Libidoorganisation*, expressou opinião contrária, afirmando que “todas essas análises mostram inequivocamente que essas neuroses infantis não são, de forma alguma, menos complexas que as neuroses dos adultos”. Sem querer discordar dele quanto à complexidade de muitas neuroses infantis, acredito que devemos insistir: suas estruturas são mais simples, especialmente no período que precede a formação do superego. Conseqüentemente, na técnica de análise em crianças pequenas devemos introduzir a importante modificação de que uma influência direta por parte do analista precisa substituir o superego inexistente, combinando o trabalho puramente analítico com o pedagógico.

Por esses motivos, parece-me necessário concordar com a afirmação de que em crianças pequenas o fetiche representa um substituto do



*existe alguma relação  
entre cada tipo de fetichismo  
e os diferentes períodos da vida?  
E, se houver, qual é ela?  
Infelizmente, não podemos  
esclarecer se há alguma conexão  
etiológica deste gênero*

20

PERCURSO 40 : junho de 2008

corpo materno, e em particular do seio materno. Com ela encontramos uma resposta à questão colocada acima – se o fetichismo em crianças pequenas pode ser completamente identificado com o do adulto, e se há diferenças entre os dois. Dito mais precisamente: manifestações fetichistas em crianças pequenas não são de maneira nenhuma incomuns, mas a estrutura psicológica do fetichismo infantil – assim como em outras manifestações patológicas – é diferente.

Aparece neste ponto uma questão óbvia: existe alguma relação entre cada tipo de fetichismo e os diferentes períodos da vida? E, se houver, qual é ela? Infelizmente, não podemos esclarecer se há alguma conexão etiológica deste gênero, no sentido de o fetichismo em adultos ser uma continuação direta do fetichismo infantil. Isso porque o pouco que foi publicado na literatura psicanalítica sobre o fetichismo adulto não fornece qualquer informação ou material que possa ser útil para tentar responder à questão. Mas o material infantil aqui apresentado fornece algumas pistas interessantes sobre o tema, e traz sugestões quanto ao desenvolvimento do fetichismo na infância que talvez apontem para a provável conexão entre suas formas adultas e infantis.

### Fetichismo e estágios psicosexuais

Vamos tentar, mais uma vez, expor brevemente este desenvolvimento. Vimos que o fetichismo

na primeira infância aparece freqüentemente como herança direta da amamentação no seio materno, com seus primeiros indícios logo após o desmame. Portanto, para todos os efeitos a sua origem oral é indubitável. No seu percurso posterior, ele preserva por certo tempo uma conexão direta com os impulsos orais – alimentação e amamentação. A este respeito um traço característico merece ser destacado: nesse período, a relação com o fetiche é caracterizada pelo fato de que apenas uma propriedade específica dele é valorizada, como o cheiro particular ou a capacidade de despertar sensações táteis particulares e específicas, proporcionando assim um tipo específico de gratificação. Se as propriedades específicas do fetiche fossem abolidas, ele perderia todo o seu valor. Em outras palavras, não é na verdade o objeto em si que é utilizado para a gratificação fetichista, mas somente uma única e específica propriedade ou característica dele. O objeto em si, como um todo, ainda não é apreciado e valorizado – fenômeno aliás presente no fetichismo adulto, mas que representa um traço bastante característico na relação da criança com seus objetos. Não se observa nenhum sinal de laços emocionais com o objeto, exceto a gratificação relacionada com a zona erógena.

O caso narrado por Sterba mostra de maneira bastante ilustrativa o curso do desenvolvimento no estágio seguinte, o sádico-anal. O fetiche, originalmente surgido no modo oral, passa a estar envolvido por impulsos anais e sádicos (é deliberadamente jogado no lixo da rua), e um novo impulso de origem anal é imediatamente transferido a ele, ou seja, o desejo de o agarrar e o possuir (o fetiche se torna o “meu-meu”). Agora não se valoriza apenas uma única propriedade específica, mas o objeto em seu todo é altamente estimado e precisa ser possuído.

No caso de Idelsohn, encontramos novas pistas com relação ao desenvolvimento do fetichismo na primeira infância. Vemos o menino na fase fálica. O fetiche não é mais relacionado com um instinto parcial, mas exclusivamen-

te com o objeto do amor, agora já presente – a mãe, com seu cheiro, suas coisas, e assim por diante. Além disso, encontramos no menino a *angústia* de perder o fetiche, de algum modo relacionada com o pênis: “esse lenço (a mãe)”, relata Idelsohn, “o menino costumava enfiar dentro da calça do pijama e apertá-lo contra os genitais, dizendo que precisava escondê-lo para não o perder”. Portanto, identificava o fetiche com seu genital; transferia para ele uma porção de libido narcísica, que assim se convertia em libido objetal. Mas ao mesmo tempo o pavor de perder o pênis – angústia de castração – aparentemente também passava para o fetiche.

A objeção de que o medo de ficar sem o fetiche não teria nada a ver com angústia de castração, porque provinha da sua própria experiência – o garoto tinha realmente perdido o seu primeiro fetiche – não é difícil de refutar. Lembremos que o primeiro fetiche perdido por ele – pelo qual havia sofrido até o reencontrar, para então experimentar a angústia de o perder de novo – não era este, mas, ao contrário, um objeto completamente diferente: o lenço de sua mãe, do qual, como ele sabia muito bem, havia vários. De fato, o menino não apresentava qualquer ansiedade quanto a se o lenço era este ou aquele; queria simplesmente *um* lenço da sua mãe, de um certo tipo e com certas propriedades, como o cheiro do perfume dela, de sua roupa de cama, do armário onde esta era guardada etc.

Durante o ano e meio transcorrido entre a perda do “Hoppa” de antes e o estabelecimento de um novo fetiche – sob a forma da agenda da mãe – o menino não encontrou substituto para o primeiro. Não lhe importava a falta de oportunidade para ter contato com as coisas da mãe. Mas no decorrer do estágio sádico-anal – no qual, como vimos, o desejo de possuir, ou talvez o impulso se apossar, é tão dominante – ele reagiu à perda do fetiche com inquietação, depressão e gratificação uretral substitutiva, mas o fetiche permaneceu insubstituível porque a relação do menino com os objetos do seu ambiente passou a ser de caráter sádico-anal.

de fato, o menino não apresentava  
qualquer ansiedade quanto  
a se o lenço era este  
ou aquele; queria simplesmente  
um lenço da sua mãe, de um certo  
tipo e com certas propriedades

Foi apenas no estágio fálico, e após uma escolha de objeto bem sucedida, que ele encontrou novamente um fetiche, agora modificado segundo estas novas condições. No entanto, sob a forma do medo de perder o objeto, apareceu ao mesmo tempo a angústia de castração. Essa identificação, no estágio fálico, do objeto-fetiche reencontrado com seu próprio pênis é talvez a descoberta mais interessante em todo o nosso estudo. Esclarece um dos fenômenos mais obscuros da escolha de objeto, pois sugere que o primeiro laço genuinamente libidinal com um objeto estranho se dá por um processo de identificação desse objeto com o próprio pênis do indivíduo. Isso talvez explique por que a rejeição por parte do objeto é sentida como uma severa ferida narcísica, e experimentada por muitos neuróticos como uma castração direta, a ponto de sérios distúrbios de potência poderem surgir como consequência dela.

Como ocorrem as coisas no caso da menina é por enquanto uma questão em aberto, que aguarda para sua elucidação observações análogas às aqui discutidas. Mas deve ser mencionado que – obviamente *mutatis mutandis* – também supomos nela uma fase fálica. Como consequência, na menina a escolha narcísica de objeto consiste na identificação deste último com o desejo ardente por um pênis, cuja posse, apesar da contradição da realidade, ela sem dúvida assume nesta fase. No menino, o primeiro objeto – a mãe – é abandonado sob a pressão da angústia de castração, enquanto a mulher, como disse



*qual pulsão parcial alcança regressivamente sua autonomia no fetichismo, e serve como substituto para a gratificação genital, como o desejo de mostrar o faz no exibicionismo?*

Freud, em seu inconsciente jamais abre mão por completo do seu primeiro objeto de amor – o pai –, guardando no inconsciente o desejo pelo pênis e a fantasia de o possuir.

Assim sendo, a fase final de desenvolvimento do fetichismo, subsequente à fase fálica – ou seja, no estágio genital adulto –, deve logicamente corresponder ao que Freud descobriu analisando fetichistas: que se apegam ao fetiche, o qual não foi perdido, mas firmemente retido mediante uma regressão à analidade, por sua vez imposta pela angústia de castração. Desse modo a libido se fixa ao fetiche, o qual doravante adquire no inconsciente a potencialidade de negar a castração.

Podemos agora nos voltar para a segunda questão levantada no início deste artigo: qual pulsão parcial alcança regressivamente sua autonomia no fetichismo, e serve como substituto para a gratificação genital, como o desejo de mostrar o faz no exibicionismo? Por enquanto, a resposta deve ser negativa: não parece possível demonstrar no fetichismo a existência de nenhuma pulsão dessa espécie. No entanto, nesse contexto algo mais nos chama a atenção.

No fetichismo adulto, Freud demonstrou a grande importância do prazer de cheirar e do sentido de olfato, e nosso material corrobora isso no fetichismo em crianças pequenas. Além do olfato, em muitos casos desse gênero o tato parece desempenhar um papel importante, e mesmo decisivo. Quando se considera a im-

portância do olfato na vida animal – em muitas espécies, é o agente mais importante na luta pela existência e na vida sexual, gerando formas de atividade não apenas passivo-receptiva, mas também buscadas com afimco – somos obrigados a dizer que pareceria possível falar de um “instinto do cheiro” (*Riechtrieb*). O papel desempenhado pelo olfato nos animais superiores (quadrúpedes, insetos) cabe ao tato nos inferiores (protozoários, celenterados etc.).

No homem, esses dois sentidos nunca atingiram pleno desenvolvimento e importância, ou talvez se atrofiem quando os outros ganham força e importância. Contudo, na primeira infância a criança ainda é bastante limitada em sua mobilidade e em sua capacidade de deslocamento, sendo capaz de perceber apenas seu ambiente mais próximo. O olfato e o tato, que se restringem ao que está próximo, desempenham nessa época o papel principal porque são os mais importantes para que a criança se oriente no seu mundo ainda muito limitado.

É somente mais tarde, quando ela ganha mobilidade no espaço e por assim dizer o conquista junto com os objetos nele contidos, que aprende pela experiência a ver o mundo de maneira tridimensional. A audição é o último sentido a alcançar plena importância e valor, em conjunção com o desenvolvimento da fala e da consciência. Correlativamente, o tato e o olfato perdem gradualmente o valor biológico e a importância. Mas na primeira infância ambos predominam, e talvez seja possível ver no fetichismo uma regressão atávica muito poderosa<sup>14</sup>.

Uma outra questão está ligada a isso. Freud enfatizou uma característica particular da libido, que precisamente no fetichismo se apresenta com particular intensidade: a *adesividade*. Parece justificado supor que a particular adesividade da libido no fetichismo se origine nas ligações muito próximas entre as sensações libidinais e as percepções de cheiro, mais antigas do ponto de vista ontogenético. Sabe-se como lembranças de caráter vago, obscuro e nebuloso são bem

conservadas na memória se estiverem ligadas ao olfato, e que um cheiro pode reavivar experiências incertas do passado, despertando diversos humores e sentimentos obscuros ou dominando o humor e o modo de pensar de uma pessoa. Frequentemente, os poetas e psicólogos souberam avaliar e usar esse fenômeno.

Resta chamar a atenção para o que Freud disse com relação ao destino das várias pulsões no período pré-edipiano, anterior à escolha do objeto: “Alguns impulsos componentes da pulsão sexual têm um objeto desde o princípio, e se agarram a ele: o impulso do dominar (sadismo), de olhar (escopofilia), e a curiosidade. Outros – mais claramente ligados às zonas erógenas do corpo – têm objeto somente no início, enquanto ainda se apóiam em funções não-sexuais, e abdicam dele ao se diferenciar dessas últimas”<sup>14</sup>.

Dessa forma, o primeiro objeto do componente oral da pulsão sexual é o seio materno, por meio do qual é satisfeita a necessidade

<sup>14</sup> Sobre a questão de quanto o fetichismo pode ser observado como fenômeno atávico, é interessante a opinião de Havelock Ellis: “A tendência – que consideramos normal em períodos iniciais da civilização – de insistir no simbolismo sexual do pé ou do que se usa nele, e ver nisso um especial fascínio sexual, não deixa de ter significação para interpretar as esporádicas manifestações do fetichismo do pé entre nós. Embora esse fetichismo possa nos parecer excêntrico, ele é apenas o ressurgimento, por pseudo-atavismo ou atraso de desenvolvimento, de um impulso mental ou emocional provavelmente experimentado por nossos ancestrais, e é atualmente muitas vezes perceptível entre crianças pequenas”. O autor acrescenta a isso uma nota de rodapé: “Jacoby (*Archives d'Anthropologie criminelle*, dez. 1903, p. 797) parece considerar o fetichismo do pé como um verdadeiro atavismo: ‘A adoração sexual do sapato feminino’, conclui, ‘é talvez a mais enigmática e certamente a mais singular entre as insanidades degenerativas, e portanto meramente uma forma de atavismo, o retorno do degenerado à mais antiga e primitiva psicologia, que não mais entendemos e não somos mais capazes de sentir.’ Continua Havelock Ellis: ‘Podemos acrescentar que isso não é de forma alguma verdadeiro apenas para o fetichismo do pé. Em outros tipos de fetichismo, uma predisposição aparentemente congênita é ainda mais acentuada, e não apenas naqueles que se voltam para o cabelo e os pêlos.’” (Cf. Havelock Ellis, *Erotic symbolism*, loc. cit., p. 27). (Nota do tradutor inglês). Essa predisposição congênita consiste, na minha opinião, numa intensidade particular do olfato e do tato desde o nascimento, que pode ser considerada como manifestação característica.

<sup>15</sup> S. Freud, *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse*, p. 340. (*Introductory Lectures on Psychoanalysis*, p. 276.) (Nota do tradutor inglês).

no caso de fetichismo infantil,  
a transformação em autoerotismo  
completo parece ser perturbada  
por uma adesão obstinada  
ao primeiro de todos os objetos  
dos instintos parciais,  
o seio materno

do lactente por alimento. No ato de sugar, o componente erótico simultaneamente gratificado ao chupar o dedo torna-se independente, abdica do objeto estrangeiro ao corpo e o substitui por um *locus* no corpo da própria criança. O impulso oral se torna autoerótico, tal qual o foram desde o princípio o anal e os demais impulsos instintivos.

No caso de fetichismo infantil, essa transformação em autoerotismo completo parece ser perturbada por uma adesão obstinada ao primeiro de todos os objetos dos instintos parciais, o seio materno. Os impulsos orais, e depois – por outras perturbações no desenvolvimento – os anais, conservam desde o início seus respectivos objetos exógenos, e essa situação permanece ao longo de todo futuro percurso do desenvolvimento.

Quais seriam as causas especiais que resultam neste peculiar estilo de desenvolvimento? De momento, nada se pode afirmar definitivamente. Ocasões e circunstâncias externas casuais podem desempenhar algum papel, ou quem sabe peculiaridades constitucionais de um tipo ou de outro: sensibilidade exacerbada da zona erógena em questão, força incomum do instinto parcial, que muito cedo ganha um lugar privilegiado na economia da libido, ou intrincamento da pulsão parcial com um olfato constitucionalmente hipertrofiado. Obviamente, apenas algum destes fatores pode ser operativo, assim como todos em conjunto.



**Referências bibliográficas**

Da apresentação:

- Brusset B.; Couvreur C.; Fine A. (orgs.) (2003). *Bulimia*. São Paulo: Escuta.
- Freud S. (1913/1981). "Totem y tabu", in *Obras Completas de Sigmund Freud*. Madrid: Biblioteca Nueva, vol. II.
- \_\_\_\_\_. (1914/1981). "Historia del movimiento psicoanalítico", in *Obras Completas de Sigmund Freud*. Madrid: Biblioteca Nueva, vol. II.
- Gurfinkel D. (1996/2001) "O carretel e o cordão", *Percurso* n. 17, Artigo posteriormente publicado no livro *Do sonho ao trauma: psicossoma e adições*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Winnicott D. W. (1953). "Transitional objects and transitional phenomena", *The International Journal of Psycho-analysis*, 34(2):89-97.

Do artigo:

- Ellis H. (1906). *Erotic symbolism*, tomo v dos *Studies in the Psychology of Sex*. Filadélfia: F.A. Davis.
- Friedjung J. (sem referência do nome do artigo), *Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik*, VII, out. 1927.
- Freud S. (1927/1928). "Fetishism", *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. IX.
- \_\_\_\_\_. (1925/1928). "Some psychological consequences of the anatomical distinction between the sexes", *International Journal of Psycho-Analysis*, vol. VIII.
- \_\_\_\_\_. (1923) "The infantile genital organization", *Collected Papers*, II.
- \_\_\_\_\_. (1905 1930). *Three contributions to the Theory of Sex*. Trad. A. A. Brill 4. ed. Nova York: Nervous and Mental Diseases Publishing Company.
- \_\_\_\_\_. *Totem and Taboo*.
- \_\_\_\_\_. (1916/1929). *Vorlesungen zur Einführung in die Psychoanalyse, Gesammelte Schriften*, VII (*Introductory lectures on psychoanalysis*. Londres: Allen & Unwin).
- Jacoby. *Archives d'Anthropologie Criminelle*, dez. 1903.
- Sterba E. (1935/1941). "An important factor in eating disturbances of childhood", *Psychoanalytic Quarterly*, vol. X. [Original em alemão: *Zeitschrift für Psychoanalytische Pädagogik*, XIII]. Wulff M. (sem referência ao nome do artigo), *Zeitschrift für Psychoanalyse*, XIII.

**Fetishism and object choice in early childhood**

**Abstract** The paper starts with five clinical examples of a particular behavior in children between one and a half and five years that could be construed as a form of fetishism. The author accepts Freud's theory of this perversion as a construction against the fear of castration, which by means of the mechanism of refusal substitutes a commonplace object for the missing penis of the mother, but argues that children who have not yet reached the oedipal phase are not capable of building this defense. Consequently, he suggests that the choice of a familiar object to protect the child against deeply-felt anxieties should be explained using the concept of pregenital sexuality, particularly in its oral aspect. He then goes on to examine the evolution of what he calls "infantile fetishism" through the several phases of psycho-sexual development.

**Keywords** fetishism; infantile sexuality; orality; castration anxiety; relationship with the mother; early childhood.

Texto recebido: 08/2007

Aprovado: 10/2007

# Emilio Rodrigué

Urania Tourinho Peres

**Resumo** A autora faz um depoimento sobre sua relação com Emilio Rodrigué, ressaltando aspectos da vida e obra do psicanalista. Ele próprio descrevia sua maneira de estar na vida como “transgressiva”, o que se reflete na movimentada trajetória que o levou de Buenos Aires a Londres e da Califórnia à Bahia, passando por diversos lugares e posições. Faz-se referência também à sua extensa produção e à sua vocação de escritor.

**Palavras-chave** Emilio Rodrigué; transgressão; revelação; psicanálise na Argentina; Melanie Klein; Susanne Langer; Mimi Langer.

**Urania Tourinho** é psicanalista, fundadora do Colégio de Psicanálise da Bahia.

Inúmeras vezes conversei com Emilio sobre o que decidimos chamar “final de analista”<sup>1</sup>. Tínhamos certeza da inadequação da expressão, mas nunca encontramos uma melhor, e, para nossos almoços nas quartas-feiras, ela funcionava. Falávamos de um momento na vida de um analista em que algo finalizava e portas se abriam para uma nova maneira de caminhar na psicanálise. Algo próximo ao final de análise, momento em que a decisão de tornar-se ou não analista existe. Contudo, o nosso “final de analista” dizia respeito à prática analítica, à relação com a teoria, com a instituição psicanalítica e, mais do que isso, com a experiência analítica. E, é importante dizer, com a insatisfação em nossa prática e nossa inquietação frente a mudanças. Era um liquidar de transferência generalizado. Em verdade, tínhamos a convicção de que algo muito forte acontecia e que poderia ou não nos retirar da condição de analistas. Ou saíamos ou entrávamos com novo vigor. Emilio muitas vezes se interrogava se essa captação era de muitos ou de todos ou se havíamos sido inoculados com algum vírus estranho. E o que iríamos fazer com essas “novas inquietações”? Mas nós, também, sabíamos que “uma vez analistas, sempre analistas”. Eram conversas francas que, creio, raras vezes acontecem entre um analista e um ex-analisando.

Para Emilio, escrever a biografia de Freud foi um rito de passagem que o levou a essa nova condição, que então chegava não como um finalizar, mas seguramente como um libertar-se, um jubilar-se de amarras. E ele me disse que depois de ter

<sup>1</sup> U. Tourinho (org.), *Emilio Rodrigué, caçador de labirintos*.



acima do amigo,  
do interlocutor,  
Emilio foi o meu analista.  
Será que agora,  
verdadeiramente, tenho que  
enfrentar o seu fim,  
o seu finalizar?

26

PERCURSO 40 : junho de 2008

passado cinco anos em companhia de Freud havia se tornado muito melhor analista.

Eu tive outro rito de passagem, bem distinto: uma experiência de passe vivida na *Escuela Freudiana de Buenos Ayres*. Um passe às avessas, pois o depoimento não era o de um final de análise e entrada na posição da analista, mas, sobretudo, o questionamento do que era estar sendo analista em todo esse tempo em que assim estive. Um depoimento, pois. E eu sabia que era um depoimento de “final de analista”. Emilio concordava.

No momento em que escrevo este texto, Emilio está morto, e essa é uma verdade difícil de ser assimilada. Creio que não foi por acaso que comecei pela questão do fim de analista. Será que aquele que foi o analista morre? Acima do amigo, do interlocutor, Emilio foi o meu analista. Será que agora, verdadeiramente, tenho que enfrentar o seu fim, o seu finalizar? Não creio, mas de que imortalidade se reveste o analista? Seria fácil responder que o analista se reveste da imortalidade da palavra. Estou convencida, contudo, de que tem algo mais.

Vou dizer uma obviedade: Emilio não foi um analista comum. Obviedade porque nenhum analista é um analista comum, ou melhor,

ninguém é comum, todos somos singulares. Mas tive necessidade dessa afirmativa, até porque muitas vezes me interroguei sobre a maneira de estar na vida que ele desvelava e a sua condição de psicanalista. E talvez seja nesse ponto que quero me deter. Uma relação singular e, portanto, não comum entre o homem e o analista marcada pela revelação. Uma excentricidade e, como ele próprio gostava de dizer, uma maneira transgressiva de estar.

Emilio decidiu ser escritor ainda jovem. Não foi um início fácil, porém habitado por uma intensa angústia diante da página branca. Para ele, ser autor de um livro, uma novela de preferência, era mais que ser ator de Hollywood. Das primeiras tentativas resultou o livro de contos *Plenipotência*, sem grande sucesso. Contudo, um dos contos transformou-se em *Heroína*, uma novela que lhe trouxe fama, um êxito editorial, que o fez passear repetidas vezes entre Santa Fé e Corrientes para ver o livro nas vitrines das livrarias e que, por último, transformou-se em filme. Essa novela acontece na encruzilhada de sua vida, segundo seu próprio relato, e surge como um passaporte para o mundo dos escritores. A personagem do conto o surpreende e sobre ela, declara: “Eu nunca pensei mesclar minha vida com a heroína imaginada por mim. Este efeito autobiográfico faz que tome distância de mim mesmo e me converta no personagem de minhas memórias”<sup>2</sup>. A leitura da última página do livro sempre o emocionava e enchia-lhe os olhos de lágrimas, até mesmo com o passar dos anos. Por que a cena final continha um imperativo que o acompanhava: jogar-se na vida, e esse jogar-se nada mais era do que ser fiel ao seu projeto e à sua realização de desejo. Penny, a personagem, converte-se em seu ideal do eu.

O sucesso de *Heroína* transformou-se em inibição. Emilio vive um período de silêncio, tempo marcado pela tristeza da perda de Nune, sua segunda mulher.

O encontro com Martha Berlin e com a cidade de Salvador na sua querida Bahia abre definitivamente as comportas do escritor.

Embarcam Martha e Emilio na aventura do *El antiyo-yo*, livro iniciado em Buenos Ayres e concluído na “Universidade das Palmeiras”. Transcrevo o que ele diz desse livro de fundamental importância para ele:

O *Antiyo-yo* foi um livro básico em minha biblioteca: a partir desse momento comecei a explorar um estilo intimista, condimentado com crueldade e humor: um estilo autobiográfico no sentido em que falo de coisas de minha vida, usadas como ficção. Então minha literatura se volta terapêutica, na medida em que opera como um modo de pensar minha vida e para mim pensar é escrever e escrever é pensar<sup>3</sup>.

Escrever tornou-se um ofício diário, “uma forma de apropriação”, de “dar vida à morte do esquecimento” e, ultrapassada a tormenta inicial que lhe custou “suor e sangue” no aprendizado em frente de cada folha de papel, tornou-se o que ele mesmo se conferiu: um recordista válido para o Guinness com trinta anos seguidos sem destruir uma única página escrita. Mas Emilio guardava a certeza, nessa caminhada de escritor, de que ele devia à psicanálise o “destravar das teclas”.

Psicanálise e psicanalista estão presentes nos livros, e aqui tem início um estilo audacioso, no qual o homem e o psicanalista se fundem em uma narrativa quase autobiográfica, corajosa e desafiante. Homem inquieto, aventureiro, na busca do prazer e da renovação da vida. Se a vida intelectual do escritor o fascinava, o cultivo do corpo era uma obrigação diária. Natação, tênis, academias, maratonas e o deslumbramento de uma viagem de bicicleta pelos campos franceses. O sexo estava na linha de frente, o que o levou a afirmar aos 81 anos os prazeres de uma sexualidade octogenária pela descoberta de um corpo erótico sem os imperativos do pênis. Transitava fácil da generosidade para a crueldade, sobretudo nas separações amorosas. Dizia ter uma boa alma, mas de forma alguma podia ser considerado um *angelito*.

2 E. Rodríguez, *El libro de las separaciones*, p. 109.

3 *Ibidem*, p. 146.

»  
*a teoria psicanalítica  
não se dissociava da vida, e  
exatamente por isso poucos foram  
seus textos estritamente teóricos,  
quase todos acontecidos  
no início da formação  
de psicanalista*

A teoria psicanalítica não se dissociava da vida, e exatamente por isso poucos foram seus textos estritamente teóricos, quase todos acontecidos no início da formação de psicanalista e, na maioria das vezes, escritos por exigência da própria formação. Sobre o relato de casos clínicos, acusava-os de serem mentirosos e a eles se furtava, e os escritos psicanalíticos, considerava-os insossos.

O *Antiyo-yo* foi o primeiro de uma série na qual procurava uma nova maneira de misturar relato de experiências de vida, ficção e psicanálise. A sua procura era ao mesmo tempo “escrever o que vivia” e “viver o que escrevia”, criando assim o que chamou uma “ficção da ficção” onde tudo pode ser e não ser verdade, ao mesmo tempo.

Mas de todos os seus livros, destacava como de sua preferência *Gigante pela própria natureza*, livro que de alguma maneira encerra um percurso iniciado com o *Antiyo-yo*. Para Emilio, uma história de amor, a mais forte por ele vivida, e a penetração na alma mística da Bahia. Por que caminhos esse livro o preparou para a grande aventura de transformar Freud em um personagem biográfico e com ele viver durante cinco anos, não saberia dizer, e talvez nem mesmo Emilio soubesse, mas a verdade é que um



*o período de gestação  
da biografia coincidiu com  
o das famosas Jornadas de História  
da Psicanálise realizadas pelo  
Colégio de Psicanálise  
da Bahia*

28

PERCURSO 40 : junho de 2008

dia disse: vou escrever a biografia de Freud. E escreveu. Projeto de um gigante.

Vale a pena lembrar seu comentário sobre Penny, a personagem de *Heroína*: “Nunca pensei em mesclar a minha vida com a heroína imaginada”. Escrever a biografia de Freud foi como realizar uma análise com Freud. Analisava-se, ao tempo que analisava Freud. Um misturar de vidas.

O período de gestação da biografia coincidiu com o das famosas *Jornadas de História da Psicanálise* realizadas pelo Colégio de Psicanálise da Bahia. Cada jornada alimentava o nosso biógrafo e nos transportava ao seu mundo de audácia e de prazerosa intimidade com Freud. Assim, todas as biografias anteriores foram revisitadas, correspondências pesquisadas, detalhes da vida discutidos, teoria novamente não dissociada da vida. Entre Emilio e o Colégio estabeleceu-se um pacto mudo de intensa colaboração. Emilio referiu-se a esse período das jornadas e produção da biografia como período mítico. Escrever a biografia tornou-se para ele um “dever desejante” e, para nós, um estado de encantamento.

Entre muitas razões para o projeto, destaco uma que me parece da maior importância: Emilio

sabia que ele era dos últimos analistas com um passado de formação tão rico. Estava em Londres quando surgiu o primeiro volume da biografia de Ernst Jones, ou seja, ele viu nascer o “desvelamento público do pai da psicanálise”; até então muito pouco era conhecido da vida de Freud.

Ele diz:

Sou um analista da quarta ou quinta geração. Abraham foi meu avô. Conheci um Jones um tanto irônico, polêmico na discussão de trabalhos de Bion e Balint. Fui vizinho de Mrs. Klein por mais de dois anos. Participei de seminários com Rickman, Glover e Anna Freud. E mais tarde troquei cartas com Winnicott. Tomei chá com Alix Strachey, servido por Mrs. Lindon, a bibliotecária do Instituto Britânico de Psicanálise. Do outro lado do Atlântico, na Costa da ego psychology, trabalhei, por mais de três anos, na mesma clínica que David Rappaport e Erik Erikson. Possuo uma poderosa transferência com o passado, mas sou, ao mesmo tempo, um franco atirador, um arqueiro free-lance, alguém que foi um jovem analista do tempo velho e que agora é um velho analista do tempo novo<sup>4</sup>.

Nesse pequeno currículo de celebridades, Emilio deixa fora sua análise com Paula Heimann, sua condição de analista da neta de Klein, sua admiração pela inteligência de Masud Kahn e mais outros companheiros: Hana Segall, Elliot Jacques, Joan Rivière, Marion Milner, entre outros.

Médico de formação acadêmica, entrou no mundo psicanalítico em Buenos Aires. Seguindo uma tendência teórica dominante, apaixonou-se pelas idéias de Melanie Klein, a tal ponto que sua relação com seu primeiro analista, Arnaldo Rascovsky, tornou-se impossível. Questionava as interpretações, tentava corrigi-las e, consequentemente inevitável, foi expulso do divã após uma intervenção inusitada: “Rodríguez, se você não gosta, foda-se”. Para um analista que se dirigia ao seu paciente tratando-o de senhor foi, de fato, um impacto. Esse episódio impediu que pudesse continuar sua análise com outro didata da APA, pois essa era a regra da instituição. Aconselhado

por Fairbain, segue então para Londres para continuar a análise com Paula Heimann.

Para ele, a volta à Argentina, “com sotaque inglês”, foi gloriosa. A psicanálise começava a tornar-se uma paixão nacional e é desse momento o seu encontro com Marie Langer, psicanalista vinda de Viena, com forte passado comunista, e que viria a tornar-se uma das suas grandes amigas. Surgem então as primeiras experiências com grupos e os primeiros textos psicanalíticos. Foi desse momento a escrita de *Análise de um esquizofrênico, com mutismo, de três anos de idade* ou, como é chamado, “o caso Raúl”, que iria compor o livro comemorativo dos setenta anos de Melanie Klein: *Novas tendências na psicanálise*. A busca de uma teoria que ajudasse na compreensão do paciente conduziu-o ao encontro da filósofa Susanne Langer e o levou aos Estados Unidos.

O período americano dividiu-se entre a Clínica Austen Riggs, em Stockbridge, e os memoráveis encontros na casa de Susanne Langer, uma vez por semana, onde trabalhavam as últimas 21 páginas que a escritora havia produzido na semana anterior. Emilio aprendeu *Lógica Simbólica*, tornou-se leitor de Cassirer, o que o fez penetrar no mundo da filosofia da arte. Austen Riggs permitiu-lhe escrever seu primeiro livro – *Biografia de uma comunidade terapêutica* – e propiciou-lhe um olhar diferente para o mundo da loucura.

O estudo com Langer foi de extrema importância e possivelmente imprimiu-lhe, de alguma maneira, a direção que tomaria na psicanálise. Austen Riggs deu-lhe experiência com uma unidade de tratamento psiquiátrico de ponta; contudo, não tenho dúvida de que foi o contato com a filosofia de Langer e o trabalho com ela desenvolvido que o marcaram de maneira especial. Foi através de uma referência de Marion Milner que Emilio encontrou-se com o livro *Philosophy in a new key*, leitura que o entusiasmou e o fez mudar de rumo em sua trajetória. Deixa Buenos Aires com sua jovem mulher

4 E. Rodríguez, *Sigmund Freud, o século da psicanálise*, p. 30.

5 E. Rodríguez, op. cit., p. 81.

o estudo com Langer  
foi de extrema importância e  
possivelmente imprimiu-lhe,  
de alguma maneira,  
a direção que tomaria  
na psicanálise

Beatriz, três filhos, e parte para nova aventura. Outra jogada em busca de seu projeto e sua realização de desejo. Susanne Langer relutava em aceitar discípulos; entretanto, as insistentes cartas fizeram-na abrir uma exceção.

Emilio viajava para Mystic, uma aldeia no interior de Connecticut, todas as semanas. Ele relata esses encontros:

A casa de Susanne Langer estava situada no meio de um bosque de pinheiros, sem vizinhos à vista. Era um chalé rústico de madeira, forrado de livros por dentro. Livros, arquivos e mesas de trabalho, circundando uma grande lareira campesina na qual Susanne preparava o almoço. [...] a casa não tinha nem telefone, nem rádio, nem televisão [...] Passava 16 horas, no mínimo, escrevendo e estudando. [...] Uma pessoa retraída, de poucas palavras, que só se animava quando discutia teoria. [...] Susanne havia sido uma menina autista, considerada retardada, uma autista de verdade, que só começou a escrever depois dos 10 anos<sup>5</sup>.

É curioso quando qualifica o autismo da escritora como “autismo de verdade”. Nós sabemos quantas vezes, falando de sua infância, dizia ter sido um menino autista e, também, como elogiava o autismo na fase adulta, que o protegia



*Tato, Hernán, Armando e Fernando foram sempre grandes amigos de Emilio. Recentemente, disse: “Fernando e eu somos os últimos samurais da psicanálise”*

30

PERCURSO 40 : junho de 2008

de “conversas tolas”. Emilio, como regra, escutava mais do que falava e demonstrava sempre grande curiosidade sobre as pessoas. Foi o estudo sobre o simbolismo que o levou a Mystic, e creio que a conquista central foi ter adquirido uma particular maneira de lidar com as palavras e com o saber. Duvidar das palavras e ter sempre presente a interrogação: “Será assim?” é como sintetiza o centro do seu aprendizado nesse momento de sua vida. Para Langer, “um livro é como uma vida: tudo o que há nele é realmente uma só peça, *Les jeux sont faits*”<sup>6</sup>.

Emilio manteve a analogia entre o livro e a vida: “Escrever o vivido” e “viver o escrito”. É possível que as 21 páginas lidas semanalmente tenham sido o processo de construção do livro da filósofa *Sentimento e forma*.

Foi uma grande paixão que sobretudo o fez voltar a Buenos Aires. Separa-se de Beatriz, sua primeira mulher, e da vida familiar tranqüila e feliz na aldeia americana – “Stockbridge é o mais próximo que estive do céu” – para viver anos “prósperos e luxuosos” em companhia de sua segunda mulher Nune, com quem escreve *El contexto del proceso analítico*. Como já disse, foram também dessa época seus primeiros livros de ficção – *Plenipotência e Heroína*.

Buenos Aires crescia em seu fervor psicanalítico e os grupos tomavam posições políticas. Rodrigué considera que Susanne Langer foi seu guru em lógica e que agora, outra Langer, Mimi, passa a ser seu guru em política, aliás, ele reconhece a força de três mulheres em sua formação: Melanie Klein, Susanne Langer e Mimi Langer.

Nesse tempo em que experimenta “o acre e embriagador gosto do poder”, foi presidente da APA – Associação Psicanalítica da Argentina, vice-presidente da IPA – Associação Psicanalítica Internacional – e presidente da FAP – Federação Argentina de Psiquiatras.

Segue-se um momento de grande turbulência, que levou nosso Emilio a mudanças importantes, e que ele sintetiza da seguinte maneira: “Tirei o paletó e a gravata, indumentária que usava mesmo quando analisava o pequeno Raúl autista”.

A morte prematura de Nune de alguma maneira o conduz a um período em que as amizades ocuparam um importante lugar. Surge o movimento Plataforma, acontece uma viagem a Moscou e uma experiência de vida comunitária na intitulada *A casona*, da qual participam: Hernán Kesselman, Tato Pavlovski, Armando Bauleo e posteriormente Bertold Rotschild. Fernando Ulloa foi o fiador para o aluguel da casa, estando, assim, de alguma maneira presente. Tato, Hernán, Armando e Fernando foram sempre grandes amigos de Emilio. Recentemente, disse: “Fernando e eu somos os últimos samurais da psicanálise”. *A casona* teve vida curta e por “uma debandada fóbica” encerrou suas portas.

Emilio integra o movimento Plataforma, que questionava a didática e a hierarquia dentro da instituição psicanalista, e é curioso observar que no mesmo tempo, na França, Jacques Lacan empreendia a mesma batalha. Essa concomitância de movimentos sempre deixou Emilio desconfiado com os lacanianos, que na sua leitura haviam “usurpado” os princípios de Plataforma e colhido os seus frutos.

A forte repressão política na Argentina iniciou um “período negro” e todos os membros de

Plataforma pediram desligamento da IPA e da APA. O ano de 1972 marcou o fim de uma época. Para ele, o país havia enlouquecido, o pavor era companheiro constante, a única saída foi o exílio; e o exílio o trouxe à Bahia.

É fruto desse período um texto, em meu entender, extremamente rico e que tem um sabor de manifesto. Contabilizando suas horas como analista, escreve o livro que recebe o título *O paciente das 50.000 horas*, que em um primeiro momento foi um artigo para uma edição especial comemorativa dos 50 anos da *Revista Internacional de Psicanálise*, publicação oficial da IPA. A idéia central era criar um personagem que fosse uma síntese de todas as análises até então conduzidas por ele. Em verdade, uma avaliação de sua atuação como analista, texto que segue na linha do “final de analista”. Em 1976, o artigo transforma-se em livro, que se divide em duas partes: a primeira, resultado dos 25 anos como o “analista ortodoxo”, contém o relato clínico de uma análise didática. A segunda parte relata uma experiência de “cura” vivida em um laboratório social e lança a possibilidade de integrar o Psicodrama, a Bioenergética e a Gestalt Terapia na psicanálise. O ponto central do texto é o inconformismo com uma psicanálise adaptativa, com um enquadre convencional e desvitalizante, um empobrecimento da palavra resultante de análises crônicas, pouca ação e resistências às mudanças.

Emilio não se retira do grupo criticado e chega a confessar que, de alguma maneira, havia perdido a “vocação urticante” dos seus primeiros anos como analista. Ele sintetiza a crise da psicanálise, no final dos anos 1960, em três grandes dilemas: a didática, a cura, a teoria. A vinculação da didática à instituição e a rigidez do enquadre trabalham no sentido de produzir jovens adaptados, sem rebelião e inventividade. A pouca clareza entre a meta analítica e a terapêutica aparece como outro ponto de fragilidade; por último, a pouca criatividade na teoria, a

»  
“eu acho que a Bahia  
me tornou um homem notável  
e estou pensando em termos de  
sabedoria. Foi aqui que, seguindo  
o Eclesiastes, começou  
a hora da colheita”

[E. Rodrigué]

presença da psicologia do ego, reforçando o viés alienante e conformista.

Não tenho dúvida de que ainda aqui a influência de Susanne Langer se fazia sentir, questionando as palavras e as certezas afirmadas, colocando o próprio pensamento sempre em questão.

O destino trouxe Emilio à Bahia, onde viveu o período de maior riqueza afetiva e intelectual. Ele disse: “Eu acho que a Bahia me tornou um homem notável e estou pensando em termos de sabedoria. Foi aqui que, seguindo o Eclesiastes, começou a hora da colheita. A Bahia foi o tempo de colher os frutos”. Emilio amou Salvador-Bahia como poucos amantes sabem fazê-lo: intensa e fielmente. Para ele, a sua vida dividiu-se entre um antes e um depois, e ele confessou que um sussurro vindo da boca do mar de Ondina disse-lhe: “Fique aqui!” E ele ficou. E ficará sempre como o professor emérito da “Universidade das Palmeiras”.

A morte de Emilio, retirando seu corpo do nosso olhar, sua voz de nossa escuta, abre um novo espaço de presença, que nos transmite a certeza de que sempre um finalizar é a indicação de algo novo que se inicia. A herança que nos deixa Emilio, entre muitas outras, é que não há psicanálise sem liberdade.

6 S. Langer, *Filosofia em nova chave*, p. 12.

### Referências bibliográficas

- Langer S. (1989). *Filosofia em nova chave*. São Paulo: Perspectiva.
- Peres Tourinho U. (2004). *Emilio Rodrigué, caçador de labirintos*. Salvador: Currupio.
- Rodrigué E. (1995). *Sigmund Freud, o século da psicanálise*. São Paulo: Escuta.
- \_\_\_\_\_. (2000). *El libro de las separaciones*. Buenos Aires: Sudamericana.
- \_\_\_\_\_. (1989). *Ondina supertramp*. Rio de Janeiro: Imago.

### Emilio Rodrigué

**Abstract** This paper is a testimony about the Argentinian–Brazilian analyst Emilio Rodrigué by one of his ex-patients and colleague. It dwells on the tortuous road that took him from Buenos Aires to London, from California to Salvador, and to many places and positions in-between. Reference is made to his voluminous production as a writer.

**Keywords** Emilio Rodrigué; transgression; revelation; Psychoanalysis in Argentina; Melanie Klein; Susanne Langer; Mimi Langer.

Texto recebido: 04/2008

Aprovado: 04/2008

# Enlace libidinal e tolerância

Mara Selaibe

**Resumo** Neste texto, o binômio intolerância/tolerância é abordado a partir de conceitos freudianos: o narcisismo, a pulsão de morte e o amor ao objeto focado no enlace libidinal, especialmente na identificação. A economia libidinal também é considerada à luz de trechos de entrevistas com participantes de um trabalho de inclusão social – o que contribui para reflexões acerca de políticas de tolerância.

**Palavras-chave** intolerância; tolerância; narcisismo; identificação; enlace libidinal.

**Mara Selaibe** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto *Sedes Sapientiae*, integrante do Grupo de Estudos sobre Intolerância desse Departamento, conveniado ao Centro de Estudos Psicanalíticos sobre Intolerância do Laboratório de Estudos sobre Intolerância da USP (LEI/USP). Doutora em Psicologia Clínica pela PUC/SP e autora do livro *Ensaio clínico sobre o sentido* (EDUSP e Casa do Psicólogo, 2003).

## Localizando a questão

A antropóloga social Françoise Héritier, em seu texto “Les matrices de l’intolerance et de la violence”, cita o filósofo Paul Ricoeur: “A tolerância é uma virtude reflexiva à espera de reciprocidade”. E ela acrescenta: “Sem as duas (virtude reflexiva e reciprocidade), a porta está aberta a todas as violências imagináveis”<sup>1</sup>. No adjetivo *reflexiva* está presente a exigência do pensamento; já a *reciprocidade* pede correspondência mútua de palavras e atos. Ainda, e de modo implícito: o termo *virtude reflexiva* também confere ao sujeito psíquico e à alteridade a condição de estarem – ambos – envolvidos na ação afirmativa de acato às diferenças. O exercício da tolerância, mesmo que relativo, por vezes pontual e tantas outras vezes circunscrito a um ato de resistência, é, sem dúvida, uma conquista importante da cultura no transcorrer da história das civilizações com seus sistemas sociais variáveis. Conforme aprendemos com a antropologia cultural, os imperativos de nossa assim chamada *natureza humana* são obrigatoriamente culturalizados<sup>2</sup>, portanto vividos no escopo de nossas definições simbólicas, de nossos códigos de valores. Assim se passa com a sexualidade e com a destrutividade: não há como serem praticadas absolutamente extrínsecas à cultura mesmo quando – na busca de um gozo que as rebata sobre o rótulo da pura pulsionalidade – sejam exercidas fora das leis e regras vigentes. A referência ao universo cultural estará

1 F. Héritier, “Les matrices de l’intolerance et de la violence”, p. 343.

2 M. Sahlins, “Natureza em construção”, p. 4-6.



*as práticas intolerantes –  
perpetradas pelo pior do Estado  
e também infiltradas no cotidiano  
dos cidadãos comuns – são  
exemplos das manifestações  
do mal-estar*

presente ainda que sob a marca da transgressão e da negação.

O binômio tolerância/intolerância inscreve-se no interior das construções simbólicas humanas, circunscrito a cada modo cultural vivido. Se a antropologia encontra ferramentas para avançar diante de diferentes conjuntos de valores de sociedades cujas bases simbólicas são diversas e até mesmo díspares, muitas vezes contraditórias, a psicanálise, por seu turno, como fruto da cultura ocidental moderna, discute a tolerância tomando em conta os conceitos e as semióticas dessa época histórica.

Em texto anterior<sup>3</sup>, preocupei-me em apontar os fundamentos psíquicos irracionais da intolerância, tal como Freud os descreveu. Naquela oportunidade, sublinhei a força da pulsão de morte na cultura, responsável pelo mal-estar que persiste em seus interstícios, tornando insolúvel o conflito básico entre a natureza pulsional e a cultura moderna. As práticas intolerantes – perpetradas pelo pior do Estado e também infiltradas no cotidiano dos cidadãos comuns – são exemplos das manifestações do mal-estar, em proporções e alcances distintos. Apesar de importante, essa análise não integra outro aspecto de decisiva interferência em tal conflito. Neste texto, portanto, concentro-me na pergunta: o que ocorre com o sujeito psíquico em termos do equilíbrio imprescindível entre investimento narcísico e os investimentos objetais na delicada aritmética entre o pacto edípico e o pacto social? Ou seja, meu foco será o enlace libidinal com o mundo, isso que sustenta toda produção simbólica e é responsável por uma espécie de política de tolerância.

Há um trecho escrito por Freud, em 1921, que uso aqui de maneira introdutória, uma vez que nele encontro os principais aspectos envolvidos nessa problemática, ainda tão atual. Ele escreve:

Conforme o testemunho da psicanálise, quase todas as relações afetivas íntimas de alguma duração entre duas pessoas – o matrimônio, a amizade, o amor paterno e o filial [Freud alerta para uma única exceção: o amor da mãe pelo filho] – deixam um depósito de sentimentos hostis, que precisa, para escapar da percepção, do processo de repressão. [...] O mesmo fato se produz quando os homens se reúnem para formar conjuntos mais amplos. [...] Duas cidades vizinhas serão sempre rivais [...]. Os grupos étnicos afins se repelem reciprocamente; o alemão do Sul não pode agüentar o do Norte [...] e o espanhol despreza o português. A aversão é mais difícil de dominar quanto maiores são as diferenças e, deste modo, já não achamos estranho o que [...] os arianos [*experimentam*] pelos semitas e os brancos pelos homens de cor.

E alguns parágrafos adiante, ele completa:

Mas toda essa intolerância desaparece, rápida ou duradouramente, na massa. [Nela] os indivíduos se comportam como ajustados pelo mesmo padrão: toleram todas as particularidades dos outros, se consideram iguais a eles e não experimentam o menor sentimento de aversão. Segundo nossas teorias, tal restrição do narcisismo não pode ser provocada senão por um só fator; pelo enlace libidinoso a outras pessoas. O egoísmo não encontra um limite mais além do que no amor a outros, o amor a objetos. [...] No desenvolvimento da Humanidade, como no do indivíduo, é o amor o que se revelou ser o principal fator de civilização, e ainda talvez o único, determinando a passagem do egoísmo ao altruísmo. E tanto o amor sexual [...] como o amor dessexualizado por outros homens, homossexual sublimado; amor que nasce do trabalho comum<sup>4</sup>.

Não vou seguir a rota da psicologia das massas e suas identificações com os líderes – caminho sobre o qual Freud muito nos ensina. Aponto para os elementos teóricos registrados

nessa citação. Eles concentram uma direção para as políticas de tolerância que as coletividades têm conseguido promover, ainda que sempre de modo incompleto, e com resultados tão desiguais, porque, afinal, as práticas de sustentação da tolerância têm se mostrado variáveis historicamente. De toda maneira, a realização completa, em tudo que é humano, não corresponde à realidade.

Tratando conceitualmente a questão

Freud relacionou a intolerância e a tolerância a conceitos como por um lado o narcisismo e a pulsão de morte e, por outro, o amor ao objeto, ou seja, o enlace libidinoso e a identificação.

1. *O narcisismo primário e a presença do outro*

A conquista da tolerância – porque justamente trata-se de uma conquista – implica o problema inicial entre a formação do sujeito psicosssexual e a sociabilidade que o acolhe com suas práticas afetivo-simbólicas de ordens estética, ética e política encarregadas da administração de seu desamparo. Por administração do desamparo deve-se entender as satisfações das demandas materiais, sim, – mas, especialmente, de sentido. Ao nascer, se não for cuidado fisicamente, o recém-nascido humano morre. Nosso destino, se entregues à natureza, é a morte. E se não for desejado e amado sofrerá agravos psíquicos que comprometerão ou inviabilizarão sua vida. Os pais, ou quem desempenha suas funções, serão, na qualidade de membros da cultura mais próximos de cada bebê, os portadores da missão de criar-lhe as condições para a vida<sup>3</sup>. Entretanto, do ponto de vista do sujeito psíquico incipiente,

»  
*ao nascer, se não for  
cuidado fisicamente,  
o recém-nascido humano morre.  
Nosso destino, se entregues  
à natureza, é a morte*

esse acolhimento é vivido no modo do narcisismo primário, como uma temporalidade mítica, portanto não cronologicamente definida em sua extensão. Esse estado não inclui discriminação interior/exterior, sujeito/objeto, afeto/desejo/representação, uma vez que não há distância entre o ser e o ter, entre o desejo e a posseção do desejado; nesse estado, todas as vivências são experimentadas como oriundas de si mesmo, todas as experiências de satisfação são remetidas ao interior do próprio corpo e do eu-corporal. E será desse momento mítico, talhado na experiência do prazer, que se formará o ponto de partida da constituição do eu e, ao mesmo tempo, o foco maior de resistência e intolerância ao outro.

Esse amor narcísico em estado de completude fusional com o objeto *não experienciado como tal* será necessariamente rompido: o curso da vida impõe o reconhecimento do outro que, em alternâncias, também falta e frustra esse sujeito. Como lembra Freud, o seio, muitas vezes, quando não disponível, faz falta à criança... Sua ausência responde por uma quebra, uma descontinuidade que fere: desmorona-se o sentido de completude de seu mundo, traumatiza-se o sujeito pela ausência de sentido experimentada como excesso nascido de sua própria demanda interior não atendida. Isso obrigará ao reconhecimento do que lhe é exterior com sua correlata importância vital<sup>6</sup>.

O psicanalista André Green<sup>7</sup> ressalta que as tensões entre o narcisismo fundante e as relações com o mundo serão sustentadas, em condições de equilíbrio, se a ferida perpetrada sobre a fantasia de onipotência infantil não atingir des-

3 M. Selaibe, "Raízes da intolerância".

4 S. Freud (1921) "Psicologia de las masas y analisis del yo", p. 2583-5.

5 J. Birman, "O mal-estar na modernidade e a psicanálise", p. 137.

6 A. Green, *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*.

7 A. Green, *op. cit.*



*o sujeito psíquico, ancorado  
na imaginação sustentada na repetição  
das experiências de satisfação,  
estabelece uma conexão entre  
o buraco e a falta do que  
lhe satisfaz*

trutivamente a imagem de unidade egóica, cuja base é o próprio narcisismo. Freud<sup>8</sup> afirmou que o eu se constitui a partir de um novo ato psíquico por ele denominado de narcisismo – o que implica o lugar do narcisismo no centro do eu. As relações entre o narcisismo e o eu, bem como entre o eu e os objetos são também a história dos variados laços da economia libidinal entre o sujeito e o mundo partilhado. Laços sem os quais a vida não se sustenta; mundo no qual repercutirão efeitos da presença interna do objeto externo e, por vezes, também da presença traumática resultante da ação de um objeto externo.

Green aponta que esse momento ideal de ruptura do idílio psíquico permite que os investimentos primariamente voltados a si se dividam. Uma parte seguirá auto-investida e impregnará todos os níveis da vida psíquica do sujeito fazendo-o sempre, em alguma intensidade, narcisicamente auto-referente e satisfeito consigo; outra parte investirá inicialmente na tentativa alucinatória de restabelecer o estado de plenitude narcísica anterior e, diante da impossibilidade de se satisfazer apenas com isso, terá de se confrontar com a falta de sentido e com a angústia decorrente. Está fundado o buraco/falta. O sujeito psíquico, ancorado na imaginação sustentada na repetição das experiências de satisfação, estabelece uma conexão entre o buraco e a falta do que lhe satisfaz. Esse será o berço da ambivalência dos afetos dirigida à alteridade de agora em diante. O objeto original foi cindido em bom (por prover) e mau (por privar); os afetos e desejos correspondentes também. O amor e o ódio estarão para sempre na base das

ligações. E, a cada vez, o perigo se recoloca: atribuir o mau ao que está fora de si e o bom ao que está dentro de si. Esse é o aspecto central do que Freud desenvolveu como narcisismo das pequenas diferenças<sup>9</sup>.

Tais bases sustentam uma posição atual quando se trata de considerar as implicações entre o eu e as pulsões de vida e de morte – envolvidas em dinâmicas de fusão e defusão variadas –, bem como todos os matizes entre o eu e o mundo, em especial as relações de identificação que o eu fará ao longo da vida. Mas o eu jamais poderá se auto-suprir num universo sem laços e relações. “O que se opõe ao narcisismo (escreve André Green numa expressão muito feliz) é, justamente, a irreduzibilidade do objeto.”<sup>10</sup>

Se o narcisismo primário tem esse caráter importante gerador da matriz do eu, ele também, por sua natureza paranóica que julga o mau como algo que vem de fora de si, rejeitará, intolerante, a alteridade, a diversidade, a dessemelhança. Contudo, junto à ferida que se forma quando da quebra do estado de completude imaginária, duas situações se seguirão: a busca ininterrupta por reaver esse estado desde o princípio fadado à frustração e, também, a continuidade do processo de discriminação entre o eu e o não-eu.

As relações de objeto são decisivas para os limites do narcisismo. Elas promovem interferências de duas ordens opostas e complementares. São essas relações que regulam os limites do narcisismo justamente porque os objetos são irreduzíveis; também fornecem a matéria-prima para as identificações que, em certa medida, são guardiãs imprescindíveis da formação do eu. Não fosse assim, o sujeito não se constituiria.

Essa dupla função das relações com o mundo alimenta as chances do eu frente à árdua e jamais completamente finalizada tarefa de separação e reconhecimento da alteridade. Elas formam decisivos traçados na construção das instâncias e das dinâmicas do psiquismo: a presença do objeto em relação ao mal equipado eu nascente lhe oferece matéria para fusão/iden-

tificação narcísica a qual, por sua vez, sustenta o eu. Ao mesmo tempo, secundariamente, a ausência do objeto de satisfação frustra as fantasias de onipotência e obrigam o sujeito a se reconhecer fora de seu próprio centro em busca de reencontro desse objeto capaz de lhe restituir a experiência estruturante de ser (imaginariamente) indiviso. Outra qualidade de identificação se impõe.

## 2. *Sobre as identificações e a vida entre os homens*

O que ocorre, especificamente, no processo de identificação tal como descrito por Green? A identificação pode ser entendida como a mais precoce ligação afetiva de que somos capazes em nossas vidas. Ela se pautará por um tipo de amor regido pela ambivalência em relação ao outro por ele ser capaz de suprir e privar. Trata-se, pois, de um enlace com o outro que restabelece, em certa medida necessária, a ilusão imaginária do centramento do eu. Essa ilusão é patológica quando busca neutralizar o objeto. Mas ela não é patológica e, sim, estruturante, quando fortalece a capacidade do eu de se manter nessa zona ilusória, mesmo que, concomitantemente e num outro nível, sabendo de sua dependência interna e externa dos objetos de suas relações. O caminho para o estabelecimento do pensar, do simbolizar, da criatividade se inicia pelo reconhecimento da falta e pela alucinação da satisfação negada por essa ausência que já foi presença.

Falar de identificação é falar do longo trabalho de discriminação entre eu e não-eu. Nossa singularidade e nossa humanidade são criadas pela via dupla da trama identificatória e da diferenciação/separação. Se tomarmos em conta o caminho básico para as identificações implicadas na formação do eu, lembraremos

8 S. Freud, (1914) "Introducción al narcisismo", *op. cit.*

9 S. Freud, (1918) "El tabu de la virginidad", (1921) "Psicología de las masas..." e (1930) "El Malestar en la cultura", *op. cit.*

10 A. Green, *op. cit.*, p. 22.

»

*ao longo da vida, o conjunto das identificações, estabelecido de maneira coerente, é o que compõe um sistema de relações que dá consistência e referência ao sujeito*

que a identificação inclui no eu uma parte, um traço, um algo do objeto, mas não ignora, concomitantemente, a existência dessa alteridade diferente do eu. Quando ocorre a identificação, duas coisas têm lugar: a ausência do objeto é admitida e, por conta dela, ocorre uma introjeção de algo do objeto no interior do eu. É assim que o objeto ausente torna-se objeto presente sem deixar de ser separado, apesar de estar introjetado parcialmente. Esse é o caminho da saída do narcisismo fundante.

Ao longo da vida – e esse aspecto é bastante relevante – o conjunto das identificações, estabelecido de maneira coerente, é o que compõe um sistema de relações que dá consistência e referência ao sujeito. Portanto, quando tentamos compreender algo do que opera nos interstícios da vida social, temos de retomar a idéia da identificação. Ela permite ao sujeito ampliar os domínios do eu pela introjeção de modelos coletivos civilizatórios. Inclusive os ideais da cultura serão introjetados por identificações, mesmo não sendo ideais que se componham entre si. Ainda assim, haverá, para o sujeito, coerência no seu sistema relacional constituído.

Ao mesmo tempo que se identifica, o sujeito passa a reconhecer-se como alguém separado dos outros com os quais se identificou. Se separado, então incompleto – incompleto diante da irreducibilidade de cada um e de cada situação que pode satisfazê-lo também parcialmente. O princípio da identificação é o enganche pulsional com uma ponta de mundo – ação crucial para que o sujeito produza algo que o implique junto e diante dos outros. É o que poderia de-



*o Édipo deve ser entendido  
como o limite imprescindível  
promotor de uma abertura  
para além das fronteiras  
maternas.*

finir o laço conectivo da pulsão com o mundo? Como isso deve ser entendido em relação à tolerância?

Se afirmássemos que a intolerância tem suas bases assentadas na natureza humana pulsional, seríamos levados a pensar que a tolerância, por sua vez, precisaria se desenvolver exclusivamente tendo a seu favor uma mudança na natureza do narcisismo e o uso do recalque da pulsão destrutiva. Entretanto, nos esqueceríamos, caso defendêssemos essa posição de jeito tão simplista, de que em inúmeras situações adversas ao exercício da tolerância o que se encontra presente são enormes combinatórias conflitantes de causas éticas e políticas agindo no cotidiano, nas relações micropolíticas, em dimensões capilares da gestão dos afetos. Quais os operadores da tolerância, sempre temporários, que valem para uma época em um determinado lugar? Quais as estratégias que cada meio de cultura engendra para com elas promover modos de sentir e agir tolerantes?

### 3. *Pacto edípico e pacto social*

Em 1983, o psicanalista brasileiro Hélio Pellegrino publicou o artigo “Pacto edípico e pacto social”. Com suas referências psicanalíticas ancoradas em Freud e Lacan, Pellegrino parte do complexo de Édipo como o momento crucial no qual, por temor à castração, o menino recalca seu amor incestuoso acompanhado de seu impulso parricida; por medo à castração, sim, mas, especialmente, por ser amado e respeitado é que pode superar sua ligação primordial com

a mãe, tornando-se capaz de internalizar a lei do incesto e identificar-se com os valores paternos. Essa passagem prepara o menino para, em tempo futuro, integrar a sociedade. A proibição do incesto internalizada será, mais tarde, por sua vez, o ponto aglutinador em condições suficientes para uma identificação com os ideais da cultura, estruturando o que Freud nomeou de ideal do eu. A lei do incesto interdita o incesto e autoriza todas as outras escolhas amorosas não-incestuosas. Dessa maneira o desejo ganha inserção no circuito das trocas sociais. A criança não fica condenada à concretude da ligação primitiva à mãe e adquire capacidade de sustentar seu modo singular de desejar. O Édipo deve ser entendido como o limite imprescindível promotor de uma abertura para além das fronteiras maternas. Eros é o regente dessa operação – o que permite afirmar que uma construção erótica está no fundamento do processo civilizatório. O pacto estabelecido pode ser traduzido assim: “eu, por vias inconscientes que não domino, renuncio aos meus impulsos sexuais primários e, em contrapartida, posso ser, tal como meu pai, incluído no mundo da cultura”. Pellegrino delineia o específico da interpretação freudiana sobre esse processo. Em 1930, Freud nos alerta para uma espécie de rancor à cultura que persistirá para sempre no interior de cada sujeito, constrangido, para integrar a civilização, a renunciar à satisfação plena e direta de suas pulsões sexuais e agressivas.

Quando apto às amplas trocas do mundo adulto, esse sujeito terá a oportunidade de reafirmar sua renúncia pulsional ao aceitar o princípio de realidade, articulando-se pela via do trabalho aos preceitos da cultura. Em torno do trabalho se organiza o pacto social que poderia ser enunciado mais ou menos assim: “eu, que por vias inconscientes, assumi a renúncia pulsional colocada na qualidade de condição para ser aceito como membro desta sociedade, renuncio agora, pelas mesmas vias, ao princípio do prazer ao oferecer meu trabalho e minha competência. Em contrapartida, espero que se cumpra, por parte da

sociedade, meu direito de receber o que preciso para manter minha integridade física e psíquica”.

A relação entre os dois pactos é muito íntima. Se o primeiro não se estabelece ou, em decorrência de conflitos familiares, estabelece-se de modo prejudicado, condutas anti-sociais poderão surgir. De outra perspectiva, se a sociedade não cumpre sua parte conforme o necessário no pacto social, isso terá força para ameaçar ou mesmo romper o pacto edípico instituído no inconsciente do sujeito psíquico. Nessa hora o fundamento da cultura, o pacto edípico, que exigia do sujeito um recalque de seus impulsos pulsionais sexuais e agressivos, será lesado. Como consequência, a volta do recalco trará à tona impulsos delinquentes parricidas, homicidas, incestuosos. Essa tese de correspondência entre os dois pactos é lançada por Pellegrino para colaborar no entendimento da violência nos grandes centros urbanos brasileiros já na década de 1980.

A violência e a intolerância são práticas coexistentes. E para tecer considerações que contribuam para a conquista e a sustentação da tolerância em nossas sociedades, não se devem separar os aspectos individuais dos coletivos, sob o risco de criar uma dificuldade intransponível para esse entendimento.

Toda teoria psicanalítica afirmará a necessidade do pacto edípico: de uma parte a presença da coerção interior, levada a cabo pelo superego, herdeiro do complexo de Édipo, para impedir os desejos incestuosos e o parricídio. De outra parte, a possibilidade do exercício da sexualidade e da agressividade no contexto de um ideário forjado e contido pelo grupo social que acolhe o sujeito. Isso não deriva apenas dos movimentos psíquicos de cada qual submerso em seus traços e cartografias inconscientes como se se tratasse tão somente de uma construção individual. Cabe à cultura a contrapartida do investimento pulsional para, assim, regular as trocas e sustentar as ofertas. A economia libidinal precisa ser atendida e as formações ideais do eu, como instância psíquica, têm de encontrar condições coletivas de conexão e ancoragem. Apesar do

»  
*quando temos laços de  
identificação com o outro,  
podemos reconhecê-lo como  
semelhante a nós e, ao mesmo  
tempo, separado e  
diverso de nós*

conhecido alerta de Freud de que mesmo diante dos esforços realizados pelas construções civilizatórias algo sempre permanecerá pulsando silenciosamente – sem nome, sem representação, sem simbolização, pronto a emergir oriundo do território de nossos confins, do mal que nos compõe e se espalha na cultura; desse mal radical inerente ao desamparo do qual não nos livramos em definitivo e que somos obrigados a administrar a vida toda – ainda assim a função conectiva da cultura permanece essencial.

O trabalho cotidiano de criar laços, fazer ligações, estabelecer e sustentar relações e dessas práticas construir valores, projetos com desdobramentos, realizações que contribuem é o único caminho que pode instaurar a tolerância entre os homens. Nas relações estão implicadas as identificações. Quando temos laços de identificação com o outro, podemos reconhecê-lo como semelhante a nós e, ao mesmo tempo, separado e diverso de nós. No leque das tantas possibilidades identificatórias, esse tipo de identificação, sustentada naquilo que a cultura tem a oferecer ao sujeito psíquico, é importante para a constituição do ideal do eu.

### Intolerância/tolerância

A tensão entre a natureza humana pulsional e o processo civilizatório pede incessantes elaborações porque não é possível encontrar sua superação derradeira. As políticas de tolerância dependem do melhor entendimento dessa máxima. A travessia desde o narcisismo paranóico



*a chance é chance de se ligar  
com o mundo que se oferece  
para que o sujeito se enganche e  
teça uma experiência ao mesmo  
tempo interna/subjetiva e  
partilhada/intersubjetiva*

fundante, sempre pronto a se manifestar, até as relações de objetos que implicam nas identificações, depende do atendimento que será oferecido à economia libidinal vida afora. E não diz respeito apenas ao período da infância. No mundo psíquico, nada é ultrapassado e descartado ou superado para sempre. Tudo se mantém como que em estado virtual e pode se atualizar se condições se apresentarem. Portanto, o Estado e a sociedade em geral devem saber que as políticas implementadas nas áreas social, de saúde e de educação não se restringem à economia financeira e, sim, são comunicantes com a economia libidinal. É fundamental levar em conta que economia libidinal e economia financeira estão amalgamadas na política desde o princípio. O engano, ou quem sabe, o descaso para com essa verdade humana não faz com que ela seja menos verdadeira nem sequer diminui a influência mútua de suas forças. Apenas despreza um fator decisivo na condução do cotidiano da coletividade. Os psicanalistas, encontrem-se na universidade ou nos institutos de psicanálise, precisam fazer ecoar a ligação entre essas economias (libidinais e financeiras), colocando seu saber à disposição das instituições interessadas.

Uma maneira simples e contextualizada de explicar tal postura pode ser encontrada na frase escrita pelo bailarino e coreógrafo Ivaldo Bertazzo, cujo trabalho de inclusão social com jovens da periferia de São Paulo tem sido reconhecido em várias partes do mundo:

Meu objetivo [...] é mostrar aos educadores de todo o Brasil, como a organização do movimento

[corporal] no espaço, complementada e acentuada por atividades no plano verbal e musical, pode auxiliar o desenvolvimento intelectual, afetivo e artístico dos adolescentes<sup>11</sup>.

Ou seja, proporcionar ao sujeito psíquico uma ponta de mundo compartilhado para que ele o utilize em prol de si e em prol da coletividade. Essa dinâmica é essencial para o trato com as pulsões fundamentais inerentes ao humano.

Uma das jovens bailarinas, participante do grupo Dança Comunidade<sup>12</sup> criado por Ivaldo Bertazzo, diz numa entrevista: “Você fica em casa sentada, o tempo passa e nada muda...”<sup>13</sup>. Algo muda quando ela inicia sua participação no projeto desse grupo. Ali encontrou uma possibilidade de investir a partir das fantasias e desejos próprios, e um campo de realização possível acontece no tempo e no espaço reais compartilhados. Mesmo que seja apenas *a chance de*, a chance de alguma coisa mais interessante e realizadora, alguma coisa que acolha o impulso libidinal capaz de criação e participação e com o que o circuito pulsional se configura. A *chance* é a idéia encarnada de que algo diferente do “nada muda” possa ser experimentado. A *chance* é chance de se ligar com o mundo que se oferece para que o sujeito se enganche e teça uma experiência ao mesmo tempo interna/subjetiva e partilhada/intersubjetiva. Numa *chance* como essa ocorre um trabalho constante de constituição e sustentação da subjetividade pela via da continência social. O campo social opera como a alteridade que sustenta o circuito pulsional para o sujeito psíquico.

Outros dois rapazes, também integrantes desse grupo, numa outra oportunidade de entrevista conjunta<sup>14</sup>, afirmam a respeito da importância, para eles positiva, de participar de projetos coletivos. Neste trecho consideram o risco de se envolverem em situações ilícitas por não terem algo produtivo com o que se ligar:

Se você fica sem fazer nada... [...] Tinha de fazer alguma coisa. Ferro velho... Ganhava R\$5,00 por semana... humilhação... R\$5,00... Daí dava vontade de pegar alguma coisa de lojinha escondido. Tipo no bolso, quem vai ver? Começa assim. Vai pegando bolacha, coisinha assim e depois você vai querer roubar uma coisa maior...<sup>15</sup>.

### O segundo deles completa:

No meu caso, eu acredito que seria muito fácil eu sair e dispersar porque a minha mãe trabalhava na casa de família e ela só vinha de 15 em 15 dias. [...] Quem segurava a onda era minha irmã mais velha que também trabalhava, fazia faculdade à noite e... Então a gente ia pra escola de manhã, chegava à tarde arrumava a casa e o restante você é livre pra fazer o que você quiser. Então, se não tivesse esse encaminhamento até a ONG<sup>16</sup>... porque, por mais que talvez não fosse o que eu queria naquele momento, me ocupava de alguma coisa. Então tava sempre te ocupando, sempre te ocupando até entrar na sua cabeça: “Putz!, aqui na ONG a gente tem vários campos” assim... eu comecei a enxergar vários campos. Então é por isso que eu falo que, se

»  
*a intolerância está diretamente relacionada com o narcisismo, que busca eliminar tudo que não reconhece como gerado e nascido no próprio eu, por sua vez idealizado no seio da onipotência infantil*

não tivesse a ONG, eu estando em casa todos os dias, seria muito fácil eu ter umas idéias...<sup>17</sup>.

O acolhimento referido por esses jovens está pautado por uma engenhosidade coletiva: cada integrante de cada proposta realiza com ela um laço de atenção, afetos e ofertas que abraçam cada jovem, fazendo-o sentir que sua existência importa aos que estão ao seu redor. Esse investimento, micropolítico, incorporado à reserva narcísica, permite o trabalho psíquico de integração do eu. O investimento libidinal que a coletividade faz no sujeito constrói para ele a certeza de estar sendo visto e reconhecido como humano. Os grandes programas de atendimento social revertem em maior grau de tolerância na vida cotidiana apenas quando atingem as pessoas envolvidas com *chances* de, retomando Ricoeur, reflexão e reciprocidade: sem assistencialismo, sem ofertas avessas ao desejo dos sujeitos.

É sabido: a intolerância está diretamente relacionada com o narcisismo, que busca eliminar tudo que não reconhece como gerado e nascido no próprio eu, por sua vez idealizado no seio da onipotência infantil. Mas não contraditoriamente, a intolerância deve também ser pensada como um tipo de resposta violenta diante do trauma que sofre a onipotência infantil, cuja dor advém da carência do narcisismo agora entendido como o investimento necessário e positivo na constituição do eu. Uma coisa é o narcisismo alimentado a partir de um fechamento do eu sobre si mesmo. Outra coisa é o narcisismo derivado do investimento que o mundo faz no sujeito por suas criações e elaborações, dotando-o, assim, de sentido.

11 I. Bertazzo, *Espaço e corpo: guia de reeducação do movimento*, p. 37

12 O *Projeto Dança Comunidade* foi organizado e dirigido pelo coreógrafo e bailarino paulistano Ivaldo Bertazzo. Foi composto por um conjunto de propostas voltadas à educação pelo movimento e teve duração prevista entre 2004 e 2006, em parceria com o SESC SP. Incluiu um total de 39 jovens oriundos da periferia da cidade de São Paulo. O projeto criou dois espetáculos: *Samwaad* (2004) e *Milágrimas* (2005). Com eles promoveu, nacional e internacionalmente, muitas reflexões sobre as tensas relações entre estratos sociais diversos no que concerne ao acesso e à produção da cultura, à inclusão social e à educação, entre outros. A mim despertou interesse em conhecer o discurso desses jovens envolvidos diretamente, com seus corpos e suas subjetividades. Realizei algumas entrevistas com alguns deles. O presente texto resulta de minhas reflexões partindo dessa experiência que julgo importante.

13 C. Campelo, *Tenso equilíbrio na dança da sociedade*, p. 61. (Trata-se de Marleide, uma jovem, moradora da Cidade Tiradentes, região leste da cidade de São Paulo.)

14 Entrevistas concedidas à autora, em 16/11/2006. As gravações estão disponíveis em fita cassete.

15 Fabiano, jovem morador da Favela Pantanal, na União Vila Nova, região Norte da cidade de São Paulo. Integrante da ONG Novo Olhar.

16 ONG Projeto Arrastão.

17 Rubens, jovem morador do Jardim Saint Moritz, em Taboão da Serra, zona oeste da Grande São Paulo. Integrante do Projeto Arrastão.



## Referências bibliográficas

- Bertazzo I. (1998). *Cidadão corpo: identidade e autonomia do movimento*. 4. ed. Ilustrações Laura Beatriz. São Paulo: Summus.
- \_\_\_\_\_. (2004). *Espaço e corpo: guia de reeducação do movimento*. Organização e apresentação Inês Bogéa. São Paulo: Sesc.
- Birman J. (2005). "O mal-estar na modernidade e a psicanálise" in *Mal-estar na atualidade: a psicanálise e as novas formas de subjetivação*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Campello C. (org.) (2005). *Tenso equilíbrio na dança da sociedade*. Ed. Inês Bogéa. São Paulo: Sesc.
- Dimenstein G. (2006). *O mistério das bolas de gude – histórias de humanos quase invisíveis*. Campinas/SP: Papirus.
- Freud S. (1973). BN (Biblioteca Nueva). *Sigmund Freud – Obras Completas*. Trad. Luis Lopes-Ballesteros y Torres. Madri.
- \_\_\_\_\_. (1914) "Introducción al narcisismo", BN Vol. II.
- \_\_\_\_\_. (1918) "El tabu de la virgindad", BN Vol. III.
- \_\_\_\_\_. (1920) "Mas allá del principio del placer", BN Vol. III.
- \_\_\_\_\_. (1921) "Psicología de las masas y análisis del yo", BN Vol. III.
- \_\_\_\_\_. (1930) "El malestar en la cultura", BN Vol. III.
- 42 Green A. (1988). *Narcisismo de vida, narcisismo de morte*. Trad. Cláudia Berliner. São Paulo: Escuta.
- Héritier F. (1999). "Les matrices de l'intolerance et de la violence" in *De la Violence II*. Paris: Odile Jacob.
- Katz C. S. (2005). "Psicanálise e cultura: uma herança freudiana?", *Percurso – Revista de Psicanálise*, ano XV, nº 34.
- Menezes L. C. (2001). "Freud e a pedagogia" in *Fundamentos de uma clínica freudiana*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Pelegrino H. (1987). "Pacto edípico e pacto social" in Py L. A. (org.), *Grupo sobre grupo*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Rassial J. J. (2003 2004). "Questões pós-modernas e psicanálise", *Percurso – Revista de Psicanálise*, ano XVII, nº 31-32.
- Rouanet S. P. (2004). "Dupla utopia psicanalítica", *Percurso – Revista de Psicanálise*, ano XVII, nº 33.
- Sahlins M. (2007). "Natureza em construção". Entrevista concedida à revista francesa *Nouvel Observateur* e republicada, com tradução de Clara Allain, no *Caderno Mais! do Jornal Folha de S. Paulo*, 18 nov., p. 4-6.
- Selaibe M., "Raízes psíquicas da intolerância". Disponível no site [www.rumoatolerancia.ffch.usp.br](http://www.rumoatolerancia.ffch.usp.br)
- \_\_\_\_\_. "Intolerância precoce: a fome de zero a seis". Disponível no site [www.rumoatolerancia.ffch.usp.br](http://www.rumoatolerancia.ffch.usp.br)
- Varella D.; Bertazzo I.; Jacques P. B. (2002). *Maré, vida na favela*. Rio de Janeiro: Casa da Palavra.

## Libidinal tie and tolerance

**Abstract** This work discusses the conceptual couple *tolerance/intolerance* by means of the Freudian ideas of narcissism, death drive and object love, with special attention to the identification involved in the libidinal link. It also sheds light on the economy of the libido, examining sections of interviews with individuals who take part in a program of social inclusion. Policies that enhance attitudes of tolerance are also discussed.

**Keywords** intolerance; tolerance; narcissism; identification; libidinal tie.

Texto recebido: 12/2007

Aprovado: 02/2008



# O ato da criação<sup>1</sup>

Andrea Menezes Masagão  
Philippe Willemart

**Resumo** Assim como o oleiro cria o vaso em torno do vazio, o homem cria os significantes e modela o real. A criação artística é capaz de apresentar esse vazio que resulta do corte do significante no real. Ao escrever *A tentação de Santo Antônio*, Flaubert abre espaço para uma literatura que escreve sobre o escrever. Flaubert inaugura uma série: Mallarmé, Kafka, Bataille, Borges, Joyce...

**Palavras-chave** significante; criação artística; Flaubert; literatura; psicanálise da arte.

**Andrea Menezes Masagão** é psicanalista, doutora em Psicologia Clínica pelo IPUSP.

**Philippe Willemart** é professor titular em literatura francesa na FFLCHUSP, com formação em psicanálise. É autor do livro *Crítica genética e psicanálise* (Perspectiva), entre outros.

<sup>1</sup> Texto escrito em co-autoria a partir da arguição proferida pelo Prof. Philippe Willemart quando Andrea Menezes Masagão defendeu a tese intitulada "A impressão da marca e a rasura do traço na escrita das margens" no Instituto de Psicologia da USP, sob a orientação da profa. dra. Jussara Falek Brauer.

<sup>2</sup> *Persona*, direção de Ingmar Bergman. Suécia: Svensk Filmindustri, 1966, DVD (83 min.) NTSC, Son. Preto e branco.

## 1. Registros e coisas

No filme *Persona*, de Bergman, a personagem Elisabet, uma atriz de teatro, deixa subitamente de falar após representar Antígona. Internada em uma clínica psiquiátrica, a médica faz com que Elisabet ouça seu parecer sobre esse esconderijo silencioso em que se refugiou: "Entendo por que não fala. Inútil sonho de ser, não parecer, mas ser. Estar alerta em todos os momentos. A luta; o que você é com os outros e o que você realmente é. Um sentimento de vertigem e a constante fome de ser exposta, ser vista por dentro, cortada, até mesmo eliminada. Cada tom de voz, uma mentira. Cada gesto, falso. Cada sorriso, uma careta. Cometer suicídio? Nem pensar, você não faz coisas deste gênero. Mas pode se recusar a se mover e ficar em silêncio, então pelo menos não está mentindo. Então não tem que interpretar papéis, fazer caras, gestos falsos. Mas a realidade é diabólica. Seu esconderijo não é à prova d'água. Você é forçada a reagir. Ninguém pergunta se é real ou não, se é sincera ou mentirosa"<sup>2</sup>. Ao renunciar à palavra, Elisabet busca atingir a verdade do ser, mas seu esconderijo mostra-se desde o início ineficaz, pois o que suporta a identidade é justamente a ausência de um traço verdadeiro...

A verdadeira passagem do sujeito encontra-se nos traços apagados, traços feitos para serem falsos. O registro humano carrega essa espécie de negatividade inerente ao processo de simbolização das palavras sobre as coisas e encontra uma tra-



*na memória inconsciente,  
registrar equivale a apagar e  
apagar para conservar. O que se  
repete, se conserva, é a marca,  
a satisfação do objeto apagado*

44

PERCURSO 40 : junho de 2008

dução precisa no aforisma lacaniano – a palavra é a morte da coisa. Assim registrar equivale a apagar. Para que o registro da marca do passo da pegada seja impresso sobre a areia da praia é preciso que o pé se vá. A impressão da marca se faz a partir da ausência do objeto que lhe deu origem. Ela aponta tanto para a origem como para a perda da origem.

O passo da pegada na areia é uma marca que aponta para uma presença a partir de uma ausência. No entanto, para que a marca funcione como registro simbólico é necessário um passo a mais. É necessário que a relação entre a marca e a presença que ela representa seja apagada. No caso da marca da pegada na areia, ainda existe uma relação de proximidade entre a marca/registo e o objeto-corpo. Lacan vai encontrar nas inscrições feitas na costela de um animal morto exposto no museu de *Saint Germain* uma metáfora para ilustrar esse segundo passo. Trata-se de uma série de pequenos bastões feitos por um caçador para marcar os animais abatidos. Da repetição do mesmo surge a alteridade.

Assim a unidade simbólica surge do registro da diferença, uma vez que o traço que se repete é sempre outro traço, diferente do anterior e também do posterior. O entalhe do traço no osso do animal inscreve no real uma diferença; a inscrição de um intervalo no que antes era pura continuidade. O traço colocado em relação a outros traços é o que dá origem ao saber inconsciente e aí se distingue do signo para aceder ao

significante. O traço inaugura uma série, uma cadeia em que a relação ocorre entre os traços e não entre o traço e a coisa que ele representa. A relação do registro/traço com o objeto representado fica então definitivamente apagada.

Voltando à personagem de Bergman, podemos supor que ela busca encontrar no mutismo a anulação do intervalo entre a palavra e a coisa, entre o corpo e a linguagem. Sonho semelhante encontramos nos rituais obsessivos através dos quais o neurótico visa encontrar o que há de real na origem, buscando transformar o significante naquilo de que ele é o signo:

O neurótico não sabe, e não sem razão, que é o significante enquanto o significante é o apagador principal da coisa; que é ele, o sujeito que, ao apagar todos os traços da coisa, faz o significante. O neurótico quer apagar esse apagamento, quer fazer com que isso não tenha acontecido. Esse é o sentido mais profundo do comportamento sumário, exemplar, do obsessivo<sup>3</sup>.

Essa busca pelo impossível da origem esbarra justamente na equivalência entre o registro psíquico e o apagamento. Nesse sentido, na memória inconsciente, registrar equivale a apagar e apagar para conservar. O que se repete, se conserva, é a marca, a satisfação do objeto apagado. Na neurose, a busca pelo unário confunde-se com a busca pela origem de uma satisfação primeira, na qual o significante ficaria reduzido a um signo do objeto da satisfação. Contudo, a cada tentativa de anular o apagamento que o registro significante realizou, é novamente o apagamento que surge na repetição, é novamente o traço que surge no lugar da coisa.

Os registros humanos apontam para essas marcas e traços, efeito da incidência da linguagem no real. Traços e marcas feitos de uma matéria efêmera tão imprecisa como as paredes da casa construída por Gabriel. Durante uma noite a imagem de um enfeite que embelezava sua casa aparece-lhe em um sonho. Foi assim que começou a transformar uma casinha de pau-a-pique localizada no mesmo terreno em que morava

seu pai. A casa foi materializando as imagens oníricas, tomando forma a partir de cacos de cerâmica, de louça, de vidro, de ladrilhos e de restos; lâmpadas queimadas, tampas de metal. Assim foi surgindo a casa da flor, feita de cacos, fragmentos de sonhos, pensamentos e resíduos jogados fora. Como diz Gabriel: “Minha casa é feita de nada”<sup>4</sup>.

É através desses pequenos nada – palavras, imagens, sonhos e pensamentos – que registramos nosso lugar, nossa inscrição psíquica que situa e representa o corpo, a realidade discursiva, o outro. A linguagem marca o corpo à maneira de uma tatuagem. Lacan nos fala de um costume antigo segundo o qual os escravos tinham seu destino tatuado no couro cabeludo. Tal costume é uma metáfora do registro das marcas e traços inconscientes que carregamos mas não conseguimos ver nem compreender. É esse não saber que nos faz endereçar a um Outro, um pedido de leitura, de deciframento. Assim não basta portar um traço, é preciso poder lê-lo, fazer com que o traço que nos singulariza e representa seja submetido a diferentes leituras, nas relações familiares, no casamento, no trabalho. A necessidade de leitura das marcas e traços que constituem o nosso registro psíquico aponta para a dependência do sujeito a um Outro.

É assim, na relação com o Outro, com a linguagem, que tomamos símbolos e imagens que nos vêm de fora como próprios. Mas para que a palavra seja tomada como própria, é preciso esquecer que a palavra vem do Outro, é preciso apagar o lugar de origem de onde vem a palavra que nos marca pois, caso contrário, ela surgiria como vinda de fora, em toda a sua estranheza. Nos momentos de “crise”, o sujeito fica exilado de sua subjetividade, não se reconhece mais como si mesmo, não diferencia o que é interno e o que é externo. A angústia faz vacilar as referências nas quais suportamos nossa identidade e abre espaço para a presença do vazio.

3 J. Lacan (1961-1962), *A identificação*, p. 194.

4 Secretaria do Estado de Educação e Cultura, *A casa da flor*, p. 10.

5 G. Didi-Huberman, *O que vemos, o que nos olha*, p. 38.

nos momentos de “crise”,  
o sujeito fica exilado de sua  
subjetividade, não se reconhece  
mais como si mesmo, não diferencia  
o que é interno e o que é externo

Experiência semelhante àquela que podemos ter diante de um túmulo. Diante do túmulo se presentifica a cisão entre o que vemos e o que nos olha. De um lado um volume, um simulacro coberto de inscrições; o mundo da cultura com seus objetos modelados e trabalhados, objetos criados pela linguagem. De outro, uma espécie de esvaziamento que diz do destino de um corpo semelhante ao meu, esvaziado de vida. Um corpo reduzido à carne da qual é feito. É assim que, diante do túmulo, o que vejo me olha até o âmago, fazendo aparecer aquilo que é da ordem do fixo, a fixidez do cadáver que diz daquilo que não pode ser assimilado pela linguagem, aquilo que faz furo na imagem: “Assim, diante da tumba, eu mesmo tombo, caio na angústia. E a angústia de olhar a fundo o lugar do que me olha, a angústia de ser lançado à questão de saber e de não saber o que vem a ser meu próprio corpo, entre sua capacidade de fazer volume e sua capacidade de se oferecer ao vazio, se abrir”<sup>5</sup>.

A cisão entre o que vemos e o que nos olha aponta o lugar paradoxal do objeto, paradoxal porque suportado na perda. O significativo que registra quando apaga é também associado por Lacan a uma tesoura que corta. O olho é aí um furo bordado; e a borda é o efeito da lei simbólica, do traço-tesoura que separa e delimita o furo, simbolizando-o. É a inscrição do traço-tesoura que produz o corte no visto, remetendo o olhar para além do que é visto, produzindo o “entrevisto”. Assim, a função de corte aponta a descontinuidade simbólica. A descontinuidade cria uma



*Lacan vai utilizar a metáfora de Heidegger na qual o vaso se cria em torno do vazio para propor o vaso como o primeiro significante modelado pelas mãos do homem*

borda e a borda cria o ser separado, um buraco, um vazio. O que ocorre na experiência da angústia é a substituição dessa descontinuidade, por uma continuidade entre real e simbólico, promovendo indiferenciação entre o informe e a forma, o ilimitado e o limitado, o inumano e o humano.

Lacan vai utilizar a metáfora de Heidegger na qual o vaso se cria em torno do vazio para propor o vaso como o primeiro significante modelado pelas mãos do homem:

O vazio e o pleno são introduzidos pelo vaso em um mundo que por si mesmo não conhece semelhante. É a partir desse significante modelado que é o vaso, que o vazio e o pleno entram como tais neste mundo<sup>6</sup>.

Assim como o oleiro cria o vaso, o homem cria os significantes e vai modelando o real, criando o pleno e o vazio, o dentro e o fora, o dia e a noite. A arte, a arquitetura, a escultura, a literatura são passíveis de encarnar, modelar, manipular, apresentar esse vazio que resulta da ação simbolizadora das palavras sobre as coisas, do corte que o significante realiza sobre o real. Nessa simbolização/corte, o sujeito separa-se de uma parte de si e passa a carregar o estranho, o alheio, dentro de si. Nesse lugar paradoxal, um interior excluído, Lacan situa a Coisa, o estranho que remete ao que não pode ser assimilado pela linguagem. Não é possível simbolizar todo o real, existe sempre um resto que faz limite à representação e que aponta para o que Freud chamou de umbigo dos sonhos, um furo onde o conhecido se enlaça ao desconhecido.

## 2. A criação artística

No seminário *A ética da psicanálise*, Lacan propõe de uma forma um tanto esquemática definições da arte, da religião e da ciência a partir do vazio: a arte se organiza em torno do vazio, a religião evita ou respeita o vazio e a ciência não acredita no vazio. Podemos nos perguntar, então, se a arte seria um discurso que não fica reduzido a um semblante. Para pensar essa questão, podemos partir de um movimento literário apontado por Lacan, cujo efeito na realidade discursiva é fazer circular um objeto bastante perturbador. Trata-se da figura da dama, introduzida pela poesia do amor cortês, que tem lugar no início do século XIX. A dama é um objeto singular, criado a partir de certas condições. No amor cortês, cria-se uma série de artifícios, rodeios e obstáculos, que impedem o acesso a ela: “Não há possibilidade de cantar a Dama, em sua posição poética, sem o pressuposto de uma barreira que a cerque e isole”<sup>7</sup>. À inacessibilidade do objeto acrescenta-se a despersonalização do objeto, pois a dama é invocada pelos trovadores como *Mi Dom*, isto é, meu senhor. Trata-se ainda de um objeto esvaziado de qualquer materialidade, uma vez que toda dama é cantada como tendo os atributos corporais idealizados na época.

As características atribuídas a esse objeto simbolizado pela dama no centro da poesia trovadoresca são inacessibilidade, despersonalização e esvaziamento, que apontam para a existência de um vacúolo – como Lacan se refere à Coisa em determinado momento – no interior do sistema de significantes. É nesse sentido que a dama coloca em função simbólica o vazio. O vazio exerce uma função topológica, mas também uma função simbólica:

Está então provado que o vazio não tem somente uma função espacial, mas também simbólica. Ele é da ordem do real, e a arte utiliza o imaginário para organizar simbolicamente esse real<sup>8</sup>.

Se a dama é um objeto que se caracteriza por uma ascese e por uma subtração, ela também

coloca em jogo uma espécie de crueldade que revela sua face de transgressão do desejo ao colocar a descoberto, como explicita Lacan, a presença perturbadora da Coisa:

O que a criação da poesia cortês tende a fazer deve ser situado no lugar da Coisa, e nessa época aí, cujas coordenadas históricas nos mostram certa discordância entre as condições particularmente severas da realidade e certas exigências do fundo, um certo mal-estar na cultura. A criação da poesia consiste em colocar, segundo o modo da sublimação própria à arte, um objeto que eu chamaria de enlouquecedor, um parceiro desumano<sup>9</sup>.

Esse objeto enlouquecedor – construído a partir de obstáculos, subtrações, esvaziamentos – e de certa ascese de disciplina do prazer – que consiste na retenção, na suspensão do ato do amor – assinala o limiar do princípio de prazer; aponta o que está além dele, conjugando amor e morte e fazendo surgir para o sujeito uma substância vivenciada. Ao que ultrapassa, transgride o limite do princípio de prazer, a essa substância que é experimentada no corpo, Lacan faz corresponder o gozo. A figura encarnada pela dama na poesia do amor cortês acaba revelando um paradoxo da criação artística: ela é ao mesmo tempo objeto que remete ao sublime e objeto que remete à escatologia:

Ocorre que a mulher idealizada, a Dama, que está na posição do Outro e do objeto, coloca brutalmente, no lugar sabiamente construído por significantes requintados, em sua crueza, o vazio de uma coisa que se revela ser a Coisa, a sua, aquela que se encontra no âmago de si mesma em seu vazio cruel. Essa Coisa, da qual alguns de vocês pressentiram a

6 J. Lacan (1959-1960), *A ética da psicanálise*, p. 152.

7 J. Lacan, *op. cit.*, p. 184.

8 F. Regnault, *Em torno do vazio; a arte a luz da psicanálise*, p. 30.

9 J. Lacan, *op. cit.*, p. 184.

10 J. Lacan, *op. cit.*, p. 200.

11 A. Didier-Weill, *Os três tempos da lei*, p. 24.

»  
*ao que ultrapassa,  
transgride o limite do  
princípio de prazer, a essa  
substância que é experimentada  
no corpo, Lacan faz  
corresponder o gozo*

função em sua relação com a sublimação, é de alguma maneira desvelada com uma potência insistente e cruel<sup>10</sup>.

Criação que se aproxima da Coisa justamente através de uma construção de linguagem extremamente sofisticada, repleta de rodeios e estratégias de esvaziamento que subitamente fazem surgir o vacúolo no interior do sistema de significantes... É assim que a criação artística vai fazer circular no campo comum das trocas simbólicas um objeto que geralmente não circula nesse campo. A arte é capaz de criar um objeto paradoxal que ao mesmo tempo remete ao objeto socializado, que pode ser comunicado, e ao objeto da pulsão, incomunicável. Feliz paradoxo que por alguns instantes permite-nos entrar em contato com os produtos esquecidos do corpo da infância; detritos corporais que se desprendem do corpo e que Freud situou como o nosso maior bem, pois se referem aos valores de nosso Outro primordial. A elevação do objeto à dignidade da Coisa permite-nos lembrar esses objetos esquecidos, colocando o espanto no lugar da angústia:

O que nos mostra um quadro? Que a presença do invisível, interdito de permanência no mundo cotidiano, cessa de ser interdita, ao trilhar um caminho até nossos olhos que, neste encontro espantoso, depõem as armas [...] O que nos faz ouvir a música senão a presença do inaudível, até então banido da mesmice tagarela do cotidiano?<sup>11</sup>.



*quando Freud se debruça sobre o Moisés de Michelangelo, aponta para um objeto que deixa suspeitar a existência da Coisa e entrevê-la*

A dama permite-nos pensar a arte como um discurso que não se reduz ao semblante, pois ela evoca ao mesmo tempo o lugar vazio do objeto e o gozo – substância vivenciada no corpo que pode habitar o vazio. Como nos lembra Didier-Weill, a arte nos põe novamente em contato com a Coisa que habita o espaço do exílio que cada um carrega dentro de si, sem, no entanto, libertá-la de seu exílio:

O artista é o embaixador desse infinito: tornando transmissíveis o inaudito e o invisível, sua tarefa é lembrar ao homem a Coisa que nele vive em exílio; ele não liberta essa Coisa de seu exílio, mas permite que ela seja vista e ouvida enquanto definitivamente exilada<sup>12</sup>.

Quando Freud se debruça sobre o Moisés de Michelangelo, aponta para um objeto que deixa suspeitar a existência da Coisa e entrevê-la<sup>13</sup>. A estátua atrai Freud como muitas outras obras de arte o fariam, mas não provoca o efeito tranquilizador sublinhado por ele como a função social da arte que tranquiliza e relaxa o público e permite ao artista sublimar suas pulsões. Ela o subjuga e o fascina, como se Freud encontrasse nela um efeito de inquietante estranheza, uma mistura de conhecido e desconhecido que ao mesmo tempo o prende e o assusta. Moisés representa a pergunta essencial que o homem faz todo instante – Por que vivemos? – e uma resposta, o gozo possível, condicionado à observação dos mandamentos.

Freud dá uma resposta totalmente contrária à resposta da religião: o gozo absoluto, porque impossível de ser vivido, vem do passado, mas, perdendo essa dimensão temporal, perdura em uma espécie de presente contínuo, condicionando nossa vida. Essa oposição entre o possível e o impossível, entre a religião e a psicanálise, cria a estranheza atraente do objeto Moisés para Freud. O gozo impossível da Coisa fica aquém do tempo, contrariamente ao gozo possível da religião, que mantém seu lugar na trajetória do tempo, além da morte. O primeiro pertence à estrutura do sujeito e regula a lógica da repetição inconsciente; o segundo decorre de seu imaginário.

### 3. A criação literária

Autores como Foucault e Blanchot registram que durante o século XIX uma experiência nova se introduz no discurso a partir da literatura. Trata-se de uma experiência que se produz a partir da transgressão aos interditos da linguagem. Parece-nos que podemos aproximar o que Foucault aponta na literatura de alguns escritores do século XIX como a dobra da palavra que escava a linguagem do interior e a remete ao infinito do vacúolo encarnado pela dama na poesia trovadoresca; já que as estratégias de linguagem que utilizam artifícios como a despersonalização, a subtração e o esvaziamento produzem efeitos semelhantes à transgressão apontada por Foucault:

[...] ela consiste em submeter uma palavra, aparentemente conforme o código reconhecido, a um outro código cuja chave é dada nesta palavra mesma; de tal forma que esta é desdobrada no interior de si: ela diz o que ela diz, mas ela acrescenta um excedente mudo que enuncia silenciosamente o que ela o diz e o código segundo o qual ela diz [...] Quer dizer: ela não comunica, ao escondê-la, uma comunicação interdita; ela se instala, em uma dobra essencial da palavra. Dobra que a escava do interior e, talvez, até o infinito [...] Não é





*escrever se impõe como  
um exercício que pretende exaurir  
a linguagem sem dela abrir mão,  
e revela uma situação extrema a  
que o escritor se expõe*

se faz ver. O fantasma está lá para desviar e apaziguar o fantasma da noite. Os que crêem ver fantasmas são aqueles que não querem ver a noite, que a preenchem pelo pavor de pequenas imagens [...]<sup>17</sup>.

Ainda segundo Blanchot, ao vazio da Outra noite o sono empresta um refúgio, um sentido, um limite, um antes e um depois, a noite como afirmação do dia. Se o sono faz que o dia sobreviva na noite, quando chega o sonho fica-se mais perto dessa Outra noite onde tudo é incessante, ininterrupto, e da qual o tempo está ausente. A Outra noite remete a esse lado de fora onde habita “o vazio e o vago do anterior”<sup>18</sup>. No sonho que se abre para o lado de fora, o sonhador não se reconhece mais em si, nem em outro, ele é arrancado do registro do eu e dos laços com o outro. Não é o eu do sonhador que sonha, é um sonho que se sonha, da mesma maneira que o escrito que se aproxima da região sombria do lado de fora não é escrito pelo eu do escritor, mas é um escrito que se escreve. Ao dobrar-se sobre si mesmo sem se deixar completar, o ato de escrever afasta-se da função representativa e aproxima-se desse espaço ex-timo, espaço do exílio que cada um carrega no interior de si:

Afinal essa dobra do escrever sobre o escrever é um reviramento, um virado de dentro para fora. Essa torção transposta para o que vai se destacar no corpo de vários escritos evidencia um furo que lança tais escritos para fora deles mesmos, mas esse fora é um exterior que lhes é ao mesmo tempo central [...]<sup>19</sup>.

Assim, nessa dobra, o escrever abandona os propósitos utilitários com os quais se revestiu durante muito tempo e se aproxima de experiências limites como a experiência do êxtase ou da loucura:

Na verdade, o olho revirado, em Bataille, nada significa em sua linguagem, pela única razão de que ele lhe marca o limite. Indica o momento em que a linguagem chegada aos seus confins irrompe fora de si mesma, explode e se contesta radicalmente no rir, nas lágrimas, nos olhos perturbados do êxtase [...]<sup>20</sup>.

E ainda:

Daí também essa estranha vizinhança da literatura com a loucura. Descoberta como uma linguagem, calando-se na superposição a si própria, a loucura não o manifesta nem relata o nascimento de uma obra (ou de alguma coisa que, com a genialidade ou com a chance, teria podido tornar-se uma obra); ela designa a forma vazia de onde vem essa obra, quer dizer o lugar de onde ela não cessa de estar ausente, no qual jamais a encontramos porque jamais ela aí se encontrou”<sup>21</sup>.

Mallarmé torna-se um dos nomes mais incisivos do abandono na literatura da função propriamente representativa. Escrever se impõe como um exercício que pretende exaurir a linguagem sem dela abrir mão, e revela uma situação extrema a que o escritor se expõe: “Ao sondar o verso a esse ponto, encontrei lamentavelmente dois abismos que me desesperaram. Um é o nada... O outro vazio que encontrei é o do meu peito”<sup>22</sup>. Outro escritor que leva o abandono da função representativa da linguagem a seu limite é Joyce. Situado numa tradição de fratura e de advento de uma nova retórica, Joyce escutou e se inseriu no simbólico vigente quando estava em Paris de 1920 a 1939. São os anos do surrealismo que supervalorizou Rimbaud e Lautréamont, tradição literária continuada por seu amigo e secretário Beckett e outros como Ionesco.

As epifanias de Joyce revelam um uso da letra que faz furo na representação. Ele recolhe palavras do dicionário e de conversas escutadas no espaço público. São “retalhos, pedaços de discurso extraídos”<sup>23</sup>. Ao extrair as palavras de seu contexto e transformá-las em maravilhosos vocábulos, Joyce apaga a significação imediata associada à palavra:

Ele encontrava palavras para seu tesouro. Ele as recolhia também ao acaso nas butiques, nos cartazes, nos lábios da multidão que se arrastava. Ele as repetia para si tanto e tanto que, no final, elas perdiam para ele sua significação imediata e se transformavam em falas admiráveis [...] <sup>24</sup>.

Nessa luta contra a evidência, Joyce vai do uso das epifanias à escrita de *Finnegans Wake*, subtraindo a letra da cadeia de sentido, destruindo o um da significação. O um da significação apóia-se no laço entre o imaginário e o simbólico e diz respeito à relação entre o um da unidade imaginária do corpo próprio e o um distintivo do traço simbólico; relação que supõe o desejo do Outro, pois é o desejo do Outro que permite a leitura do traço como traço distintivo; signo da escolha de amor do Outro. O um da significação diz respeito à possibilidade de fazer o traço distintivo circular por diferentes lugares e submeter-se a diferentes leituras. A leitura separa o signo do objeto e possibilita a transmissão de um sentido, de uma representação no campo comum das representações compartilhadas: o campo dos discursos sustentado pela lógica do par ordenado SI(SI-S2).

As epifanias de Joyce manifestam um uso da letra que rompe o encadeamento da cadeia significante para fazer existir o SI isolado: o tra-

»  
*nessa luta contra a evidência,  
Joyce vai do uso das epifanias  
à escrita de Finnegans Wake,  
subtraindo a letra da cadeia  
de sentido, destruindo  
o um da significação*

ço unário que não remete a nada a não ser a ele mesmo. Mas Joyce não se detém aí, pois ele volta a colocar suas epifanias em outro contexto, o que provoca não um efeito de sentido, mas uma interrogação; um curto-circuito na função representativa da linguagem. Em *Finnegans Wake*, Joyce vai mais longe e ataca o um do significante; o um distintivo do traço unário: “Ele atenta contra os elementos da língua, aqueles que o dicionário recenseia. Ele os desfaz, combina-os, injeta línguas estrangeiras”<sup>25</sup>. Assim, ele vai do equívoco à ininteligibilidade, o que Soler aponta como uma forclusão (rejeição) do sentido.

Joyce trabalha com a materialidade da letra e, assim como na experiência do êxtase ou da loucura, o escrito é remetido para fora de si mesmo; rompe, então, os limites da linguagem e aproxima-se dessa região sombria em que origem e morte se conjugam e o corpo é invadido por essa espécie de substância vivenciada que provoca riso e lágrimas. O gozo fora do sentido revelado pela escrita de Joyce é o gozo da letra, que Lacan aproxima do gozo da caligrafia. A caligrafia aponta um gozar de traçar o traço único de uma só vez, sem rasura. Trata-se da arte da rasura excluída que indica o gozo fora de sentido.

Podemos supor então que a literatura que amarra imaginário, simbólico e real diz respeito a um gozo da letra que se enlaça ao gozo do sentido. A literatura pode romper com a função representativa da linguagem e apontar o lugar vazio do objeto, mas ela implica a amarração entre simbólico e imaginário que a leitura

17 M. Blanchot, *O espaço literário*, p. 164.

18 M. Blanchot, *op. cit.*, p. 269.

19 S. Laia, *Os escritos fora de si; Joyce, Lacan e a loucura*, p. 21.

20 M. Foucault, “Prefácio à transgressão”, em *Estética, literatura e pintura, música e cinema*, p. 43.

21 M. Foucault, *op. cit.*, p. 217.

22 Mallarmé apud Blanchot, *op. cit.*, p. 105.

23 C. Soler, *L’aventure littéraire ou la psychose inspirée*, p. 32.

24 Joyce apud Soler, *op. cit.*, p. 23.

25 C. Soler, *op. cit.*, p. 25



*a escrita de Joyce é diferente,  
pois ela não visa à comunicação  
de uma significação, seja ela  
delirante ou não, mas funciona  
como uma suplência  
à falta de seu ego*

introduz. A poesia, a literatura supõe um en-dereçamento, e este implica o leitor, convoca-o a pôr no que é lido uma parte de si. Segundo Lacan, toda vez que somos introduzidos em um mundo diferente do nosso, mundo que nos oferece a presença de um ser, de certa relação fundamental, ela se torna nossa também: “A poesia é a criação de um sujeito assumindo uma nova ordem de relação simbólica com o mundo”<sup>26</sup>.

Se para Foucault os escritos fora de si aproximam a literatura do êxtase ou da loucura, para Lacan os escritos de Schreber não podem ser tomados como poesia e nem mesmo comparados aos relatos em que os místicos nos comunicam sua experiência singular:

De que se trata nesses testemunhos delirantes? Não digamos que o louco é alguém que vive sem o reconhecimento do outro. Se Schreber escreve essa obra enorme é justamente para que ninguém ignore o que ele sofreu, e mesmo para que, nessa circunstância, os especialistas venham verificar em seu corpo a presença dos nervos femininos pelos quais foi progressivamente penetrado, a fim de objetivar a ligação singular que foi a sua com a realidade divina<sup>27</sup>.

Se podemos dizer que Schreber é um escritor, não podemos dizer que ele é um poeta, pois sua escrita não nos introduz em uma dimensão nova da experiência:

A poesia faz com que não possamos duvidar da autenticidade da experiência de San Juan de La Cruz,

nem da de Proust ou da de Gerard de Nerval. A poesia é a criação de um sujeito assumindo uma nova ordem de relação simbólica com o mundo. Não há absolutamente nada disso nas *Memórias* de Schreber<sup>28</sup>.

Schreber é a sede de todo um viveiro de fenômenos e é precisamente a comunicação dessa experiência que lhe vem de fora que lhe serve de inspiração para a escrita de seu livro. Ele escreve sobre o que o Outro lhe faz saber e nessa escrita o mundo inteiro está tomado em uma significação a ponto de quase não existir nada que não esteja referido a ele. Mas, em compensação, “tudo o que ele faz existir nessas significações é de alguma maneira vazio dele próprio”<sup>29</sup>. A escrita de Schreber é um testemunho objetivado e não a comunicação de uma experiência do sujeito que convoca o leitor a colocar na leitura uma parte de si.

A escrita de Joyce é diferente, pois ela não visa à comunicação de uma significação, seja ela delirante ou não, mas funciona como uma suplência à falta de seu ego. Essa falta de ego é localizada por Lacan na surra que o personagem Stephan Dedalus leva de seus colegas e que tem como efeito o abandono do corpo próprio. No entanto, essa perda dos suportes corporais não acarreta uma crise psicótica seguida de uma construção delirante; incide sobre o corpo da escrita provocando um abandono das referências imaginárias, o sentido, a narrativa, o uso de personagens. Segundo Soler (1998), o ilegível da escrita de Joyce tem relação com o fato de que, para ele, o sentido não está enganchado nos símbolos e sua arte opera entre simbólico e real:

O incorporal de sua literatura ocorre porque entre real e simbólico trata-se de um gozo que não é gozo do corpo, mas gozo da letra. Ter um corpo é fazer algo com ele, utilizá-lo. Na literatura de Joyce fica claro que ele não usa seu corpo<sup>30</sup>.

A escrita de Schreber testemunha o que ocorre em seu corpo, como ele é violado, mani-

pulado, transformado, tagarelado. Joyce promove uma literatura incorporal, livre do imaginário, uma literatura feita de letra pura, sem corpo. Ele trabalha com a materialidade da letra, aquilo que produz marca e aponta para a relação entre a letra e o objeto. A proposta de Soler não é que a escrita de Joyce realize essa função de suplência, pois para ela a escrita de Joyce é homogênea aos fenômenos elementares encontrados na psicose como, por exemplo, a língua fundamental de Schreber. Para Soler, o que produz suplência é o fato de Joyce publicar sua escrita, já que é a publicação que permite que essa escrita entre em relação com outros, que podem funcionar como S<sub>2</sub>, de tal modo que entre a escrita de Joyce e seu público se estabeleça um equivalente da cadeia significativa<sup>31</sup>.

O mesmo não ocorre com a escrita de Schreber, que permanece como resto inassimilável pelo campo dos discursos. No entanto o interesse do leitor Freud abriu caminho para um público inesperado, os analistas. Se Lacan afirma que não encontramos um sujeito na escrita de Schreber, apenas um testemunho objetivado, ele afirma também que a leitura freudiana das memórias de Schreber introduz ali o sujeito. A leitura/endereçamento de Freud em relação à escrita de Schreber possibilita que o que era dejetivo inassimilável pelo campo discursivo, pura exterioridade, encontre uma possibilidade de circulação em um campo comum: o público de analistas. Podemos nos perguntar então: qual é a diferença entre uma escritura testemunhal

26 J. Lacan. (1955-1956) *As psicoses*, p. 94.

27 J. Lacan, *op. cit.*, p. 94.

28 J. Lacan, *op. cit.*, p. 94.

29 J. Lacan, *op. cit.*, p. 95.

30 C. Soler, *op. cit.*, p. 100.

31 Joyce consegue promover esse intercâmbio graças a sua escrita ao produzir um registro; ao fazer Um. Ele faz Um ao se pôr belo através da letra. Segundo a leitura de Soler do seminário "O sinthoma", Joyce faz Um através do LOM (l'homme). Lacan agrega ao LOM a palavra *escabeau* (escabelo), que na escrita de Joyce surge como l'hessecabeau (na qual encontramos o h de homme = homem, *beau* = belo, *esse* = ser, *hausser* = elevar). O *escabeau* é "algo para subir e ganhar estatura; é o que faz de um qualquer alguém, isto porque se vê belo" (Soler, 1998, p. 103).

32 P. Willemart. *A pequena letra na teoria literária*.

»»

*Ducasse, Joyce,*  
*qualquer autor ou artista, é fruto*  
*de sua obra e não pai dela.*  
*A filiação é invertida*

e uma ficção? Enquanto os místicos e Schreber querem participar os leitores de uma experiência real ou alucinatória, nossos romancistas e poetas inventam outro mundo, mas será que há tanta diferença entre experiência e ficção e, em segundo lugar, será que não há da parte de todos, autores de autobiografias, testemunhos ou ficção um engajamento na escritura no qual, por mais que eles queiram transmitir algo de pessoal, não estão submetidos à ordem simbólica da linguagem que transforma seu imaginário?

A escrita testemunhal, seja ela objetiva ou subjetiva, assim como a escrita que revela a dobra do escrever sobre o escrever, aponta para o assujeitamento do humano à linguagem e nesse sentido podemos inverter a equação habitual que vê a obra como expressão do autor. Lembremos de Lautréamont, o conde de Lautréamont, o autor dos *Cantos* que publicou a segunda parte da obra *Poesias* sob seu nome de batismo, Isidore Ducasse, sustentando assim que Ducasse é gerado pela sua obra anterior *Os cantos*. Assim, Ducasse, Joyce, qualquer autor ou artista, é fruto de sua obra e não pai dela. A filiação é invertida. A obra é expressão em duas palavras e não expressão do escritor; a obra é fruto das pressões dos terceiros, do Simbólico e do Imaginário contemporâneos, da tradição etc.<sup>32</sup> Rosa, Flaubert ou Joyce são frutos das escritas que levam o nome deles. Neste sentido, a biografia, a neurose ou a psicose do escritor importam, mas muito menos do que pensam muitos críticos.

## Referências bibliográficas

- Beckett S. (2006). *Esperando Godot*. Trad. Fabio de Souza Andrade. São Paulo: Cosacnaify.
- Blanchot M. (1987). *O espaço literário*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Didi-Huberman G. (2005). *O que vemos, o que nos olha*. São Paulo: 34.
- Didier-Weill A. (1997). *Os três tempos da lei*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Transmissão da Psicanálise).
- Foucault M. (2001). "Prefácio à transgressão", in *Estética, literatura e pintura, música e cinema*. Rio de Janeiro: Forense Universitária (Coleção Ditos Escritos v. III).
- \_\_\_\_\_. (2002). "A loucura, a ausência da obra", in *Problematização do sujeito: psicologia, psiquiatria e psicanálise*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002 (Ditos e Escritos v.1).
- Lacan J. (1959-1960/1991). *A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (O seminário, livro 7).
- \_\_\_\_\_. (1961-1962). *A identificação*, Recife, publicação para circulação interna, Recife: Centro de Estudos Freudianos de Recife, 200.
- Laia S. (2001). *Os escritos fora de si; Joyce, Lacan e a loucura*. Belo Horizonte: Autêntica e FUMEC.
- Rabelais F. (1955). *Pantagruel*, in *Oeuvres complètes*. Paris: Gallimard (*La Pléiade*).
- Regnault F. (2001). *Em torno do vazio; a arte à luz da psicanálise*. Rio de Janeiro: Contra capa.
- Secretaria do Estado de Educação e Cultura (1978). *A casa da flor*. Rio de Janeiro (Coisas nossas).
- SOLLER C. (2001). *L'aventure littéraire ou la psychose inspirée*. Paris: Editions du Champ Lacanien (In Progress).
- Willemart P. (1995). *Além da psicanálise, as artes e a literatura*. São Paulo: Nova Alexandria.
- \_\_\_\_\_. (1997). *A pequena letra na teoria literária*. São Paulo: Annablume.

## The act of creation

**Abstract** Like a potter creating a vase around emptiness, man creates signifiers and shapes his reality. Artistic creation is particularly apt to show the emptiness resulting from the "cutting of the signifier" as Lacan defines it. With the *Temptation of Saint Anthony*, Gustave Flaubert inaugurates in literature a kind of writing that takes as its subject the very act of writing. Mallarmé, Kafka, Bataille, Borges, Joyce and other writers have followed him on this trail.

**Keywords** signifier; artistic creation; Flaubert; literature; psychoanalysis of art.

Texto recebido: 09/2007

Aprovado: 02/2008

# O jogo do inconsciente –

## falando o que me vem à cabeça

Ignacio Gerber

**Resumo** Desde Freud até o presente, a busca de uma atitude do analista que propicie uma abertura maior para seu inconsciente e através deste para o inconsciente do analisando tem sido nosso grande desafio. Nesse texto tento expor ao leitor como compreendo e como parece se manifestar essa atitude em minha experiência clínica – falando o que me vem à cabeça.

**Palavras-chave** Freud; Bion; Matte-Blanco; inconsciente; infinito; bi-lógica.

**Ignacio Gerber** é membro efetivo da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo e docente do Instituto de Formação da SBPSP.

A gloriosa manhã em minha janela me satisfaz mais do que a metafísica dos livros.

[Walt Whitman]

Um problema matemático só estará resolvido quando você for capaz de explicá-lo ao primeiro homem que encontrar na rua.

[D. Hilbert (1900)]

Às vezes me ocorre chamar o processo ou o encontro psicanalítico de *Jogo do inconsciente*...

Para falar desse jogo e como eu o imagino, parece-me importante que eu *me* exponha ao leitor em minha atividade clínica; eu diria melhor, em minha atitude clínica, pois penso que muito além das conjecturas teóricas, é a atitude do analista que funda a clínica psicanalítica, com a proposta freudiana das *atitudes indissociáveis de atenção flutuante – associação livre*. E quando falo em atitude psicanalítica estou falando de ética psicanalítica; como se fosse um outro nó borromeano, entrelaçam-se nessa ética as atitudes diante de si, diante do outro, diante do mundo; o eu, o tu, o nós. Atitudes que extrapolam o *setting* do consultório, pois o psicanalista carrega o *setting* consigo, em si mesmo, onde quer que ele esteja; se quisermos imaginar como é um analista em sua clínica, basta observá-lo no seu dia-a-dia. Por mais que um analista procure se disciplinar em seu consultório, isto será apenas uma aproximação à atitude de *atenção levitante* proposta por Freud; na prática da psicanálise, do *jogo do inconsciente*, a condição essencial é *ser*. Psicanálise se pratica *sendo o que se é*.



*na verdade, atenção flutuante e associação livre são indissociáveis e concernem tanto ao analista quanto ao analisando*

É muito importante diferenciar o *ser* do analista do *fazer* do analista. É evidente que o *fazer psicanalítico* do analista no consultório se diferencia do seu *fazer* fora dele em qualquer atividade cotidiana, inclusive psicanalítica. O que estou propondo pensar é que o *ser psicanalítico* do analista em sua impermanente fluência é de algum modo o mesmo. Molhamos os pés em diferentes águas, mas o rio que flui é o mesmo – citação de Heráclito contra a corrente.

Ao postular o *sistema inconsciente* como nossa mais verdadeira e profunda realidade psíquica, Freud “*inventa*” a *psicanálise*, sua teoria, sua prática, seu método. Uma teoria acerca do nosso funcionamento psíquico e que se desdobra em várias conjecturas histórico-biológico-genéticas, tais como o complexo de Édipo, a sexualidade infantil, a mitologia das pulsões etc. etc. Ao mesmo tempo, Freud propõe uma *praxis*, um método que nos permita alguma via de acesso ao nosso próprio inconsciente e através dele também possibilite alguma comunicação com o inconsciente alheio. Esse método baseia-se na *atitude psicanalítica* por ele nomeada *atenção flutuante ou atenção livremente suspensa* por parte do analista e o convite ao analisando para que associe livremente. Na verdade, *atenção flutuante e associação livre são indissociáveis* e concernem tanto ao analista quanto ao analisando. Ora, para que o analista possa flutuar livremente (a imponderável leveza do ser) por sobre a fala emocionalmente viva de seu analisando, é preciso que possa se *desapegar de seus preconceitos e expectativas pessoais*. Mas além, *desapegar-se* de sua racionalidade consciente; acompanhar a fala do outro sem qualquer seletividade, colocando-

se numa posição outra em relação a si mesmo, algo entre o pessoal e o impessoal, entre o consciente e o inconsciente. Uma posição terceira onde ele transite sincronicamente entre os papéis de protagonista e observador. Penso que esta é uma atitude ética de respeito à *relação humana* que acontece e se transmuta no aqui-agora com nosso analisando. A relação transcende o eu e o outro, e nos movimenta; o verbo deve prevalecer sobre os substantivos adjetivados.

Bion recriou a proposta freudiana ao propor a atitude *sem memória, sem desejo, sem compreensão racional*, como atitude desejável para o analista *vir-a-ser O*, ou buscar o O, a essência emocional mutante do momento vivido, um lampejo de verdade cósmica. Essa atitude de *desapego do ego consciente*, *desapego* daquilo que pensamos conhecer de nós mesmos, nos remete às milenares sabedorias orientais e às várias tradições contemplativas orientais e ocidentais que delas derivaram. Por um lado, Bion citava muitas vezes San Juan de la Cruz e Meister Eckhart. Veja-se esse fragmento de Meister Eckhart, não citado, mas muito possivelmente conhecido por Bion: “Para descobrir o cerne é preciso quebrar a casca. *Para desnudar a Natureza é preciso destruir seus símbolos* e quanto mais você se arriscar mais perto da essência você chegará. Chegando ao uno que contém todas as coisas, é lá que sua alma deve estar”<sup>1</sup> [no O?, pergunto eu]. Por outro lado, a expressão “sem memória, sem desejo” é praticamente textual no Tao-Te-King de Lao-Tsé. Sempre achei que o Tao-Te-King é o mais bioniano dos livros, apesar de precedê-lo em 2600 anos. O Tao-Te-King não é apenas uma leitura: é uma prática transformativa, um modo de ser. Provavelmente ele é a decantação de um conhecimento multimilenar e Lao-Tsé talvez um personagem lendário ressituaado na história. São 81 poemas e o primeiro se inicia pela conhecidíssima frase: “O Tao colocado em palavras já não é o Tao”<sup>2</sup>. Colocando em palavras bionianas, as evoluções de O já não são o O. Outro poema nos fala do Tao como *o escuro e informe*, o que nos remete ao Paraíso Perdido de John Milton tantas

vezes citado por Bion. Ainda no poema 1, lemos: “Sem desejo captamos o Tao. Com desejos captamos suas manifestações”. Em termos bionianos, somente sem memória e desejo poderemos almejar o O. Não é por acaso que Bion trilha esses caminhos; afinal ele nasceu na Índia, ainda colônia inglesa, e se abeberou de sua cultura primordial através de sua *ayah* – babá indiana – até seus oito anos de idade. O próprio signo O pode significar o zero e a totalidade: a circunferência sem início e sem fim, como disse Heráclito. Se torcermos a circunferência O ao longo de seu diâmetro, produziremos a curva lemniscata,  $\infty$ , o símbolo do infinito, e lembramos que Bion propôs repensarmos a antinomia consciente-inconsciente como finito-infinito. Volto a dizer, a atitude que nos propicia essa imersão no infinito, esse tornar-se O ou Tao, é o desapego do ego para mergulhar na totalidade. Como alguém que tira a roupa e mergulha no mar.

Voltando às relações entre teoria e método psicanalíticos, a *transferência* e a *resistência* situam-se num campo que inclui e transcende teoria e método. Já é quase consenso hoje em dia que transferência e resistência não são apenas a reação emocional e idiossincrática de um analisando diante de um *analista neutro* mas, pelo contrário, elas decorrem da relação com um analista vivo que participa e determina em boa parte o processo – elas concernem a ambos: a transferência acontece *entre* analista e analisando. Penso que a atitude analítica mais propícia à neutralidade é a própria naturalidade desapegada e discreta do analista, com cintilações de *ser e não ser*, uma resposta possível à pergunta crucial; “ser ou não ser?”. Essa resposta, *ser e não ser*, contraria o axioma do terceiro excluído da lógica clássica, porque contém uma afirmação – *ser* – e sua negação – *não ser* – mas admite um *terceiro incluído* – ou seja, um terceiro termo que se iguala (ou mesmo contém) a ambos. O que é contraditório e inaceitável pela nossa lógica consciente (clássica, aristotélica) se reconcilia na

1 D. Schiller, *The little zen companion*, p. 32.

2 Lao-Tsu, *Tao Te King* – poema 1.

»  
*a Psicanálise percorre atualmente caminhos semelhantes aos trilhados pela física quântica contemporânea; intuímos ou inteligimos níveis de realidade que não conseguimos imaginar*

lógica emocional inconsciente, uma lógica onde a infinitude de sentidos conduz à generalização de todas as relações – cadeias significantes para Lacan ou penumbra de associações para Bion, ou ainda conjuntos infinitos para Matte-Blanco – tudo se relaciona com tudo. Segundo Matte-Blanco, cujas idéias nos ajudam a tentar compreender o inconsciente freudiano, a lógica inconsciente funcionaria num contexto multidimensional: espaços psíquicos de quatro, cinco ou mais dimensões. Como vemos, a Psicanálise percorre atualmente caminhos semelhantes aos trilhados pela física quântica contemporânea; intuímos ou inteligimos níveis de realidade que não conseguimos imaginar, escapam à nossa visualização sensorial possível. Como exemplos, nos é impossível visualizar imaginativamente um espaço com quatro ou mais dimensões ou então pensar conscientemente a lógica inconsciente. Me ocorre sempre a piada do português que precisava viajar à Alemanha a negócios e não falava uma palavra de alemão. Procura um primo que já lá estivera e este lhe diz: “Não há qualquer problema. Tu falas o português bem devagarzito e vão te compreender muito bem”. Meio descrente, ele parte e ao chegar a Berlim toma um táxi no aeroporto e diz, bem devagar: “Bo-a-tar-dê”. O motorista responde: “Bo-a-tar-dê”. Surpreendido, ele continua: “Por-fa-vor-hotel-Pa-la-cê”. O motorista: “Pois-não”. Animado, resolve puxar um papo: “Eu-sou-por-tu-guês”. E o outro: “Eu-tam-baim!”. Ao que nosso herói explode: “Então por que raios estamos a falar alemão?”. Do mesmo modo, tentamos falar o “alemão” inalcançável do inconsciente com nosso limitado português consciente. No anexo final



por admitir a contradição,  
a lógica inconsciente eleva  
ao infinito as relações possíveis  
entre seus objetos

falarei com mais detalhes das idéias de Matte-Blanco.

Vivemos, como seres humanos e psicanalistas, um permanente dilema: como nos comunicar com o inconsciente, falando nosso português ou qualquer outro idioma consciente de maneira tal que possamos nos compreender. Em outras palavras, como nos comunicar com nosso inconsciente e com o inconsciente alheio através do nosso, sem saber sequer uma palavra de sua língua. Mesmo porque sua linguagem provavelmente nem concebe a noção de palavra tal como nós a compreendemos. Tentamos desconstruir nosso idioma consciente habitual, português, por exemplo, conferindo-lhe um ritmo mais pausado, mais poético, meditativo, permeado de silêncios, na tentativa de nos comunicarmos com esse conterrâneo de fala estranha. A ruptura fundamental provocada por Freud e que o coloca ao lado de Copérnico, Darwin, Einstein, Gödel, Heisenberg e tantos outros é exatamente essa: somos constituídos por dois modos de ser radicalmente diferentes e cujos códigos de linguagem são irreconciliáveis entre si.

Não se trata apenas de deciframos o inconsciente, mas também d'isto nos decifrar. Decifração e devoração mútua entre dois diferentes códigos de linguagem cujas regras, mais além do incompreensível, são *impensáveis* entre si. Por um lado um modo de ser que reconhecemos habitualmente em nós e que fala a linguagem do consciente. Como pensa esse modo de ser? Da maneira que, conscientemente, imaginamos ser a única possível: a lógica clássica, aristotélica, analítica, onde vigora o princípio da não-contradição. Matte-Blanco denominou-o *modo de ser*

*heterogêneo divisor*: heterogêneo porque diferencia objetos e divisor porque os individualiza. É a dimensão do *Tu e Eu*. Por outro lado, ou melhor dizendo, em outra dimensão, está o modo de ser que “pensa” a “língua” do inconsciente. Então como descrevê-lo em nossa linguagem consciente? Deparamos, assim, exatamente com a dificuldade que estamos tentando expressar: a tentativa de falar das características impensáveis da lógica inconsciente conforme as interpretamos mediante nossa lógica consciente. O que podemos quase afirmar é que sua característica fundamental é a ausência do princípio de não-contradição. O inconsciente é essencialmente contraditório e como consequência na sua lógica não existe ordenação de tempo ou espaço, não há distinção entre o antes e o depois, entre o dentro e o fora. Lógica que busca elementos comuns, generaliza, forma conjuntos, classes cada vez mais amplas na busca de uma totalidade cujo limite é o zero e o infinito – O, como diria Bion. Um exemplo: A mulher amada exprime cada uma e a totalidade das mulheres: a mãe, a irmã, a filha, a amiga, a deusa, todas as mulheres do mundo. As relações transcendem os objetos particulares em direção a uma transferência totalizante com toda *penumbra de associações* – expressão de Bion – que este objeto desperte em nós; *cadeias significantes* para Lacan ou *conjuntos infinitos* para Matte-Blanco, que denominou esse modo de ser de *homogêneo indivisível*. É a dimensão do *Nós*.

Por admitir a contradição, a lógica inconsciente eleva ao infinito as relações possíveis entre seus objetos; a lógica consciente reduz as relações possíveis a um número finito de relações não contraditórias. É importante frisar que a polarização aparentemente dualística em dois modos de ser ideais é apenas uma formalização matemática que nos ajuda a pensar o que se configura como um contínuo multi-dimensional cuja lógica é uma *bi-lógica*. Diferentes proporções de duas lógicas irreconciliáveis num determinado nível de realidade, mas cujo sentido emerge numa outra dimensionalidade do *ser*. Contraponto dialógico

de razão e emoção através das regras contraditórias da arte infinita. Os modos de ser propostos por Matte-Blanco não devem ser pensados como essências reificadas do ser humano, mas como um campo mutante de essencialidades lógicas – numa simplificação dualista para fins didáticos, uma bi-lógica que determina todo nosso engendramento do *sentido das coisas*.

Estamos num concerto. Ouvimos a música de tantas maneiras diferentes, permitindo-nos transitar pelo contínuo infinito de nossos modos de ser. Assim, podemos situar-nos historicamente enquanto ouvimos: é uma sonata da fase madura de Beethoven; podemos analisar teoricamente a estrutura da composição; avaliar e comparar a interpretação do solista ou da orquestra; nos ligarmos à sonoridade do Stradivarius, na postura do pianista, naquela linda morena na segunda estante das violas, no gesto do maestro. Ou, embalados pela música podemos devanear planos futuros ou repensar emoções passadas, e também, por que não, dormir, sonhar... Ou mesmo preparar comentários brilhantes para esgrimir no intervalo. E podemos, de repente, ser totalmente tomados, esquecermos tudo que já sabemos e *sermos* a Música. Desaparecem todas as mediações e a música é tão nossa quanto do compositor, do intérprete, da *humanidade*.

Quem ouve em nós uma missa barroca a oito vozes? Essa polifonia onde oito diferentes linhas melódicas se interpenetram dentro de regras harmônicas que resultam numa apreensão totalizante, esteticamente prazerosa a nossos sentidos? Certamente não é apenas a escuta consciente, limitada por uma seletividade narrativa. É uma outra escuta com infinitas possibilidades simultâneas. O exercício de escuta e a experiência acumulada enriquecem essa apreensão e nos permitem transitar com mais facilidade entre a apreensão do conjunto das vozes e cada voz em particular. De certa maneira *editamos* a música ao nosso gosto; podemos fixar a atenção, fazer realçar em nós a linha dos baixos ou fugazes duetos de sopranos e contraltos. Reelaboramos em nós a dinâmica criando fortes e pianos *ad li-*

de certa maneira editamos a música  
ao nosso gosto; podemos fixar a  
atenção, fazer realçar em nós a linha  
dos baixos ou fugazes duetos de  
sopranos e contraltos

*bitum*. Nossa escuta é um instrumento musical onde a obra se completa. Já na música contemporânea somos convidados a abandonar os padrões harmônicos reaseguradores e correremos o risco do novo, do desconhecido: a entrega a essa estranha beleza que às vezes parece nos agredir. Quando transitamos dessa audição polifônica abrangente para uma audição linear concentrada, através de um esforço de atenção, estamos transitando entre nossos dois modos de ser, do inconsciente para o consciente, ou vice-versa. Reitero: dois modos de ser como representação dualista simplificada de um contínuo com infinitos modos de ser. Nossa escuta psicanalítica transita entre cintilações de polifonia e melodia.

Do texto indispensável (mimeo): “Fundamentos de um novo pensar musical”, de H.J. Koellreutter, grande músico e pensador planetário, tão brasileiro quanto europeu, transcrevemos as seguintes definições:

A – Prefixo grego denominado Alfa privativo. Dá idéia de transcendência, privando o conceito de seu valor absoluto. Não é contrário nem conforme; o alfa-privativo incorpora a um determinado conceito outro de maior abrangência. Ex. Atonal, Amétrico, Arracional.

*Arracional (alfa-privativo)* – Que não é contrário nem conforme ao racional; que transcende o racional. Incorpora as formas do pensamento tradicional (racional e irracional) em um pensar integrador.

*Atonalidade (a = alfa-privativo)* – Princípio de estruturação musical que transcende o da





*o que eu falo a meus parceiros  
no jogo do inconsciente?*

*Respondo provocativamente:*

*“Falo o que me vem  
à cabeça...”*

tonalidade, ou seja, que integra o princípio tonal em uma ordem sintática mais ampla.

*Aconsciente* [paráfrase minha] – Que não é contrário nem conforme ao consciente. Transcende o consciente. A lógica *aconsciente* integra a lógica *consciente* em uma ordem sintática mais ampla.

∞

60

PERCURSO 40 : junho de 2008

Retomando a contribuição de Freud à história do conhecimento pela postulação do *inconsciente* como um outro nível de realidade, talvez o termo que melhor explicita a intenção freudiana seja *A-consciente*, onde o prefixo *A*, alfa-privativo, conota um sentido de *além*, de *transcendência*. Ou seja, não um prefixo *In* que conote negação no mesmo nível de realidade mas o prefixo *A* apontando para além do nível de realidade consciente. Um *aconsciente* onde o que é contraditório para a lógica aristotélica consciente vive uma conciliação abrangente através da característica fundamental do inconsciente freudiano: a ausência do princípio de não-contradição. Este é o ponto de partida da obra inovadora de Ignacio Matte-Blanco: a busca das leis estruturantes dessa outra lógica, contraditória e paradoxal, que ele denominou *lógica simétrica* e que, associada à nossa lógica habitual consciente, nos engendra como seres *bi-lógicos* ou *bi-modais*: diferentes níveis de realidade ou *modos de ser*.

O racional e o irracional são fatores do pensar tradicional consciente. O *inconsciente* é *arracional*, *transcende*. Isto nos ajuda a pensar a insistência de Bion em torno do Novo, do Desconhecido. O *novo*, o *desconhecido*, o *futuro* são essencialmente arracionais e nossa única es-

perança de comunicação com eles é o in (a) consciente arracional. O resto é *Passado*, domínio do consciente racional-irracional. Do infinito fluxo de possibilidades *aconscientes* criamos uma singular linha narrativa consciente. Como num misterioso milagre, ambos os códigos convivem em nós e sua harmonização pode propiciar o estado de espírito conhecido como *ser feliz*. Nosso desafio como psicanalistas na atualidade é *nos permitirmos pensar contraditoriamente*. Deixar-nos envolver, fascinar, perder, ganhar, por essa outra *lógica alógica*. Arriscarmo-nos a *perder a Razão* confiando no in (a) consciente. Ele sempre estará *lá* expandindo e propiciando sentidos mais generosos e abrangentes aos nossos “pequenos” dramas cotidianos.

O que eu falo a meus parceiros no *jogo do inconsciente*? Respondo provocativamente: “Falo o que me vem à cabeça...”

Talvez algum colega se indigne imaginando algum vale-tudo ou análise selvagem. Não é bem isso e vou tentar fundamentar minha atitude, pois o que falo decorre dessa atitude. Em primeiro lugar, reparem que eu disse “Falo o que me vem à cabeça”, e não “Falo tudo que me vem à cabeça”. A idéia básica é dizer o que vai me ocorrendo por associação-livre na interação com meu analisando antes mesmo que a minha censura consciente recorte e retoque essas mensagens já inevitavelmente “re-conscientizadas” do meu inconsciente, e através deste as mensagens *inconscientes* de meu parceiro. Quando disse que falo o que me vem a cabeça, o fiz de forma propositalmente incisiva e genérica para enfatizar a idéia, mas na verdade, esse “dizer tudo” ser-me-ia impossível na realidade prática por duas razões principais: a primeira é que o nosso processo de atenção consciente é muito lento para acompanhar nossa avalanche habitual de “pensamentos *inconscientes*”, o que torna indispensável aplicar-se um recorte reducionista a essa trama infinita de sentidos *inconscientes* para reduzi-la a uma fala narrativa linear e finita, embora possivelmente poética. A segunda razão é que não existem dois analisandos ou parceiros iguais, e

o mesmo parceiro muda continuamente ao longo do processo-jogo; afinal, é isso exatamente o que esperamos que suceda numa análise. Então, à medida que meu parceiro vai introjetando as regras fluentes e particulares do jogo psicanalítico, mais livre vou me sentindo para me entregar à *atenção-flutuante-associação-livre*, fundamento básico do jogo. Falei em regras particulares porque cada dupla engendra suas próprias regras particulares apoiadas em regras mais gerais, que são o assim chamado método psicanalítico. O analisando capta meu jeito de funcionar, de jogar, de ser, mesmo porque procuro deixar isso o mais claro possível. A partir de um acolhimento sincero, nosso parceiro pode ir participando do jogo, jogando à sua maneira, arriscando suas próprias interpretações, tímidas de início e aos poucos mais confiantes e até ousadas. Já dizia Freud que a resposta do analisando que o deixava mais convencido de suas próprias interpretações era: “Sabe que eu nunca pensei nisso, isso nunca me ocorreu?”. A interpretação que me parece ideal, acrescento, é quando é o meu parceiro quem diz algo que me faz pensar: “Puxa, eu nunca tinha pensado nisso!”. Imerso no jogo, tento entregar o problema ao inconsciente, após terem se esgotado as alternativas oferecidas pelo consciente racional, para o qual as contradições são quase insuportáveis. Então, enquanto coleciono fatos dispersos e seus desdobramentos no tempo, tento esvaziar a cabeça de pensamentos e deixar que *nosso* inconsciente, *nosso* outro modo de ser, perlabore a questão com sua infinita capacidade de tolerar contradições, percorrendo infinitos caminhos simultâneos dos quais algum se revele em nossa consciência como algo novo e criativo: *um fato selecionado, algo que nunca tínhamos pensado antes*, mesmo porque incorpora um outro código lógico, uma trama impensável que abre possibilidades novas que podem exigir mudanças catastróficas, rupturas de campo, quebras de preconceitos e pressupostos longamente estabelecidos, uma abertura do leque de possibilidades. Não se trata de abdicar à racionalidade indispensável, mas tão-somente

»  
*o analisando pode tolerar,  
está emocionalmente preparado  
para ouvir o que me vem à cabeça?  
A atitude psicanalítica praticamente  
se confunde com sua ética*

procurar reequilibrar algumas polaridades primordiais: razão – emoção, erudição – intuição, consciente – inconsciente.

A expressão “fato selecionado” foi criada pelo grande filósofo e matemático Henri Poincaré, como uma expansão dos métodos tradicionais dedutivos e indutivos da matemática. Nesses métodos o raciocínio pode ser explicitado em forma narrativa – isto decorre daquilo, por exemplo. Com Poincaré, ganha respeitabilidade científica a captação intuitiva de uma configuração totalizante que empresta sentido a uma série de fatos aparentemente dispersos: um *insight*, um fato selecionado. Bion se utilizou da expressão para se referir à captação intuitiva do sentido abrangente das falas de um analisando, mais além de um raciocínio dedutivo ou indutivo usual consciente, de certa forma desligando-o para permitir uma captação inconsciente totalizante.

Claro que surge a questão ética: o analisando pode tolerar, está emocionalmente preparado para ouvir o que me vem à cabeça? A atitude psicanalítica praticamente se confunde com sua ética. Se pensarmos uma certa ética como produto datado de uma certa cultura numa certa época e circunstância, como uma tentativa solidária de harmonizar as relações humanas em determinada contingência histórica, podemos observar que seu congelamento temporal acaba transformando essa ética viva num código de leis restritivas e dogmáticas: um código moral cristalizado. *A moral é uma ética congelada*. Já a ética é impermanente – ela se constitui a cada nova experiência, o que nos remete a uma proposição de Bion: “Aprender com a experiência



*talvez isso tenha a ver  
com a tirada espirituosa  
de Bion antes de uma palestra:  
“Estou curioso para saber  
o que vou falar hoje!”*

emocional” de cada momento vivido e com o que este nos ensinar. Para aprender com ela, é preciso nos defrontarmos e aceitarmos a verdade mutante do momento fugaz – *a verdade do puro presente* – pois a verdade propicia o crescimento e a mentira nos deteriora. A busca dessa verdade é um dos princípios básicos da ética psicanalítica, mas é preciso não esquecer que “verdade sem compaixão é crueldade”. Penso que a diferença fundamental entre ética e moral – e provavelmente o que as caracteriza – é que a moral nos dispensa, ou mesmo impede de pensar; outros já pensaram por nós e limitamos então a aceitar confortavelmente uma regra convencional no passado – ainda que no nosso passado – e muito possivelmente já caduca. Já a ética nos obriga a pensar, e esse pensar pode desvelar realidades incômodas e conflituosas que provocam sofrimento psíquico. Um exemplo real que me foi contado na época por um engenheiro que participou da execução da obra: durante os anos plúmbeos da ditadura militar, o governo contratou obras de manutenção naquele prédio enorme, pesado e então sinistro, do ministério da guerra. Entre outras coisas, pintaram o saguão de entrada e os bancos que se perfilavam ao longo das paredes internas. Naquela noite, o oficial de dia, encarregado da rotina do “quartel”, transmitiu as ordens regulamentares à nova guarda que entrava e entre essas a de não permitir que ninguém sentasse nos bancos – evidentemente por razões éticas contingentes, para evitar que se estragasse a pintura ou mesmo a roupa dos sentantes. O fato é que a ordem foi sendo retransmitida a cada mudança de guarda e por anos e anos os bancos deixaram de exercer

sua função precípua: acolher visitantes cansados, ou seja, a ética virou moral; o motivo ético caducou no dia seguinte, mas a restrição moral permaneceu, tão absurda quanto o clima de desconfiança e terror que a produziu.

A atitude psicanalítica praticamente se confunde com sua ética. Existe então uma “censura consciente” necessária, um crivo de compaixão que me faz pensar, ainda que o menos possível, antes de falar, porém percebo que cada vez mais compartilho com meu parceiro as imagens que vão me ocorrendo antes mesmo que eu possa compreendê-las, e com isso correr o risco de saturá-las, e à medida que meu parceiro entra no jogo, tantas vezes me surpreendo ao ouvi-lo interpretar-se, ele mesmo, a partir da imagem que eu lhe comuniquei. E eu: “Uau, então era isso que aquela imagem estava tentando me dizer!”. Por outro lado, é muito comum eu começar a falar visando simplesmente apontar alguma dessas imagens inacabadas que me ocorrem e quase inadvertidamente eu ser conduzido por minha própria fala em direção a coisas, possíveis interpretações, que eu nem tinha cogitado quando abri a boca. Tantas vezes sou surpreendido pelo que acabo de me ouvir falar: “Quem está falando?”. Talvez isso tenha a ver com a tirada espirituosa de Bion antes de uma palestra: “Estou curioso para saber o que vou falar hoje!”. Confesso que me apropriei da blague – é exatamente assim que me sinto antes de falar, seja numa palestra ou numa sessão. Embora diferente, essa vivência tem algo de parecido com a sensação que às vezes sinto ao tocar no cello uma peça que eu domine bem, Bach por exemplo. Olho meus dedos correndo sobre as cordas em tempos impensáveis, me ouço tocando e me pergunto: “quem está tocando?”.

Tenho procurado observar como se dá a entrada de novos parceiros no jogo do inconsciente. Alguns parceiros, pertencentes a um grupo limitado que eu chamaria área psi ou público interno, já nos chegam com uma adesão prévia à psicanálise, um desejo de estar de acordo com ela e seu representante privile-

giado, seu analista, que torna mais imediata a entrada no jogo do inconsciente, embora esse desejo possa também estimular a formação de um conluio de “falsos-selves” psicanalíticos. Com os “outros” é indispensável que possamos propiciar, preparar e aguardar o momento em que estejam prontos e dispostos a entrar no jogo. Com nossa colaboração, nossos parceiros no jogo captam aos poucos as sutilezas de suas impermanentes regras tácitas. A finalidade última do jogo, seu *goal*, é intuir o sentido do encontro emocional dos parceiros no *campo transferencial transconsciente* – é lá que o jogo se desenrola. Para tentar chegar lá utilizamos nosso precário instrumental linguageiro mesmo sabendo que as palavras nos levam apenas até o portal desse campo impenetrável para elas. E é no encontro da dupla nesse campo inefável que se dá a *experiência mutativa* através de rupturas em nosso campo consciente racional individualista. A proposta de Strachey sobre interpretação transferencial mutativa, tão inovadora em 1934, hoje amplia infinitamente suas possibilidades com os desenvolvimentos contemporâneos da teoria da complexidade: *no campo do pensamento complexo tudo é transferência*. Ou seja, toda e qualquer experiência emocional vivida na relação analista-analisando (ou qualquer relação emocional humana) é potencialmente mutativa, pois tudo entre eles se dá no campo da transferência. Quando Pedro e Paulo falam sobre qualquer coisa, estão falando *inconscientemente* de Pedro e Paulo.

Penso que é fundamental que nossos analisandos, mormente os jovens, se sintam participantes do jogo, que sejam informados de suas regras mutantes, e se sintam autorizados, co-autores do que se cria entre nós. A partir daí, as próprias resistências podem ocupar seu devido lugar na estratégia do jogo, mas sabemos que em muitos casos elas podem impedir totalmente o próprio início do jogo; cada dupla tem sua própria temporalidade. Parece-me que um

3 L. C. Figueiredo, “A questão do sentido, a intersubjetividade e as teorias das relações de objeto”, p. 79-88.

penso até que existam duas  
pré-concepções primordiais:  
a pré-concepção de  
verdade e a pré-concepção  
de humanidade

grande medo dos jovens é perder a capacidade de brincar, mas *o inconsciente só brinca*, e portanto o jogo do inconsciente é para ser brincado continuamente numa adolescência atemporal que jamais termina: a eterna busca da verdade. Isso porque a finalidade do jogo é justamente a *busca da verdade* – não a verdade “revelada” ou “canonizada”, mas a verdade sempre nova, descoberta na emoção da pura presença. Isto parece-me um bom resumo em uma única linha das *concepções criativas* de Bion. *Verdade como algo que faz sentido no contexto*. Cito um fragmento de Luis Claudio Figueiredo: “A nós interessa a *atividade de fazer sentido*, deixando de lado a suposição de significados depositados em alguma parte, sedimentados, disponíveis e decifráveis. A ênfase é no processo de ir fazendo sentido, um processo eminentemente criativo. Quando o sentido se cristaliza ou é recebido ou tomado de forma cristalizada, o processo se interrompe e a criatividade se estiola”<sup>3</sup>. A busca dessa verdade essencial é tão importante para a sobrevivência psíquica (e portanto física) que poderíamos imaginar uma *pré-concepção de verdade* no ser humano, *pré-concepção pensada* no sentido bioniano como uma expectativa filogenética inata. Penso até que existam duas *pré-concepções primordiais*: a *pré-concepção de verdade* e a *pré-concepção de humanidade*. A *pré-concepção de humanidade* é a expectativa inata do ser humano de ser acolhido no seio da humanidade, de ser aceito como parte integrante da colméia humana para nela construir sua singularidade: o social e o individual – social-ismo e narcisismo nos termos bionianos – se mesclando como



*confiar no inconsciente produz  
conseqüências em nosso modo  
de pensar o Mundo, o Cosmos  
que nos inclui*

opostos complementares. *A humanidade é nosso sonho compartilhado.*

Penso que a maior contribuição das idéias de Matte-Blanco à minha atividade terapêutica, quer com meus parceiros, quer comigo mesmo, é a possibilidade que se abre de *eu sentir o meu inconsciente*. De certa maneira estou sugerindo a vivência de sentirmos nosso inconsciente como um modo de ser saudável em si mesmo e não apenas quando ele “dói” em conseqüência de um desequilíbrio, uma desproporção com nosso outro modo de ser consciente. Como produto dessa percepção intuitiva de mim mesmo eu passo a *confiar cada vez mais no Inconsciente*. Entregando-me à *atitude ética psicanalítica* descrita acima, deixo que os estímulos, inevitavelmente mediados pelo modo de ser consciente, transitem o mais livremente possível pela matriz infinita, matriz primordial do inconsciente; minimizo a memória e as tentadoras conexões racionais e aguardo com *paciência bioniana* que meu modo de ser inconsciente me encaminhe algo à cabeça: “aquilo que me vem à cabeça”. Me entrego a esse exercício prático vivido no limiar do risco, e minha vivência prática tem me convencido de que *posso confiar em “nosso” inconsciente*. Confiar no inconsciente produz conseqüências em nosso modo de pensar o Mundo, o Cosmos que nos inclui. Certamente a idade e a experiência de vida – quando nos dispomos a aprender das experiências emocionais vividas – são fatores importantes nesse processo que poderíamos chamar de sabedoria. Digo muitas vezes que após certa idade a sabedoria é quase uma obrigação, mas a generosidade que a acompanha é sempre uma nova conquista.

Esta qualidade particular de sabedoria que tento descrever nos permite abrir mão – ao menos muito mais que em tempos anteriores de nossa vida – do nome das coisas, de classificações reducionistas, de avaliações comparativas, e assim relativizarmos o bem, o mal, o certo, o errado. Como conseqüência, podemos acreditar que tudo que lemos, estudamos, pensamos, sentimos, vivemos, recebe uma outra catalogação no nosso sistema inconsciente, e se aceitarmos essa outra ordem lógica abrangente e multidimensional, esse nosso outro modo de ser, o inconsciente nos devolverá o que esperamos. Tudo que li e estudei está lá: para citar algumas luminárias no campo psicanalítico: Freud, Ferenczi, Klein, Lacan, Winnicott, Kohut, Bion, etc. *ad infinitum*. Deixo ao inconsciente  $\infty$  a tarefa de fundilos e articulá-los; ele, *isto*, é muito mais sensível à nossa realidade compartilhada com o outro, o Outro, o Tao, o Cosmos. De passagem, penso que a frase lapidar de Lacan, o inconsciente é estruturado como uma linguagem, poderia ser mal interpretada se tomarmos como modelo de linguagem a nossa linguagem consciente. Como Freud e Matte-Blanco, entre outros, deixaram muito claro, trata-se de uma outra linguagem, uma outra lógica, uma a-linguagem que transcende nossa capacidade sensorial de acessá-la. Isto não escapou a Lacan, que, segundo relato de J. Alain-Miller, se interessou no fim da vida pelo trabalho pioneiro do grande matemático brasileiro Newton da Costa sobre *lógicas paraconsistentes* ou – com alguma perda do rigor matemático, mas um ganho de compreensão intuitiva – *lógicas contraditórias*. Provavelmente o mesmo tipo de lógica que predomina no que chamamos o protomental, que nos é inacessível através apenas da razão mas passível de acesso através das emoções afetivas ou, em uma palavra, do *amor*.

A expressão “o que me vem à cabeça”, essa modalidade de livre associação, ganha então um outro status epistemológico: o que me vem é a cristalização mutante de tudo que aprendi na vida e que se permite *transformar* ao conta-

to com o outro. Essa transferência mutativa se dá no encontro dos inconscientes de analista e analisando num campo momentaneamente comum aos dois. Uma volta às origens comuns, um arriscado mergulho no proto-mental através de uma interpretação intuitiva ética-estética que propicie uma transformação terapêutica mutativa. O que era só meu já não é mais, já se impregnou da experiência emocional vivida com o outro e eu mesmo já sou outro. Ou seja, *a psicanálise é um processo contínuo de desaparecimento do ego*. Abrir mão de certezas e incertezas e simplesmente *ser*; e confiar que isso é o melhor que podemos fazer em nosso complexo ofício quântico. Nesse campo psíquico caótico, uma função de onda probabilística se particulariza, se concretiza na partícula fugaz do momento emocional vivido; mas simultaneamente permanece onda – “*contrária sunt complementa*”, como definiu o físico Niels Bohr, retomando Heráclito: a luz é simultaneamente onda e partícula. A partir das revelações da teoria do caos o termo *caótico* perdeu sua conotação original de desorganização absoluta e ganhou um novo sentido de organização que abrange a ordem e a desordem. Como metaforizou Bion, sonhamos perenemente no sono e na vigília, mas assim como as estrelas são invisibilizadas pela luz do sol, o sonho de vigília é, em princípio, invisível, mas ninguém duvida da permanência das estrelas durante o dia, como partes indiscutíveis de nosso mundo interno: nós podemos senti-las lá. Talvez algo semelhante com o modo de ser inconsciente: podemos senti-lo lá. E aqui. Isso. O que temos a perder? Nossos grilhões: o ego e sua racionalidade arrogante. Basta nos entregarmos às contradições e aos sonhos, e para os ainda céticos, lembro Einstein que dormia com o problema e acordava com a solução sonhada.

Venho desenvolvendo as idéias contidas nesse texto há alguns anos, ao longo dos quais tive oportunidade de apresentá-las e discuti-las com colegas em diferentes contextos, e a par-

»

*talvez algo semelhante com o modo de ser inconsciente: podemos senti-lo lá. E aqui. Isso. O que temos a perder? Nossos grilhões: o ego e sua racionalidade arrogante*

tir dessas trocas vou remontando-o continuamente. Recentemente encontrei um exemplo expressivo do que eu descrevo como *falar o que (me) vem à cabeça* numa fala de César Botella na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo em que ele conta como Sara Botella, diante de um garoto incomunicável, pensa repentinamente – “sonha” – a palavra lobo, sem saber por que mas sem se impedir de pronunciá-la: *lobo!*. E de repente os inconscientes dela e do garoto se encontram no terceiro analítico (Ogden) e a comunicação se abre. E é em Ogden que encontro ressonâncias entre o que ele denomina “*talking as dreaming*” – falar como sonhar – e o que eu chamo “falar o que vem à cabeça”. Mas essas relações serão tema de outro ensaio.

Uma pequena introdução às idéias de Ignacio Matte-Blanco

Adaptação do texto “Utopias pragmáticas e resistências previsíveis” de Ignacio Gerber, *in A educação transdisciplinar III*.

*O Inconsciente Emocional – um outro nível de realidade*

Citamos Matte-Blanco: “No infinito está o esquizofrênico e o inconsciente da matemática mas também a poesia”<sup>4</sup>.

E é na anti-linguagem do esquizofrênico, na transcendência da linguagem poética, na matemática contraditória do infinito, nos sonhos e devaneios, que Matte-Blanco vai buscar as leis estruturantes desse código misterioso e esqui-

4 I. Matte-Blanco, *Thinking, feeling and being*, p. 85.



*o homem trágico está dividido entre dois modos de ser irreduzíveis que, numa analogia química, não se combinam mas podem se misturar em proporções variáveis e mutantes*

66

PERCURSO 40 : junho de 2008

vo, a lógica do Inconsciente. O Inconsciente da primeira tópica, o primeiro modelo de aparelho psíquico proposto por Freud e do qual ele jamais abriu mão totalmente: dois topos, dois territórios, o consciente e o inconsciente. Um Inconsciente substantivo, com I maiúsculo; não um inconsciente adjetivo, como apenas uma qualidade mas como uma instância e, mais além, como um modo de ser do ser humano. Diferentemente do nosso modo de ser consciente ao qual temos acesso direto através de sua lógica não contraditória que nos é habitual, esse outro modo de ser inconsciente se atém a uma lógica própria, radicalmente diversa e inapreensível diretamente. O homem trágico dividido entre dois modos de ser irreduzíveis que, numa analogia química, não se combinam mas podem se misturar em proporções variáveis e mutantes. Partindo de seus efeitos apreensíveis, ou seja, as características do Inconsciente conforme descritas por Freud no seu livro *A interpretação dos sonhos*, e valendo-se de um instrumental teórico que abrange a lógica simbólica, a psicanálise e a matemática, Matte-Blanco deduz as leis estruturantes da lógica inconsciente, leis que determinam as características fenomênicas descritas por Freud como sua consequência lógica.

Como se diferenciam esses dois modos de ser a partir de suas lógicas constituintes? Nosso modo de ser consciente se atém à lógica clássica, aristotélica, bivalente. Uma lógica racional, não contraditória e finita que individualiza, relaciona e ordena seus objetos (as coisas). Por isso Matte-Blanco denominou-o modo de ser divisor. Já a lógica inconsciente não obedece à lei de não contradição, fundamento da lógica científi-

ca. Isto lhe permite liberdades impensáveis para nosso raciocínio usual, tais como deslocamentos, condensações, atemporalidades, ausência de negação, contradições absurdas, pensamentos impensáveis, a linguagem imagética dos sonhos.

Outro princípio fundante dessa lógica estranha é que ela generaliza todo e qualquer objeto individual. Ela associa e eventualmente equaciona um objeto a todos os conjuntos ou classes que podem contê-lo. Como exemplo, um determinado colega seria generalizado em classes cada vez mais gerais, do tipo: classe dos psicanalistas, dos terapeutas, dos brasileiros, dos americanos, dos homens, dos animais... dos seres cósmicos... Ou seja, esse indivíduo é generalizado pelas associações livres que cintilam nessa rede de conjuntos infinitos; redes inumeráveis de inumeráveis cadeias significantes. Tudo a que o objeto individual se ligar por contigüidades metonímicas ou semelhanças metafóricas. Matte-Blanco denominou o modo de ser que se atém a esta a-lógica inconsciente de modo de ser indivisível. É o território do infinito, do ilimitado, do inefável, onde tudo tem a ver com tudo. Lugar de absoluta contemplação da própria infinitude, da totalidade indivisível.

Sua lógica não pode existir a não ser associada ou contida de alguma maneira pela lógica clássica do nosso outro modo de ser, pois ela por si só eliminaria qualquer relação lógica possível e por isso ela nos é inapreensível, impensável. Podemos tão-somente captá-la através de suas interferências na nossa lógica habitual consciente: sonhos, atos falhos, expressividades emocionais. É importante frisar que estas lógicas, a rigor, não podem existir isoladamente; só podem ser pensadas como uma oposição complementar, algo como o Yin-Yang, o que nos remete a uma tradição de pensamento que passa por Lao-Tsu, por Heráclito e Niels Bohr. Elas constituem um campo de possibilidades probabilísticas envolvendo proporções relativas, misturas aleatórias dessas duas lógicas que se repelem e se atraem numa simultaneidade pa-

radoxal. Ou seja, em estado puro elas são pólos teóricos virtuais de um campo complexo. Na nossa vivência, aparecem sempre misturadas em proporções variáveis, tecendo uma bi-lógica anaclítica. Indo mais adiante, Matte-Blanco praticamente equaciona inconsciente com emoção e consciente com razão (sempre pensados como pólos virtuais de um campo contínuo). Ou seja, as emoções obedecem a uma lógica emocional e, como tal, contraditória, potencialmente infinita e irreduzível à outra lógica racional, não contraditória e finita do sistema consciente. Num ensaio anterior aventei a alternativa do nome Aconsciente, onde o prefixo *in*, que denota negação num mesmo nível de realidade, é substituído por *a*, do prefixo grego alfa privativo que conota um sentido de além de, de transcendência para um outro nível de realidade, uma outra dimensão lógica. Se aceitarmos como hipótese de trabalho que as estruturas bi-lógicas são onipresentes mas apresentam-se com diferentes condições de equilíbrio harmônico, a proposta freudiana: “Onde estava o ID estará o EGO” se transmuta exatamente na busca de um equilíbrio harmônico e vital entre nossos dois modos de ser.

Podemos pensar o modelo de aparelho psíquico proposto por Matte-Blanco a partir de Freud como um contínuo multidimensional com diferentes proporções do modo de ser consciente, racional, divisor e do modo de ser inconsciente, emocional indivisível. Dentro desse contínuo existirá uma faixa ou configuração de “normalidade”, ou senso comum, ou neurose média estatística, ou como queira se chamar, que preserva um certo equilíbrio entre a luta racionalizada pela vida e as experiências emocionais vitais, nossos conhecidos princípios de realidade e prazer. Vemos que esse modelo problematiza a relação razão-emoção e privilegia a experiência emocional como a verdadeira natureza do ser humano. Talvez os vínculos racionais se cristalizem por um processo de automatização dos vínculos emocionais (algo como energia móvel em energia ligada, para usar expressão de Freud). Por exemplo: uma conta certa  $2 + 2 = 4$

»  
*como disse Matte-Blanco, se nosso  
consciente fosse capaz de captar  
as infinitas mensagens simultâneas  
do nosso inconsciente,  
este não seria inconsciente*

produz uma experiência emocional de paz, de verdade. Já uma conta errada  $2 + 2 = 5$  produz “automaticamente” uma sensação de inquietude, de mentira.

No seu texto póstumo “Abriss der Psychoanalyse”, referência final obrigatória para as dúvidas que as idéias de Freud ainda suscitam, ele diz:

Após longas hesitações e vacilações decidimos assumir a existência de apenas dois instintos (trieb) básicos. Eros e o instinto destrutivo. [...] A meta do primeiro é estabelecer unidades maiores e preservá-las assim – em resumo, unir; a meta do segundo é, pelo contrário, desfazer conexões e assim destruir coisas. (destruir o sentido das coisas?)

Por outro lado já vimos que o modo de ser inconsciente indivisível multiplica exponencialmente os vínculos possíveis de sentido em direção ao infinito. Já o modo de ser consciente desfaz todos os vínculos que não atendam às necessidades pragmáticas do momento; ele seleciona um recorte que esteja dentro de suas limitadas capacidades de percepção, pois só consegue pensar seguindo uma única linha narrativa, de modo a evitar contradições. Enfim, o ego consciente como o mecanismo de defesa primordial coloca limites apreensíveis às infinitas possibilidades do Inconsciente, cortando vínculos para manter a vida. Como disse Matte-Blanco, se nosso consciente fosse capaz de captar as infinitas mensagens simultâneas do nosso inconsciente, este não seria inconsciente. Ora, pois!

Parecerá estranho relacionar o sistema inconsciente com Eros, pulsão de ligação e o sistema consciente (o ego consciente) com Thanatos,

pulsão de desligamento? Lembremos que Eros está ligado à sobrevivência da espécie e poderíamos pensar no amor indivisível do Inconsciente (coletivo como propôs Jung?) como amor ao próximo, à humanidade, um social-ismo (como Bion chamou esta pertinência a humanidade) que vai se articular com o narcisismo para moldar o amor imperfeito como o conhecemos, produto de uma bi-lógica: o código lógico da individualidade e o código trans-lógico da humanidade numa relação de oposição-complementar. Como disse Heráclito: Viver de morte, e morrer de vida. Vida e Morte: a harmonia radical do Cosmos que nos contém.

A hipótese da constituição bi-lógica do conjunto mente-corpo do ser humano, dois modos de ser com diferentes códigos lógicos, leva a

pensar em dois sistemas perceptivos. Um deles programado para a captação, atenção, apreensão de relações racionais e outro para relações emocionais. Reitero seu funcionamento complementar, o jogo do recalçamento freudiano passando pela desproporção harmônica ou mesmo pela cisão entre razão e emoção (em termos freudianos, representação e afeto), entre os nossos dois modos de ser. É importante reiterar que os dois modos de ser do ser humano só podem ser compreendidos como permanentemente associados, não existindo separadamente a não ser como pólos virtuais didáticos de um campo mutante de configurações racionais-emocionais, um contínuo com diferentes proporções de ambos – um modelo simultaneamente monista e dualista.

68

O jogo do inconsciente – falando o que me vem à cabeça : Ignacio Gerber

#### Referências bibliográficas

- Bion W.R. (1962). *Learning from experience*. London: William Heimemann.
- \_\_\_\_\_. (1970). *Attention and interpretation*. London: Tavistock Publications.
- Figueiredo L.C. (2006). "A questão do sentido, a intersubjetividade e as teorias das relações de objeto", *Revista Brasileira de Psicanálise*, Vol. xxxix.
- Freud S. (1900). *The interpretation of dreams*, S. E., Vol. iv e v.
- \_\_\_\_\_. (1933). *New introductory lectures on psychoanalysis – Lecture xxix*, S.E., Vol. xxii.
- \_\_\_\_\_. (1938). *Constructions in analysis*, S. E. Vol. xxiii.
- \_\_\_\_\_. (1938). *An outline of psychoanalysis*, S. E. Vol. xxiii.
- Gerber I. (1999). "De Freud a Bion, por los caminos de Lao-Tsu", *Revista Psicoanálisis*, Asociación Psicoanalítica de Buenos Aires, Vol. xxi, n. 3, Buenos Aires.
- Gerber I.; Resende A. M. (2001). *A psicanálise atual na interface das novas ciências*. São Paulo: Via Lettera.
- \_\_\_\_\_. (2005). "Utopias pragmáticas e resistências previsíveis", *Educação e Transdisciplinaridade III*. São Paulo: Triom.
- Kollereuter H. J. *Fundamentos de um novo pensar musical* [mimeo].
- Matte-Blanco I. (1975). *The unconscious at infinite sets*. London: Duckworth.
- \_\_\_\_\_. (1988). *Thinking, feeling and being*. London: Routledge.
- Ogden T. H. (2007). "On talking – as – dreaming", *International Journal of Psychoanalysis*, Vol. 88, p. 575-89.
- Schiller D. (1994). *The little zen companion*. New York: Workman publishing.

#### The game of the unconscious: saying what comes to my mind

**Abstracts** Since Freud, analysts have searched for attitudes which may favor contact with their own unconscious, as well as with the unconscious of other people. This has been a great challenge to our practice. In the present paper, the author exposes how he tries to cope with it in his clinical practice.

**Keywords** Matte-Blanco; unconscious; infinite; bi-logic.

Texto recebido: 11/2007

Aprovado: 02/2008

# O primado do masculino em xeque

Flávio Carvalho Ferraz

**Resumo** O trabalho reapresenta o problema do primado do falo na teoria sexual freudiana, buscando articular, do ponto de vista epistemológico, a produção teórica psicanalítica com as determinantes culturais que lhe subjazem. Para discutir o tema, apóia-se em duas fontes distintas e heterogêneas: a primeira é o trabalho crítico de Joel Birman, que demonstra a influência da ideologia do patriarcalismo sobre as teorias sexuais freudiana (descrevendo a trajetória desta problemática no interior do pensamento freudiano) e laciana; a segunda é a inversão feita por R. S. Stoller na teoria freudiana da identidade sexual, propondo, contrariamente a Freud, que a construção da posição masculina é um caminho mais longo e tortuoso do que o da posição feminina.

**Palavras-chave** feminilidade; falo; gênero; posição masculina; posição feminina; teoria freudiana do sexual.

**Flávio Carvalho Ferraz** é membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e livre-docente pelo Instituto de Psicologia da Universidade de São Paulo; autor de *Tempo e Ato na Perversão* (Casa do Psicólogo), entre outros. Este trabalho foi apresentado na *II Jornada Temática Interlocações sobre o feminino na clínica, na teoria, na cultura* (Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, maio de 2007).

O que se desprende da obra de Freud como uma *teoria do feminino* encontra-se constantemente definido pela justaposição com algo a que se poderia chamar de *teoria do masculino*. Ambas podem ser construídas, até certo ponto, interpretativamente, pois se constituem como uma certa teoria apenas quando se reúne um conjunto de diversas afirmativas que perpassam a obra freudiana em diversos momentos, e sobre esse material dá-se a tarefa de atribuição de um sentido coeso e coerente. Mas aí, então, o sujeito da tarefa já se faz presente com todos os seus *a priori* teóricos e morais.

Para o presente trabalho, gostaria de fazer algumas poucas reflexões sobre o sentido mais amplo e as conseqüências das construções freudianas sobre o feminino e o masculino, que, até certo ponto, foram corroboradas por Lacan e sua escola. Em seguida, procurarei cotejá-las a uma outra forma de construção teórica sobre os gêneros que, de certo modo, se lhes contrapõe.

De todo modo, a pergunta que organiza o material teórico escolhido para análise e traduz o problema que ora interessa é: estaria a formulação de uma teoria psicanalítica isenta dos determinantes culturais e ideológicos sob os quais ela é engendrada? Se essa pergunta é válida para qualquer tópico que se eleja de uma teoria vasta, penso que ela é particularmente dramática para o caso de uma teoria da sexualidade e dos gêneros. Senão vejamos.



a pergunta que faço é simples e direta: essa seqüência de assertivas, articuladas em rede e hierarquizadas logicamente, pode se sustentar no tempo e no espaço?

## Freud e a negatividade do feminino

O discurso de Freud é preñado de afirmações que definem o feminino pela falta ou pelo negativo, e que têm por conseqüência a colocação da mulher em um lugar secundário em relação ao homem. Por vezes, ele chega até mesmo a fazer referências pouco lisonjeiras à mulher e sua condição. Mas não esconde o fato de que julga conhecer pouco sobre o universo do feminino (o *continente negro*, como o chamou) e confia às analistas mulheres da primeira geração da psicanálise a tarefa de trazer à luz descobertas mais acuradas sobre o assunto<sup>1</sup>.

Sem pretender fazer aqui um levantamento sistemático ou exaustivo que demonstre esta assertiva, menciono aqui, apenas por alto, alguns pontos que permitem fazê-la:

1. A libido, em si mesma, teria um caráter masculino<sup>2</sup>;
2. O pênis é o órgão designado pela positividade, enquanto a vagina, descrita pelo negativo, tem como referente maior a falta do pênis, isto é, transforma-se no emblema da castração<sup>3</sup>;
3. Em decorrência desta falta, a mulher, pouco tendo a perder, não mantém o mesmo nível de relação com a lei, como fazem os homens; isto significa que seu superego não porta o mesmo grau de exigência moral que o dos homens<sup>4</sup>;

4. O pênis, redescrito ou ressignificado pela teoria como *falo*, tem, para o menino, o máximo valor; por razões narcísicas, ele, o menino, renuncia ao desejo incestuoso a fim de livrar-se da castração de que é ameaçado. Para a menina, resta a *inveja do pênis*<sup>5</sup>;

5. A posição masculina, que teria um traço de primariedade, constitui-se de modo quase direto, ao contrário da feminilidade, que desenha um caminho tortuoso e arriscado para constituir-se<sup>6</sup>;

6. Por *masoquismo feminino* entende-se aquela forma de masoquismo mais visível nos homens que se entregam eroticamente a maus tratos, por assimilarem inconscientemente o ato de *apanhar* ao de *ser cuidado*, numa regressão à posição infantil; deste modo, o *feminino* estaria inextrincavelmente associado ao *infantil*<sup>7</sup>;

7. Por fim, se a associação dos homens entre si produz o laço que possibilita a construção da cultura, a mulher, representando a sexualidade em seu resíduo biológico, requisita o homem para fins eróticos e, assim, faz-se de óbice da maior criação humana, a civilização, produto da sublimação da homossexualidade masculina<sup>8</sup>.

Ora, a pergunta que faço é simples e direta: essa seqüência de assertivas, articuladas em rede e hierarquizadas logicamente, pode se sustentar no tempo e no espaço? Ou seria ela tributária de uma visão de mundo impregnada pelo patriarcalismo?

Uma das alternativas que às vezes se erigem para justificar o primado do masculino busca hipóteses de cunho supostamente biológico para afirmar-se. É quando deparamos com argumentos que tentam *naturalizar* a superioridade do homem sobre a mulher, tais como: a maior força muscular do homem, a *perfeição* do corpo masculino (como no ideal grego), a beleza e a exuberância do macho em algumas espécies animais etc. Mas sustentar tais posições hoje em dia fica cada vez mais difícil, uma vez que conhecemos à exaustão as ciladas preparadas por artifícios semânticos que buscam *naturalizar* sentenças que só existem no registro da lingua-

gem, tentando conferir-lhes o caráter de constatações extra-lingüísticas.

Assim, a *verdade* que se enuncia nada mais é do que um discurso intencional que, a pretexto de se pretender resultado de uma investigação científica *neutra*, desvela-se como discurso ideológico com *efeito performativo* sobre os sujeitos a que se dirige, isto é, não comunica simplesmente algo, mas altera os estados internos desses sujeitos; transforma-os. Essa forma de se estabelecer a verdade foi desmascarada por diversas vertentes do pensamento, como a teoria

»

*Birman disseca e critica o discurso psicanalítico sobre o feminino partindo da constatação da perplexidade dos psicanalistas, diante da realidade da psicopatologia contemporânea*

- 1 S. Freud, (1933) “Conferência xxxiii: Feminilidade” (“Novas conferências introdutórias sobre psicanálise”).
- 2 Freud afirma, nos “Três ensaios sobre a teoria da sexualidade”, que “a libido é invariável e necessariamente de natureza masculina, ocorra ela em homens ou em mulheres e independente de ser seu objeto um homem ou uma mulher” (p. 226). Em nota de rodapé acrescentada em 1915, esclarece que *masculino* referia-se à atividade, e que *feminino* à passividade. Este seria o significado dos termos mais útil para a psicanálise. Mas, para além desta acepção dos termos, ele afirma que há aquela biológica (mais simples, por dizer respeito ao sexo biológico) e a sociológica, que “recebe sua conotação da observação de indivíduos masculinos e femininos efetivamente existentes” (p. 226n). É interessante manter em consideração esta última acepção do termo, pois, embora ela não seja por excelência a *psicanalítica*, ela corrobora a demonstração, que será feita mais à frente, de que aquilo que se toma por feminino ou masculino em uma cultura transcende a determinação do sexo biológico, e põe em cena, no plano da linguagem, elementos que compõem o gênero, definidos então como *masculinos* ou *femininos*.
- 3 Esta noção, que perpassa praticamente toda a obra de Freud, se explicita no artigo “A dissolução do complexo de Édipo”.
- 4 Ver Freud, “Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos”; ver também Freud, “Feminilidade” (Conferência xxxiii das “Novas conferências introdutórias sobre psicanálise”), texto em ele afirma que “o fato de que as mulheres devem ser consideradas possuidoras de pouco senso de justiça sem dúvida se relaciona à predominância da inveja em sua vida mental” (p. 164).
- 5 Ver Freud, “A dissolução do complexo de Édipo”; ver também o artigo “Algo mais que um brilho fálico: considerações acerca da inveja do pênis”, de Ana Maria Sigal, no qual a autora faz um estudo crítico aprofundado deste tema.
- 6 Idem.
- 7 Ver Freud, “O problema econômico do masoquismo”.
- 8 Ver Freud, “O mal-estar na civilização”; ver também Freud (1933), “Feminilidade” (Conferência xxxiii das “Novas conferências introdutórias sobre psicanálise”), onde se lê: “Também consideramos as mulheres mais débeis em seus interesses sociais e possuidoras de menor capacidade de sublimar os instintos, do que os homens” (p. 164).
- 9 L. Wittgenstein, “Investigações filosóficas”.
- 10 Sobre o ponto de vista da pragmática da linguagem, remeto o leitor ao livro *A ética e o espelho da cultura*, de Jurandir Freire Costa.
- 11 J. Birman, *Arquivos do mal-estar e da resistência*, p. 99.

crítica e a pragmática da linguagem, esta tendo como inspiração fundante a teoria dos *jogos de linguagem* de Wittgenstein<sup>9</sup>.

### Perspectivas críticas

A *pragmática da linguagem* demonstra como uma verdade será sempre uma verdade *sob descrição* em uma linhagem de pensamento que une, na formulação de seus fundamentos, William James a Wittgenstein<sup>10</sup>. Isto significa que não haverá simplesmente uma *verdade universal* passível de ser enunciada, mas que sua própria enunciação partirá de um campo semântico previamente definido: um *a priori* constituído de acordos lingüísticos prévios – crenças –, dentro de um campo cultural situado num determinado tempo/espço. Assim, para encerrar a consideração sobre este ponto, sem me estender para além do que ele merece, basta concluir que nada nos permite, hoje em dia, postular uma superioridade do masculino alegando bases biológicas.

Birman<sup>11</sup> disseca e critica o discurso psicanalítico sobre o feminino partindo da constatação da perplexidade dos psicanalistas, e particularmente daqueles da vertente lacaniana, diante da realidade da psicopatologia contemporânea. Ele nos convoca a pensar sobre o que está em questão na construção do próprio discurso psicanalítico, deixando provisoriamente de lado



*sintomaticamente,  
se a nova nomenclatura  
escolhida por Lacan atenuou  
concretudes, ela não apagou  
o rastro que a liga  
à sua origem*

72

PERCURSO 40 : junho de 2008

a lógica interna a esse discurso, para jogar luz sobre as coordenadas políticas, históricas, ideológicas e éticas que sustentaram sua formulação. Isso significa “deslocar-se de um quadro teórico de referência centrado na epistemologia e na história das ciências para se voltar decididamente para uma perspectiva genealógica”.

Ainda de acordo com Birman, de uma leitura possível do trabalho de Lacan – particularmente de sua parte inicial – deduz-se que o mal-estar na modernidade assentava-se na fragilização da figura do pai: seu retorno a Freud foi marcado, entre outras características, pela insistência na posição estratégica do falo e do Nome-do-Pai dentro do discurso psicanalítico. Tal posicionamento mantém, então, para a psicanálise, o imperativo de fortalecer a imago paterna do sujeito, de modo que a imago materna, em sua preponderância, associar-se-ia à perversão e à transgressão da lei. Marcar o Nome-do-Pai como significante-exceção na cadeia de significantes pode levar, entre outras consequências, à reafirmação da relação de *hierarquia* entre as condições masculina e feminina. Daí a fórmula *A mulher não existe*, assim enunciada de forma jocosa, para dizer que o *significante mulher* não pode existir.

Penso que uma das consequências desta linha de pensamento é que, diante das modificações estruturais pelas quais passam a família, os papéis sociais do homem e da mulher, enfim,

o regramento das sexualidades, as novas configurações só possam ser vistas como perversão, delinquência ou loucura, pois escapam à lógica fálica do discurso analítico e assim vão, automaticamente, alinhar-se às estruturas psicótica ou perversa. Para simplificar: o mundo vai se tornando *errado* e a psicanálise se mantém *certa* em seu poder diagnóstico, quer das pessoas, quer da cultura. Não é por outra razão que na França, quando se fala, por exemplo, da homoparentalidade, a oposição mais ferrenha à possibilidade de sua oficialização provenha de instituições tão díspares com a Igreja Católica e a psicanálise laciana!

É curioso esse efeito, pois Lacan procurou exatamente elevar o discurso psicanalítico a um patamar em que as referências à concretude das figuras de *pai* ou de *mãe*, tributária do discurso freudiano, dessem lugar a figuras teóricas purificadas de tal materialidade, que pudessem ser encaradas mais como funções do que como objetos restritos a este ou àquele gênero. É assim que se passou a falar em *função paterna*, *função materna*, *Nome-do-Pai* etc. Trata-se de uma grande operação sobre a teoria psicanalítica, que ampliou sobremaneira o horizonte de incidência do seu discurso. Deste modo, o complexo de Édipo, antes descrito sob o vértice da família burguesa e ocidental, pôde ganhar uma aplicabilidade universal, por não mais referir-se a figuras demarcadas de pai e mãe, mas por dizer respeito a elementos estruturais de toda e qualquer cultura, tais como *lei* e *linguagem*<sup>12</sup>. Tal ampliação dos horizontes se verifica, ainda, pela proposição de uma extensão do *Nome-do-Pai* para *Nomes-do-Pai*, operação que deixa claro que o conceito não se aplica ao pai *stricto sensu*.

Entretanto, sintomaticamente, se a nova nomenclatura escolhida por Lacan atenuou concretudes, ela não apagou o rastro que a liga à sua origem: o conceito de *Nome-do-Pai* foi batizado com o nome do pai, assim como se deu com a *metáfora paterna*. E o conceito de *falo*, que se distanciou do pênis a ponto de romper o contato significativo com o órgão se-

xual masculino, manteve o termo que o define não só como representação figurada do pênis, mas que, mais que isso, remete ao caráter de *veneração* do mesmo como símbolo da virilidade e da fecundidade<sup>13</sup>.

Nasio<sup>14</sup> explicita essa contradição, mostrando como, na teoria lacaniana, o conceito de *falo* não se refere ao pênis, mas designa um significante particular, distinto de todos os outros, que significa tudo o que tem a ver com a função sexual. É um regulador do gozo que carrega esse nome em razão da “primazia que a psicanálise confere à experiência da castração no desenvolvimento da sexualidade humana”. Mas de que castração se trata? Poderia esse conceito ser compreendido à margem de sua ligação inexorável com aquilo mesmo que Freud já definia como tal: a perda do pênis pelo menino, como punição perpetrada pelo pai por seu desejo sexual pela mãe? É claro que se alega à saciedade que não se trata disso. Mas se o falo lacaniano se refere a uma abstração que pode assumir diversas configurações na vida fantasmática de um sujeito, por que restringi-lo a tal termo? Eis aí o elo indissolúvel com a idéia original do conceito.

A propósito, Nasio<sup>15</sup> esclarece que “a primazia do falo não deve ser confundida com a suposta primazia do pênis”, e que “o elemento organizador da sexualidade humana não é, portanto, o órgão genital masculino, mas a *representação* construída com base nessa parte

12 Outro exemplo deste tipo de avanço conceitual rumo a uma abstração maior foi a adoção do termo *gozo*, que conferiu um lugar psíquico ao que, em Freud, era *energia*, palavra chamada ao vocabulário psicanalítico não propriamente como metáfora, mas na condição de fiadora de sua *cientificidade*. Com o emprego desse termo, Freud apostava na idéia de que, em última instância, todos os fenômenos psíquicos acabariam por encontrar explicações na biologia, na física e na química, princípio este necessário a tudo que se queria *científico* de acordo com as exigências epistemológicas de então; ver P. -L. Assoun, *Introdução à epistemologia freudiana*.

13 A. Houaiss; M. S. Villar, *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*.

14 J.-D. Nasio, *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*, p. 31.

15 J.-D. Nasio, *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*, p. 33.

16 P. R. Ceccarelli, “Configurações edípicas da contemporaneidade: reflexões sobre novas formas de filiação”, p. 94.

»  
a prevalecer a lógica  
falocêntrica, portanto,  
fica a psicanálise forçada  
a situar-se na contramão das  
movimentações da modernidade e  
da pós-modernidade

anatômica do corpo do homem”. Todavia, essa idéia não escapa à afirmação do primado do masculino, antes pelo contrário. Mesmo que não se trate do pênis, mas de sua representação, o primado do masculino permanece intacto. É o mesmo autor que prossegue dizendo que “a prevalência do falo significa que a evolução sexual infantil e adulta ordena-se conforme esse pênis imaginário – chamado falo – esteja presente ou ausente no mundo dos seres humanos”. Portanto, a dialética da presença e da ausência repousa sobre o falo (*pênis imaginário*) e não sobre qualquer outro atributo, como o seio, por exemplo.

O risco contido na operação de “designar o significante organizador da ordem social de Nome-do-Pai”, como observa Ceccarelli<sup>16</sup>, é o de que, “em Nome-do-Pai, e como que para preservar o culto milenar da figura paterna, a psicanálise erija-se como defensora da autoridade paterna, vendo na sua ausência a explicação de todos os males”. Ora, como negar que esta é uma consequência ideológica da escolha vocabular?

A prevalecer a lógica falocêntrica, portanto, fica a psicanálise forçada a situar-se na contramão das movimentações da modernidade e da pós-modernidade. Nada restaria senão reduzir as conquistas feministas e, mais recentemente, a afirmação da identidade gay, a categorias psicopatológicas perversas, fundadas na recusa. Até quando haverá alguém que afirme algo como a



*Stoller não privilegia, como Freud, o investimento sexual primário como determinante da posição sexual primária: o que importa é a posição identificatória inicial*

*mulher não existe? Ou que julgue a homossexualidade como uma forma de psicose, como alguns já chegaram a fazer no afã de validar a qualquer custo uma teoria?*

74

PERCURSO 40 : junho de 2008

#### A subversão stolleriana

Vejamos agora, a título de ilustração das possibilidades do pensamento psicanalítico, um exemplo de uma formulação que procurou subverter a ordem freudo-lacaniana para conferir ao seio um lugar semelhante ao que o falo vinha ocupando na teoria.

Robert Stoller<sup>17</sup>, psicanalista norte-americano que atuava como pesquisador sobre os gêneros na Universidade da Califórnia, propôs uma outra forma de se compreender o complexo de Édipo freudiano, por meio da qual produziu uma inversão das afirmações de Freud sobre os avatares da constituição da identidade sexual do menino quando comparados aos da menina<sup>18</sup>.

Para o que interessa aqui, cabe dizer, sucintamente, que Stoller inverteu a tese freudiana de que a feminilidade da menina é um destino identificatório cujo caminho é mais longo e tortuoso do que aquele verificado no caso da masculinidade do menino.

Para Freud, o primeiro objeto de amor é sempre a mãe, independente do sexo do bebê.

Portanto, o menino já se encontra, de partida, na posição heterossexual, enquanto a menina, partindo de uma posição homossexual, teria, para atingir a feminilidade, de levar a cabo uma dupla mudança: a primeira seria a *objetal* (abandonando o investimento libidinal sobre a mãe para dirigi-lo a uma figura masculina) e a segunda seria a da *zona erógena*, quando o clitóris (visto como órgão correlato ao pênis e, portanto, pertencente à sexualidade masculina original da menina) deve ceder lugar à vagina.

Stoller não privilegia, como Freud, o investimento sexual primário como determinante da posição sexual primária: o que importa é a posição identificatória inicial. Se, para Freud, a relação objetal resulta do desejo, para Stoller ela decorre da identificação. É curioso como, na escola winnicottiana, algo semelhante se enuncia<sup>19</sup>. Christopher Bollas<sup>20</sup>, por exemplo, afirma que a identificação do infante com a mãe se dá antes que esta possa ser por ele representada como um outro. Portanto, trata-se de uma relação objetal que não pode emergir do desejo, mas de uma “identificação perceptiva do objeto com sua função: um objeto como um transformador ambiente-somático no sujeito”.

Segundo o ponto de vista de Stoller, então, tanto o menino quanto a menina estariam originariamente identificados com a mãe. Assim, para o menino, atingir a masculinidade implica separar-se dela, rompendo a unidade mãe-filho. As condições para que tal processo ocorra de maneira equilibrada são dadas pela atitude materna: se a mãe força uma intimidade exagerada com seu filho, isso pode significar que ela está interpondo um obstáculo à formação de sua identidade masculina.

Tal modo particular de pensar a formação da identidade sexual, como parece claro, opõe-se a postulações centrais da teoria sexual de Freud. Em Stoller, não há primazia do pênis, mas do seio e da capacidade procriativa da mulher. No lugar da importância atribuída por Freud ao pênis, são os atributos femininos aqueles que uma criança deseja, primariamente, possuir. Dentre

as várias conseqüências desse modo de pensar, está a conclusão de que os homens, quando em fantasia atribuem um pênis à mulher, não o fazem para negar a inferioridade dela, mas sim a superioridade.

Já a menina, originalmente identificada à mãe, não teria necessidade de fazer mudanças tão drásticas rumo à obtenção da feminilidade. Para o menino, entretanto, existe a necessidade de uma *desidentificação* que é altamente ansiógena. Se ele permanece preso à identificação materna, não pode atingir a masculinidade, destino identitário altamente idealizado pela cultura. A obrigação de obter a identidade masculina, assim como o conseqüente medo de fracassar nessa empreitada, são tais que o menino realiza esta travessia com um alto nível de angústia<sup>21</sup>.

### A falácia da naturalização

Pode-se alegar que a referência ao seio em Stoller incide no risco de sua *naturalização*, fato que mereceria uma crítica semelhante à que fazemos à *naturalização* da primazia do falo em sua forma estrita de pênis. Contudo, cumpre lembrar que a referida primazia do seio decor-

17 R. J. Stoller, *Perversion: the erotic form of hatred*.

18 Para maiores detalhes sobre o pensamento de Stoller, particularmente no que concerne à formação da identidade sexual, remeto o leitor a dois trabalhos em que tratei de sua obra: o artigo "A erotização do ódio na perversão" e o capítulo 4 do livro *Perversão*.

19 Na verdade, nada há de coincidência nestes pontos de vista, pois podemos verificar as referências cruzadas entre Stoller e autores da corrente winnicottiana, mormente Masud Khan, no que toca ao tema da sexualidade.

20 C. Bollas, *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não-pensado*, p. 29.

21 São as possíveis falhas neste trajeto que o menino deve fazer que, segundo Stoller, explicam por que a perversão é mais comum nos homens.

22 Sobre esta noção apriorística do *dever estar*, ver L. Pitliuk, "Um mal-estar no feminino".

23 Utilizo aqui a idéia de *percepto* como o oposto do conceito, ou seja, como objeto da percepção, sem referência à realidade ou à coisa em si à qual corresponde; o *percepto* não diz respeito ao ato ou à faculdade de perceber algo, mas sim à representação que resulta de uma dada percepção; A. Lalande, *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*, p. 805.

o juízo que o infante estabelece em relação à presença ou à ausência do seio articula-se, portanto, com a ordem da necessidade e da frustração

re da consideração ao registro da *necessidade*, precursor do registro do *desejo*. O juízo que o infante estabelece em relação à presença ou à ausência do seio articula-se, portanto, com a ordem da necessidade e da frustração. Podemos arriscar a suposição de que tal ordem de juízo antecede uma outra que se baseia não no regime da frustração (em que se situa o *complexo de Édipo precoce*, de Melanie Klein), mas em outro tipo de consideração sobre a oposição presença/ausência. Esta última, propriamente edípica, dirá respeito àquilo que *não está lá, mas que deveria estar*<sup>22</sup>. Esse juízo, que depende de um *a priori* inscrito pela cultura (o *deve estar*) é o que se efetuará quando a criança puder desligar-se do seio para dirigir-se ao pênis paterno. Mas aí já será um juízo decorrente de uma aprendizagem moral, possível no plano da linguagem, e secundária ao juízo de presença/ausência calcado estritamente na economia da satisfação da necessidade.

É por essa razão que a atribuição de universalidade ao pênis só pode situar-se no âmbito da linguagem, condicionada a uma inscrição *a priori*. Nesse sentido, ela obedece à mesma lógica da psicologia do preconceito. A operação psíquica que leva ao pensamento imperativo *todos devem ter pênis* é da mesma ordem daquela que levará à conclusão de que *todos devem ser de tal cor ou tal religião*. Em ambos os casos, aquele que não cumpre tal requisito será considerado como inferior.



*não se nomeia, como ato  
resultante de uma percepção,  
aquilo que já não fora antes delimitado  
como categoria perceptiva pela  
linguagem*

76

PERCURSO 40 : junho de 2008

Portanto, há uma pressuposição aprendida que antecede e condiciona a percepção e, *a fortiori*, a interpretação do valor do *percepto*<sup>23</sup>. Até mesmo processos corporais podem ser significados como *prazerosos* ou *desprazerosos* por uma atribuição de juízo, ou seja, sem vinculação com algo que se supõe intrínseco a eles próprios e que se situa fora do domínio da linguagem, isto é, como realidade supostamente extra-lingüística.

Uma das formas mais requintadas de se afirmar a superioridade do masculino sobre o feminino não recorre à suposta naturalidade biológica, mencionada anteriormente. Atribuirá à *proeminência física* do pênis a sua percepção pelo positivo, enquanto a invaginação do aparelho genital feminino dará ensejo à representação apenas sob o registro da falta<sup>24</sup>. É o que se nomeia como *corte, fenda, buraco* etc. De algum modo, essa fórmula evita encarar as determinações culturais da idéia da superioridade masculina, procurando na percepção as razões da concepção da mulher como castrada, ou seja, da definição do feminino por meio da falta ou do negativo. Esta justificativa é tão falaciosa quanto aquela que busca *naturalizar* a inferioridade pela via do biológico, visto que a percepção não é uma operação psíquica *neutra*, mas também sujeita a determinações *a priori*. Não se nomeia, como ato resultante de uma percepção, aquilo que já não fora antes delimitado como categoria perceptiva pela linguagem. É por isso, por exem-

plo, que um esquimó *vê* – e pode nomear – diversas nuances do branco que outro ser humano *verá* (*verá mesmo*, isto é, perceberá visualmente) como sendo *a mesma cor*. Dois exemplos podem nos esclarecer tal operação. Vejamos.

Uma vez, observando uma menina de menos de dois anos que olhava atenta a fotografia de um bebê do sexo masculino, nu, e o mostrava com o dedo, dizendo “nenê, nenê”, eu lhe indaguei se se tratava de um menino ou de uma menina. Ela prontamente respondeu tratar-se de um menino. Quando lhe perguntei como ela sabia disso, respondeu-me com um ar de quem pronunciava uma obviedade: “porque ele não tem xoxota!” Portanto, não parecia haver, ao menos para ela, impossibilidade de representar o órgão sexual feminino como uma positividade. Faltava-lhe um *a priori aprendido* que lhe indicasse que o menino *tem* algo que falta à menina. A vagina, apesar de sua forma anatômica não protuberante, era vista e significada como tal.

Recorro agora a um outro exemplo, que também vem da minha própria observação de uma cena. Um menino branco, de seis anos, a quem nunca fora ensinado que pessoas de uma cor são superiores às de outra, brincava com um grupo de meninos, entre os quais havia um negro. Perguntado depois por um adulto qual era o nome do menino *preto* que participara do jogo, ele não sabia a que criança a pergunta se referia. É claro que isso não decorria de um problema visual que o impedisse de discriminar cores, mas sim do fato de que ele não aprendera que era moralmente relevante diferenciar pessoas por cores e, por essa razão, não se pusera a observar e a catalogar as diferenças de cor de pele dos meninos com quem brincara.

Ora, levando em conta a transformação cultural da mulher, a psicanálise se vê inapelavelmente exigida a trabalhar mais e mais na formulação de uma linguagem que a aprofunde como uma disciplina científica, na qual a essência metapsicológica, ainda que não chegue a engendrar uma linguagem axiomatizada, purifique-se progressivamente dos vieses que a an-

coram em uma mentalidade datada – qualquer que seja o momento histórico desta datação – e se mostre estruturalmente apta a atravessar as mudanças culturais sem se perder, por exemplo, na confusão entre o que é da ordem da perversão e o que é da ordem das mudanças culturais. Para isso, creio que, quando se tratar do desenvolvimento psico-sexual, as funções tenham que prevalecer sobre os objetos, do ponto de vista descritivo.

A questão do feminino, em sua relação com o masculino, é a pedra fundamental desse desafio, porquanto, para além da biologia, o caráter que se confere ao que é masculino e ao que é feminino se situa essencialmente na *descrição* – no sentido da pragmática da linguagem – que fazemos dos termos. *Homem e mulher*, para além de suas diferenças anatômicas, são categorias que dizem respeito ao que se concebe sobre cada um no quadro social de uma dada cultura que se situa em um tempo e em um espaço dados. Tomá-las como categorias naturais ou extralingüísticas pode conduzir a graves erros. A configuração sexual de cada ser humano só poderá emergir no contexto de uma dada realidade, e os termos *masculino* e *feminino*, em cada momento em que forem empregados, apenas o serão *sob descrição*. Isso parece corresponder ao que o próprio Freud presentira, em 1915, na nota acrescentada aos “Três ensaios”<sup>25</sup>.

Quando Freud descrevia a identidade feminina como o fez, é evidente que não se referia a um ser inexistente na cultura. Ao contrário, é possível que tenha tomado com acuidade os elementos que a definiam. Por essa razão, for-

24 Ver, por exemplo, J.-D. Nasio, *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*, p. 101.

25 Ver a nota 2 acima.

26 Sobre este problema da maternidade, ver o artigo “A mulher não nasce mãe, pode tornar-se mãe: a psicanálise, o feminino e sua relação com as novas técnicas de fertilização”, de Ana Maria Sigal, no qual a autora faz uma crítica elucidativa sobre as afirmações de Freud a respeito da maternidade como destino identificatório, mostrando inclusive as nuances presentes em momentos diferentes de sua teorização; ver também o ponto de vista de Maria Elisa Pessoa Labaki (“Ter filho é o mesmo que ser mãe?”), semelhante ao que defendo aqui.

»  
*se a mulher pode hoje ser algo  
por si mesma, a partir de seus  
próprios atributos, a maternidade  
não é necessária como prótese  
que lhe confira existência  
plena como sujeito*

mulou uma teoria da feminilidade levando em conta a mulher que, de fato, entrevia, mulher que, para sanar a ferida de sua falta estrutural – castração – tinha na maternidade a oportunidade de adquirir um substituto simbólico do pênis que lhe havia sido negado. Portanto, a maternidade era o que cabia à mulher para que se equiparasse ao homem, ou seja, para que fosse *algo*. Ora, se a mulher pode hoje ser algo por si mesma, a partir de seus próprios atributos, a maternidade não é necessária como prótese que lhe confira existência plena como sujeito, e nem precisa ser encarada como saída *natural* ou *biológica* para uma mulher configurar-se como tal<sup>26</sup>.

Enfim, penso ter levantado uma série de problemas que nos exigem uma revisão dos conceitos e da linguagem psicanalítica, a fim de que nossa prática não se perca diante dos imperativos que nos fazem as mudanças culturais. O padrão que se adota para a investigação da formação da subjetividade, da sexualidade e da psicopatologia deve ser amplo o suficiente para aplicar-se não apenas às crianças nascidas nas famílias convencionais, mas também à criança institucionalizada (como há muito já se vem fazendo), sem família, criada apenas pela mãe ou pelo pai, adotada por um casal homossexual, e tudo o que podemos imaginar e, mais ainda, o que ainda não podemos sequer imaginar...

## Referências bibliográficas

- Assoun P.-L. (1983). *Introdução à epistemologia freudiana*. Rio de Janeiro: Imago.
- Birman J. (2006). *Arquivos do mal-estar e da resistência*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Bollas C. (1992). *A sombra do objeto: psicanálise do conhecido não-pensado*. Rio de Janeiro: Imago.
- Ceccarelli P.R. (2002). "Configurações edípicas da contemporaneidade: reflexões sobre novas formas de filiação". *Pulsional*, 15(161): 88-98.
- Costa J.F. (1994). *A ética e o espelho da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco.
- Ferraz F.C. (2001). "A erotização do ódio na perversão". *Percurso*, 14(26): 121-124.
- \_\_\_\_\_. (2002). *Perversão*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Freud S. (1905[1972]). "Três ensaios sobre a teoria da sexualidade". *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago; v.7.
- \_\_\_\_\_. (1924a). "A dissolução do complexo de Édipo". *Op. cit.*, v.19.
- \_\_\_\_\_. (1924b). "O problema econômico do masoquismo". *Op. cit.*, v.19.
- \_\_\_\_\_. (1925). "Algumas conseqüências psíquicas da distinção anatômica entre os sexos". *Op. cit.*, v.19.
- \_\_\_\_\_. (1930). "O mal-estar na civilização". *Op. cit.*, v.21.
- \_\_\_\_\_. (1933). "Conferência xxxiii: Feminilidade" ("Novas conferências introdutórias sobre psicanálise"). *Op. cit.*, v.22.
- Houaiss A.; Villar M.S. (2004). *Minidicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Labaki M.E.P. (2007). "Ter filho é o mesmo que ser mãe?" *II Jornada Temática: Interloquções sobre o feminino na clínica, na teoria, na cultura*. São Paulo: Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.
- Lalande A. (1999). *Vocabulário técnico e crítico da filosofia*. São Paulo: Martins Fontes.
- Nasio J.-D. (1993). *Cinco lições sobre a teoria de Jacques Lacan*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- \_\_\_\_\_. (1997). *Lições sobre os sete conceitos cruciais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Pitliuk L. (2007). "Um mal-estar no feminino". *II Jornada Temática: Interloquções sobre o feminino na clínica, na teoria, na cultura*. São Paulo: Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.
- Sigal A.M. (2002). "Algo mais que um brilho fálico: considerações acerca da inveja do pênis". In Alonso, S.L.; Gurfinkel, A.C.; Breyton, D.M. (orgs.) *Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo*. São Paulo: Escuta.
- \_\_\_\_\_. (2003). "A mulher não nasce mãe, pode tornar-se mãe: a psicanálise, o feminino e sua relação com as novas técnicas de fertilização". In Fuks, L.B. & Ferraz, F.C. (orgs.) *Desafios para a psicanálise contemporânea*. São Paulo: Escuta.
- Stoller R.J. (1896[1975]). *Perversion: the erotic form of hatred*. London: Karnac Books.
- Wittgenstein L. (1975[1953]). "Investigações filosóficas". *Os pensadores*. São Paulo: Abril Cultural.

## The primacy of masculinity at stake

**Abstract** This work addresses the problem of the primary role of phallus in Freud's sexual theory in order to consider, from an epistemological point of view, the theoretical production of Psychoanalysis in connection with its cultural determinants. To discuss this point, the author uses two distinct and heterogeneous sources. The first is the critical work of Joel Birman, which demonstrates the influence of patriarchal ideology on Freud's sexual theories and describes the trajectory of this problematic within his writings, as well as in those of Lacan. The second source is the inversion on the Freudian theory of the sexual identity effectuated by R. S. Stoller, when - in opposition to Freud - this authors suggests that the construction of a masculine position is longer and more tortuous than the acquisition of feminine position.

**Keywords** femininity; phallus; gender, masculine position, feminine position, Freud's sexual theory.

Texto recebido: 08/2007

Aprovado: 10/2007

# O que o pai tem a ver com ela?

Marli Ciriaco Vianna

**Resumo** A partir da constatação do cada vez mais freqüente comparecimento de mulheres com sintomatologia obsessiva na clínica psicanalítica, a autora se propõe a refletir sobre as causas desse aumento de incidência e relacioná-las com mudanças que ocorrem na cultura.

**Palavras-chave** pai; patriarcado; filiação; reconhecimento; modo de subjetivação; filha.

**Marli Ciriaco Vianna** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, atuante no Grupo de Transmissão e Estudos de Psicanálise e professora do curso Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea no mesmo departamento.

Há algum tempo compartilho com colegas psicanalistas uma certa surpresa em relação ao cada vez mais freqüente comparecimento na clínica de mulheres com sintomatologia obsessiva. Pergunto-me, no entanto: por que a surpresa em se tratando da psicanálise? Ora parece que são as mulheres que ficam fora de lugar ao se fazerem obsessivas, ora é a própria questão que parece impertinente. Estamos tão habituados a pensar as mulheres como histéricas e os homens como obsessivos que não questionamos o quanto há de consistência imaginária na correspondência que fazemos entre mulher e histeria por um lado e homem e neurose obsessiva por outro. Mas a equação não se sustenta apenas imaginariamente. Ela se mantém confirmada num empirismo de que a clínica continua a dar provas. Freud, embora tenha feito um movimento importante na direção de desfazê-la com o gesto teórico de afirmar que os homens também sofrem de histeria, ainda assim contribuiu para sua manutenção, já que ela compareceu inúmeras vezes sob sua pena. Sabemos bem que foi do encontro de Freud com a mulher histérica que nasceu a psicanálise e que foi ela, a histérica, que lhe indicou o caminho do inconsciente, uma vez que o sintoma histérico foi a primeira manifestação do inconsciente de que ele se ocupou. Embora não desconheçamos a contingência histórica do encontro entre Freud, a histeria e a mulher, vale mesmo assim reafirmar que para a psicanálise não existe qualquer natureza masculina ou feminina, que não se nasce homem ou mulher: torna-se. E que, para isso, um longo caminho, marcado por contingências

79

PERCURSO 40 : p. 79-84 : junho de 2008



*ser mãe foi a resposta  
predominantemente dada  
pela mulher às inquietantes perguntas  
sobre a identidade feminina*

e vicissitudes da história de cada um, precisa ser percorrido. São tais as vicissitudes históricas que marcam as subjetividades as quais pretendo interrogar para pensar nas causas do aumento da incidência de mulheres sofrendo de sintomas obsessivos na clínica atual.

Não me ocuparei por ora da questão de elas serem ou não estruturalmente obsessivas, mas dos fenômenos que se apresentam na nossa clínica cotidiana. Posiciono melhor a questão: existiriam injunções a que as mulheres estariam expostas atualmente, às quais o sintoma obsessivo se presta melhor a responder do que o sintoma histérico? E haveria algo na sintomatologia obsessiva apresentada pelas mulheres que estaria relacionado a mudanças ocorridas na esfera do pai na nossa cultura?

Para trabalhar, recuarei um pouco mais aos tempos de Freud, a fim de lembrar o tipo de injunção mais freqüente a que as mulheres respondiam com o sintoma conversivo, para então procurar chegar às vicissitudes a que a mulher contemporânea estaria submetida e a maneira pela qual contribuiriam para o tipo de resposta que ela vem dando na forma de manifestações obsessivas. Seria essa outra forma de responder à mesma pergunta de que se ocupava Freud? Resposta nova à velha pergunta sobre o que é uma mulher? Se for, a quais fatores da ordem social contemporânea essa forma de responder estaria condicionada?

À época de Freud, dores e conflitos das mulheres encontraram na conversão histérica um modo de ser dito, visto e escutado. Antes, à histeria, conhecida desde tempos imemoriais, não se atribuía qualquer mecanismo psíquico. Foi a

partir dele que a sexualidade recalcada adquiriu lugar preponderante na constituição do sintoma histérico. Momento inaugural de uma teorização que para se escrever convocou a histérica a falar – afinal não eram as mulheres históricas as que mais padeciam e denunciavam, com seu sintoma, os efeitos da moral sexual civilizada da época? Nada mais justo, portanto, do que serem elas as protagonistas de uma história que se re-escrevia, sobretudo por causa delas. Não terão sido essas as causas princeps a levá-las, mais do que em qualquer outro tempo, a fazer do corpo o palco para encenação do inconformismo com o destino que a sociedade da época lhes reservava? Não terá sido também o que contribuiu decisivamente para que a histeria tenha se reafirmado, naquele momento, como o modo privilegiado de subjetivação das mulheres?

O feminino foi, durante séculos, excluído da cultura da razão e tratado como derivado do masculino. Foi a partir de Freud que adquiriu o estatuto de enigma e passou a trazer inquietações a homens e mulheres. O caminho indicado pela cultura e trilhado pelas mulheres para responder a ele foi a maternidade. Ser mãe, portanto, foi a resposta predominantemente dada pela mulher às inquietantes perguntas sobre a identidade feminina, como uma espécie de segunda natureza que lhe dava nome e lugar. Freud, em algum momento de sua trajetória teórica, também sucumbiu ao canto da sereia, como se pode deduzir no caso Dora, ao tentar dar ao enigma uma resposta única e totalizante. Pagou as conseqüências de se deixar prender na armadilha fácil de fazer equivalência entre mulher e mãe. Mas, como já afirmei em trabalho anterior<sup>1</sup>, Freud não ficou preso a esse equívoco; ele não deixou de manter um lugar para o enigma feminino. Não confinou a mulher toda no lugar da mãe. Essa seria a meu ver uma contradição em que Freud teria incorrido, uma vez que ele mesmo fez ver que a mulher encontrou na histeria, mais do que em qualquer outra formação neurótica, um modo de expressão do desejo e de satisfação da pulsão. O filho com objeto único do desejo feminino, além de

restringir as possibilidades do destino da mulher, contradiz um dos maiores construtos teóricos da psicanálise, que afirma a contingência do objeto da pulsão e do desejo. Então: ser mãe, sem dúvida, foi uma resposta tranquilizadora encontrada e dada por muitas mulheres para a pergunta sobre o que é uma mulher. E é claro que a identificação da mulher com a mãe não respondia apenas aos anseios destas, respondia também aos anseios de uma sociedade construída sobre os pilares do patriarcado que encontrava na família as bases de sua sobrevivência. Elizabeth Roudinesco, no livro *A família em desordem*, aponta a coincidência do momento do surgimento da psicanálise com o declínio da sociedade patriarcal. A psicanálise, de acordo com essa leitura, deve seu surgimento ao enfraquecimento do pai<sup>2</sup>, já que foi graças a isso que os filhos, ainda que de maneira sintomática, puderam começar a expressar seus desejos fora do espaço privado da família, e que as mulheres, ao encontrarem em Freud a disposição para escutá-las, puderam se pôr a falar. A mulher histérica, mais do que em nenhuma outra época, deu a ver com seus sintomas os efeitos da queda do pai, ao mesmo tempo que também expressou, através deles, a esperança de manter o pai, no lugar daquele que lhe sustentasse a posse do falo.

Maria Rita Kehl<sup>3</sup>, em versão concordante com a de Elizabeth Roudinesco, entende que nesse momento – séc. XIX e início do séc. XX – nem Deus, abalado e enfraquecido pelas conseqüências da Reforma da Igreja e pelo Iluminismo, nem o monarca, destituído pelas revoluções burguesas, eram capazes de ser os ordenadores do laço social. É ao pai de família que é dado esse lugar. Para ela, o pai de família ter sido instituído como o delegado de um poder abstrato teve fortes conseqüências na direção da emancipação e do de-

1 M. C. Vianna, “Filho pra que te quero?”, p. 181.

2 Devemos a J. Lacan o desenvolvimento do conceito de pai em psicanálise nas vertentes real, simbólico e imaginário. A vertente considerada aqui é a de pai simbólico. Remeto o leitor interessado ao verbete Pai no *Dicionário introductorio de psicoanálisis laciano*, de D. Evans, p. 145.

3 M. R. Kehl, “A necessidade da neurose obsessiva”, p. 7.

»  
*Elizabeth Roudinesco aponta  
a coincidência do momento do  
surgimento da psicanálise  
com o declínio da  
sociedade patriarcal*

samparo do homem moderno. Em suas palavras: “que o pobre diabo que nos concebeu, ainda que revestido de autoridade legal, tenha sido nos séculos XVIII e XIX o que restou das grandes formações tradicionais, foi a condição inicial tanto de liberdade, quanto de alienação características da subjetividade moderna”.

Em outra passagem desse mesmo texto, nos lembra que Freud, em seu trabalho *Totem e tabu*, afirma que nas sociedades estáveis ou pré-modernas os sujeitos estavam dispensados de organizarem qualquer resposta neurótica aos conflitos, uma vez que a própria organização social se encarregava, por um lado, de formular as proibições e tabus a que todos estavam submetidos, e, por outro, de prescrever as conseqüências e sanções para as transgressões, de maneira clara e ao alcance de todos. Tais montagens sociais acarretavam um tipo de subjetividade diferente da subjetividade moderna – esta na qual o sujeito está comprometido com a tarefa de encontrar sozinho e à sua maneira o sentido de sua existência.

Não há, portanto, modo de subjetivação mais característico do que a neurose para o sujeito moderno, que nela encontrou um modo de responder aos imperativos de uma ordem social que o lançou ao *deus dará* da própria filiação, já que esta deixou de ser sustentada pelo *sangue* ou pelo pertencimento a uma casta.

A tese sustentada por muitos autores de que a neurose obsessiva seria o paradigma da subjetividade moderna obtém força nas evidências de que o sujeito moderno radicalizou o centramento sobre si mesmo, como forma de responder aos impasses a que se viu lançado pela perda das referências tradicionais. A neurose obsessiva



*Malvine Zalcberg lembra  
que ambos, menina e menino,  
recebem do pai o mesmo  
traço de identificação*

82

PERCURSO 40 : junho de 2008

foi, de acordo com esta tese, o modo normal de subjetivação na época de Freud. Ego sintônicos, os obsessivos não destoavam do pano de fundo social em que se moviam. Apenas uns poucos buscavam a escuta de Freud. Já a histeria, esta se destacava, fazia barulho com o estardalhaço de seu sintoma, numa sociedade que prescrevia o comedimento e o autocentramento para responder aos imperativos do individualismo moderno; modo de subjetivação que começava a ganhar lugar de ideal na sociedade vitoriana. Se a histeria foi, como já dissemos, a forma preferencialmente escolhida pelas mulheres na época do nascimento da psicanálise para expressarem seus conflitos e desejos recalçados, foi porque dessa forma elas se fizeram ouvir, por destoarem do universo monocromático da neurose obsessiva. Cabe ressaltar, ainda que sob risco de redundância, que se à histeria antes da psicanálise não era atribuído nenhum mecanismo psíquico, à neurose obsessiva nem sequer era dado o estatuto de neurose. Toda e qualquer manifestação obsessiva era tratada como loucura. Coube mais uma vez a Freud a repetição do gesto de retirar das manifestações do sujeito a carga psicopatológica de que eram portadoras, antes da sua escuta, para traçar a linha de continuidade entre doença e normalidade.

Retomo aqui o tema de meu trabalho, que é o de procurar saber quais seriam as causas do maior comparecimento de mulheres obsessivas na clínica atual.

Hoje, sabemos, as mulheres respondem cada vez mais a exigências que não lhes eram feitas antes. A demanda social de sucesso é cada dia mais e mais endereçada à mulher. E ela responde sem

pestanear, sedenta que está de obter o reconhecimento que lhe foi negado. Reconhecimento que, aliás, é a questão-chave da neurose obsessiva de que sofre Camille Claudel de acordo com o que propõe Alfredo Jerusalinsky em um belo e instigante trabalho a respeito da artista<sup>4</sup>. Ele a considera uma neurótica obsessiva, a despeito de inúmeras evidências contrárias, inclusive do internamento pelo período de 30 anos a que foi condenada. Sua tese é de que ela, marcada por sua condição de artista, fez do reconhecimento que esperava do pai a questão crucial da sua existência. Reconhecimento que não equivalia ao reconhecimento amoroso, demandado pela mulher histérica, que visa saber-se desejada pelo pai. Tratava-se, no caso de Camille Claudel, de um reconhecimento que só seria obtido a partir da produção da obra de exceção que o pai demandava dela, como condição de lhe dar o reconhecimento esperado. Lanço mão desse ensaio, menos para concordar com o diagnóstico do autor a respeito de Camille, e mais para me valer de algumas de suas argumentações para pensar certa posição da mulher no cenário contemporâneo. A idéia apresentada por ele, no referido texto, de que o neurótico obsessivo é aquele que recebe o nome do pai numa espécie de hipoteca, que ele terá que saldar no tempo devido, ou de que o significante filiatório recebido do pai como modo de separá-lo da mãe terá que ser validado posteriormente, parece-me valiosa para pensar a posição dessas mulheres às quais me refiro. Falo principalmente de mulheres que fazem do reconhecimento de seu trabalho e de sua produção a condição de suas existências.

Malvine Zalcberg, no livro *A relação mãe e filha*, ajuda a prosseguir: apoiada na leitura das obras de Freud e Lacan, lembra que ambos, menina e menino, recebem do pai o mesmo traço de identificação. O menino, ao longo do seu percurso de tornar-se homem, terá diante de si a tarefa de comprovar a posse do falo, a que o significante mínimo recebido do pai lhe dá direito. A menina terá a tarefa mais árdua de inventar uma feminilidade para si, já que,

nessa operação de separação entre ela e a mãe efetuada pelo pai, recebeu o mesmo significado fálico que o menino, com a diferença de que, no seu caso, este não lhe dá indício algum a respeito da especificidade de seu sexo. Para Freud, o destino feminino se resolvia a partir da identificação da menina com a mãe, e na disposição dela para encontrar, primeiro junto do pai, depois junto a um outro homem, o substituto do falo perdido, simbolizado primordialmente na forma do filho. Desse modo, na fórmula freudiana, caberia ao pai uma outra função na trajetória da filha para tornar-se mulher: entregá-la a um homem de outra linhagem, para permitir a este abrigar e usufruir de sua filha, como mulher e mãe de sua prole. Reencontramos aqui a solução clássica da mulher-mãe como destino feminino. Sabemos o quanto as histéricas se rebelaram contra ele e o quanto os movimentos feministas trouxeram de ganho e liberdade a mulheres e homens, ainda que ao preço de outras demandas e exigências.

As mulheres disputam palmo a palmo o mundo executivo com os homens e, na tarefa de conquistar e se fazer reconhecidas nesse universo masculino, se afastam da exteriorização de qualquer sinal de fragilidade atribuída ao sexo feminino com que possam ser identificadas e de que possam ser acusadas. Fizeram-se obsessivas, ainda que continuem histéricas, para responder ao que lhes é demandado nesse mundo masculino no qual elas precisam marcar presença.

Filhas da revolução, elas parecem ter tomado para si a missão de não contentar-se com um destino antes admitido às mulheres. Fizeram-se herdeiras de um legado, que as proíbe de gozar de fazer-se falo para um homem. Demandadas a assinarem a própria obra e imbuídas da tarefa de continuar o trabalho iniciado por suas mães, de consolidar o lugar da mulher na cena social, não se permitem descansar dessa tarefa. Ocupam cada vez mais uma posição subjetiva, que outrora parecia mais conforme ao desti-

4 A. Jerusalinsky, "Camille Claudel: uma neurose obsessiva feminina", p. 26.

»  
*o pai, atordoado diante  
de tantas destituições que tem  
sofrido, não parece disposto a perder  
qualquer oportunidade  
de obtenção de brilho fálico*

no masculino, de precisar ratificar o direito ao nome recebido como metáfora do falo.

O pai, por sua vez, já não deixa barato o nome dado às filhas. Não permite tão facilmente que o nome de outro homem – ainda que não haja troca de nome – venha a se inscrever no lugar do seu. Não se deixa perder, para que um outro venha a substituí-lo, no nome da filha. Para isso ele precisaria admitir a própria morte – ou sua simbolização – o que dá no mesmo.

O pai – o pobre diabo de que fala Maria Rita Kehl –, atordoado diante de tantas destituições que tem sofrido, não parece disposto a perder qualquer oportunidade de obtenção de brilho fálico, ainda quando este lhe chegue pela via da prole. As mulheres, à maneira de Camille Claudel, precisam cada vez mais dar provas de seu direito ao nome como forma de manter vivo um pai que não se dispõe a morrer – ou que não sabe. Jerusalinsky, no trabalho citado, traz uma interessante e apropriada reflexão acerca da posição do artista na cultura, que possibilita a este captar um significante em estado pré-simbólico para fazê-lo entrar no discurso e na cultura. É dessa maneira que ele entende o comparecimento do tema da morte e da guerra no trabalho de Camille Claudel: como antecipação do que ainda não se fazia notar em outras produções culturais e artísticas da época. Ainda me valendo da hipótese do autor, proponho pensar se o artista não estaria em seu drama pessoal pondo em cena e antecipando essa posição adotada pelas mulheres a que me refiro e à qual estamos nos acostumando no cotidiano da clínica. Mulheres com a mesma obsessão de fazer-se reconhecer por uma obra de



exceção, com o mesmo objetivo desesperado de obter reconhecimento no mundo corporativo. Pergunto-me se não estarão essas mulheres, através de sua sintomatologia obsessiva, dando a ver o massacre a que estão se submetendo na ânsia de um reconhecimento que cobra o preço de deixarem de fora qualquer traço de feminilidade. Pergunto-me também se não estariam se fazendo veículos do modelo e porta-vozes da denúncia do excesso a que estariam respondendo. Mas cabe aqui dizer que vítimas elas não

são, a não ser do desejo de ser o falo completante do Outro<sup>5</sup>, e penso que por quererem ocupar essa posição é que elas vão além do limite, impedindo que a metáfora paterna venha a incidir sobre elas para nomeá-las, marcando-lhes a origem e a filiação.

Isto, a meu ver, é o que lhes abriria a possibilidade de acesso a uma posição feminina, pela instauração de um vazio por onde o desejo possa circular, ao deixarem de fazer do nome um objeto fálico.

5 A vertente considerada no texto para descrever a mulher fixada ao objetivo de completar o outro é a de falo imaginário: forma utilizada por Lacan para descrever a situação da criança identificada ao que é desejado pela mãe para fazer-se desejada por esta. Faço uso do conceito para acentuar a impossibilidade de acesso ao desejo que a identificação ao falo imaginário acarreta, ao contrário do falo simbólico que, por livrar os sujeitos de se fixarem a um objeto único, possibilita a esses o acesso ao desejo próprio. O leitor interessado poderá ler acerca do conceito no *Dicionário introdutorio de psicoanálisis lacaniano*, p. 86-9.

#### Referências bibliográficas

- Evans D. (1997). *Dicionário introdutorio de psicoanálisis lacaniano*. Buenos Aires: Paidós.
- Freud S. (1905/1996). "Fragmentos da análise de um caso de histeria". In: *Obras Completas*. Rio de Janeiro: Imago. Vol. 7.
- \_\_\_\_\_. (1913/1996). "Totem e tabu". In: *Obras completas*. Rio de Janeiro: Imago. Vol. 12.
- Jerusalinsky A. (1999). "Camille Claudel: uma neurose obsessiva feminina". *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*, n. 17.
- Kehl M. R. (2003). "A necessidade da neurose obsessiva". *Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre*.
- Roudinesco E. (2003). *A família em desordem*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Vianna M. C. (2002). "Filho pra que te quero?". In: *Figuras clínicas do feminino no mal-estar contemporâneo*. São Paulo: Escuta.
- Zalberg M. (2003). *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro: Campus.

#### So, what about the father?

**Abstract** Women with obsessive symptoms have been more and more frequent in our consulting rooms. The author proposes to reflect on the cause of this phenomenon and correlates it with changes that are taking place in contemporary society and culture.

**Keywords** father; patriarchy; filiation; modes of subjectivation; daughter.

Texto recebido: 10/2007

Aprovado: 13/2008



# Belas e adormecidas: a histeria, ainda

Ana Lúcia Panachão

**Resumo** Este trabalho aborda a atualidade da histeria a partir da experiência clínica com jovens histéricas, nas quais o sintoma de frigidez revela-se em sua face contemporânea. Em resposta às exigências dos ideais de perfeição vigentes na cultura, as histéricas apresentam-se cada vez mais belas e adormecidas.

**Palavras-chave** histeria; frigidez; ideais de perfeição; contemporaneidade.

**Ana Lúcia Panachão** é psicanalista, membro do Grupo de Transmissão e Estudos de Psicanálise (GTEP) e professora do curso de Psicopatologia Psicanalítica e Clínica Contemporânea do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

Este trabalho nasceu de indagações clínicas. Escrever e falar sobre a clínica psicanalítica é sempre uma tarefa muito delicada que nos coloca diante dos limites de uma exposição, ao mesmo tempo que nos impulsiona para a possibilidade de fazer a clínica avançar. É também um trabalho que pretende reafirmar a atualidade da histeria na clínica contemporânea.

Nos últimos anos, tenho escutado um número que considero bastante significativo de jovens histéricas, entre dezesseis e vinte e poucos anos, que já ingressaram numa vida sexual ativa, em relação à qual parecem não ter questão alguma, o que me chama bastante atenção. Elas aportam com suas queixas, seus trejeitos próprios, seus matizes, que variam da exuberância nos gestos, na fala, nas roupas, até o desânimo incolor expresso nos momentos de depressão. Chegam movidas por angústias muito particulares: após uma *bad trip* – uma viagem por uso de droga – com fantasias de perseguição. Por vezes, assustadas pela insistência de idéias de morte, tanto de entes queridos quanto a própria. Algumas apresentam episódios de pânico ou estão deprimidas após uma separação amorosa, situação bastante freqüente, insones ou fóbricas. Sejam quais forem as máscaras com que se apresentam, e são muitas, vão desvelando ao longo de suas análises uma questão em comum: não têm prazer nas relações sexuais.

A partir dessas observações, proponho fazer um recorte sobre a clínica com as histéricas, destacando uma de suas faces contemporâneas: a exigência de corresponder aos ideais de perfeição vigentes na cultura, e procuro estabelecer rela-



*as histéricas do final do século XIX expressavam através de seus sintomas conversivos o conflito entre desejos inconfessáveis e a defesa contra eles*

ções entre essa exigência e o sintoma de frigidez. Embora esse sintoma não seja nenhuma novidade quando se trata de histeria, não deixa de me espantar a frequência com que tem comparecido na clínica, principalmente entre as jovens da faixa etária em questão.

Intriga-me o fato de que essas jovens, que podem circular, estudar e trabalhar tão livremente, herdeiras dos muitos benefícios da revolução sexual conquistados a duras penas por suas avós, continuem frígidas. Essa observação clínica parece não combinar com o contexto atual. As mulheres alcançaram uma grande liberdade sexual, propiciada por transformações sociais e históricas que lhes outorgaram também a possibilidade de ocupar diferentes e importantes lugares na cena social. A repressão sexual afrouxou e cedeu espaço para novas conquistas. Temas referentes a questões sexuais são amplamente debatidos por vários segmentos da sociedade, pesquisados e difundidos pelos meios científicos. Nunca se falou tanto sobre sexo, a sexualidade é amplamente exposta pela mídia. Entretanto, o sintoma de frigidez se mantém e continua a comparecer na clínica com minhas jovens histéricas, tal e qual ocorria com as histéricas do final do século XIX. A partir dessa constatação, pergunto-me: o que há em comum entre as histéricas de Freud e Charcot e as jovens histéricas que se apresentam em minha clínica hoje?

Num primeiro momento, o sintoma vai sendo contornado como se não existisse. É somente após um longo tempo de análise que essas jovens, cada uma a seu modo, começam a esboçar alguma pergunta sobre o seu não-

prazer nas relações sexuais. Essas perguntas surgem através das associações, a partir de um fragmento de sonho, de algum personagem de filme, de episódios vividos pelas amigas, enfim, pelas vias associativas próprias da expressão do inconsciente. Convidadas a falar mais sobre isso, respondem não raramente que sua vida sexual é “tipo normal” e, é no desdobramento dessa definição pronta e acabada, “tipo normal”, que vão desnudando suas dúvidas sobre o próprio prazer. Falam dessas questões com constrangimento, como que envergonhadas por terem perguntas a esse respeito, pois acreditam que já deveriam saber.

Uma dessas jovens diz que é muito bom estar com o namorado, mas não sabe se tem prazer, tem dúvidas sobre o que seria isso. Outra fala do mal-estar que sente a cada vez que transa com o namorado, por quem é apaixonada; ela não consegue evitar o pensamento de que ele só quer “comê-la”. Pergunta-se sobre o que ela é para ele, sente-se desvalorizada, como se fosse “uma qualquer”. Não sente prazer na relação sexual e diz literalmente que sua frigidez é biológica.

Essas jovens, ainda que marcadas por singularidades, compartilham aspectos bastante presentes na histeria: sentem-se desvalorizadas e inferiorizadas na comparação com outras mulheres que elegem como portadoras dos traços dignos da eleição amorosa que almejam para si. Querem ardentemente ser amadas, escolhidas, preferidas dentre todas. Querem ser únicas! Sofrem frente ao inevitável fracasso de tamanha idealização. São belas, mas invariavelmente estão insatisfeitas com sua aparência. Ao mesmo tempo que o corpo torna-se alvo de todos os investimentos destinados a capturar o olhar desejante do outro, estão adormecidas.

As histéricas do final do século XIX expressavam através de seus sintomas conversivos o conflito entre desejos inconfessáveis e a defesa contra eles. Denunciavam através do corpo a repressão sexual vigente num contexto sociocultural onde o lugar da mulher era muito restrito. Desde então, o lugar ocupado pela mulher na

cena social modificou-se muito. Nesse novo cenário, que leitura fazer do sintoma da frigidez? O que ele revela acerca dessa jovem mulher, uma vez que já não se presta ao que se prestava no tempo de suas avós?

As jovens a que me refiro não se queixam de seu não-prazer, pelo menos num primeiro momento. Queixam-se de que não são suficientemente lindas, amadas, inteligentes, magras e por aí vão. As paralisias histéricas dos tempos de Freud e Charcot deram lugar a queixas relativas a insuficiências ligadas à imagem idealizada do corpo. As histéricas parecem não ser mais como eram antigamente: elas se apresentam atualizadíssimas, desfilam cotidianamente sob novas vestes, aquelas da última moda, pois as histéricas estão sempre em sintonia com as demandas de seu tempo. Para fazer essa idéia avançar, introduzo uma citação do livro *Entre dos siglos*, de Maria Cristina Rojas & Susana Sternbach, em que as autoras sublinham a conexão entre uma determinada psicopatologia e a discursividade social:

[...] cada discurso sociocultural se acha regido pela aspiração inerente de adequar os sujeitos ao ideário em vigência, toda época histórica favorece o surgimento de patologias vinculadas à super adaptação: isto é, a adequação acrítica e absoluta aos modelos culturais predominantes. Ditas patologias, em certos graus, podem não ser visualizadas como tais, já que respondem ao esperado nessa época e lugar. Guardam por sua vez estreita relação com as problemáticas ligadas às formas de alienação próprias de cada período<sup>1</sup>.

As autoras definem assim o que chamam “protótipo são”:

[...] um conjunto de modalidades subjetivas em concordância aos ideais predominantes e portanto, estimulado e socialmente reconhecido. [...] Dito protó-

1 M. C. Rojas e S. Sternbach, *Entre dos siglos: una lectura psicoanalítica de la posmodernidad*, p. 131. Tradução livre da autora do Espanhol para o Português.

2 M. C. Rojas e S. Sternbach, *op. cit.*

3 L. Isráel, *La histeria, el sexo, y el médico*, p. 74. Tradução livre da autora do Espanhol para o Português.

»  
*o caráter psicopatológico de exaltação à beleza não é notado, uma vez que ela é incentivada como um valor narcísico*

tipo inclui uma ampla gama de traços favorecidos pela cultura, entre os quais cada sujeito poderá “optar”, incorporando alguns deles em distintas gradações, e deixará outros de lado<sup>2</sup>.

A preocupação estética em geral evidente nas mulheres apresenta-se exacerbada no discurso de minhas jovens histéricas, que ficam capturadas pelos apelos veiculados pela mídia e sustentados pelo discurso da ciência, que promete cada vez mais meios eficazes de conter a efemeridade da juventude e da beleza. O caráter psicopatológico de exaltação à beleza não é notado, uma vez que ela é incentivada como um valor narcísico, que corresponde aos ideais estéticos de perfeição, próprios da atualidade. Nesse sentido, a questão do não-prazer fica obscurecida, e dá lugar à preocupação com a imagem da boa forma.

O sofrimento psíquico aparece deslocado sob a forma de insatisfação com a imagem do corpo. O corpo todo transforma-se, então, nesse corpo-falo, maravilhoso, recoberto por todo tipo de adornos, destinados a encobrir qualquer sinal de insuficiência. “A busca de perfeição traduz, pois, a convicção da própria imperfeição. Todos os vestidos, todos os adornos tornam-se máscaras e camuflagens, condicionamentos destinados a converter em sedutora uma mercadoria em si mesmo pouco atraente”<sup>3</sup>. Num primeiro momento, o que diz respeito à frigidez aparentemente não lhes faz questão. A causa de sofrimento joga-se na imagem do corpo: “sou gorda, sou feia, minha barriga é grande, meus peitos são pequenos”. Esse corpo não está aí para dar e ter prazer: ele está para ser visto e garantir, pela perfeição da forma, o amor do ou-



*O amor da menina  
até então era devotado  
à mãe fálica do período  
pré-edípico*

tro. A beleza tem aqui uma função narcísica de sustentação do próprio ser.

Interessa-me introduzir a hipótese de que essas jovens estão coladas a um imaginário social, que lhes acena com um modelo no qual ser mulher define-se pela beleza, magreza, adornos, atividade sexual etc. Comungam da ilusão de que esse modelo, ao qual procuram conformar-se, possa dar conta de circunscrever o que é ser uma mulher. Buscam assim, arduamente, corresponder ao que lhes parece ser a resposta para aquilo que deveria ter o estatuto de interrogação sobre a feminilidade, sobre como tornar-se mulher. É como se elas não tivessem que construir seu saber sobre o sexual porque, supostamente, isso já estaria mais do que sabido. Têm acesso a todo tipo de informação sobre questões ligadas ao sexo, pelos mais variados meios, além de ter também socialmente todas as possibilidades de viver sua sexualidade com maior liberdade. É esperado delas que “fiquem”, que namorem bastante, que não demorem a perder a virgindade. Minhas jovens analisadas se referem à sua primeira vez – perda da virgindade – como uma experiência prematura, à qual cederam para não perder o amor do namorado. Ao responder a essas demandas sociais, participam de um engodo.

O legado mais original da psicanálise é o de que a sexualidade não se reduz ao genital, pois a sexualidade humana não está dada *a priori* pelo sexo biológico, e a posição sexual de um sujeito é um dever. É, para ambos os sexos, uma construção singular, efeito de caminhos pulsionais inscritos na relação intersubjetiva com o outro através das vicissitudes implicadas na travessia edípica.

No entanto, o percurso empreendido pela menina em direção à feminilidade propõe dificuldades para as quais não há contrapartida para o sexo masculino. Freud já havia afirmado em 1905, nos *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*<sup>4</sup>, que o primeiro objeto de amor, para os dois sexos, é a mãe. Mas será somente ao final de sua teorização sobre o complexo de Édipo que essa afirmação ganhará a magnitude necessária para uma melhor compreensão do que se passa com uma menina, para que esta venha a tornar-se algum dia uma mulher. No artigo “Sexualidade feminina”<sup>5</sup>, Freud sublinha a importância da pré-história edípica entre a menina e sua mãe, salientando as dificuldades que a menina enfrenta em direção à construção de sua feminilidade, uma vez que, para isso, terá que empreender duas portentosas mudanças: uma mudança de objeto, da mãe para o pai (e posteriormente para um homem), e uma mudança de zona erógena, do clitóris para a vagina, abrindo mão do prazer masturbatório, do qual desfrutava até então.

Como nada há de natural no movimento que leva a menina em direção ao pai como objeto de amor, isso só será possível às expensas de sua ligação com a mãe, da qual deverá separar-se com hostilidade, ao percebê-la castrada. O amor da menina até então era devotado à mãe fálica do período pré-edípico. A percepção da castração na mãe faz eclodir o ódio que romperá o idílio amoroso, inicialmente acalentado. Decepcionada com a constatação de que a mãe não porta o falo almejado, volta-se para o pai, na esperança de que ele possa responder-lhe sobre o enigma de seu sexo. Porém, como nos assinala Serge André em seu livro *O que quer uma mulher?*, “essa passagem compreende uma dificuldade própria ao Édipo feminino, que implica que se conserve, a título de identificação, o elemento que deve ser abandonado a título de objeto de amor”<sup>6</sup>. Tarefa nada fácil, uma vez que a menina, ao mesmo tempo que é levada a rejeitar a mãe como objeto de amor, deve identificar-se com ela para ocupar a posição feminina em relação ao pai.

As jovens histéricas a quem tenho escutado demonstram grande admiração por suas mães, descritas como mulheres independentes, ativas, produtivas, para as quais os homens parecem não estar suficientemente investidos dos atributos fálicos que, interessando à mãe, poderiam interessar à filha. Investidas de uma potência fálica necessária para fazer frente a todas as atividades a que se propõem, essas mulheres parecem coincidir com o modelo que atende às exigências da atualidade, o de que uma mulher tem que ser toda: mãe, profissional bem-sucedida, inteligente, bonita, magra e manter-se jovem, exercitar-se e ser sexualmente ativa.

Aqui gostaria de compartilhar a hipótese de que as transformações que caracterizam a vida contemporânea, que exige das mulheres um posicionamento fálico e, não raras vezes, levam-nas a prescindir da potência fálica masculina, podem dificultar ainda mais o já tortuoso processo de desligamento entre uma menina e sua mãe. Esta passagem necessária que viabiliza o acesso à feminilidade não pode se dar se a descoberta da castração materna – que é o ponto crucial de ruptura – permanecer encoberta pela imagem fálica na qual a filha fica capturada. Desse modo, a identificação se fará com a falicidade da mãe. O pai só poderá fazer sua entrada no horizonte se estiver posicionado pelo olhar desejante da mãe.

Na tentativa de corresponder ao protótipo de mulher veiculado pelo discurso social, as histéricas de hoje permanecem apartadas de seu desejo. Ao invés de manter a sexualidade como enigma, como caminho para a feminilidade, buscam escapar da angústia de não saber *adaptando-se* ao que é o modelo oferecido pela cultura. Olhando para o modelo, perdem de vista que na busca pela feminilidade as mulheres se constituem uma a uma.

Voltando ao início deste trabalho, considero que a histeria continua a ser um paradigma do modo de funcionamento do inconsciente, à

»

*minhas jovens histéricas,  
aparentemente tão livres para viver  
sua sexualidade, não sabem que  
estão correspondendo a um  
mandato da cultura*

medida que o recalcado é sempre da ordem do sexual. Sendo assim, tanto as histéricas da aurora da psicanálise quanto as jovens histéricas a quem escuto hoje encarnam a divisão subjetiva que subsiste para além das mudanças históricas, sem desconsiderar, porém, que os modos de apresentação dessas formações subjetivas não são alheios aos códigos da cultura. Então, a histerica não deixa de dar uma resposta, através de seu sintoma, à discursividade de sua época.

Mais de cem anos separam essas jovens histéricas e as que participaram da criação da psicanálise, e os sintomas continuam a interrogá-las sobre a feminilidade. Outrora, através do *corpo recortado* pelas dores e paralisias nas *Elizabeths* dos bosques de Viena. Hoje, através do *corpo fetichizado* dessas jovens que, por esse artifício, buscam encobrir a dor da castração. Elas desfrutaram de uma liberdade de movimento e parecem ter adquirido uma grande intimidade com o corpo, que expõem e desfilam. O corpo está em cena, elas não se furtam às relações sexuais, pelo contrário, elas transam. O corpo é oferecido, mas o prazer fica de fora.

Minhas jovens histéricas, aparentemente tão livres para viver sua sexualidade, não sabem que estão correspondendo a um mandato da cultura, fazendo-se imagem alienada ao modelo de perfeição que lhes é indicado, recomendado e socialmente reconhecido. Mas à medida que caminham em suas análises, o sintoma de frigidez revela-se como forma de resistir às demandas contemporâneas. Por um lado, elas se adaptam, e por outro, denunciam. Ao pretenderem encarnar a figura da mulher, supondo que sobre isso já deveriam saber, ficam sem saber sobre seu

4 S. Freud, *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*.

5 S. Freud, *op. cit.*, v. 21.

6 S. André, *O que quer uma mulher?*, p. 182.

desejo. Se elas já têm que saber, não há pergunta possível. Nessa linha não há devir, o futuro fica nublado pela exigência do já pronto, do já sabido, resumido na expressão “tipo normal”. As liberdades sociais trouxeram inegavelmente muitas vantagens, mas também produziram novas exigências. Essas transformações em si não podem dar conta de indicar o caminho para o gozo sexual feminino. O acesso a ele depende de um trabalho psíquico a ser refeito constantemente.

O sintoma de frigidez na clínica com mi-nhas histéricas vem atestar a impossibilidade de

acesso ao prazer sexual quando não há possibilidade de interrogar-se sobre a falta. Esse sintoma revela a origem sexual do recalçado e denuncia o engodo com que a imagem da boa forma vem borrar a falta que abre a via para o desejo erótico. O sintoma de frigidez denuncia as dificuldades de acesso a um gozo propriamente feminino, impedido pelos imperativos de uma sociedade regida por pautas fálicas. O trabalho de análise entra aí para operar um *furo no discurso do já sabido*, pois, se há uma coisa que posso afirmar de meu lugar de analista, é que tudo o que a sexualidade não pode ser é “tipo normal”!

## 90 Referências bibliográficas

- André S. (1998). *O que quer uma mulher?* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Freud S. (1905/1976). Três ensaios sobre a teoria da sexualidade. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. 7.
- \_\_\_\_\_. (1931/1976). Sexualidade feminina. *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud*. Rio de Janeiro: Imago, vol. 21.
- Israel L. (1979). *La histeria, el sexo y el médico*. Barcelona: Toray-Masson.
- Rojas M. C.; Sternbach S. (1994). *Entre dos siglos: una lectura psicoanalítica de la posmodernidad*. Buenos Aires: Lugar.

## Beautiful and sleeping: hysteig, as always

**Abstract** This paper springs from the author’s experience with young hysterical women, whose suffering shows the contemporary face of frigidity. Unable to cope with the ideals of perfection that characterize our epoch, they remind one of the story or the Sleeping Beauty, but even more “asleep” and “beautiful” than she was. If one wants evidence about the clinical relevance of the concept of hysteria, these cases furnish it beyond any doubt, the author argues.

**Keywords** hysteria; frigidity; ideals of perfection; contemporary times.

Texto recebido: 02/2008

Aprovado: 04/2008

# Histeria e patologias *borderline* no discurso psicanalítico

linhas tênues

Gustavo A. Ramos Mello Neto  
Viviana C. Velasco Martinez  
Ana Paula Moreira

**Resumo** Apresentamos uma análise da relação entre a histeria e os quadros *borderline*. Falamos sobre um suposto desaparecimento da histeria, ou mesmo seu agravamento “evolutivo”, e das propostas de substituição por quadros conhecidos como limítrofes (*borderline*). Apontamos os momentos em que a histeria “encontra” ou se “afasta” dos quadros *borderline* e a importância de tais momentos para a psicanálise.

**Palavras-chave** histeria; *borderline*; psicopatologia psicanalítica; teoria psicanalítica; critérios diagnósticos.

**Gustavo Adolfo Ramos Mello Neto** é professor do Departamento de Psicologia e do mestrado em Psicologia da Universidade Estadual de Maringá (UEM). Doutor em Psicologia pelo IPUSP, com pós-doutorado realizado no Laboratório de Psicopatologia Fundamental da Psicanálise da Universidade de Paris VII.

**Viviana Carola Velasco Martinez** é doutora em Psicologia pela PUCSP e professora do Departamento de Psicologia da UEM, onde coordena o Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Civilização.

**Ana Paula Moreira** é psicóloga. Formou-se na Universidade Estadual de Maringá, onde participa do Laboratório de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e Civilização.

- 1 G. A. R. Mello Neto, *Histeria e Psicanálise depois de Freud*.
- 2 B. Easser; S. Lesser, “Hysterical personality: a re-evaluation”. p. 390-405.
- 3 E. Zetzel, “The so called good hysteric”. p. 256-60.
- 4 E. Zetzel, *op. cit.*
- 5 B. Easser e S. Lesser, *op. cit.*

## Introdução

Por volta dos anos 1950, a obra de Freud passa a ser objeto de questionamento, sobretudo em seus aspectos diagnósticos, e, com ela, a histeria. Vêem-se, então, copiosas discussões em torno de qual seria o ponto de fixação pulsional capaz de produzir a histeria. Seria ele realmente fálico genital, edípiano, como queriam Freud e Abraham, ou mais primitivo que isso, talvez oral? Os autores se perguntam, ainda, se o que separaria uma neurose de uma psicose seria o ponto de fixação libidinal ou a constituição do eu. Ora, estamos, então, no auge da Psicologia do Ego nos EUA. E isso vai mais longe, perguntam-se mesmo se a histeria existe. Também se discute a conversão. Autores como Rangell, 1959 e Shalev e Munitz, 1986 (*apud* Mello Neto<sup>1</sup>) sustentam que a conversão não estaria mais tão presente na clínica, como outrora, e nem seria mais vista como específica da histeria.

Nos anos 1960, autores como Easser e Lesser<sup>2</sup> e Zetzel<sup>3</sup> propõem que sob a aparência de muitos sintomas histéricos haveria patologias mais graves e regressivas. Para eles é importante guardar a idéia de causação edípica na histeria, mas vêem nesses casos mais regredidos falsas histerias, cuja raiz seria muito mais primitiva e estaria ligada a relações duais e não triangulares (Zetzel<sup>4</sup>), especialmente com a mãe (Easser e Lesser<sup>5</sup>).



*Bedani situa em 1938  
a primeira menção à expressão  
neurose bordeline, feita pelo  
psicanalista A. Stern,  
tomando-a como narcisismo  
doentio ou hemorragia psíquica*

92

PERCURSO 40 : junho de 2008

No final da década de 1970, essa discussão irá se ampliar, a partir da preocupação de alguns autores em separar a histeria de quadros ditos *borderline*.

Mas não se trata de algo sem debate e é o que se propõe focar no presente artigo. Os resultados que apresentamos são parte de pesquisa mais ampla cujo propósito foi investigar o discurso psicanalítico sobre a histeria, produzido nos anos após Freud, com base em artigos indexados nos bancos de dados da Associação Americana de Psicologia (APA). Uma vez que uma exposição de todos os objetivos e partes desse projeto seria muito extensa, basta que se diga que durante o exame do material levantado (oitocentos resumos e duzentos artigos completos), o tema *borderline* apareceu ocupando aí um lugar importante.

### O que são os casos *borderline*?

A tentativa de dar nome a essa experiência que, na clínica, é tanto difícil de viver quanto nomear, não é tão nova como se pensa. André<sup>6</sup> considera que foi A. Stern um dos primeiros a usar o conceito de *borderline* num contexto psicanalítico, em 1945.

Mas, fora desse contexto, esta noção parece ser bem mais antiga. Bedani<sup>7</sup> nos diz que, em 1884, o psiquiatra inglês C. Hugues teria utilizado o termo *borderline* para designar um estado fronteiro entre a demência e a normalidade.

Bedani<sup>8</sup>, porém, aponta que já nos primórdios do século XIX encontramos os precedentes da idéia moderna de *borderline*. Em 1801, Pinel se referia à mania sem delírio para designar casos em que pacientes eram tomados por afetos insanos, mantendo, contudo, sua capacidade intelectual; em 1835, Prichard nomeia esse tipo de quadro de insanidade moral; Kahlbaum, a partir de 1884, descreve o que ele denomina de adolescentes hebóides, diferenciando-os da hebefrenia, que seria loucura pura; Bleuler fala de esquizofrenia latente, em 1911; Reich, em 1925, se refere a um caráter impulsivo.

Bedani<sup>9</sup>, ainda, situa em 1938 a primeira menção à expressão neurose *bordeline*, feita pelo psicanalista A. Stern, tomando-a como narcisismo doentio ou hemorragia psíquica.

Nos anos 1940, Bedani<sup>10</sup> nos mostra um panorama mais amplo. A esse respeito, Fairbairn escreve sobre mecanismos esquizóides; Zilborg, por sua vez, fala de uma esquizofrenia ambulatorial; Deutsch escreve sobre as personalidades “como se”; e Hoch e Polatin nomeiam de esquizofrenia pseudoneurótica.

Em 1953, vai-se encontrar, ainda segundo Bedani<sup>11</sup>, a definição de estados *borderline* elaborada por Knight, reunindo quadros que não podiam ser considerados como psicose, apesar do intenso comprometimento psíquico apresentado pelos pacientes. Esse autor considera que os critérios de exclusão recíproca de neurose e psicose, entre outros, seriam insuficientes para o diagnóstico, o prognóstico e as direções terapêuticas adequadas.

Em 1976, no CID-9, aparece a primeira menção do termo como esquizofrenia latente ou *borderline*; quatro anos depois, o DSM-III traz a classificação de transtorno de personalidade *borderline*, que será mantida no DSM-IV, de 1994. Em 1992, no CID-10, encontramos o transtorno de personalidade emocionalmente instável, tipo *borderline*.

Já de saída temos, pois, que uma primeira dificuldade está precisamente na definição de um quadro que possa ser denominado *bor-*

*derline*, pois não há consenso sobre o uso da palavra.

Segundo Green<sup>12</sup>, a idéia de *borderline* surge de uma necessidade clínica, em que o diagnóstico de neurose ou psicose, para um certo grupo de pacientes, não parece adequado. Corrêa Netto<sup>13</sup> afirma que o termo *borderline* designava inicialmente casos em que pacientes neuróticos se encontravam em regressão constante, rumo à psicose. Mas esse autor discorda dessa descrição e desse suposto aspecto regressivo e afirma que talvez esses pacientes passem a vida inteira à espera de uma psicose que nunca chega a se configurar.

Kernberg<sup>14</sup>, que talvez tenha as propostas descritivas mais aceitas a esse respeito, considera que o termo *borderline* designaria dois tipos de quadros. Um, denominado estado *borderline*, em que o paciente neurótico está, ainda, em processo regressivo, com momentos psicóticos e ameaça estagnar-se definitivamente numa psicose; outro, designado como “organização *borderline* de personalidade”, seria caracterizado pela presença de fortes sintomas tanto neuróticos quanto psicóticos, mas que não se pode incluir em nenhum dos dois grupos. Tratar-se-ia de um quadro estável e não de um movimento regressivo que ainda não se estabilizou. Além disso, ele faria parte de um grupo de constelações psicopatológicas – idéia compartilhada pelos já citados Corrêa Netto<sup>15</sup> e Amini & Baumbacher<sup>16</sup> –, tais como a personalidade narcísica, a personalidade infantil,

6 J. André, “L’objet unique”.

7 A. Bedani, “Breve História dos *fronteiriços*” [on line] Consulta em junho de 2007. Disponível em <http://www.org2.com.br/histborders.htm>.

8 A. Bedani, *op. cit.*

9 A. Bedani, *op. cit.*

10 A. Bedani, *op. cit.*

11 A. Bedani, *op. cit.*

12 A. Green, “Histeria e estados-limite: *quiasma*. Novas perspectivas”, p. 465-87.

13 P. Corrêa Netto, *Psicanálise dos casos limítrofes: conceituação e tratamento na clínica de hoje*.

14 O. Kernberg, “Borderline personality organization”, p. 641-85.

15 P. Corrêa Netto, *op. cit.*

16 F. Amini e G. Baumbacher, “The hysterical personality disorder: a proposed clarification of a diagnostic dilemma”, p. 501-48.

17 A. Green, *op. cit.*

»  
Kernberg, que talvez tenha  
as propostas descritivas  
mais aceitas a esse respeito,  
considera que o termo *borderline*  
designaria dois tipos  
de quadros

o falso *self*, a personalidade *como se*, personalidade paranóide, personalidade esquizóide, personalidades anti-sociais e personalidade hipomaníaca. Todos teriam em comum o fato de configurarem uma forma específica e estável de estrutura patológica do ego, sem pertencer ao âmbito da neurose, nem ao da psicose.

No entanto, acrescenta Kernberg, aspectos neuróticos marcantes nos quadros *borderline* levariam freqüentemente a que os confundam com a histeria.

### Histeria ou *borderline*?

Embora a relação entre histeria e *borderline* não pareça clara, diz-nos Green<sup>17</sup>, quando se tentam descrições clínicas mais precisas, observa-se que ambos os quadros convergem o suficiente para se poder pensar numa ligação. Essa convergência, o autor a organiza sob três aspectos: a *classificação*, a *apresentação clínica* e as *dificuldades no tratamento*, principalmente no que diz respeito à transferência e à contratransferência. Valemos dessa classificação para descrever os pontos de vista dos diferentes autores.

Vejamos.

### Classificação

Há, como pudemos ver, discordâncias quanto à classificação do *borderline* nos quadros da neurose ou da psicose. Os autores que afirmam seu



É possível que as tentativas dos autores desde os anos 1950 para redefinir os quadros clínicos tenham contribuído para a confusão ou a dúvida em torno dos mesmos...

94

PERCURSO 40 : junho de 2008

caráter neurótico o fazem a partir do conflito edípico, a angústia relacionada à sexualidade, a rigidez superegógica e uma estruturação egóica com capacidade para estabelecer relações triádicas. Já a classificação como psicose se deve, comumente, às características orais, tais como dependência, necessidade de amor; amnésia histérica, vista como fuga da realidade, e sintomas conversivos, tidos como alucinações. Ora, notemos que todas essas características, tanto neuróticas quanto às ditas psicóticas, são as mesmas descritas na histeria, o que a aproximaria dos casos *borderline*.

Bollas<sup>18</sup>, a esse respeito, dirige críticas a uma espécie de substituição, a partir dos anos 1970, da histeria, que supostamente teria desaparecido, em prol dos quadros *borderline*. Semmler<sup>19</sup>, de forma semelhante, recorre à dinâmica familiar para explicar a origem do que pensa ser uma (con) fusão, em que a histeria é entendida como um quadro *borderline*. Propõe, então, um outro quadro, diferente da histeria, a que atribui o rótulo de *borderline*-histeria. Em termos da dinâmica familiar relativa à gênese deste quadro, Semmler<sup>20</sup> refere-se a uma união entre os pais que estaria baseada numa escolha patológica. A mãe não teria condições de criar um ambiente que amparasse a criança e no qual ela pudesse definir os limites entre o próprio espaço e a simbiose ainda necessária. O pai, por sua vez, assumiria o papel do objeto amigável e materno e atribuiria à criança a função de substituta da parceira, criando-a de acordo com seus

desejos. As relações sexualizadas e conflituosas que pacientes *borderline*-histéricos realizam na vida ou na transferência seriam repetições desse primeiro modelo.

Kohon<sup>21</sup>, Green<sup>22</sup> e Semmler<sup>23</sup> concordam em que diagnosticar um paciente na clínica pode levar a confusões quanto ao quadro, já que o paciente *borderline* inicialmente se apresenta como um neurótico.

#### Apresentação clínica

Kernberg<sup>24</sup> concorda em que os sintomas indicativos da organização *borderline* de personalidade se assemelham a sintomas neuróticos típicos, mas algumas peculiaridades podem se fazer úteis para um diagnóstico diferencial. Nenhum sintoma, diz o autor, pode ser considerado suficiente em si mesmo para indicar a personalidade *borderline*. No entanto, a presença de dois ou mais sintomas devem ser um alerta para essa possibilidade. Entre os sintomas, o autor menciona a angústia, que no *borderline* é difusa e flutuante, não mantendo sua função de *signal de perigo*, como na histeria. Também menciona a presença de traços psicóticos – hipocondríacos e paranóides –, traços perversos – com um desvio sexual manifesto ou um comportamento sexual inibido com fantasias perversas conscientes e necessárias para a gratificação sexual – e traços de adicção, como alcoolismo, drogadicções, cleptomania etc. Meissner e Reichard, veremos, são mais extremistas, digamos, pois retomam mesmo os casos de Freud e de Breuer, corrigindo o diagnóstico, também introduzindo a etiqueta *borderline*. É possível que as tentativas dos autores de redefinir os quadros clínicos, de maneira geral, a partir das revisões da histeria em psicanálise, desde os anos 1950 como já dissemos, tenham contribuído para a confusão ou a dúvida em torno dos mesmos...

De acordo com Reichard<sup>25</sup>, Anna O., a *musa* da psicanálise, não sofria de uma neurose, mas apresentava uma psicose esquizofrênica. Meissner, por sua vez, concluirá que Freud errou nos seus

diagnósticos, pois tanto o caso Dora<sup>26</sup> – que se tornou a histeria-tipo da obra de Freud –, quanto o caso Emmy<sup>27</sup>, seriam quadros *borderline*, o que teria levado a grandes dificuldades no tratamento. Segundo Meissner, ainda, o caso Dora foi uma das maiores falhas da história psicanalítica, pois o diagnóstico de Freud estaria errado e Dora não teria se curado. Considera que, em termos contemporâneos, a atribuição de *borderline* à patologia de Dora se justificaria por sua labilidade emocional, intensa sintomatologia histérica, tendência à depressão e frustração acompanhada por raiva nas relações heterossexuais, desconfiança, elementos paranóides e caráter narcísico. Além disso, haveria o amor homossexual de Dora pela Sra. K., que concorria com o amor heterossexual pelo Sr. K., de forma a indicar uma confusão da escolha sexual.

Meissner<sup>28</sup> vai, então, ao texto de Zetzel<sup>29</sup>, que classifica este tipo como *suposto histérico*, e aí inclui Dora, justamente no grupo a que atribui o número 3. Para o autor, tanto o grupo 3 como o grupo 4 de Zetzel<sup>30</sup> estariam se referindo a casos *borderline* que são comumente confundidos com a histeria. Para que saiba o leitor, somente os quadros 1 e 2 seriam de histeria verdadeira, sendo que o 3 e o 4 seriam de pacientes depres-

»  
*a transferência erotizada é uma experiência desagradável para o analista, pois este sente a ameaça constante de perder a distância necessária à reflexão.*

sivos e/ou psicóticos que teriam desenvolvido sintomas aparentemente histéricos.

#### *Reações transferenciais e contratransferenciais*

Meissner<sup>31</sup> acredita que as relações transferenciais e contratransferenciais entre Dora e Freud são muito parecidas com o que hoje se conhece dos pacientes *borderline*. Isto é, marcadas pela agressividade e a vitimização, em que o analista se encontra preso a tentativas, às vezes súbitas, seja de vitimizar seu paciente, seja de ser vitimizado por ele. Mas isso ainda permanece muito próximo da histeria.

Outro aspecto da transferência é discutido por H. Adler<sup>32</sup> e nos remete às idéias de Semmler<sup>33</sup> sobre a sexualização dos vínculos de pacientes *borderline* e histéricos, principalmente na relação terapêutica. A sexualização, como defesa que demanda um contato sexual com o terapeuta, pode ocorrer em qualquer paciente, mas tende a ser, por excelência, um modo histérico de agir. Contudo, veremos mais adiante, Adler<sup>34</sup> marcará as diferenças entre os dois quadros.

A transferência erotizada, afirma essa autora, é uma experiência desagradável para o analista, pois este sente a ameaça constante de perder a distância necessária à reflexão. Resnik<sup>35</sup> também considera que pacientes histéricos e *borderline* têm o *dom* para despertar sentimentos de culpa e paranóia no analista.

Pelo mesmo caminho, Britton<sup>36</sup> sustenta que o analista, frente à transferência do histérico e à do *borderline*, se sente angustiado, frustrado,

18 C. Bollas, *Hysteria*.

19 K. Semmler, "Die Bedeutung der Sexualisierung in der Familiendynamik für die Entstehung der *Borderline*-Hysterie", p. 264-274.

20 K. Semmler, *op. cit.*

21 G. Kohon, "Reflections on Dora: the case of hysteria", p. 73-84.

22 A. Green, *op. cit.*

23 K. Semmler, *op. cit.*

24 O. Kernberg, *op. cit.*

25 S. Reichard, "A re-examination of 'Studies in Hysteria'", p. 155-77.

26 W. Meissner, "Studies on hysteria: Dora", p. 567-98.

27 W. Meissner, "Studies on hysteria-Frau Emmy von N.", p. 1-19.

28 W. Meissner, *op. cit.*, 1984.

29 E. Zetzel, *op. cit.* classifica os histéricos em quatro grupos: a boa (verdadeira) histérica; boas histéricas potenciais; mulheres com estrutura de caráter depressivo subjacente; sintomatologias pseudo-edípicas e pseudogenitais e, pode-se pensar, pseudo-histéricas, p. 257.

30 E. Zetzel, *op. cit.*

31 W. Meissner, *op. cit.*, 1984.

32 H. Adler, "Sexualisierte Übertragung als Abwehr von Scham und Selbstverlust", p. 378-91.

33 K. Semmler, *op. cit.*

34 H. Adler, *op. cit.*

35 S. Resnik, "'NO' in hysteria", p. 188-206.

36 R. Britton, "Getting in on the act: the hysterical solution", p. 1-14.



na histérica, a hipersexualização aparece como um excesso de sedução, porém uma sedução sutil, como o excesso de cordialidade e simpatia

irritado, furioso ou confuso, porém, apontará diferenças. Vejamos.

### Histeria e casos *borderline* se diferenciam

Britton<sup>37</sup> considera que na transferência o histérico deseja a exclusividade do amor do analista e, por isso, o faz sentir especialmente importante, o que traz o risco de que se instale uma “admiração mútua inconsciente”. Já na transferência *borderline*, continua o autor, o paciente cinde o analista em objeto idealizado e objeto denegrido; com o idealizado, deseja a fusão, o conhecimento mágico que imagina poder salvá-lo, enquanto o analista denegrido é constantemente atacado, suas falhas são exploradas, de forma que o paciente se convence de que não pode mesmo ser compreendido.

Já Kernberg<sup>38</sup>, Zisook (et. al.)<sup>39</sup> e Green<sup>40</sup> consideram que as diferenças entre a histeria e os quadros *borderline* não devem ser procuradas apenas em torno dos sintomas, pois, por sua semelhança, podem confundir o analista. Os aspectos estruturais e psicodinâmicos são importantes para formular um diagnóstico diferencial.

Para Zisook (et. al.)<sup>41</sup>, as manifestações histéricas podem mascarar três tipos de patologias, diagnosticadas erroneamente como histeria: as personalidades *borderline*; a síndrome de Briquet e a disforia histeróide. As características histéricas, nos três quadros, podem ser idênticas, mas

há variações psicopatológicas. Isso implica a possibilidade de situar as psicopatologias e especificamente a histeria dentro de um *continuum*, com variações de menos a mais graves. É o que propõe Lazare (apud Mello Neto)<sup>42</sup>. Esse autor busca diferenças, mas as coloca dentro do grupo geral da personalidade histérica. Para esse autor, a personalidade histérica é vista em uma continuidade que vai desde histéricos *sick* (doentes) até histéricos *healthy* (saudáveis). O grupo mais comprometido (*sick*) teria, ainda, uma oralidade mais forte que o grupo *healthy*, seria mais agressivo, impulsivo e teria grandes dificuldades em manter suas relações externas. Zisook (et. al.)<sup>43</sup> consideram que o transtorno de personalidade *borderline* estaria incluído na categoria *sick*.

Kernberg<sup>44</sup>, por sua vez, afirma que na organização *borderline* da personalidade há fobias que impõem restrições severas à vida do paciente, como inibições sociais e fobias relacionadas à imagem e aparência corporal; pensamentos obsessivos, contra os quais o paciente luta e tenta racionalizá-los porque o teste de realidade é mantido; sintomas conversivos crônicos e complexos; fugas e amnésias histéricas e, também, angústia. Esses sintomas, na organização *borderline* de personalidade, ora são crônicos, ou mais graves, ora mais complexos e com significações diferentes do que teriam em uma neurose. O autor toma como diferenciador o exagero da sexualidade, que aconteceria tanto na histeria quando na organização *borderline* de personalidade. Na histérica, essa hipersexualização aparece como um excesso de sedução, porém uma sedução sutil, como o excesso de cordialidade e simpatia, ao passo que na organização *borderline* de personalidade aparece de forma mais ligada às perversões, por exemplo, no uso de roupas muito curtas ou decotadas, uso excessivo de palavrões, promiscuidade etc.

Adler<sup>45</sup> também considera que um excesso de sexualidade pode corresponder a uma característica muito mais perversa do que histérica, onde a falta do sentimento de vergonha corresponderia a um ego frágil, a um *defeito estrutural* característico de pacientes *borderline*.

E uma das causas de um comportamento sexualizador, continua a autora, estaria em experiências de abuso traumático sofrido na infância ou, mais provavelmente, em descuidos que geram na criança sentimentos de insegurança e de não ser amada. Precisamente, tanto o grande trauma na infância quanto a falta de cuidados necessários nessa época são entendidos por Green<sup>46</sup>, Kernberg<sup>47</sup>, Corrêa Netto<sup>48</sup> e Semmler<sup>49</sup> como possíveis causas da patologia *borderline*, assim como sua intensa necessidade de amor estaria relacionada a fases pré-edi-pianas. Green<sup>50</sup>, por sua vez, vai se referir a um ponto de entrecruzamento entre a histeria e os estados *borderline* (lembramos do “*borderline-histeria*”, de Semmler<sup>51</sup>), denominando-o de quiasma. Busca distinguir de forma clara a histeria dos casos *borderline* a partir da exposição de aspectos clínicos e psíquicos de ambos os quadros. De forma bem resumida, o que realmente diferenciaria os quadros, diz-nos, seria principalmente a estrutura egóica e o contato com a realidade – por exemplo, as defesas e a capacidade de *insight*.

Isso vai em direção ao que diz a maioria dos autores, a começar por Kernberg<sup>52</sup>. Para esse último, a organização *borderline* de personalidade é uma patologia das relações de objeto e, por isso, uma patologia do ego, enquanto a histeria é uma patologia das pulsões. Dessa forma, o ego

37 R. Britton, *op. cit.*

38 O. Kernberg, *op. cit.*

39 S. Zisook, R. DeVaul e R.A. Gammon, “The hysterical façade”, p. 113-23.

40 A. Green, *op. cit.*

41 S. Zisook, R. DeVaul e R.A. Gammon, *op. cit.*

42 G. A. R. Mello Neto, *op. cit.*

43 S. Zisook, R. DeVaul e R.A. Gammon, *op. cit.*

44 O. Kernberg, *op. cit.*

45 H. Adler, *op. cit.*

46 A. Green, *op. cit.*

47 O. Kernberg, *op. cit.*

48 P. Corrêa Netto, *op. cit.*

49 K. Semmler, *op. cit.*

50 A. Green, *op. cit.*

51 K. Semmler, *op. cit.*

52 O. Kernberg, *op. cit.*

53 A. Green, *op. cit.*

54 A. Green, *op. cit.*

»  
*embora os casos-limite  
 apresentem relações  
 de intersecção com  
 a histeria, falta-lhes uma  
 organização neurótica,  
 diz Green*

do paciente *borderline* é menos integrado que o ego do histérico. A falta de tolerância à angústia, a falta de controle dos impulsos e a falta de canais de sublimação bem desenvolvidos são, para o autor, indicativos de um ego frágil e, portanto, de um quadro *borderline* de personalidade.

Green<sup>53</sup>, por seu turno, considera que o ego histérico enfraquece apenas quando precisa recorrer a defesas mais arcaicas que o recalca-mento. Nos estados *borderline*, diferentemente, haveria uma fragilidade das fronteiras do ego. A angústia de castração, continua o autor, associada à angústia de penetração, características da histeria, são substituídas, nos estados *borderline*, e de acordo com o nível do ego, por angústia de separação e de intrusão. O aparecimento de tais angústias relaciona-se com um temor de desmoronamento ou de invasão por um objeto hostil e agressivo. Dessa forma, o autor fala de um “medo da catástrofe”, como se o paciente *borderline* estivesse sempre esperando algo terrível acontecer; a difusão da angústia e a sua intensidade conduziriam, efetivamente, a condições gravemente desestruturantes.

Embora os casos-limite apresentem relações de intersecção com a histeria, falta-lhes uma organização neurótica, diz Green<sup>54</sup>.

Isso pode ser observado nos conflitos em torno do amor e da sexualidade, centrais na histeria, mas que nos casos *borderline* permanecem secundários frente à intensidade da destrutividade, do masoquismo e do narcisismo. Se o ego histérico tende apenas a uma fragmentação



a histérica,  
afirmam Easser e Lesser,  
tem amigas e sofre com elas,  
isto é, tem dificuldades  
na relação

temporária, nos casos *borderline*, o sujeito tende à despersonalização, a sentimentos de perseguição, embora sem perda de contato com a realidade, e à depressão com regressões importantes, geralmente relacionadas com a dependência. A depressão, continua Green<sup>55</sup>, aparece como uma ameaça constante em ambos os quadros, mas varia de intensidade nas suas manifestações que vão desde uma forma neurótica<sup>56</sup> até manifestações mais graves e próximas da melancolia. Essa depressão é marcada pela impossibilidade de lutos na histeria<sup>57</sup>, de um lado, e frente à fixação nos objetos incestuosos, por outro, nos casos *borderline*, devido à decepção com os dois objetos parentais, em que a ausência de apoios identificatórios afetaria o narcisismo do sujeito.

Kernberg<sup>58</sup>, por sua vez, acredita que a angústia que apresentam os pacientes *borderline* é crônica, difusa e flutuante, e geralmente é mais forte do que os outros sintomas neuróticos. Segundo o autor, na personalidade histérica, uma falsa hiper-emotividade é usada como mecanismo de defesa, principalmente em áreas de conflito, como nos relacionamentos sexuais, e como resistência à transferência. Porém, esses pacientes podem aparentar ser emocionalmente estáveis em outras situações, como no trabalho, por exemplo. Em contraste, a labilidade emocional do sujeito que se inclui no quadro conhecido como *personalidade infantil*, mais próxima da *borderline*, é difusa e generalizada, havendo pouquíssimas áreas livres de conflitos em sua vida. A falta de controle

dos impulsos também é mais generalizada do que na histeria.

Pois bem, dito isso, falemos um pouco das defesas.

Segundo Green<sup>59</sup>, há nos histéricos uma organização do conflito que permite a utilização de fantasias inconscientes, enquanto no *borderline* faltam estruturas intermediárias que facilitarão tal organização, ocorrendo então uma espécie de atalho regressivo, uma regressão rápida contra a qual as defesas inicialmente não teriam efeito, o que suscitaria defesas drásticas. A clivagem (*splitting*) seria, então, a defesa mais comum no *borderline*. O recalçamento, mecanismo principal da histeria, seria pouco usado pelo *borderline*; não haveria ainda o que reprimir, pois faltaria o conflito edípico.

De forma semelhante, Kernberg<sup>60</sup> considera que tanto a identificação projetiva quanto a projeção e o *splitting* são mecanismos de defesa essenciais da organização *borderline* de personalidade, embora o termo *splitting* seja utilizado pelo autor num sentido restrito, apenas em relação ao processo ativo de manter separadas identificações e introjeções boas e más. Mesmo a identificação, diz Kernberg<sup>61</sup>, é permeada pelo *splitting* nessa tentativa imediata de se separar o bom do mal *mau*. O *splitting* e a fraqueza do ego se reforçam mutuamente, resultando num círculo vicioso.

Easser e Lesser<sup>62</sup> vão se referir também às relações de objeto, como indicativo de diferenciação nas duas estruturas. A histérica, afirmam, tem amigas e sofre com elas, isto é, tem dificuldades *na* relação; o histeróide (quadros de personalidade infantis, psicoses e *borderline*) tem dificuldade *com* a relação e *lhe* põe fim, porque não atende sua expectativa exagerada de cuidado, proteção e nutrição. Assim, ao finalizar essas relações, o sujeito é tomado por fortes sentimentos de depressão e reações paranóides.

Quanto à necessidade extrema de amor, Kernberg<sup>63</sup> e Corrêa Netto<sup>64</sup> concordam que ela existe em ambos os quadros, e esse amor *deve* ser incondicional, simbiótico, como a relação

com a mãe nos primeiros momentos de vida. Entretanto, ambos os autores discordam com relação à capacidade de amar. Corrêa Netto<sup>65</sup> acredita que a capacidade de amar do *borderline* é preservada (ao contrário do que ocorre nas neuroses), enquanto Kernberg<sup>66</sup> acredita que tanto o neurótico como o *borderline* não teriam desenvolvido tal capacidade. Aliás, para esse último autor, o *borderline* geralmente está acompanhado por uma estrutura narcísica (característica da fase oral). Green<sup>67</sup> não deixa de concordar com isso. Para ele, pacientes *borderline* são muito narcísicos devido ao luto que têm por um dos pais. Ambos os autores também estão de acordo em afirmar não haver um fundo narcísico importante na histeria, sendo este um diferencial inconfundível para os dois quadros.

Ainda, acerca da estrutura psíquica, acrescentamos algumas palavras sobre o superego.

Green<sup>68</sup> considera que o superego do histérico está muito ligado à culpa e é rígido, enquanto o superego dos estados *borderline* é flexível, permitindo uma destrutividade sem culpa.

Corrêa Netto<sup>69</sup> pensa de forma diferente. Considera que o *borderline* atingiu um nível no seu amadurecimento psicosssexual e afetivo

55 A. Green, *op. cit.*

56 Sobre a relação entre histeria e depressão ver “*Pathos histórico: depressão e teatralidade*” de V. Martinez e G. Mello Neto, p. 79-98.

57 Mello Neto, *op. cit.*, dedica um capítulo a essa temática do luto na histeria. Considera que o paciente neurótico vem ao consultório justamente por isso, pela impossibilidade de dar solução ao luto do objeto perdido ou impossível do complexo de Édipo. O tratamento teria, talvez, a finalidade de resolver esses lutos e como luto último, a resolução da transferência.

58 O. Kernberg, *op. cit.*

59 A. Green, *op. cit.*

60 O. Kernberg, *op. cit.*

61 O. Kernberg, *op. cit.*

62 B. Easser e S. Lesser, *op. cit.*

63 O. Kernberg, *op. cit.*

64 P. Corrêa Netto, *op. cit.*

65 P. Corrêa Netto, *op. cit.*

66 O. Kernberg, *op. cit.*

67 A. Green, *op. cit.*

68 A. Green, *op. cit.*

69 P. Corrêa Netto, *op. cit.*

70 A. Green, *op. cit.*

71 K. B. Weinstein, “Still crazy after all these years: An exploration of gender, *borderline* personality disorder and the vogueing of diagnostic action”, p. 5397.

nos estados *borderline*,  
haveria uma verdadeira carência  
representativa: as representações  
são absorvidas por movimentos  
pulsionais diretos

marcado pela ambivalência, prevalecendo, na maioria das vezes, o ódio e, portanto, tem um superego rígido. O paciente sofreria de imensa culpa em relação à sua própria agressividade.

Quanto à capacidade representativa, de acordo com Green<sup>70</sup>, a histeria se refugia no que não pode ser dito ou intelectualizado como oposição ao que é carnal, quente. Nos estados *borderline*, haveria uma verdadeira carência representativa: as representações são absorvidas por movimentos pulsionais diretos, resultando em expulsões pelo ato ou descarga. Há, então, pobreza das mediações psíquicas e ausência de estruturas intermediárias, o que indica uma precariedade das formas verbais.

Finalmente, diversos autores concordam que a diferenciação desses dois quadros aparece de maneira mais efetiva durante o tratamento e na própria relação transferencial.

Da histeria ao *borderline*:  
uma evolução?

Não há como deixar de mencionar a cultura como o cenário principal onde vemos surgir os diferentes quadros psicopatológicos, não só a histeria e suas metamorfoses, mas seus desdobramentos, como poderia ser considerada a estrutura *borderline*. Weinstein<sup>71</sup> lembra que esses quadros dizem respeito a uma psicopatologia inserida em determinada subjetividade, característica de um contexto social.



O rótulo *borderline*  
talvez seja uma tentativa  
de dar uma solução  
ao que alguns chamam  
“paciente difícil”

A autora supõe que a histeria se modificou, resultando no transtorno de personalidade *borderline*. Isso porque as patologias, como fruto de um *Zeitgeist*, modificam-se na medida em que a cultura também o faz.

No período que denomina moderno, diz Weinstein<sup>72</sup>, certas características favoreceram o surgimento da histeria, tais como a repressão social, que proporcionava um superego rígido e um sentimento de identidade bem definido. A repressão do desejo (inclusive, o desejo de consumo, devido à necessidade de acumular capital), a desvalorização da feminilidade, restringindo o papel da mulher ao cuidado dos filhos, assim como os papéis familiares, bem distribuídos e definidos, implicavam uma passagem rápida para o mundo adulto.

Já na pós-modernidade, continua a autora, os conflitos em torno dos relacionamentos cada vez mais complexos, a crescente dificuldade dos filhos para se libertarem da simbiose com os pais e, portanto, de estabelecer vínculos verdadeiros com os objetos externos teriam dado lugar à transformação da histeria no quadro *borderline*. Sztulman<sup>73</sup> também se refere a mudanças na estrutura familiar, em torno da diminuição da autoridade paterna, ao mesmo tempo que as mães assumem mais responsabilidades. Segundo esse autor, a diminuição da mentalidade autoritária na sociedade, a larga difusão das idéias psicanalíticas nos domínios da educação e da sexualidade, os sentimentos de insegurança ideológica, econômico-social e educativa seriam responsáveis pela

modificação das neuroses, pois considera que menos proibições, menos culpabilidade e, portanto, mais insegurança gera indivíduos abandonados, depressivos ou desesperados.

Tanto Sztulman<sup>74</sup> como Weinstein<sup>75</sup> consideram que quando se unem elementos subjetivos psíquicos, sociais e, quem sabe, até mesmo biológicos, é de se pensar que haja mais chances de que uma patologia ocorra em determinada pessoa. É o caso do *borderline* na sociedade dita *pós-moderna*, que tornaria a histeria menos frequente, o que não impede que condições favoráveis a façam reaparecer.

### Considerações finais

Do ponto de vista clínico, sabemos bem que constantemente nos confrontamos com casos que ultrapassam nossos esquemas teóricos. O rótulo *borderline* talvez seja uma tentativa de dar uma solução ao que alguns chamam “paciente difícil”. Difícil em vários níveis... Nesse sentido, já se disse que o paciente limite (*borderline*) é o limite da análise, limite do analista, do terapeuta, limite inclusive da psicopatologia psicanalítica. Mas, mesmo como solução, a idéia de estados e organizações-limite é difícil de aceitar e, sobretudo, difícil de diagnosticar – vejamos que muitas de suas características extremas, próximas à psicose, um autor como Bouvet<sup>76</sup> vai também encontrar na neurose obsessiva.

No entanto, a discussão sobre o paciente “histeróide” (Easser e Lesser<sup>77</sup>) e, depois, *borderline*, é testemunha de experiências clínicas que estão justamente na borda da técnica e, talvez, das possibilidades nosográficas que a psicanálise dita clássica nos legou. Digamos que é uma zona escura, talvez ainda sem nome ou com nomes provisórios (*borderline*, caráter narcísico, personalidade “como se”, paciente “histeróide” etc.) que nos esforçamos em sistematizar. A nosso ver, a sistematização feita pelos autores aqui citados acrescenta algo e parece tocar de algum modo a experiência a que nos referimos. No entanto, como se viu, o

que um autor diz, por vezes, serve para falar seja da histérica e, talvez, até do obsessivo no dizer de outro autor. Mas o que esses autores todos estão nos falando é de uma experiência muito mais extrema (regressiva), quando se compara com a experiência que temos com o neurótico, tanto na transferência como na contratransferência; de experiências (muitas vezes, de violência) de elementos muito mais atuados que simbolizados e, sobretudo, da imersão do analista em um mundo de vivências inesperadas e angústias difíceis de nomear e que o levam a duvidar de seu instrumental. É desse modo que Kernberg (et al.)<sup>78</sup>, em texto de 1991, propõe, enfim, que não se deva fazer análise com o paciente que ele nomeia *borderline*. Sugere, então, um detalhado método de psicoterapia – de base analítica, mas não interpretativa – para esse tipo de paciente.

De mais claro e resumido, o que queremos dizer é que talvez os rótulos que se dão a esses pacientes não sejam muito bons e a explicação dinâmica tenha algo de frágil, provisório e polêmico. Mas o que talvez não se possa negar é que indicam uma experiência realmente vivida pelos analistas e pela psicanálise. Isso significa que não basta dizer que o paciente dito *borderline* não exista e que se deva remanejá-lo para a estrutura psicótica (como fazem os lacanianos). Essa experiência tem de *estar-aí*, isto é, ser respeitada, desvelada e sistematizada quantas vezes for necessário, e com quantas contradições for preciso, pois ela fala da nossa clínica.

Finalmente, cabe dizer que esse agravamento dos diagnósticos na atualidade não é apenas algo que tem por raiz um fenômeno de sociedade, mas

72 K. B. Weinstein, *op. cit.*

73 H. Sztulman, "Le point de vue d'un psychanalyste", p. 33-44.

74 H. Sztulman, *op. cit.*

75 K. B. Weinstein, *op. cit.*

76 M. Bouvet (1953), "O ego na neurose obsessiva. Relação de objeto e mecanismos de defesa".

77 B. Easser e S. Lesser, *op. cit.*

78 O. Kernberg et al., *Psicoterapia psicodinâmica de pacientes borderline*.

79 S. Bleichmar, "Novas patologias há um século de fundação da psicanálise?", p. 91-2.

80 W. Meissner, *op. cit.*, 1981.

81 W. Meissner, *op. cit.*, 1984

o conhecimento vai tomando rumos que os seus autores não podem de maneira nenhuma prever.

O mesmo ocorre com a sociedade e as patologias

é também um elemento interno da psicanálise. Ou seja, não foi só o paciente que mudou; também o discurso analítico o fez. Isso é o que fica relativamente claro no refazer dos diagnósticos de Freud, na maioria das vezes agravando-os. Acerca disso, Sílvia Bleichmar, por exemplo, escreve: "não são muitos os analistas atuais que considerariam Anna O. ou Emmy Von N. como portadoras de neuroses históricas. *Borderline*, psicose histórica, são algumas das denominações de diagnóstico para entidades que, na época de Freud, enquadravam-se perfeitamente no terreno das neuroses"<sup>79</sup>.

Vimos também que Meissner considera Emmy<sup>80</sup> e Dora<sup>81</sup> pacientes *borderline*. Mudaram os diagnósticos, criaram-se linhas e mudaram os conceitos, transformou-se o paciente. Na verdade, o que há é toda uma mudança de mentalidade de tal maneira que, numa conjectura, se analistas de 70 anos atrás pudessem se reunir com analistas e terapeutas analíticos de hoje e de qualquer parte do mundo, talvez não pudessem se reconhecer mutuamente como analistas e talvez nem mesmo se entender... Mas é assim: o conhecimento vai tomando rumos que os seus autores não podem de maneira nenhuma prever. O mesmo ocorre com a sociedade e as patologias. Isso não quer dizer, contudo, que nós tenhamos que concordar com os alarmistas que querem nos convencer de que as sociedades pioram e rumam direto para loucura, num narcisismo sem peias. As sociedades mudam e irão mudar sempre. Muitos de nós irão resistir e isso, enfim, também faz parte do jogo.



## Referências bibliográficas

- André J. (1999). L'objet unique. In André J. (org.). *Les états limites*. Paris: PUF.
- Adler H. (1997). Sexualisierte Übertragung als Abwehr von Scham und Selbsterlust. *Zeitschrift fuer Psychoanalytische Theorie und Praxis*, 12(4), Netherlands: Van Gorcum, p. 378-91.
- Amini F.; Baumbacher G. (1980-1) The hysterical personality disorder: a proposed clarification of a diagnostic dilemma. *International Journal of Psychoanalytic Psychotherapy*, 8, New York; London: Jason Aronson, p. 501-48.
- Bedani A. Breve história dos *fronteiriços* [on line] Disponível em <http://www.org2.com.br/histborders.htm>. [Consulta em junho de 2007].
- Bleichmar, S. (1996). Novas patologias há um século de fundação da psicanálise? In Slavutzky A. et al. (org.) *História, clínica e perspectivas nos cem anos da psicanálise*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Britton R. (1999). Getting in on the act: the hysterical solution. *International Journal of Psycho Analysis*, 80(1), Grã-Bretanha, p. 1-14.
- Bollas C. (2000). *Hysteria*. Trad. M. Seimeman. São Paulo: Escuta.
- Bouvet M. (1953/2005). O ego na neurose obsessiva. Relação de objeto e mecanismos de defesa. In: Berlinck (org.), *Obsessiva neurose*. São Paulo: Escuta.
- Corrêa Neto, P. (1996) *Psicanálise dos casos limítrofes: conceituação e tratamento na clínica de hoje*. Rio de Janeiro: NAU.
- 102 Easser B.; Lesser S. (1965). Hysterical personality: a re-evaluation. *Psychoanalytic Quarterly*, 34, USA, p. 390-405.
- Green A. (2002) Histeria e estados-limite: *quiasma*. Novas perspectivas. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 36(2), São Paulo, p. 465-87.
- Kernberg O. (1967). Borderline personality organization. *Journal of the American Psychoanalytic Association*, 15 (3), USA, p. 641-85.
- Kernberg O. et. al. (1991). *Psicoterapia psicodinâmica de pacientes borderline*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Kohon G. (1984). Reflections on Dora: the case of hysteria. *International Journal of Psychoanalysis*, 65(1), Grã-Bretanha, p. 73-84.
- Martínez V. C. V.; Mello Neto G. A. R. (2007). *Pathos histórico; depressão e teatralidade*. *Psychê*, 20, São Paulo, p. 79-98.
- Meissner W. (1981). Studies on hysteria – Frau Emmy von N. *Bulletin-of-the-Meminger-Clinic*, 45(1), USA, p. 1-19.
- Meissner W. W. (1984). Studies on hysteria: Dora. *International Journal of Psychoanalytic Psychotherapy*, 1(10), Grã-Bretanha e USA, p. 567-98.

- Mello Neto, G. A. R. (2008). *Histeria e psicanálise depois de Freud*. Campinas: Editora da Unicamp. [No prelo].
- Reichard S. (1956). A re-examination of 'Studies in Hysteria'. *Psychoanalytic Quarterly*, 25, USA, p. 155-77.
- Resnik S. (1992). 'NO' in hysteria. *British Journal of Psychotherapy*, 9(2), Grã-Bretanha, p. 188-206.
- Semmler K. (1977). Die Bedeutung der Sexualisierung in der Familiendynamik für die Entstehung der Borderline-Hysterie. *Dynamische Psychiatrie*, 10(4), Alemanha, p. 264-74.
- Szulman H. (1990). Le point de vue d'un psychanalyste. *Psychiatrie Française*. Numéro spécial, 1, França, p. 33-44.
- Weinstein K. B. (2002). Still crazy after all these years: an exploration of gender, borderline personality disorder and the vogueing of diagnostic action. *Dissertation Abstracts International* 62(11-B), USA, p. 5397.
- Zetzel E. (1968). The so called good hysteric. *International Journal of Psychoanalysis*, 49(2-3). Inglaterra, p. 256-60.
- Zissok S.; DeVaul R.; Gammon R. A. (1979). The hysterical façade. *American Journal of Psychoanalysis*, 39(2), EUA, p. 113-23.

## Hysteria and borderline pathologies in the psychoanalytic discourse: fragile lines of demarcation

**Abstract** The authors present an analysis of the relationship between hysteria and borderline cases. They also discuss the possible disappearance of hysteria, or even its "evolutionary" aggravation, and contemporary proposals to substitute for it the clinical tableau known as borderline. The paper stresses those phases of treatment in which hysteria moves up to or draws away from borderline states, as well as the continuing relevance of this concept for psychoanalytic theory.

**Keywords** hysteria; borderline; psychoanalytic psychopathology; psychoanalytic theory; criteria for differential diagnosis.

Texto recebido: 09/2008

Aprovado: 02/2008

# Grupo terapêutico com crianças e a configuração do espaço potencial

Michele Araújo Santos

**Resumo** O presente artigo traz uma articulação entre o conceito winnicottiano de *espaço potencial* e fragmentos de experiência clínica num grupo com crianças. Analisa a função do grupo em constituir um espaço no qual tem papel de destaque o *brincar*. Este é considerado como capacidade que se desenvolve sob condições favoráveis do ambiente relacional, num espaço de relaxamento, confiança, criação e compartilhamento.

**Palavras-chave** grupo terapêutico; psicanálise com crianças; Winnicott; espaço transicional.

**Michele Araújo Santos** é psicóloga clínica, mestrandista em Psicologia pela UFPE.

O presente artigo é fruto de indagações nascidas de minha experiência como aluna de formação e, mais precisamente, como co-terapeuta num grupo com crianças no CPPL – Centro de Pesquisa em Psicanálise e Linguagem<sup>1</sup> – instituição que há 25 anos trabalha com crianças portadoras de transtornos graves de desenvolvimento, no Recife.

Nos grupos terapêuticos conduzidos nessa instituição, o brincar assume um lugar privilegiado, constituindo-se como modalidade terapêutica por excelência, sendo uma atividade que partilha com situações cotidianas elementos comuns, referentes ao contexto cultural – no cenário terapêutico se brinca de boneca, esconde-esconde etc. – mas que também possui componentes singulares, devido a características das crianças e dos terapeutas. As crianças, em geral, se encontram com a capacidade de brincar prejudicada em diversos graus e assim necessitam da mediação dos adultos para que o espaço lúdico se configure; os terapeutas, por sua vez, possuem uma escuta diferenciada das situações do grupo, norteada por concepções psicanalíticas.

A partir desse contexto, surgiu a pergunta: por que afinal o brincar tem lugar de destaque na análise de crianças? Quais os seus efeitos terapêuticos? Mais especificamente, *qual a perspectiva que fundamenta a utilização do brincar como atividade terapêutica, nessa instituição?*

Essas indagações me levaram a encontrar a teoria winnicottiana, em particular a noção de *espaço potencial* e suas

<sup>1</sup> Esta é uma versão ligeiramente modificada do texto que apresentei à equipe do CPPL, por ocasião da conclusão do curso de formação em psicoterapia na mesma instituição, em fevereiro de 2007. Meus sinceros agradecimentos a toda a equipe, em especial a Ana Elizabeth Cavalcanti, Juliana Cáu e Maria Helena Barros, minhas principais interlocutoras quando da escrita deste trabalho.



*pode-se dizer que o conceito de espaço potencial – ou espaço transicional – de Winnicott é uma de suas mais originais e ricas contribuições à teoria psicanalítica*

104

PERCURSO 40 : junho de 2008

articulações com o conceito de *criatividade* e a *constituição do self*, que pretendo desenvolver aqui. Tais temas estão ilustrados por fragmentos clínicos. As questões sobre o papel que o grupo terapêutico exerce no desenvolvimento da capacidade de brincar e as implicações desta para o psiquismo também serão tratadas, dentro da mesma linha teórica, entrelaçando-se ao relato de observações de uma criança acompanhada nesse grupo.

### Uma breve apresentação de nosso grupo

O grupo do qual participei, durante seis meses, na condição de co-terapeuta – e em parceria com outras duas terapeutas –, era formado por quatro crianças, dois meninos e duas meninas, de idades variando entre 7 e 10 anos. Surpreendentes, como qualquer criança; no entanto, ao contrário de outras, passavam por sérias dificuldades no caminhar em direção ao pleno desenvolvimento de si mesmas. Nas sessões semanais, brincávamos com elas, de modo livre e espontâneo. *Seja você mesma*, foi uma das recomendações que recebi antes de ingressar no grupo, tarefa aparentemente simples, mas que requer uma boa dose de esforço e desprendimento de alguns ideais. O que me provocou certo espanto, logo nos primeiros contatos com as crianças, foi perceber que todas elas traziam algum comprometimento mais ou menos acen-

tuado em sua capacidade para estabelecer, desenvolver e partilhar brincadeiras. Àquela época, eu tinha o brincar como uma atividade própria a todas as crianças, mas aos poucos aprendi, com Winnicott, que o brincar é uma capacidade que se desenvolve sob certas condições favoráveis do ambiente relacional do bebê, num espaço próprio, de relaxamento, confiança, criação e compartilhamento.

### Winnicott e a noção de espaço potencial

Pode-se dizer que o conceito de espaço potencial – ou espaço transicional – de Winnicott é uma de suas mais originais e ricas contribuições à teoria psicanalítica. Designa uma zona intermediária da experiência humana, um espaço entre a realidade dos objetos percebidos como externos ao sujeito (realidade objetiva, compartilhada) e o mundo interno, da realidade psíquica do sujeito. Está presente no brincar das crianças, no bom humor dos adultos e em todas as atividades humanas, desde que se tire proveito da dimensão lúdica da vida. Caracteriza-se por ser uma experiência na qual se suspende a pergunta: *Fui eu quem criei esse objeto ou ele existe fora de mim?* Assim, é preciso aceitar o paradoxo, expresso por Winnicott: “Essa área do brincar não é a realidade psíquica interna. Está fora do indivíduo, mas não é o mundo externo”<sup>2</sup>.

A criança que brinca de faz-de-conta, por exemplo, está usufruindo desse espaço intermediário quando usa elementos da realidade externa para encenar temas de interesse referente ao mundo interno, isto é, “traz para dentro dessa área de brincadeira objetos ou fenômenos oriundos da realidade externa, usando-os a serviço de alguma amostra derivada da realidade interna ou pessoal”<sup>3</sup>.

*Lembro-me de Cecília<sup>4</sup>, que passiva e benevolmente deixava que os colegas lhe tomassem os brinquedos, sem protestar ou se impor. Nas sessões, divertia-se desenhando e inventando, com as terapeutas e colegas, histórias*

de princesas e bruxas, personagens que apareciam repetidamente em suas brincadeiras. Quase sempre Cecília optava por ser a princesa da estória.

De forma a entendermos a importância do construto winnicottiano, é preciso nos remeter ao lugar que os fenômenos transicionais ocupam no desenvolvimento emocional primitivo. Segundo Santos<sup>5</sup>, a teoria winnicottiana propõe que a criança transita, na relação com a mãe, de um estado de fusão e dependência absoluta até um estado de autonomia, em que a mãe é percebida como objeto externo. O objeto transicional sinaliza a mudança de um estado para outro, assume o lugar de *primeira possessão não-eu*, algo que já não faz parte da criança, mas também não é ainda absolutamente externo a ela.

Os fenômenos e objetos transicionais ocupam um lugar intermediário entre o mundo subjetivamente concebido e aquele objetivamente percebido. Num primeiro tempo, de dependência absoluta, o bebê experiencia a si mesmo de maneira indiferenciada do ambiente, ou seja, ele e o ambiente (representado pelos objetos do mundo físico, sensações, corpo e cuidados maternos) são vividos como uma unidade e a realidade não é apreciada de maneira objetiva, como algo destacado e externo ao bebê, mas é subjetivamente concebida como invenção sua. Os cuidados maternos, quando suficientes e adequados às exigências do bebê, o protegem de uma apresentação precoce ao mundo enquanto externo e incrementam o sentimento de onipotência deste, quando ele cria exatamente aquilo que está ali para ser encontrado; isto é, a mãe adequadamente identificada com as necessidades do bebê oferece o objeto de satisfação que será concebido pela criança como invenção

2 D. W. Winnicott. *O brincar e a realidade*, p. 76.

3 D. W. Winnicott, *op. cit.*, p. 76

4 Às crianças foram atribuídos nomes fictícios, de forma a garantir-lhes o anonimato.

5 M. Santos, "A constituição do mundo psíquico na concepção winnicottiana: uma contribuição à clínica das psicoses".

6 M. Santos, *op. cit.*, p. 3.

7 D. W. Winnicott, *op. cit.*, p. 97.

os cuidados maternos, quando  
suficientes e adequados às exigências  
do bebê, o protegem de uma  
apresentação precoce ao mundo  
enquanto externo

sua. Ainda conforme Santos, o meio ambiente, quando cumpre sua função de adaptação ativa às necessidades infantis, promove um espaço de isolamento imperturbado, permitindo assim que o bebê possa desenvolver uma vida de fantasia, e posteriormente processos de pensamento. O bebê, protegido de intrusões, nesse meio ambiente acolhedor, pode se entregar à experiência espontânea.

"Se tudo correr bem, o meio ambiente é descoberto, sem que haja uma perda do sentido de self"<sup>6</sup>. Quando tudo vai bem, ou seja, quando temos uma mãe suficientemente boa que pode identificar-se de maneira benigna e adaptar-se ao bebê, evitando um contato precoce e traumático com a realidade externa, este pode experimentar um sentimento de continuidade do self. Pode então desenvolver a capacidade de brincar, através da utilização do espaço e objetos transicionais, principalmente se existe uma mãe que oferece sua própria ludicidade para a criação desse espaço relacional. Quando as coisas não vão bem, isto é, se surgem falhas na adaptação materna (dificuldades em intuir as necessidades de seu filho e responder adequadamente a elas), e o bebê experimenta longos períodos de privação ou intrusão ambiental, ocorre uma perda no sentimento de continuar a ser; isso obriga o bebê a reagir às intrusões, defendendo-se delas de diversas maneiras. Em linhas gerais, de acordo com Winnicott<sup>7</sup>, tais defesas contra as intrusões levariam à constituição de dois tipos



*criatividade, aqui, não significa necessariamente a criação artística bem-sucedida, mas uma forma de abordar a realidade em que toda atitude ganha um colorido próprio da vida imaginativa*

106

PERCURSO 40 : junho de 2008

de pessoas adoecidas: aquelas para quem a realidade confunde-se com um fenômeno subjetivo (psicose) e aquelas tão fortemente ancoradas no mundo objetivo que perdem o contato com o mundo subjetivo; ou seja, perde-se a possibilidade de comunicação entre o mundo interno e externo, psique e ambiente, que é dada pelo espaço intermediário.

Com o tempo, a adaptação ativa da mãe gradualmente diminui, à medida que aumenta a capacidade do bebê de tolerar frustrações. A frustração se faz necessária num dado momento do desenvolvimento para que os objetos ganhem estatuto de realidade, uma vez que, segundo Winnicott<sup>8</sup>, a adaptação perfeita está próxima da magia, e um objeto mágico é alucinatório, não real.

De onde surge a necessidade, na teoria winnicottiana, de um construto que represente um terceiro campo de experiência, entre o subjetivo e o objetivo? O autor pressupõe que o contato com a realidade é sempre traumático, implicando a perda da ilusão de onipotência, e necessita ocorrer de forma gradual e de acordo com as possibilidades de apreensão do mundo pelo bebê. Pressupõe ainda que vivemos em permanente tensão, a nos questionar sobre a natureza dos fenômenos, se subjetiva ou objetiva. Assim, entre essas duas dimensões, ele insere uma terceira, de repouso do teste de realidade: o espaço potencial. Entre a realidade subjetivamente concebida e a realidade com-

partilhada (objetiva) se interpõe um espaço de experimentação e repouso, em que o bebê faz uso de objetos transicionais. De acordo com Winnicott,

o objeto transicional não é um objeto interno (um conceito mental), ele é uma posse. No entanto (para o bebê) ele tampouco é um objeto externo. [...] O objeto transicional não está nunca sob um controle mágico como o objeto interno, nem se encontra fora do controle como a mãe real<sup>9</sup>.

**Brincar: lugar de criatividade e descoberta do *eu***

É no brincar, e somente no brincar, que o indivíduo, criança ou adulto, pode ser criativo e utilizar sua personalidade integral: e é somente sendo criativo que o indivíduo descobre o eu (self)<sup>10</sup>.

[Winnicott]

O ato criativo, para acontecer, necessita de um ambiente de relaxamento, confiança, para que o sujeito possa expressar-se livremente; a soma dessas experiências forma a base, o sentimento do eu, isto é, o indivíduo sente-se ele próprio quando executa um gesto criativo. É num ambiente relacional, em que o indivíduo recebe de volta a comunicação espontânea feita ao outro (terapeuta, por exemplo), que ele “pode reunir-se e existir como unidade [...] como expressão do EU SOU, eu estou vivo, eu sou eu mesmo. Nesse posicionamento tudo é criativo”<sup>11</sup>.

Criatividade, aqui, não significa necessariamente a criação artística bem-sucedida, mas uma forma de abordar a realidade em que toda atitude ganha um colorido próprio da vida imaginativa<sup>12</sup>; sob essa ótica, qualquer atividade pode ganhar as cores do agir criativo. O espaço transicional funciona assim como uma espécie de ponte, de elo entre o mundo subjetivo e objetivo, proporcionando um sentimento de autenticidade na existência e de um viver criativo, fértil. Sem a possibilidade de viver o espaço po-

tencial, de ilusão, o indivíduo não poderia estabelecer contato entre a psique e o ambiente nem experienciar o si-mesmo (self).

Pretendo agora ilustrar, a partir de recortes clínicos, a forma como o grupo terapêutico oferece a possibilidade de construção de um espaço intermediário, onde o brincar criativo possa se instalar. O relato que se segue expõe três momentos distintos da participação de um garoto no grupo, nos quais se percebe um movimento que vai do não se arriscar a brincar, passando por um brincar tímido, até uma atividade solta e espontânea.

*Nas sessões com o grupo de crianças, algumas brincadeiras de faz-de-conta se constituem como as preferidas: salão de beleza, restaurante, consultório médico e outras. Cecília, Roberta e Eduardo se engajam com prazer nas brincadeiras, mas Victor sempre parece apresentar algum desconforto.*

*Numa certa tarde de brincadeiras, Roberta, como uma mãe malvada, passou o ferro quente na barriga de sua bebê, Naná (boneca que costuma levar com frequência ao grupo). Nós, terapeutas, pedimos com urgência a presença de um médico para cuidar das queimaduras da criança e sugerimos que Victor fosse o doutor, mas ele recusou, aborrecido, dizendo que não queria brincar disso. Preferiu buscar no armário o jogo da "Pizza Maluca" e pôs-se a jogar sozinho. Nesse jogo, os participantes lançam dados e movem suas peças num tabuleiro. No trajeto, adquirem ingredientes para montar suas pizzas. Vence o jogo quem terminar a montagem primeiro. Depois de algum tempo, Cecília resolve brincar de restaurante e atrai os outros colegas para a mesa em que Victor está. Uma das terapeutas se dirige a ele e pergunta se nesse restaurante são servidas pizzas.*

8 D. W. Winnicott, *Da pediatria à psicanálise*, p. 327.

9 D. W. Winnicott, *Da pediatria...*, p. 325.

10 D. W. Winnicott, *O brincar...*, p. 80.

11 D. W. Winnicott, *O brincar...*, p. 83.

12 D. W. Winnicott, *O brincar...*, p. 95.

13 D. W. Winnicott, *O brincar...*, p. 75.

»  
*ao longo das sessões,  
tornou-se mais comum que  
Victor aceitasse timidamente – meio  
sem jeito e sem vontade –  
o chamado para brincar*

*Irritado, o garoto grita: – Isso não é uma brincadeira, é um jogo!*

Pode-se perceber que, nesse encontro, foram feitos alguns convites a Victor para ingressar num espaço lúdico, mais livre, mas todos foram recusados. A simples aproximação das crianças com o "restaurante" foi um convite para que Victor transformasse seu jogo tão cheio de regras num brincar mais solto e criativo, apelo que se somou ao pedido mais explícito feito por uma das terapeutas, para que servisse pizzas no restaurante. Lembro-me aqui de Winnicott, quando diz que "o brincar é sempre passível de tornar-se assustador. Os jogos e sua organização devem ser encarados como parte de uma tentativa de prevenir o aspecto assustador do brincar."<sup>13</sup>

O brincar, com a liberdade que oferece, em termos de deixar fluir a energia pulsional, parecia assustador para Victor, e precisava ser controlado. Jogar, então, era mais seguro. As regras fixas do jogo serviam de contenção à vida pulsional, assim como o "cessa da brincadeira" é uma forma de garantir às crianças que as lutas de espada no faz-de-conta não vão machucar de verdade.

Ao longo das sessões, tornou-se mais comum que Victor aceitasse timidamente – meio sem jeito e sem vontade – o chamado para brincar, chegando a divertir-se, até que, num dado momento, quebrava a dimensão da ilusão, trazendo o juízo da realidade.



*ele olhou para uma  
boneca e só pôde ver uma boneca.  
A terapeuta quis trazê-lo  
de volta ao espaço intermediário  
quando tentou emprestar sua  
capacidade de brincar*

Uma das terapeutas trazia sua filhinha para o Doutor Mendonça, nome que demos a Victor na brincadeira: o bebê estava vomitando e fazendo muito cocô mole. Victor divertia-se com todas essas sujeiras que os bebês fazem, mas num certo instante, comentou: – Isso não é um bebê, é só uma boneca, e bonecas não fazem cocô! A terapeuta então replicou: – Bonecas, não, mas a minha filhinha faz, sim!

Aqui, o menino fez a pergunta que não podia ser feita, quando se quer manter a dimensão transicional viva: esse objeto é interno ou externo? Seus olhos saíram de um “estado de poesia”, perderam o poder de metaforizar, de transfigurar os artefatos da realidade em objetos “entre”, a meio caminho entre o dentro e o fora. Ele olhou para uma boneca e só pôde ver uma boneca. A terapeuta quis trazê-lo de volta ao espaço intermediário quando tentou emprestar sua capacidade de brincar e o convidou a olhar além, a voltar para o ambiente lúdico, onde as perguntas sobre a realidade subjetiva ou objetiva das coisas são suspensas. Adélia Prado, em seu poema “Paixão”, fala desse estado de poesia:

De vez em quando Deus me tira a poesia.  
Olho pedra, vejo pedra mesmo.  
O mundo, cheio de departamentos, não é a bola  
bonita caminhando solta no espaço<sup>14</sup>.

Em outra sessão, o garoto consegue sentir-se mais à vontade para brincar, princi-

palmente quando conta com a mediação das terapeutas.

Victor manipula bolas coloridas de um jogo de encaixe e uma das terapeutas, sabendo de seu interesse pelo personagem Harry Potter, aproveita para falar sobre bruxos e suas poções mágicas, cujas receitas são secretas. – Os bruxos não dão as receitas de suas poções, são segredos que guardam a sete chaves, diz a terapeuta, ao que ele completa: – Segredos muito íntimos.

Cecília resolve sentar noutra mesa para brincar de salão de beleza. A terapeuta diz que ficar perto da casa de bruxarias é meio assustador; ela vai então com Cecília para a outra mesa e eu me aproximo de Victor. Pergunto quais as poções que ele tem, mas não tenho resposta. Peço uma poção para deixar os cabelos mais longos e bonitos. Ele me dá a poção dizendo que devo tomar na medida certa, apenas três gotinhas. Curiosa, pergunto: – E se eu tomar mais dessas? Será que viro um lobisomem? Ele gosta da idéia, e diz que sim.

Chegam Cecília e a terapeuta para pedir loção capilar, e a menina põe a mão no jogo de bolas. A terapeuta alerta: – Cuidado, são as substâncias mágicas! Se a senhora toca em alguma, vira sapo! E a brincadeira vira essa, a menina a tocar nas poções perigosas e a se transformar em sapo, além de surgirem dragões e serpentes dos frascos. Victor diz que existe um antídoto (a bola azul) para voltar ao normal e dá a Cecília. Ela toma o conteúdo do frasco e “Ufa!”, dizemos todos, “Tudo voltou ao normal”.

Nessa sessão, ele consegue embarcar na brincadeira, ancorando-se na história de Harry Potter, de que tanto gosta, e na capacidade de brincar dos colegas e terapeutas, que compartilham com ele porções de suas vidas imaginativas. Aqui ele já consegue dar melhor vazão à espontaneidade, e pode contribuir com o enriquecimento da brincadeira, ao trazer a medida de três gotinhas da poção, e o antídoto contra feitiços, conteúdos que são prontamente incorporados pelo grupo e transformados em coisas novas a partir da contribuição de todos, num movimento contínuo. Victor pode, nessa sessão, expressar alguns dos seus “segredos muito

íntimos”, e talvez aqui resida um dos sentidos da expressão: sua própria vida imaginativa, que fica em segredo, oculta, na maior parte do tempo, mas que ele pode, dessa vez, colocar em contato com elementos da realidade externa e compartilhar com os outros. Que alívio poder desprender-se da aridez do real e adentrar o terreno fértil do faz-de-conta!

A imagem que me vem à mente quando penso numa forma de nomear esse momento do brincar em grupo é a de um jogo de frescobol<sup>15</sup> – com a ressalva que aqui cabem mais de dois participantes – em que cada jogador reconhece o gesto do outro, acolhe-o e o devolve, já transformado por sua própria ação. Se a bola cair, o jogo termina. Deixar a bola cair, no grupo, é deixar se romper o espaço potencial, de criatividade, espontaneidade e comunicação entre seus membros. A psicoterapia define-se, para Winnicott, como a superposição de duas áreas do brincar: a do terapeuta e do paciente; quando um dos dois não é capaz de brincar, algo deve ser feito antes que qualquer trabalho se inicie. O que vemos nos grupos terapêuticos é um verdadeiro partilhar da capacidade criativa, um brincar tecido a várias mãos.

Este autor entende que o brincar em si mesmo traz efeitos terapêuticos, na medida em que a criança expressa o que possui de mais singular, e pode existir como um sujeito criativo, autêntico e espontâneo. Nesse sentido, a psicoterapia não demanda muita interpretação, pois a atividade lúdica em si tem um efeito autocurativo. Como acontecia com Roberta, nesse grupo, de encenar com sua filhinha Naná, na fantasia, o que lhe ocorria na relação com sua mãe real; a relação muitas vezes difícil e áspera entre as duas.

14 A. Prado, *Poesia reunida*, p. 199.

15 A imagem do jogo de frescobol foi inspirada na leitura do texto “Tênis x Frescobol”, no livro *O retorno e terno* de Rubem Alves (2000).

16 D. W. Winnicott, *O brincar...*, p. 93.

»

*a teoria winnicottiana  
sempre frisou que o indivíduo  
não existe sem o ambiente ao seu  
redor, materializado nas condições  
físicas e relacionais*

A teoria winnicottiana sempre frisou que o indivíduo não existe sem o ambiente ao seu redor, materializado nas condições físicas e relacionais (qualidade, frequência, afetividade dos cuidados e contatos humanos). Dessa forma, é o ambiente que constrói, junto com a criança, a dimensão do brincar criativo, da vitalidade no existir, do sentimento de si-mesmo. Quando por algum motivo o ambiente original falha na configuração desse espaço, é o ambiente terapêutico que muitas vezes assume essa tarefa. Os relatos clínicos anteriores exemplificam essa função do grupo de psicoterapia.

O procedimento terapêutico, dentro dessa abordagem, consiste em:

[...] propiciar oportunidade para a experiência amorfa e para os impulsos criativos, motores e sensoriais, que constituem a matéria-prima do brincar. É com base no brincar que se constrói a totalidade da existência experiencial do homem [...] Experimentamos a vida na área dos fenômenos transicionais, no excitante entrelaçamento da subjetividade e da observação objetiva, e numa área intermediária entre a realidade interna do indivíduo e a realidade compartilhada do mundo externo aos indivíduos<sup>16</sup>.

O grupo de psicoterapia tem então essa função da mãe-ambiente, que empresta sua própria vida imaginativa para a construção de um espaço onde a vida, de fato, aconteça.



### Referências bibliográficas

Prado A. (1991). *Poesia reumida*. São Paulo: Siciliano.

Santos M. A. (1999). A constituição do mundo psíquico na concepção winnicottiana: uma contribuição à clínica das psicoses", *Psicologia: Reflexão e Crítica*, v.12, nº. 3, Porto Alegre. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=So102-79721999000300005&lng=pt&nrm=iso](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=So102-79721999000300005&lng=pt&nrm=iso)>.

Winnicott D. W. (1975). *O brincar e a realidade*. Rio de Janeiro: Imago.

\_\_\_\_\_. (2000). *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Imago.

### Therapy groups with children and configuration of potential space

**Abstract** This paper presents a connection between Winnicott's concept of an intermediate zone and some extracts from a clinical experience with a group of children. The activities of the group provide a space for *playing*, considered as a capacity that develops in a social environment and favors relaxation, trustworthiness, creation and sharing.

**Keywords** therapeutical group; child psychoanalysis; Winnicott; transitional area

Texto recebido: 08/2007

Aprovado: 11/2007



# Psicoterapia breve psicanalítica

Mauro Hegenberg

**Resumo** O texto discute as características da psicoterapia breve psicanalítica, a partir da fixação de um limite de tempo e de um foco. O parâmetro para a indicação é a demanda do paciente. Aborda a natureza da angústia – de castração, de fragmentação e de perda do objeto – considerando-a como fundamental para a focalização. Um exemplo clínico é apresentado para ilustrar as afirmações do autor.

**Palavras-chave** psicoterapia breve psicanalítica; limite de tempo; focalização; indicação; angústia de castração.

**Mauro Hegenberg** é médico, psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, no qual coordena o Curso de Psicoterapia Breve. É doutor em Psicologia pela USP e especialista em Psicoterapia Breve pela Universidade de Lausanne, Suíça. Escreveu *Borderline e Psicoterapia breve* (Casa do Psicólogo).

A psicoterapia breve psicanalítica, delineada neste texto, tendo a psicanálise como referência, apresenta dois elementos constitutivos: o limite de tempo previamente estabelecido para a terapia e a presença de um foco. Por convenção, o prazo máximo para uma psicoterapia breve é de um ano, podendo durar alguns meses ou algumas sessões.

Alguns autores propuseram outras denominações, como Balint<sup>1</sup> e a psicoterapia focal, ou como Sifneos<sup>2</sup> e a psicoterapia breve provocadora de ansiedade, por exemplo. O termo psicoterapia breve, embora inadequado porque o “breve” não é o indicativo maior dessa forma de terapia, é universalmente aceito e utilizado, tanto em livros quanto em revistas especializadas e congressos.

Quem trabalha com psicoterapia breve (PB) é alvo de críticas, fruto de posições teóricas ou do desconhecimento a respeito do assunto. Quem trabalha com PB psicanalítica sofre duplo preconceito: por parte dos psicanalistas, que a consideram menor diante da análise clássica, e por parte dos teóricos da PB. Estes, em sua maior parte, defendem outras formas de PB: egóica, psicodinâmica, psicodramática, gestáltica, comportamental, cognitiva, por exemplo, e não consideram plausível manter o método da psicanálise em um trabalho com tempo limitado.

## Origens

Freud realizou tratamentos de curta duração. Ferenczi, por exemplo, realizou duas análises com Freud: três semanas em

1 M. Balint, *La psychothérapie focale*.

2 P. E. Sifneos, *Psicoterapia breve provocadora de ansiedade*.



*a PB pode ser bem indicada sem se ater à demanda social por velocidade e superficialidade. Ela pode ter prazo limitado e ser profunda em seus propósitos*

1914 e mais três, então com duas sessões ao dia, em 1916. Com o tempo, as terapias tornaram-se mais longas.

Por volta de 1920, a questão central para os psicanalistas era a reação terapêutica negativa, uma reação paradoxal ao tratamento, constituída por um agravamento dos sintomas, em vez da melhora esperada. É nesse momento que Freud modifica sua concepção de conflito entre a pulsão sexual e a pulsão de autoconservação e introduz a noção de compulsão à repetição<sup>3</sup>. Enquanto Freud, ao enfrentar resistências dos pacientes, propunha um aprofundamento da metapsicologia, Ferenczi<sup>4</sup> preocupava-se com a práxis, com o estudo da relação terapêutica e com a contra-transferência. Freud pretendia que seu arcabouço teórico fosse reconhecido como científico e não como técnica psicoterápica, considerada subjetiva, enquanto Ferenczi priorizava orientação psicoterapêutica. Para ele, a questão principal não seriam as lembranças, ou as construções em análise, mas a vivência dos conflitos do cliente na relação transferencial. Ferenczi acreditava que essa abordagem poderia encurtar o tempo da terapia, porque a rememoração do infantil não seria obrigatória em todos os seus detalhes.

Em 1941, em Chicago, sob a influência de Franz Alexander, ocorreu o primeiro congresso destinado à psicoterapia breve. Com Thomas French, ele escreveu, em 1946, o livro *Psychoanalytical therapy*, no qual propõem modificações na técnica padrão da psicanálise.

Na década de 1950, Balint<sup>5</sup> passou a divulgar os ensinamentos de Ferenczi e os utilizou no trabalho que desenvolveu na Tavistock Clinic, Inglaterra. Malan<sup>6</sup> continua sua obra, demarcando

do a importância da interpretação transferencial e do tempo limitado na PB. Em Lausanne, Edmond Gilliéron<sup>7</sup> propõe o trabalho com as associações livres em PB, salientando a importância da interpretação transferencial e do enquadre.

A maioria dos autores de PB, embora preserve vários aspectos da metapsicologia freudiana, se afasta da psicanálise ao evitar a interpretação transferencial, para não favorecer a neurose de transferência, ao deixar de trabalhar com as associações livres e ao contrariar a regra da neutralidade em nome da maior atividade. Exemplificando, desde 1958 até hoje, Peter Sifneos, de Chicago, escreveu diversos artigos e livros sobre PB, mais voltados para a psicologia do ego, com base teórica psicanalítica.

## Indicação

Ao determinar um número de quatro ou doze sessões anuais, não em função da demanda do cliente, mas visando atender necessidades de ordem econômica, tanto do Serviço Público, quanto dos Seguros de Saúde e dos Convênios Médicos, a PB cria problemas justamente para aqueles que deveriam ser seus beneficiários.

Por outro lado, a PB pode ser bem indicada sem se ater à demanda social por velocidade e superficialidade. Ela pode ter prazo limitado e ser profunda em seus propósitos.

Inúmeras desistências, depois de um curto<sup>8</sup> período de terapia, são ocasionadas pelo fato de que muitas pessoas não têm a intenção de transformar a psicoterapia em uma tarefa longa, sem prazo definido. Uma das indicações de PB é aceitar, após cuidadosa avaliação a ser realizada durante as primeiras sessões, a demanda de um paciente que não está em um momento de sua vida para iniciar uma análise sem final previamente determinado. É imprescindível o analista, nesses casos, estar aberto para transitar em diferentes enquadres, outras possibilidades psicanalíticas, evitando interpretar tal demanda do paciente como resistência a uma análise longa.

Uma situação possível é a PB como porta de entrada para uma análise posterior. Outras vezes o limite de tempo se impõe. Aceitar ou recusar uma promoção associada com mudança de cidade, tomar decisão sobre uma cirurgia, receber auxílio para enfrentar um exame escolar, decidir entre cônjuge e amante, resolver mudar de atividade profissional, entrar em contato com uma doença grave, por exemplo. São exemplos de prazos pré-estabelecidos pelas contingências da vida, em que o paciente solicita ser compreendido em um período limitado de tempo.

Outro fator a ser levado em conta na hora da indicação é o terapeuta. A possibilidade de transitar em diferentes enquadres<sup>9</sup> é fundamental; acreditar, a partir da experiência, na possibilidade de um trabalho profundo, embora por tempo limitado; estar aberto a questionamentos e a novas experiências; poder reconhecer os limites de qualquer proposta terapêutica; acreditar na capacidade do paciente para seguir sozinho a partir do trabalho já realizado são características que um terapeuta deve possuir para trabalhar com PB.

### Vértice psicanalítico

O que é psicanalítico é sempre questão complexa, pois não há acordo entre os diversos autores a respeito. Neste artigo, considera-se o vértice psicanalítico como a articulação entre a teoria psicanalítica e um procedimento determinado. Embora todos os psicanalistas tenham alguma concepção sobre o inconsciente, a teoria varia de acordo com os diversos autores – Freud, Klein,

3 A. Green, *La folie privée*.

4 A. Haynal, *La technique en question*.

5 M. Balint, *op. cit.*

6 D. Malan, *A study of brief psychotherapy*.

7 E. Gilliéron, *As psicoterapias breves*.

8 Entenda-se curto a partir do ponto de vista do analista.

9 Enquadres tais como: tratamento-padrão, com divã, mínimo de três sessões semanais e tempo ilimitado; psicoterapia psicanalítica, com uma ou duas sessões por semana, frente a frente, e tempo ilimitado; psicoterapia breve; grupal; terapia de casal, por exemplo.

10 S. Freud, “Análise terminável e interminável”, p. 251.

11 P. Fédida, *Clínica psicanalítica*, p. 117.

nesse artigo, considera-se o vértice psicanalítico como a articulação entre a teoria psicanalítica e um procedimento determinado

Lacan, Winnicott, por exemplo. Para se situar dentro do vértice psicanalítico, além da teoria, o procedimento considerado se dá a partir da fixação de quatro pilares fundamentais: a investigação/análise transferencial, a interpretação, a utilização das associações livres/atenção flutuante e o respeito à neutralidade.

Tanto a análise clássica, ou tratamento-padrão – divã, várias sessões semanais e tempo ilimitado da terapia –, quanto a PB – frente a frente, uma sessão semanal e tempo limitado da terapia – seguem o vértice psicanalítico. O que varia é o enquadre.

### Limite de tempo

Em “Análise terminável e interminável”, Freud aponta que o “término de uma análise acontece quando o paciente deixa de sofrer seus sintomas, superando suas ansiedades e inibições; também quando o analista julga que foi tornado consciente tanto material reprimido, que foi explicitada tanta coisa inteligível, que foram vencidas tantas resistências internas que não há necessidade de temer uma repetição do processo patológico em apreço”<sup>10</sup>. Por que só uma terapia sem prazo definido será capaz de evitar a repetição de um processo patológico?

Fédida afirma que “um tratamento analítico pode e deve receber um fim quando instaurou no analisando as condições de uma análise sem fim”<sup>11</sup>. Quem garante que uma PB não poderá instaurar tal condição?

Mesmo Freud foi cauteloso em relação ao assunto, ao propor, no caso do *Homem dos lobos*,





*uma sessão de PB psicanalítica não se distingue de uma sessão de análise. A modificação do enquadre, com tempo limitado e focalização, se incumbirá de modificar a relação terapêutica*

um limite de tempo para encerrar sua análise. Apesar de, no início, ter ficado positivamente surpreso com o resultado, mais tarde ele salienta os riscos da fixação de um limite de tempo. Embora em “Análise terminável e interminável” ele deixe a questão em aberto ao afirmar: “empreguei a fixação de um limite de tempo também em outros casos, e levei ainda em consideração as experiências de outros analistas”. E continua a afirmar que “tal artifício de chantagem é eficaz desde que se acerte com o tempo correto para ele. Mas não se pode garantir a realização completa da tarefa”. E, na seqüência, continua: “não se pode estabelecer qualquer regra geral quanto à ocasião correta para recorrermos a esse artifício técnico compulsório; a decisão deve ser deixada ao tato do analista”<sup>12</sup>.

Cabe perguntar o que seria realização completa da tarefa, e se qualquer psicoterapia, breve ou não, seria capaz de tal feito. Determinar, sem avaliação caso a caso, que todas as pessoas necessitam de terapias longas e sem prazo para terminar é cautela ou preconceito?

Gilliéron<sup>13</sup> afirma que limitar a duração da terapia tem um valor interpretativo porque se introduz a noção de realidade temporal, recordando a problemática da castração. O enquadre do tratamento-padrão favorece a regressão, a neurose de transferência e a resistência, descritas por Freud. O limite de tempo inibe as satisfações regressivas, altera o benefício secundário dos sintomas. A compulsão à repetição se modifica a partir da castração imposta pelo limite de tempo, caminhando do princípio do prazer para o princípio da realidade. A temporalidade instituída pelo enquadre torna-se suporte do processo

transferencial, sendo que o prazo pré-estabelecido fornece também um eixo para o trabalho de perlaboração. Não há por que evitar ativamente a neurose de transferência, uma vez que o limite de tempo se incumbem de transformá-la.

A força da transferência, a palavra do analista, sua escuta particular, seu lugar de suposto saber aliado às suas interpretações e à vivência do processo analítico no encontro singular terapeuta-paciente ultrapassam, em muito, os minutos de cada sessão. Então, pergunta-se: por que o tempo da realidade e o tempo fora da sessão não valem também como argumentos a favor da PB? Existiria uma quantidade necessária ou suficiente de interpretações ou de tempo de convivência para se considerar um encontro como terapêutico? Ou uma comunicação significativa<sup>14</sup> pode ocorrer além ou aquém da questão temporal?

Considerando-se que o inconsciente é atemporal, a investigação psicanalítica pode se dar em qualquer tempo, com prazo definido ou não. Dito de outra forma: uma análise não se mede pelo tempo cronológico.

Uma sessão de PB psicanalítica não se distingue de uma sessão de análise. A modificação do enquadre, com tempo limitado e focalização, se incumbirá de modificar a relação terapêutica permitindo que, indiferente à questão temporal, se dê o encontro e a comunicação significativa<sup>15</sup>.

O número de sessões varia de acordo com o paciente e será decidido, em conjunto, após as primeiras sessões. O mais comum é a frequência ser de uma vez por semana. O final da terapia deve ser anunciado, em geral, com um mês de antecedência, e trabalhado adequadamente. Quando o terapeuta diz: “o tempo da PB será de sete meses e no final avaliaremos se continua ou não”, essa terapia provavelmente continuará e o prazo não terá função alguma. O limite de tempo deve ser respeitado para que possa influenciar a relação terapêutica<sup>16</sup>. Para evitar confusões diversas, é preferível que seja marcada uma data para o término e não um número fixo de sessões. Na data acordada, a terapia termina

e um retorno poderá ser marcado para dali a alguns meses; seis, de preferência.

É experiência recorrente que grande parte dos pacientes pensa em continuar a terapia próximo ao seu término e poucos, menos de 20%, assim o desejam após seis meses do final. Em todo caso, a separação implica sentimentos intensos pelo reviver de um processo sutil e complexo em suas origens, a partir de um bebê, ou uma criança, que precisam encarar o mundo sem estarem ainda preparados para tanto. Há pacientes que sentirão a separação como abandono; outros, como castração; para outros, poderá ser fator de desorganização. Não se pode esquecer que a separação também é complicada para o terapeuta, sendo fator relevante a ser levado em conta no aprendizado da PB. Cabe lembrar que muitos pacientes encaram o término da terapia com alívio, como oportunidade de crescimento.

## Focalização

Segundo Malan, “o tratamento não pode deixar de ser focal, porque o paciente mostra um único tipo de problema básico ao longo de sua vida. É provável que qualquer material que o paciente traga represente um aspecto deste problema e tudo o que o terapeuta terá de fazer é interpretar cada aspecto à medida que apareça”<sup>17</sup>. Se essa afirmativa pode ser questionada em relação ao fato de o paciente mostrar um único problema básico ao longo de sua vida, em uma PB, que dura no máximo um ano, esta concepção se verifica.

Em todo caso, qualquer proposta de focalização é arbitrária e artificial, apenas refletindo a

na PB, o foco deverá permanecer presente. O terapeuta deve permanecer em estado de atenção flutuante, sem se ater ativamente ao foco

opção teórica de referência. Segundo os diversos autores, o foco pode ser: o sintoma, as defesas, a crise, a relação objetal, um traço de caráter, um conflito, uma hipótese psicodinâmica de base, a questão edípica, por exemplo. Para mim<sup>18</sup>, o foco incidirá na angústia de castração, de fragmentação e de perda do objeto, discriminado no item *Natureza da angústia*, delineado a seguir.

A PB psicanalítica não tem compromisso com a eliminação do sintoma, mas com o esclarecimento do foco, procurando propiciar autorreflexão, possibilitar a comunicação. O foco é um acordo, um plano inicial de trabalho, uma forma de o terapeuta informar ao paciente que ele entendeu seu problema atual, que está ciente da razão pela procura da terapia.

O terapeuta da PB psicanalítica pode seguir as associações livres de seu paciente, manter-se em estado de atenção flutuante, lidando da mesma forma como ocorre, em uma análise qualquer, no caso das férias do analista, ou de um atraso, ou do esquecimento do pagamento, por exemplo. Se o analista, nessas ocasiões, estiver com tais temas, *focos temporários* privilegiados na memória, e só a eles prestar atenção, ele escolherá esse material e cometerá um erro técnico ao não se importar com o discurso de seu paciente; sua escuta estará distorcida pela intenção de falar sobre esses assuntos. Na PB, o foco deverá permanecer presente, tal como uma falta na sessão anterior, por exemplo, pois o terapeuta sabe que o tema existe, mas deverá surgir na interpretação apenas no momento (*timing*) adequado. O terapeuta deve permanecer em estado de atenção flutuante, sem se ater ativamente ao foco.

12 S. Freud, *op. cit.*, p. 250.

13 E. Gilliéron, *op. cit.*, p. 55.

14 D. W. Winnicott, “Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opostos”.

15 A comunicação significativa ocorre quando se dá o insight, vivenciado na relação transferencial. A comunicação significativa é experienciada no espaço potencial criado, na sessão, pela relação intersubjetiva do par terapeuta-paciente.

16 S. Freud, *op. cit.*, p. 250.

17 D. Malan, *As fronteiras da psicoterapia breve*, p. 260.

18 M. Hegenberg, *Psicoterapia breve*.



*como o foco está relacionado às angústias de castração, fragmentação e perda do objeto, cabe esclarecer tal ponto, a partir das formulações de Freud relativas aos tipos psicológicos*

Como já mencionado, no contexto do presente artigo, o foco<sup>19</sup> incidirá na angústia de castração, de fragmentação ou de perda do objeto, ligada ao motivo da consulta, em conexão com a biografia do sujeito, sua história de vida, sua singularidade. Caso o paciente esteja em crise, esta deverá ser elaborada detalhadamente.

## Crise

Durante as primeiras sessões, é importante estabelecer se o cliente está, ou não, em crise. As etapas e os acontecimentos da vida, potencialmente geradores de crise, como adolescência, meia idade, casamento, separação, desemprego, promoção etc. não levam obrigatoriamente a pessoa à crise. Estar angustiado ou deprimido não é sinônimo de crise. A crise<sup>20</sup>, aqui entendida como ruptura de sentido de vida, produz um corte na subjetividade do sujeito, um contato privilegiado com seus conteúdos inconscientes.

O sujeito em crise questiona seus valores, suas relações afetivas, seus hábitos. Para saber se há crise, é preciso conhecer o estilo de vida do paciente e, para tanto, perguntas sobre sua maneira de viver são necessárias: como é seu cotidiano, seu trabalho e sua vida conjugal, quem são seus amigos e quais são seus interesses, suas leituras e suas preferências musicais, o que vê no cinema e na televisão, por exemplo. Na crise<sup>21</sup>, muitos desses itens são questionados porque seu sentido de vida se modifica.

O sujeito em crise vai exigir uma PB mais longa, que o auxilie em sua travessia. Uma PB de um ano, nesses casos, pode ser indicada.

Considerando que a maioria das psicoterapias não chega a um ano de vida, este espaço de tempo parece razoável<sup>22</sup>.

Muitas pessoas chegam à consulta à beira da crise e cabe ao terapeuta avaliar se há condições para atravessá-la, levando-se em conta a motivação para mudança, a força do ego e a capacidade de *insight*. Em casos graves, restaurar o equilíbrio anterior será mais prudente.

## Natureza da angústia

Como o foco está relacionado às angústias de castração, fragmentação e perda do objeto, cabe esclarecer tal ponto, a partir das formulações de Freud relativas aos tipos psicológicos.

Freud, em seu artigo “Tipos libidinais”, de 1931, propõe três tipos psicológicos, classificados com base na situação libidinal, extraídos da observação e “confirmados pela experiência”<sup>23</sup>. Segundo ele, esses tipos devem incidir dentro dos limites do normal e não devem coincidir com quadros clínicos, embora “possam aproximar-se dos quadros clínicos e ajudar a unir o abismo que se supõe existir entre o normal e o patológico”<sup>24</sup>.

Os três tipos são chamados de tipo *erótico*, tipo *narcísico* e tipo *obsessivo*.

O tipo *erótico* está voltado para o amor. “Amar, mas acima de tudo ser amado”. “São dominados pelo temor da perda do amor e acham-se, portanto, especialmente dependentes de outros que podem retirar seu amor deles”. “Variantes suas ocorrem segundo se ache mesclado com outro tipo, e proporcionalmente à quantidade de agressividade nele presente”<sup>25</sup>.

O tipo *obsessivo* distingue-se pela predominância do superego. São dominados pelo temor de sua consciência em vez do medo de perder o amor. São pessoas com alto grau de auto-confiança<sup>26</sup>. Freud, em *O mal-estar na civilização*, referindo-se ao mesmo tema, considera o tipo obsessivo como um homem de ação, que “nunca abandonará o mundo externo, onde pode testar sua força”<sup>27</sup>.

O terceiro tipo, denominado *narcísico*, é independente e não se abre à intimidação. Não existe tensão entre o ego e o superego e o principal interesse do indivíduo se dirige para a auto-preservação. Seu ego possui uma grande quantidade de agressividade à sua disposição, a qual se manifesta na presteza à atividade. O amar é preferido ao ser amado. Podem assumir o papel de líderes, não se incomodam em danificar o estado de coisas estabelecido<sup>28</sup>. Tende a ser auto-suficiente, buscará suas satisfações principais em seus processos mentais internos<sup>29</sup>.

Baseado nos tipos obsessivo, narcísico e erótico apresentados por Freud, pode-se inferir que eles correspondem, respectivamente e com ressalvas, ao neurótico, psicótico e estado-limite de Bergeret<sup>30</sup> e aos tipos N, P e EL encontrados em Hegenberg<sup>31</sup>, a partir da noção de organizador utilizada por Aiguer<sup>32</sup>.

Freud alerta, com razão, que os tipos puros são teóricos e que os tipos mistos, EL/N, EL/P, P/N, por exemplo, são os clinicamente observá-

»  
*para Freud, esses tipos psicológicos não coincidem com quadros clínicos, mas ajudam a unir o abismo entre o normal e o patológico*

veis, a partir da experiência<sup>33</sup>. Os tipos mistos teriam características de mais do que um dos tipos retratados por Freud; o tipo EL/P, por exemplo, teria características do tipo EL e do tipo P, compondo um tipo psicológico com características próprias, singularizadas pela biografia de cada um.

Para Freud, esses tipos psicológicos não coincidem com quadros clínicos, mas ajudam a unir o abismo entre o normal e o patológico. A partir dessa afirmação, pode-se pensar, baseado em Bergeret, que dentro desses três tipos passe-se da normalidade à patologia, com variações de grau. Há, pois, o neurótico normal e o patológico, assim como o psicótico normal<sup>34</sup> e o patológico e o estado-limite normal e o patológico. Não há um tipo mais evoluído ou mais saudável do que o outro; os três tipos têm suas vantagens e suas desvantagens, os três beneficiam-se e sofrem com seu modo de ser.

O tipo<sup>35</sup> N tem no Superego sua instância dominante, sua angústia principal é de castração, o conflito é entre o Superego e o Id, a defesa é de recalçamento e a relação de objeto é genital, ou edípica. É o neurótico, é a *pessoa total* a que se refere Winnicott<sup>36</sup>. São pessoas distinguidas pela ambição e pela competitividade, com bom controle dos impulsos, superego severo com defesas obsessivas, relações de objeto triangulares, exibicionismo sexualizado ou mais ligadas à ordem e parcimônia, obstinadas, insatisfeitas, individualistas, austeras, racionais e lógicas, teimosas, submetidas a um superego punitivo. Pessoas que levam o terapeuta a querer competir na relação transferencial ou a se sentir questionado, incompetente, castrado.

Os aspectos neuróticos levam a pessoa à ação, conquista, busca pelo poder, disputa. A

19 Os autores de PB discutem se o foco é superficial ou profundo, se o conflito é atual ou nuclear, edípico ou pré-edípico. A meu ver, a interpretação transferencial, edípica ou pré-edípica, contemplará os eixos do triângulo de insight de Menninger, ou seja, relação interpessoal atual, relação transferencial e relações passadas.

20 M. Hegenberg, *op. cit.*

21 No filme *Alguém tem que ceder*, por exemplo, a personagem de Jack Nicholson está em crise e sua companhia de peripécias não está.

22 O paciente que desejar, neste ou em qualquer outro caso, realizar uma psicoterapia por tempo prolongado, que o faça. Discute-se a realização de PB nas situações em que há demanda para tanto.

23 S. Freud, "Tipos libidinais", p. 251.

24 S. Freud, *op. cit.*, p. 251.

25 S. Freud, *op. cit.*, p. 252.

26 S. Freud, *op. cit.*, p. 252.

27 S. Freud, "Mal-estar na civilização", p. 103.

28 S. Freud, "Tipos libidinais", *op. cit.*, p. 252-3.

29 S. Freud, "Mal-estar na civilização", *op. cit.*, p. 103.

30 J. Bergeret, *Personalidade normal e patológica*.

31 M. Hegenberg, *op. cit.*

32 Em *Um divã para a família*, A. Eiguer discute a noção de organizador a partir das contribuições de R. Spitz, R. Kães e D. Anzieu, na p. 27 e seguintes.

33 S. Freud, "Tipos libidinais", *op. cit.*, p. 253.

34 J. Bergeret, *op. cit.*

35 Os tipos N, P e EL são retratados a partir da conceituação de Freud e Bergeret, acima citados.

36 D. Winnicott apresenta uma conceituação próxima aos tipos aqui descritos em seu artigo "Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão dentro do setting psicanalítico".



*Bergeret critica os aristocratas do Édipo, alertando que a personalidade não precisa se estruturar na passagem pela triangularidade para ser considerada normal*

pessoa pode ser falante, às vezes agressiva, incisiva, acusadora, pode parecer autoritária. Seu modo de se colocar no mundo sugere alguém empreendedor, agressivo nos negócios, aparentemente interessado em poder, dinheiro. Ao lidar com a castração, o neurótico deseja o triunfo de modo fálico e a disputa torna-se imperativa. Competir passa a ser mais interessante que escutar ou compartilhar, embora a culpa pela conquista possa atrapalhar. A focalização, nesses casos, passará pelas questões ligadas à castração. Os casos graves desse tipo são a histeria e o transtorno obsessivo-compulsivo.

O tipo P tem no Id sua instância dominante. Sua angústia principal é de fragmentação, a relação de objeto é fusional, o conflito é entre o Id e a realidade, e as defesas principais são a recusa da realidade, a projeção e a clivagem do ego. É o psicótico. Bergeret admite uma pessoa psicótica normal que tem as mesmas linhas estruturais que o psicótico doente. Ele critica os aristocratas do Édipo, alertando que a personalidade não precisa se estruturar na passagem pela triangularidade para ser considerada normal. São pessoas permeadas pela questão da organização/desorganização, são profundas, mais próximas do Id, centradas nelas mesmas, estabelecendo delicada relação com o ambiente potencialmente desestruturador. Alguns são confusos, às vezes são desconfiados, outros são obsessivamente rígidos para evitar a desorganização. Em geral têm um mundo interno rico, são criativos, com idéias próprias, em função de a instância dominante ser o Id. Para se defenderem de uma opinião potencialmente invasiva e desorganizadora, podem parecer teimosos. Como a relação de objeto é fu-

sional, defendem-se da proximidade *exagerada*, que pode ser fator de desorganização interna. O terapeuta, diante desses pacientes, tende a organizá-los. Os casos graves desse tipo são a esquizofrenia, a paranóia e a melancolia.

O tipo EL tem como instância dominante o Ideal do Ego. A angústia principal é de perda do objeto, a relação de objeto é de apoio ou anaclítica, a defesa principal é a clivagem dos objetos em bom e mau, o conflito se dá entre o Ideal do Ego e o Id e a realidade. Há conquista superegógica e edípica, mas eles não são os organizadores da personalidade. Nessas pessoas, a relação é de dependência com o objeto de apoio, fruto do Ideal do Ego que predomina. O sujeito se defende da depressão, que não é melancólica e que aparece quando o objeto anaclítico deixa de apoiar. São questões freqüentes o conflito com o outro a partir da ambigüidade instalada com a equação dependência/ independência. Na relação transferencial, o terapeuta tende a confortar, a apoiar. São os chamados estados-limite e seus casos graves são o *borderline*, a personalidade anti-social e as perversões.

O tipos EL e P não têm o Édipo como principal instância organizadora, o que não quer dizer que não sejam influenciados por ele. A questão da castração é universal e todos os seres humanos lidam com ela, em maior ou menor grau. A diferença é que, no tipo N, o Édipo é central e a castração é a angústia básica de sua personalidade, enquanto no estado-limite e no psicótico, normais ou não, o Édipo influencia, mas a angústia fundamental é de perda do objeto e de fragmentação, respectivamente.

Freud alerta, com razão, que os tipos puros são teóricos e que os tipos mistos, EL/N, EL/P, P/N, por exemplo, são os clinicamente observáveis, a partir da experiência<sup>37</sup>. Os tipos mistos teriam características de mais do que um dos tipos retratados por Freud; o tipo EL/P, por exemplo, teria características do tipo EL e do tipo P, compondo um tipo psicológico com características próprias, singularizadas pela biografia de cada um.

Embora esses conceitos visem facilitar a aproximação clínica com o paciente, deve-se evitar qualquer visão simplificadora. Todas as pessoas são criativas em maior ou menor grau, todos se defendem de invasões, todos lidam com a castração, todos têm que lidar com a angústia de perda do objeto e de fragmentação, todos apresentam as características apontadas em cada um dos três tipos. É perceptível, porém, que algumas dessas características predominem em uma ou outra pessoa.

Essas características de personalidade são naturalmente investigadas, pouco a pouco, ao longo de uma psicoterapia sem prazo fixo, em todos os pacientes. Em uma PB, reconhecê-las e apontá-las, no momento dado pela procura de terapia, propicia *insight* e autoconhecimento, facilitando a compreensão da situação conflitiva que o paciente apresenta.

O foco proposto<sup>38</sup> se dará, então, sobre as angústias – de castração, de fragmentação ou de perda do objeto –, ligadas às características de personalidade do sujeito, respeitado em sua subjetividade singular, levando-se em conta sua história de vida e seu momento atual.

## Ilustração

Pedro, 44 anos e 15 de casamento, vem ao consultório em dúvida quanto a se separar, ou não, da esposa. Ela seria muito exigente, invasiva, controladora, não o deixa em paz. Ele quer ver televisão, ela cobra atenção; ele gosta de andar de bicicleta sozinho, ela reclama que ele não fica em casa; ele está contente por jantar em silêncio, ela considera isso um tédio. Quanto mais ela reclama, mais ele se afasta. Ele prefere não se separar, gosta da esposa, mas não sabe mais o que fazer, porque o casamento está se tornando insuportável.

Ele é um industrial, com freqüentes viagens a negócios pelo Brasil e exterior. Seu cotidiano

*Pedro não está em crise, sua questão se resume à situação matrimonial.*

*Nunca fez psicoterapia anteriormente, nem pretendia se aprofundar em questionamentos sobre si mesmo.*

inclui esportes, lazer com a família, livros técnicos, alguns filmes de ação, música erudita e seriados sobre crimes na tv.

Veste-se com roupa social, preferencialmente com terno escuro, sem muitos cuidados. É alto, magro, olhos castanhos, cabelo curto. Cumprimenta-me com aperto de mão, senta-se na mesma poltrona toda vez, não precisa de estímulo para expressar-se, não controla o tempo da sessão. Reflete sobre o que digo, questiona quando não concorda, faz uso em outras sessões daquilo que lhe faz sentido.

Tem dois filhos pré-adolescentes. A esposa não trabalha fora de casa. Os filhos não apresentam problemas na escola ou em suas relações com os colegas e amigos. O casal tem alguns amigos em comum, ligados à escola e ao bairro em que sempre residiram. Ele é de origem alemã e ela, italiana.

A mãe dele é uma pessoa invasiva, autoritária, distante afetivamente, exigente. O pai é de pouca conversa, vinculado ao trabalho, sem interesse pelos filhos e netos. Tem irmã mais nova, ligada à mãe. Ele teve que se virar desde pequeno, não contou com o apoio dos familiares em seus estudos ou negócios. Considera isso um ponto positivo, pois aprendeu a lidar com o mundo real, enquanto a irmã, mais protegida, é dependente dos pais até hoje.

Veio por indicação da terapeuta da esposa. Pedro não está em crise, sua questão se resume à situação matrimonial. Nunca fez psicoterapia anteriormente, nem pretendia se aprofundar em questionamentos sobre si mesmo.

A PB foi indicada em consideração à demanda do cliente; a proposta com tempo limita-

37 S. Freud, "Tipos libidinais", *op. cit.*, p. 253.

38 Proposto por M. Hegenberg, *op. cit.*



*Pedro necessita ficar sozinho, andar de bicicleta, por exemplo, para colocar as coisas no lugar, organizar-se. Seu distanciamento do outro é necessário para manter coesão interna*

do o tranqüilizou. Uma psicoterapia sem prazo definido não combinava com essa pessoa, afeita à objetividade e aos resultados palpáveis. Propor-lhe uma longa análise poderia fazê-lo desistir depois de um tempo breve, ou nem iniciá-la. Uma PB de cinco meses foi concluída no prazo. As questões foram elaboradas e compreendidas na situação transferencial e a linguagem utilizada foi a mais simples possível, distante de terminologias incompreensíveis para o paciente.

A PB teve como foco as características de personalidade de Pedro. Sua preferência pelo silêncio e pelo sossego foi vinculada à sua necessidade de manter-se coeso, escapando de sua angústia de fragmentação. Ele compreendeu que sua visão a respeito das exigências de sua esposa, vividas como invasivas e desorganizadoras, estava inebriada pela experiência com seus pais, invasivos ou desinteressados. As cobranças da esposa são potencialmente desorganizadoras porque Pedro precisa de um espaço próprio de repouso psíquico, sem ruído externo excessivo. As exigências da esposa/mãe, experimentadas como invasivas – relação de objeto fusional –, resultavam em angústia de fragmentação, pois as opiniões e os reclamos dela penetravam em seu psiquismo gerando questionamentos e confusão. Sua reação costumeira era um maior afastamento, o que complicava ainda mais a situação. Pedro necessita ficar sozinho, andar de bicicleta, por exemplo, para colocar as coisas no lugar, organizar-se. Seu distanciamento do outro é necessário para manter coesão interna, lidar com a relação fusional, percebida como ameaçadora pelas experiências com objeto infantil invasor. Em função disso, seus silêncios e

momentos de reflexão na sessão foram respeitados, proporcionando experiência de não invasão na transferência.

Seu conflito maior não é com ele mesmo, mas com a realidade/ esposa, que o questiona. Por ele, estaria satisfeito com seu modo de ser, que não atrapalha sua criatividade, nem seu desempenho social ou sexual. Durante a psicoterapia, também foi necessário lidar com as ameaças de abandono da esposa, ou os limites/castração impostos pela realidade da vida de casado, mas essas questões, embora importantes, não foram centrais no modo de ser de Pedro, no que tange à angústia de fragmentação que o trouxe à consulta.

Seus aspectos neuróticos também foram contemplados nas sessões. Ele pôde observar o modo impositivo como lidava com as queixas da esposa, a maneira como demonstrava sua irritação com a invasão de seu espaço pessoal pela demanda de atenção dela, o modo competitivo como enfrentava o mundo em geral e sua impaciência com o fato de a esposa não compreender sua necessidade de *silêncio* para ser mais eficaz na construção de uma vida segura e tranqüila para a família.

No caso de Pedro, entender seu modo de funcionamento facilitou o relacionamento com a esposa, na medida em que se apropriou de uma compreensão de si mesmo e do relacionamento com ela.

## Discussão

Compreendido o vértice psicanalítico<sup>39</sup> como a articulação da teoria com o procedimento considerado – ou seja, análise transferencial, interpretação, associação livre e respeito à regra da neutralidade –, a variação de enquadre da psicoterapia breve, com tempo limitado de terapia e utilização de um foco, não a afasta da psicanálise, apenas a coloca em um lugar diferente, com repercussões outras. Mantém-se o método, altera-se o enquadre.

Os autores da PB, seguidores dos fundamentos teóricos psicanalíticos, se distanciam do procedimento acima descrito de maneiras

diversas. Exemplificando, Fiorini<sup>40</sup> evita a interpretação transferencial, Lemgruber<sup>41</sup> privilegia a experiência emocional corretiva, Sifneos<sup>42</sup> propõe ser ativo no foco, abandonando a neutralidade, Malan<sup>43</sup> não lida com as associações livres, referindo-se à atenção e negligência seletivas e Braier<sup>44</sup> propõe a utilização das associações livres apenas no foco. Gilliéron<sup>45</sup> mantém o procedimento psicanalítico, mas inclui a teoria sistêmica em seu trabalho.

Muitos psicanalistas afeitos ao enquadre clássico do tratamento-padrão o consideram isento da necessidade de justificativas. Quando se fala em planejamento em PB, esquece-se que o contexto da análise clássica também é fruto de uma planificação. Interpretar a transferência, utilizar o divã, propor várias sessões semanais e tempo ilimitado para a terapia, prestar atenção nos atos falhos e nos sonhos, considerar o pagamento como questão transferencial, são itens que fazem parte de um planejamento – e que exigem explicações.

Qual a justificativa teórica para se considerar natural a não instituição de um prazo para uma terapia? O ser humano se organiza a partir dos prazos estabelecidos ao longo de sua vida. Para a maioria, há momentos definidos para terminar os períodos escolares, o mestrado, o doutorado, a aposentadoria. A juventude tem hora para terminar: de nada adianta pintar os cabelos ou fazer plásticas no corpo. A morte tem hora e vez, não apenas para Augusto Matraga<sup>46</sup>. Por que a terapia sem prazo de encerramento seria, sempre, a mais adequada?

Ficar dez, quinze ou mais anos em análise é fundamental para nós analistas, e desejável

»

*tudo depende da demanda do paciente: uma psicoterapia sem prazo ou uma PB com prazo definido. E permanece a pergunta sobre quem decidirá tal empreitada*

ou inevitável em muitos casos. Será obrigatório para todos? Considerando que a maioria das terapias iniciadas não chegam a seu término<sup>47</sup>, não seria mais prudente prestar atenção à demanda do cliente do que submetê-lo a um processo ao qual ele não adere?

Um livro tem número de páginas previamente determinado e nem por isso deixa de ser profunda a sua leitura. Quantos filmes se iniciam com a morte anunciada da personagem principal sem tirar sua profundidade e sua emoção? Alguém acredita que a vida de uma pessoa que faleceu aos oitenta anos foi necessariamente vivida mais profundamente que a de diversas pessoas, inúmeros poetas, músicos e escritores, como Mozart, 35 anos; Noel Rosa, 27; Rimbaud, 37; Cazuzza, 32; Augusto dos Anjos, 30; Lord Byron, 36; Alvares de Azevedo, 20; Florbela Espanca, 36; Elis Regina, 36 anos, que morreram jovens? Será que tempo longo é sinal de profundidade? Afinal, o que é o tempo?

Em “Análise terminável e interminável”, Freud afirma que “se quisermos atender às exigências mais rigorosas feitas à terapia analítica, nossa estrada não nos conduzirá a um abreviamento de sua duração, nem passará por ele”<sup>48</sup>. Um pouco antes, ele salienta que “uma análise que durou três quartos de ano removeu o problema e devolveu à paciente, pessoa excelente e capaz, seu direito a participar da vida”<sup>49</sup>.

Em outras palavras, tudo depende da demanda do paciente: uma psicoterapia sem prazo ou uma PB com prazo definido. E permanece a pergunta sobre quem decidirá tal empreitada: o terapeuta, o paciente ou os dois em conjunto?

39 M. Hegenberg, “Método em psicanálise”.

40 H. J. Fiorini, *Teoria e técnica de psicoterapias*.

41 V. B. Lemgruber, *A psicoterapia breve: a técnica focal*.

42 P. E. Sifneos, *Short-term psychotherapy and emocional crisis*.

43 D. Malan, *op. cit.*

44 E. A. Braier, *Psicoterapia breve de orientação psicanalítica*.

45 E. Gilliéron, *Introdução às psicoterapias breves*.

46 G. Rosa, “A hora e a vez de Augusto Matraga”.

47 Segundo a avaliação do terapeuta, porque os pacientes, muitas vezes, terminam por sua conta suas terapias porque estão satisfeitos.

48 S. Freud, “Análise terminável e interminável”, *op. cit.*, p. 255.

49 S. Freud, “Análise terminável e interminável”, *op. cit.*, p. 253.



## Referências bibliográficas

- Alexander F.; French T. M. (1946). *Psychoanalytical therapy: principals and application*. New York: Ronald Press.
- Balint M.; Ornstein P. H.; Balint, E. (1972/1975). *La psychothérapie focale*. Paris: Payot.
- Bergeret J. (1974/1985). *La personnalité normale et pathologique*. Paris: Dunod.
- Braier E. A. (1984/1986). *Psicoterapia breve de orientação psicanalítica*. São Paulo: Martins Fontes.
- Eiguer A. (1985/1989). *Um divã para a família*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- \_\_\_\_\_. (org.) (1991). *La thérapie psychanalytique du couple*. Paris: Dunod.
- Fédida P. (1987/1988). *Clínica psicanalítica*. São Paulo: Escuta.
- Fiorini H. J. (1973/1978). *Teoria e técnica de psicoterapias*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.
- Freud S. (1914). À guisa de introdução ao narcisismo, in *Escritos sobre a psicologia do inconsciente*, vol I. Rio de Janeiro: Imago, 2004.
- \_\_\_\_\_. (1931). Tipos libidinais, in *E.S.B.* Rio de Janeiro: Imago, vol. XXI.
- \_\_\_\_\_. (1929/30). Mal-estar na civilização, in *E.S.B.*, vol XXI.
- \_\_\_\_\_. (1937). Análise terminável e interminável, in *E.S.B.*, vol XXIII.
- Gilliéron E. (1983/1991). *Introdução às psicoterapias breves*. São Paulo: Martins Fontes.
- \_\_\_\_\_. (1983/1986). *As psicoterapias breves*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Green A. (1990/1998). *La folie privée*. Paris: Gallimard.
- Haynal A. (1987). *La technique en question*. Paris: Payot.
- Hegenberg M. (2004). *Psicoterapia breve*. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- \_\_\_\_\_. (2005). Método em psicanálise, in Hegenberg L. (coord). *Métodos*. São Paulo: EPU.
- Lemgruber V. B. (1984). *A psicoterapia breve: a técnica focal*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Malan D. (1963/1975). *A study os brief psychotherapy*. London: Tavistok, reprinted by Plenum Press, New York.
- \_\_\_\_\_. (1976/1981). *As fronteiras da psicoterapia breve*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Rosa G. (1946/1978). A hora e a vez de Augusto Matraga, in *Sagarana*. São Paulo: Nacional.
- Sifneos P. E. (1972). *Short-term psychotherapy and emocional crisis*. Cambridge: Harvard University Press.
- \_\_\_\_\_. (1992/1993). *Psicoterapia breve provocadora de ansiedade*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- Winnicott D. W. (1963). Comunicação e falta de comunicação levando ao estudo de certos opositos, in *O ambiente e os processos de maturação*. Porto Alegre: Artes Médicas.
- \_\_\_\_\_. (1954-55/1988) Aspectos clínicos e metapsicológicos da regressão dentro do setting psicanalítico, in *Da pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro: Francisco Alves.

## Brief psychoanalytic psychotherapy

**Abstract** This article discusses the peculiarities of a brief psychoanalytic psychotherapy, including focus and time-limited therapy. The patient's demand is taken as a parameter for the indication of this type of work. The nature of the anxiety – of castration, of fragmentation and of losing the object – is taken as a basis for choosing the focus. To illustrate the author's views, a sample case is presented.

**Keywords** brief psychoanalytic psychotherapy; time-limited therapy; focus; indication; castration anxiety.

Texto recebido: 05/2007

Aprovado: 02/2007

122

Psicoterapia breve psicanalítica : Mauro Hegeberg



# Miriam Chnaiderman

## Uma psicanalista que faz cinema

### Realização

Andréa Carvalho Mendes de Almeida,  
Bela M. Sister, Danielle Breyton, Renata Puliti,  
Silvio Hotimsky e Susan Markuszower

*“Uma psicanalista que faz cinema”, assim Miriam Chnaiderman se auto-define e delimita, embora esteja sempre aberta a novos interesses, aos quais se entrega com encantamento, como pode ser visto nesta entrevista realizada em março de 2008.*

O prazer nos estudos de filosofia, psicologia e psicanálise, o gosto pela literatura, música, cinema – as artes em geral – marcam sua trajetória intelectual, na qual se destacam o mestrado em literatura e psicanálise – é mestre em comunicação e semiótica pela PUC-SP –, o doutorado em teatro – é doutora em artes pela Escola de Comunicação e Artes da USP –, e o pós-doutorado no Laboratório de Psicopatologia Fundamental da PUC.

Em seus escritos, Miriam procura atravessar esses diferentes campos da cultura, enriquecendo o diálogo entre eles. É na relação entre estética e psicanálise que busca as possibilidades de criação nesta práxis e a compreensão de sua própria clínica, num permanente questionamento. Como as intensidades afetivas podem tomar forma? Como nomear algo que não tem forma, que não cabe no discursivo? A importância das formas expressivas, não-discursivas, constitui o principal foco de suas reflexões.

Sua vasta produção pode ser estimada em seus livros publicados – O hiato convexo: literatura e psicanálise (Brasiliense, 1989), Ensaios de psicanálise e semiótica (Escuta, 1989) –, e em inúmeros ensaios em coletâneas, revistas especializadas e suplementos de cultura dos jornais paulistanos.

Não bastasse isso, desde 1994, Miriam também se dedica ao fazer cinema. Em seus documentários, procura “dar voz ao que, em nosso mundo, é silenciado”. Os nomes de seus docu-



mentários sinalizam nessa direção: “Dizem que sou louco” (1994), “Artesãos da morte” (2001), “Sobreviventes” (2008), entre outros. O cuidado que tem com seus “personagens” não se restringe à acolhida que oferece durante a filmagem dos depoimentos. Reconhece neles o desejo de querer saber a que sua imagem serviu, e aborda esse tema como uma questão ética.

No relato de sua trajetória revelam-se momentos significativos da história da psicanálise em São Paulo, como a formação do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e a situação política do país na década de 1970/1980.

Sua pertinência a essa instituição lhe “dá um contorno como psicanalista”, mas sua marca característica é estar permanentemente aberta e atenta ao que acontece no mundo e na psicanálise, refletindo, escrevendo e filmando numa inesgotável e admirável capacidade de produção e criação.

124

PERCURSO 40 : junho de 2008

**PERCURSO** Você é uma psicanalista que se debruçou para além do campo estrito da psicanálise, em especial na filosofia e nas artes. Gostaríamos que você nos contasse um pouco sobre sua trajetória de formação.

**MIRIAM CHNAIDERMAN** O meu percurso na psicanálise começou muito cedo, pois sou filha da Regina Schnaiderman, uma psicanalista que teve um caminho bem especial na psicanálise em São Paulo. Desde muito pequena, eu ouvia falar de Freud e das questões da formação em psicanálise. Quando, aos 11 anos, fiz o exame de admissão para entrar no ginásio, minha mãe fez vestibular para entrar em psicologia, já interessada na psicanálise. Ela era uma grande professora de química. Naquele momento, foram dois exames dentro de casa. Minha mãe tinha os grupos de trabalho da faculdade e eu os meus trabalhos do ginásio. Vivíamos, em casa, um clima de todo mundo estudando. Como minha mãe já tinha um diploma, logo começou a dar aula na psicologia social. Tentou, por duas vezes, entrar na Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Eu acompanhava tudo isso... Tenho uma



*meu percurso na psicanálise  
começou muito cedo,  
pois sou filha da  
Regina Schnaiderman,  
uma psicanalista que teve um  
caminho bem especial  
na psicanálise em São Paulo*

lembrança difícil da minha mãe, aos prantos, muito deprimida e triste por não ter conseguido entrar na Sociedade de Psicanálise.

**PERCURSO** Em que ano foi isso?

**MIRIAM** Deve ter sido em 1963 ou 1964, não sei exatamente o ano. Lembro que nessa época ela se juntou com a Betty Milan e o Fabio Herrmann para ler Freud, em casa. Isso foi o embrião de muitas e muitas coisas. Eu, adolescente muito curiosa, era bem curiosa mesmo, ouvia aquilo tudo, mas não sabia exatamente o que significava. E tinha meu pai, Boris Schnaiderman, um intelectual, apaixonado pela literatura, que fundou o curso de russo na USP. Ele fazia e ainda faz (aos quase 91 anos) traduções do russo. Em nossa casa lia-se e traduzia-se Maiakovski, Gorki, Dostoievski, e, por conta disso, passaram por lá Haroldo e Augusto de Campos e Décio Pignatari, entre outros. Era uma casa cheia de eventos, muito aberta para tudo que estava acontecendo em São Paulo e no mundo. Eu fui realmente formada ali, nesse encantamento com a poesia, com a música, com o cinema.

Quando eu tinha 14/15 anos, começou esse grupo com a Betty Milan e com o Fabio.





*fiz o vestibular na filosofia na USP, junto com o de psicologia, naquele momento isso era possível. Fiquei marcada pelo vestibular de filosofia, em cuja prova oral fui examinada por Bento Prado, Paulo Arantes e Victor Knoll*

Acompanhei a decisão da minha mãe de abrir um consultório, mesmo não tendo entrado na Sociedade. Ela era uma figura muito disruptora, que afrontava e questionava. Esse foi um ato importante, de muita coragem, porque ser psicanalista, naquele momento, era condicionado a estar ligado à Sociedade, à IPA. Foi um grande esforço e ela teve todo apoio do Isaías Melsohn, a quem foi muito ligada.

As questões políticas sempre permeavam a rotina de nossa casa e vivemos coisas bem difíceis. Esse grupo dos três tornou-se um grupo de estudos, que se encontrava semanalmente. Dele participaram a Marilsa Taffarel, a Marilene Carone, a Marie Christine Laznik, entre outros. Era um grupo de referência para quem não estava na Sociedade e queria estudar psicanálise. Lembro-me de uma vez em que a Iara Iavelberg veio ao grupo para trabalhar Freud. Ela era uma figura mítica, uma mulher muito bonita e com quem minha mãe tinha alguma proximidade. Então veio o AI5, quando eu estava fazendo vestibular. Meu irmão e eu já nos havíamos aproximado da política e ele foi para a luta armada. Nessa época, por causa da perseguição política, a Iara teve que ir para a clandestinida-

de, viveu muitas perseguições. Uma vez fizeram, na USP, um abaixo-assinado pedindo apoio para a Iara. Vários didatas da Sociedade Brasileira de Psicanálise lecionavam na Faculdade de Psicologia da USP. Esses professores ligados à Sociedade se abstiveram frente à questão, alegando que preferiam manter a isenção, ter uma atitude de neutralidade. Esse posicionamento, naquele momento, foi muito ruim e para mim algo ficou muito claro – evidentemente já existia a história da minha mãe com a Sociedade de Psicanálise – e eu disse a mim mesma: “não quero saber de nada relacionado a quem pensa a psicanálise como algo fora do mundo, algo que paira sobre os fatos da vida”.

Estávamos em 1968, 1969 e eu tinha muita curiosidade e dúvidas em relação a fazer psicologia, tanto que entrei em filosofia e psicologia. Eu gostava muito de escrever contos, escrevia bem, inclusive me arrependo um pouco de não tê-los publicado. Enfim, eu tinha muitas dúvidas entre ser uma escritora, trabalhar com literatura ou fazer psicologia. Fui fazer psicologia pensando que não queria ter consultório e sim que queria trabalhar em algo que tivesse um alcance mais amplo. Minha mãe volta e meia me perguntava: “O que eu vou fazer com todos esses livros?!” Ela era bem sutil... Eu ficava bem irritada, não achava que teria que fazer psicologia ou ser psicanalista por causa dela.

Fiz o vestibular na filosofia na USP, junto com o de psicologia, naquele momento isso era possível. Fiquei marcada pelo vestibular de filosofia, em cuja prova oral fui examinada por Bento Prado, Paulo Arantes e Victor Knoll. Todas as falas, durante a prova, foram maravilhosas, foi uma experiência incrível ouvir o Bento Prado e todos os outros, era como ter uma aula. Quando o curso começou, em 1969, ainda tive uma aula com o Artur Gianotti, que logo em seguida foi cassado. Com o AI5, vivemos as cassações, foi aquele terror e aconteceu tudo o que sabemos.

Nessa época eu tranquei meu curso de filosofia, fui fazer psicologia e me encantei. Eu era



muito c.d.f. e fazia projetos de pesquisa de psicologia comportamental, pois naquele momento, no primeiro e segundo ano na USP, era só o que havia; controle e contracontrole. Mesmo assim eu me dedicava muito à faculdade e sentia prazer em estudar. Exceção feita à estatística e fisiologia, eu não agüentava espinhalar sapo, o resto me encantava. Eu lembro que fiz uma observação de caramujos de aquário em etologia e a considero útil até hoje, por causa dos exercícios de descrição que tive de realizar.

Quando estávamos no terceiro ano da faculdade, a Bela Sister, a Sandra Moreira de Souza Freitas, a Vera Acquaro Lora, o José Ferreira e eu fomos autorizados a freqüentar o tal do seminário de Freud que acontecia na minha casa. No final do quinto ano já tínhamos um consultório. Eu voltara a cursar filosofia. Passava o dia todo na faculdade e à noite ia para a aula de filosofia e foi quando conheci a semiótica, me encantei com as questões de filosofia da ciência e da linguagem. Até que chegou um momento em que decidi que não precisaria ter o diploma de filosofia, não que não quisesse mais, mas a vida vai acontecendo, minha filha Luana nasceu e fui realmente entrando na clínica.

Logo depois de me formar em psicologia, entrei no mestrado em psicologia social, mas não fui adiante. Nesse meio-tempo, não me lembro exatamente quando, provavelmente 1972, 1973, a Betty Milan, antes de ir para a França fazer análise com Lacan, conseguiu que a Marilena Chauí ministrasse um seminário sobre Lacan, que ainda era totalmente desconhecido no Brasil. Minha mãe, sempre atenciosa com a bibliografia francesa, já o conhecia. Enfim, vários de nós nos debruçamos sobre o Lacan com uma guia privilegiada que era a Marilena Chauí e isso durou cerca de um ano.

Nessa época, eu e minha mãe fizemos a revisão técnica da primeira tradução de Lacan, o que me marcou bastante. Eu realizei também, com o Renato Janine Ribeiro, a tradução da *Gramatologia* do Derrida e também me sinto muito marcada por esse trabalho, porque estudei o Derrida profundamente. Essa tradução é

*escolhi alguém que teria,  
minimamente, a vivência do que  
era fazer política no Brasil e essa  
foi minha primeira  
análise. Depois, fiz uma  
análise com o Mário Lúcio Alves  
Baptista e mais recentemente  
com o Contardo Calligaris*

muito cuidada, passamos cerca de um ano nos encontrando e trabalhando juntos.

Quando eu comecei a ter consultório, meu primeiro supervisor fora da faculdade foi o Deocleciano Bendocchi Alves, da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo. Ele era um analista com uma certa abertura. Lembro-me de que, quando me deu o texto de sua apresentação de caso para ser membro efetivo – era sobre uma criança que ele atendia – ele fez uma dedicatória comovente que guardo até hoje.

Foi penosa a escolha de com quem fazer análise... Nós vivíamos uma situação muito difícil nos anos 1970, meu irmão foi perseguido, teve que ir para a clandestinidade e por fim se exilou. Eu me perguntava quem poderia escutar essa história, a questão da militância e da política, como uma história a ser ouvida e não como uma questão edípica ou qualquer coisa assim. Escolhi o Deodato Azambuja, que eu sabia ter noção do que estava acontecendo no Brasil, naquela terrível ditadura. Escolhi alguém que teria, minimamente, a vivência do que era fazer política no Brasil e essa foi minha primeira análise. Depois, fiz uma análise com o Mário Lúcio Alves Baptista e mais recentemente com o Contardo Calligaris.





*nessa época, aplicávamos o teste de Rorschach nos pacientes que nos procuravam. Não se costuma mais fazer isso, mas acho que o Rorschach é um teste rico e bem interessante e a Marilene tinha uma maneira especial de trabalhar com a análise qualitativa*

Quando eu me formei, criamos um grupo e fomos atrás do que nos interessava. Como não queríamos ir para a Sociedade, que caminhos tínhamos? Procuramos a Julieta Nóbrega para trabalhar a questão da criança, fazíamos seminário clínico com o Isaías Melsohn, montamos consultório eu, a Bela Sister, a Sandra Moreira, a Marli Schor, a Vera Acquaro Lora, a Fernanda Colonnese, a Marilene Carone e a Marilsa Taffarel. Tínhamos discussões clínicas toda terça-feira e o Fabio Herrmann vinha também para os nossos encontros. Funcionávamos como uma cooperativa; quando chegava um paciente que não podia pagar, discutíamos quem iria atendê-lo. Nessa época, aplicávamos o teste de Rorschach nos pacientes que nos procuravam. Não se costuma mais fazer isso, mas acho que o Rorschach é um teste rico e bem interessante e a Marilene tinha uma maneira especial de trabalhar com a análise qualitativa. No fundo, era como se buscássemos alguma garantia para poder nos autorizarmos como analistas. Ainda era uma ameaça muito grande ser um analista em formação, num momento em que só a IPA dava esse direito.

E foi então que chegaram os argentinos, buscando o Brasil depois de viverem duros

momentos na ditadura. Montamos um grupo com a Ana Maria Sigal para estudar o teste de Relações Objetivas, porque ela tinha estudado na Inglaterra. Lembro que a gente lia Baranger, estudava Melanie Klein, fazia supervisão clínica com a Julieta Nóbrega, seminário com o Isaías Melshon e grupo de Freud com minha mãe, que continuou até 1977/1978, e além disso tudo eu fazia supervisão com o Deocleciano. Era intenso e extremamente rico.

Em 1975, Roberto Azevedo chamou minha mãe para fundar um curso de formação de analistas no Instituto Sedes Sapientiae. Esse foi um momento marcante e delicado de institucionalizar a formação que já realizávamos. O Sedes, naquele momento, era como um sonho, uma possibilidade de unir a formação e a história política. Existia a Carta de Princípios do Sedes, em busca de uma sociedade sem desigualdades, com respeito a princípios éticos, que nos norteavam. Naquela época eu falava muito sobre como exercer a militância política sendo psicanalista. Hoje, penso que esse assunto é bem mais complicado.

Quando o curso começou, foi um momento duro para todos nós. Quem o Roberto e minha mãe poderiam chamar para serem professores do curso? Os analistas da Sociedade. Não existia outro jeito. Tanto que o curso chamou-se, naquele momento, Psicoterapia de Orientação Psicanalítica, para não entrar em uma pseudo luta por territórios com a IPA. Claro, o Fabio Herrmann esteve presente nesse início, mas a Betty Milan já estava por Paris. O Deodato foi um dos que começaram a dar supervisão e seminário teórico, assim como o Orestes Forlenza. A Sociedade se opôs à existência de um grupo de formação autônomo. E, de certa forma, ameaçou membros seus que participassem do Sedes. Eu estava no quinto ano de análise e foi um momento sofrido em que vivi, em mim, essa questão IPA, não IPA.

**PERCURSO** Você tem um percurso acadêmico importante, além de uma forte ligação com o ensino e a transmissão da psicanálise. Fale-nos também sobre isso.

**MIRIAM** Em 1978, resolvi satisfazer meu velho sonho de escritora e tentei trabalhar literatura e psicanálise em meu mestrado na Comunicação e Semiótica. Foi quando entrei na PUC, orientada pelo Haroldo de Campos. Penso que então algo se arredondou em meu percurso. E foi, também, quando se instaurou essa duplicidade de pertinência que me acompanha até hoje e que me faz ter uma leitura dos textos teóricos da psicanálise e uma clínica muito marcadas pelo contato com o mundo das artes.

Nesse meio-tempo, minha mãe adoeceu e foram dois anos bem duros; só concluí a dissertação de mestrado depois.

Tinha começado a dar aula no Sedes, o que foi uma experiência rica e complicada, porque foi nessa época que aconteceu a cisão com o Roberto Azevedo, que foi um grande sofrimento. A cisão ocorreu em torno de questões que considero fundamentais até hoje. Questões de postura, em torno de hierarquizar ou não o ensino, criar ou não uma pirâmide que terminava repetindo a estrutura da IPA. Era também um momento complicado de contratação de professores. A Marilene e a Marilsa davam aula há dois anos. O corpo de professores propôs então que o Sérgio Telles e eu nos tornássemos professores. Houve uma questão em relação à minha contratação e que foi um dos desencadeantes daquela historizada toda. Vivemos questões bem complicadas do ponto de vista ético, mas, finalmente, eu fui lecionar no Sedes. Eu já tinha dado aula na USP, assim que me formei, como docente voluntária. Logo depois que a minha mãe morreu, eu também fui procurada para fazer um grupo de estudos fora de qualquer instituição, um grupo que foi muito fecundo e que durou muitos anos, um grupo extremamente rico.

Depois disso fui fazer doutorado na Escola de Comunicação e Artes (ECA/USP), em teatro. O Jacó Guinsbug sempre me convidava para dar cursos lá como professora convidada, e uma vez, num seminário, alguém se referiu ao método das ações físicas do Stanilavski. Eu resolvi trabalhar com o método físico dele e a livre associação em

*a escrita, para mim, sempre foi algo fundamental. Quando fico muito tocada por alguma coisa, escrevo. É um jeito de tentar entender ou pensar o que está me acontecendo*

Freud. Finalmente, em 2002, fiz meu Pós-doutorado, com bolsa da Fapesp, no Laboratório de Psicopatologia Fundamental do Programa de Psicologia Clínica da PUC, junto ao Manuel Berlinck. Essa pesquisa foi sobre a questão da identidade no mundo contemporâneo e me levou a pensar bastante acerca dos conceitos de identidade e identificação e a mergulhar sobre isso no Brasil. O livro, fruto dessa pesquisa, está praticamente pronto.

**PERCURSO** Você tem se dedicado ao cinema nos últimos anos. Como despontou esse interesse?

**MIRIAM** Eu já escrevia e publicava no *Folhetim*, o que é hoje o caderno *Mais* (o caderno de domingo do jornal *Folha de S. Paulo*), e na *Folha Ilustrada*, sempre muito encantada com cinema. A escrita, para mim, sempre foi algo fundamental. Quando fico muito tocada por alguma coisa, escrevo. É um jeito de tentar entender ou pensar o que está me acontecendo. Se vocês lerem meus textos sobre cinema, observarão meu mergulho nas sensações para depois poder nomear.

Minha história no cinema começou com o Reinaldo Pinheiro me procurando para escre-



*Por isso penso  
que sou profundamente  
psicanalista, me sinto uma psicanalista  
mesmo quando faço cinema.  
O documentário vem daí*

ver um roteiro. Ele é cineasta, tinha feito dois curtas, e me procurou para escrever o roteiro de um longa-metragem, o “Bandido Blues”, baseado numa história terrível e verdadeira, de uma psicóloga que se apaixonou por um menino da Febem. A experiência de escrever um roteiro de ficção é algo bastante enlouquecedor, porque você tem que transformar a história numa imagem e é como se você se auto-produzisse um sonho tornando-o realidade. Fiquei encantada com a experiência. Esse longa não aconteceu, mas nesse meio-tempo houve um concurso para um prêmio estímulo, para cineastas iniciantes – é complicado fazer cinema, precisa ter dinheiro e o dinheiro vem de editais, de concursos, de prêmios que você ganha. O Reinaldo tinha a idéia de fazer um documentário sobre o louco do bairro, inspirado num poema do Leminski que dizia: “Cada bairro tem um louco que o bairro sabe quem é”. Essa idéia não era minha, ele já tinha tentado um concurso sem sucesso e me perguntou se eu não queria colocar esse projeto em meu nome. Ele estava com um curta e não podia inscrever esse roteiro. Fiquei realmente em dúvida, mas acabei colocando e ganhei. “Dizem que sou louco” é o meu primeiro

documentário. Eu finalizei esse filme junto com a tese de doutorado, em 1994.

Sempre trabalhei muito no consultório, gosto disso e me sinto uma psicanalista que faz cinema. É difícil dizer que sou psicanalista e cineasta. Falam muito nessa duplicidade, mas para mim não é uma divisão, quer dizer, acaba acontecendo na vida, é uma divisão no sentido em que demanda tempo, demanda presença, escolhas, o que é um processo sofrido, mas eu me sinto psicanalista, mesmo fazendo cinema. Um jeito outro de ser psicanalista, mas psicanalista.

No “Dizem que sou louco”, trabalhamos junto com acompanhantes terapêuticos, que naquele momento formavam uma cooperativa, *A Estação*, e a experiência de ir para rua sem saber o que encontrar foi incrível. Você se sente fisgado pelo que vai acontecendo... Isso eu vivo a cada documentário que faço, não tenho vontade de fazer ficção.

**PERCURSO** Essa é uma das perguntas que gostaríamos de lhe fazer. Por que documentários? O que representa e que função tem para você o gênero documentário? E ainda, como você escolhe os temas de seus filmes?

**MIRIAM** Não conseguiria fazer uma coisa que não tivesse nada a ver com o fato de ser psicanalista. O Reinaldo está lançando um longa-metragem de ficção. Eu acompanhei esse trabalho, é uma outra história, um outro jeito de fazer cinema, quase um outro cinema. Adoro, acho lindo, adoro ir ao cinema, mas eu não tenho vontade de fazer ficção! Por isso penso que sou profundamente psicanalista, me sinto uma psicanalista mesmo quando faço cinema. O documentário vem daí, é uma experiência incrível sair com a câmera, com uma equipe reduzida, ir ao encontro de algo que você não sabe o que vai ser. Isso não existe em ficção. Em ficção a equipe é enorme, todo o equipamento é super-complexo, as luzes, maquiagem, roupas, atores...

No “Sobreviventes”, meu oitavo documentário, foi a primeira vez que trabalhei com duas câmeras. Foi um filme que fiz com o Reinaldo e

foi muito bom porque ele cuidou da imagem e eu das entrevistas, que foram difíceis. Eu precisei ter muito cuidado com as situações, acolher as pessoas, dar um chão. Eu nunca tinha trabalhado com duas câmeras antes, sempre trabalhei com uma câmera, o técnico de som e as pessoas que estão comigo e que me ajudam na entrevista. São equipes compostas por quatro ou cinco pessoas. Às vezes somos mais porque tem sempre alguém preocupado com o tema, e que está no projeto, como no “Dizem que sou louco”. Fiz esse filme com pouquíssimo dinheiro, usei muito material caseiro que a Marta Okamoto e a Deborah Sereno filmaram. Eu queria fazer um filme que não estigmatizasse as pessoas, um filme esparado pela cidade. A partir do “Artesãos da Morte”, acho que se criou uma intimidade nas entrevistas e em como as coisas foram acontecendo e isso tem a ver com ser psicanalista, com algo que vem da minha experiência clínica e que faz um recorte no que eu faço como cinema.

Os temas vão brotando das mais diversas maneiras. O “Dizem que sou louco” aconteceu do jeito que contei. Poder escutar alguém nessa situação de rua foi algo muito marcante, uma experiência muito rica, incrível mesmo. Depois disso, em vários momentos, fui procurada para dar assessoria ou para falar para pessoas que trabalham com a rua, com moradores de rua. A partir dessa experiência eu pensei em jeitos de trabalhar com moradores de rua que até hoje eu não vi ninguém fazendo, que seria com equipes itinerantes e um trabalho que pudesse acontecer na rua. Cheguei a propor isso na Fundação Vita, tentando levar adiante esse projeto e lamento não ter encontrado maneiras de continuar. As pessoas querem mais é tirar essas figuras estranhas da rua, mais do que transformar a rua num espaço de criação, de enlouquecimento possível e acolhido. O tema do “Artesãos da morte” veio a partir de uma supervisão de uma pessoa que trabalhava num hospital municipal e que atendia um pedreiro de cemitério que tinha tentado se enforcar. Eu levei um tempão para conseguir fazer esse filme, já tinha até desistido e levei um susto quando saiu. Entre

o tema do “Artesãos da Morte”  
veio a partir de uma supervisão  
de uma pessoa que trabalhava  
num hospital municipal  
e que atendia um pedreiro  
de cemitério que tinha  
tentado se enforcar

o “Dizem que sou louco” e o “Artesãos da morte” passaram-se cinco ou seis anos, o roteiro passou uns três anos circulando pelos concursos... Fazer cinema é muito sofrido.

O “Gilete azul” (2003) surgiu com a Nazareth Pacheco me procurando para escrever sobre uma exposição que ela ia fazer e eu achei que tinha que fazer o documentário, não queria perder aquele momento tão único. Quanto aos outros dois sobre preconceito – “Isso, aquilo, aquilo outro” (2004) e “Você faz a diferença” (2005) – fui procurada, por conta do meu trabalho, pela Universidade Federal de São Carlos para fazer vídeos que comporiam a formação de professores, instrumentando-os para lidar com o preconceito dentro da sala de aula. A idéia de “Passeios no Recanto Silvestre” (2006) foi de David Calderoni, que queria fazer um filme sobre o José Agrippino de Paula – escritor, cineasta, encenador dos anos 1960, 1970 –, e me procurou. Eu conhecia o José Agrippino desde a adolescência. Eu fazia dança e ele era casado com a Maria Esther Stockler, que era dançarina. De repente, me vi, com o David e uma equipe, chegando à casa dele, conversando e acompanhando toda sua história durante um ano e meio.



*É curioso isso de se deixar invadir por aquilo que você está vendo e em seguida transformar isso numa escrita e não explicitar, porque não se trata de explicitar a teoria que está por trás e que faz com que você apreenda aquilo daquele jeito*

O “Procura-se Janaína” foi assim: quando terminou o José Agrippino eu falei para a Deborah Sereno, que trabalha comigo desde o “Dizem que sou louco”, que estava com vontade de fazer um filme sobre o que aconteceu com os manicômios depois da implantação da lei anti-manicomial. Existem vários documentários importantes sobre manicômios, o “Em nome da razão” de Helvécio Ratton, sobre o manicômio de Barbacena; o “Passageiros da segunda classe” de Luiz Eduardo Jorge, feito em Goiânia, bem impressionante, e eu queria saber o que aconteceu depois que fecharam os manicômios, o que aconteceu com os pacientes crônicos do Juqueri. A Deborah disse que tinha vontade de saber onde estaria a Janaína, uma criança que era da Febem e que ela acompanhara numa clínica. A Deborah procurou a Yara Sayão, que atendera a Janaína dentro da Febem. Fizemos o projeto, fomos selecionados pelo Rumos do Itaú Cultural e aí aconteceu o documentário.

O “Sobreviventes” teve origem a partir de uma questão psicanalítica, uma questão que me levou a participar do laboratório do LEI (Laboratório de Estudos sobre a Intolerância da USP) no Departamento de Psicanálise do Sedes;

fiz um projeto de pesquisa sobre o que é o sobrevivente a partir das idéias de Nathalie Zaltzman. Eu queria entender o traumático, que é sempre pensado em termos quantitativos. Minha questão era: será que não tem algo de qualitativo no traumático que implica possibilidades distintas de elaboração, de simbolização? Foi um processo interessante, pois havia a proposta de pesquisa bastante teorizada e formatada. Surgiu o concurso Janelas Brasil (TV Cultura, Sesc e Secretaria de Cultura do Estado). Eu tinha mandado outro projeto, sobre a Elke Maravilha, e resolvi mandar o “Sobreviventes” também. Então tive que dar uma forma de roteiro, pensar imageticamente. No projeto inicial, havíamos pensado em acompanhar as pessoas no dia-a-dia delas, como contraponto à fala sobre o traumático. A partir do que foi acontecendo, abrimos mão dessa idéia. O documentário vai ditando aquilo que vai acontecendo.

Foi bem especial a passagem da pesquisa teórica para a ação, quando você encarna... Nesse processo do “Sobreviventes”, a pesquisa, o substrato teórico freudiano e não freudiano, a noção de identificação com a espécie da Nathalie Zaltzman, tudo isso foi virando um roteiro em que no final é o humano, é o sofrimento de pessoas, histórias de superação ou de não superação. Esse processo do teórico até o roteiro e depois fazer o documentário foi uma experiência muito importante para mim.

Hoje, para essa entrevista, eu estava lendo os meus textos sobre filmes que foram publicados em jornais, que são textos pontuais, curtos, em função dos limites de linhas. É curioso isso de se deixar invadir por aquilo que você está vendo e em seguida transformar isso numa escrita e não explicitar, porque não se trata de explicitar a teoria que está por trás e que faz com que você apreenda aquilo daquele jeito.

**PERCURSO** Em seu livro *Ensaio de psicanálise e semiótica*, você fala que o psicanalítico é uma escuta da imagem. Poderíamos dizer que o seu trabalho no cinema segue esta mesma linha?



*eu concordo com  
Primo Levi e já escrevi  
bastante sobre o documentário  
“Shoah”. Esse filme consiste  
numa série de depoimentos  
sem nenhuma imagem  
do terror nazista*

**MIRIAM** Sempre acreditei na fala e isso aparece claramente nos meus filmes, e de forma mais explícita no “Sobreviventes”. É o que me faz ser documentarista. Em todos os meus filmes, escolhi trabalhar com situações-limite, onde a fala possibilitou a instauração de um “ser” sujeito.

Antes, eu pensava a palavra como imagem e depois passei a pensá-la como desenho, como algo não necessariamente discursivo, que vai do não simbólico em direção ao simbólico e se desenha.

Hoje me pergunto: é você que escuta a imagem ou é a imagem que te escuta?

**PERCURSO** Você defende a tentativa de narrar o inenarrável através da fala, da filmagem da fala. Primo Levi, um dos maiores narradores da Shoah, dizia que nossa língua não possui palavras para expressar a ofensa que significa a aniquilação de um homem. Seus filmes seriam uma tentativa de dar voz àqueles que encontram enormes dificuldades em relatar suas catástrofes, seus traumas pessoais e sociais?

**MIRIAM** Eu concordo com Primo Levi e já escrevi bastante sobre o documentário “Shoah”. Esse filme consiste numa série de depoimentos sem nenhuma imagem do terror nazista. Lanzmann, diretor do “Shoah”, fala da obscenidade que existiria nos filmes que ficcionam o campo de concentração e eu concordo com ele. Fico muito incomodada com “O pianista” do Polanski, por exemplo, não gosto, vejo ali uma pasteurização do terrorífico. Não é possível narrar o terror, o terror é irrepresentável, inenarrável mas, na fala, busca-se um desassujeitamento da situação traumática e é o que busco em meus documentários.

**PERCURSO** Nesse sentido, a intervenção cinematográfica pode ter uma função analítica?

**MIRIAM** Sim, mas é difícil e por vezes temos que trabalhar os limites do analítico. A experiência com José Agrippino foi difícilíssima e nos ensinou muito. Ele tinha o diagnóstico de esquizofrenia. Entramos num delírio de que iríamos conseguir que ele voltasse a criar, pois ele nos pediu uma câmera super-8 igual à que usava nos anos 1970.

O ato analítico foi dele. Encerramos o processo sem que ele filmasse, pois tínhamos um prazo para entregar o filme. Ficamos muito tristes, era como se ele tivesse colocado uma pedra e dito: “Não vou sair desse lugar, não estou a fim, por que vou sair?”, apesar de não ter falado nada disso e ter sido super cordato. Muitas vezes temos que agüentar o impossível do analítico. O mais analítico foi quando eu e o David Calderoni fomos mostrar para ele o documentário. Ele se encantou e eu me apaziguei. Isso está registrado pelo David numa maquininha digital.

**PERCURSO** Você mostra o filme para todas as pessoas que você filmou? O “Artesãos da morte” você mostrou para todos?

**MIRIAM** Sim, claro. O “Artesãos da morte” teve um lançamento em que vários entrevistados foram e, até o ano passado, um dos cozeiros me ligava para me desejar feliz Natal! Eu acho que é preciso mostrar para eles.

**PERCURSO** Por quê?

**MIRIAM** Porque existe uma questão ética delicada que estou vivendo agudamente, por exemplo, com a Janaína. Para o José Agrippino





*no dia seguinte ao da exibição  
no Itaú Cultural, o hospital  
recebeu uma doação,  
não só para a Janaína,  
de uma pessoa que ficou  
muito tocada por sua história.  
Acho que eles puderam  
se dar conta de que só  
queremos poder contribuir  
nisso tudo*

eu mostrei, era importante para mim, não sei se para ele fazia grande diferença devido a sua camada protetora. Considero importante não fazer de objeto quem se deixa filmar e permitir que a pessoa saiba para onde vai sua imagem e ao que ela serve. Com a Janaína o processo foi bem complicado porque ela não é dona de si, tivemos questões institucionais complicadas. Quando teve o lançamento no Itaú Cultural, quinze pessoas do hospital psiquiátrico onde ela está vieram, entre elas alguém que deve ser da Secretaria da Saúde, que disse: “Mas vocês falaram muito pouco do hospital!”. O filme não é sobre o hospital. Eu tinha feito uma autorização de imagem que o diretor do hospital, tutor jurídico da Janaína, assinou, mas o Itaú precisava de um instrumento juridicamente mais correto. Eles não refizeram a autorização enquanto não viram o filme. No dia seguinte ao da exibição no Itaú Cultural, o hospital recebeu uma doação, não só para a Janaína, de uma pessoa que ficou muito tocada por sua história. Acho que eles puderam se dar conta de que só queremos poder contribuir nisso tudo.

Foi um processo muito duro e eu tenho estado bem cutucada pelo fato de não termos

voltado lá. Passamos um tempo debruçados em sua história, descobrindo, lendo. Agora, não sabemos muito bem qual será o seu destino. Ao mesmo tempo, sentimos que é por um fio, que a Janaína teria jeitos de ser mais sujeito na própria vida. O Hospital mostra muito cuidado com ela, muita preocupação, mas nunca de forma subjetivada. A preocupação é que ela se alimente, aprenda a lavar roupas etc. Tanto que perguntamos – isso não está no documentário – “A Janaína tem as roupas dela?” e eles responderam: “Esta é uma demanda que ela não tem”. É como se você não pudesse interferir no sentido de um recorte, de uma individualização mínima. São coisas que gostaríamos de mostrar para dar esse registro da subjetivação e poder transformar alguma coisa, tanto que como forma de retribuição nós propusemos uma supervisão ou uma oficina onde daríamos um retorno do que vimos, o que acabaria ajudando a Janaína e não só a ela. Por enquanto, ainda não abriram esse espaço.

**PERCURSO** No documentário sobre José Agrippino, assim como em textos que você escreveu sobre essa experiência, você se refere a um retorno aos anos 1960/1970, dos ideais libertários, da criação de um outro jeito de viver e de se relacionar com o mundo. Como você analisa esse reencontro e pensa hoje esses temas da loucura, da vida como arte, da marginalidade e exclusão?

**MIRIAM** Eu não penso muito diferente do que pensava antes. É tudo muito sofrido, nem sei se houve uma escolha no caso dele, mas, olhando de fora, a coerência dele é de tirar o chapéu! Ele continuou vivendo do seu jeito, naquela varanda do Embu, exatamente como vivia em Arembepe, não entrou no sistema até o final da vida! Quando ele morreu, o irmão dele me avisou e eu fui ao enterro para me despedir do Zé. No enterro estavam o irmão, as sobrinhas, uma filha dele que eu não conhecia, de outra mulher que não a Maria Esther, o Reinaldo e eu. Éramos umas seis pessoas e o Reinaldo preci-



sou ajudar a carregar o caixão porque não tinha quem carregasse... Muito triste, um guru do tropicalismo e de tantos anos de ruptura terminar assim. O irmão dele não quis divulgar sua morte, não queria que o enterro se transformasse num evento público.

Eu li uma entrevista do Agrippino que está no Centro Cultural São Paulo, na qual ele diz que não se drogava, mas o irmão diz que ele se drogava e que viajava de ácido o tempo todo. Eu não sei qual é a verdade, mas acho que o Zé Agrippino sofreu alguma violência que o silenciou; se foi internação ou algo de outra ordem eu não sei, isso é um enigma. Enfim, houve algo triste na sua história que eu não sei direito o que foi. Hoje não somos mais tão ingênuos em relação à idealização da marginalidade.

Em frente ao meu prédio tem uma lojinha que vende quadros e faz molduras e eu vi lá, num quadrinho, a bandeira do Helio Oiticica, que diz: "Seja herói, seja marginal". Fiquei pensando como é esquisito que isso esteja emoldurado. Mas, pensei também que não podemos mais idealizar a marginalidade. O mundo mudou, o Brasil mudou. Nós desromantizamos essa bandeira.

O Zé Agrippino estava bem do jeito dele. As pessoas me perguntavam por que o irmão não lhe pagava uma faxineira e o deixava naquela poeira... Ora, ele não queria! Ele morreu quando o irmão resolveu fazer uma reforma em sua casa, por causa de uma goteira; ele não agüentou e morreu antes que o irmão mexesse na casa.

**PERCURSO** Os documentários que você produz são marcados pela narrativa de si e nesse sentido se aproximam muito da clínica psicanalítica. Como você pensa o lugar da narrativa de si na atualidade em que se multiplicam os recursos de imagens e transmissões instantâneas, tais como celulares com câmeras, internet, webcam etc.?

**MIRIAM** Esse é um assunto muito complicado. Eu li o debate na última *Percurso* sobre a questão da internet. Eu penso que o si mesmo se espar-



*é preciso repensar os processos de subjetivação e de subjetividade, que é o si mesmo no mundo, porque podemos brincar de vários si mesmos na internet e no celular. O Mário Eduardo Pereira coloca a questão, nesse debate da Percurso: "que analista já não trocou e-mails com um paciente?"*

rama, às vezes de um jeito interessante, às vezes de um jeito perigoso. Ou seja, é preciso repensar os processos de subjetivação e de subjetividade, que é o si mesmo no mundo, porque podemos brincar de vários si mesmos na internet e no celular. O Mário Eduardo Pereira coloca a questão, nesse debate da *Percurso*: "que analista já não trocou e-mails com um paciente?" São novas formas que fazem com que nós nos repensemos como analistas. Pensar em subjetividades é diferente de pensar em indivíduos. A descoberta do inconsciente rompeu a idéia do uno, do eu. Nós descobrimos, com a psicanálise, que a subjetividade circula, somos invadidos e atuamos coisas que não são nossas e que passam a ser. A questão é que essas novas formas de comunicação dão uma concretude atroz para isso. Nós somos invadidos por subjetividades outras. No consultório, ficamos totalmente vulneráveis e vivemos isso o tempo todo, esse é nosso instrumento de trabalho. Desde a descoberta do inconsciente, não existe mais um eu recortado. O perigo é dar uma concretude para o inconsciente. Definir a subjetivação através de situações concretas seria psicotizante. Em nosso contemporâneo, ocorre a concretização de coisas que antes eram muito





*quando eu falo sobre a questão da representação, estou sempre pensando nos afetos, naquilo que não tem forma. Os meus documentários, assim como a clínica psicanalítica, são tentativas de instaurar caminhos de circulação daquilo que está empacado*

teóricas. Se existe tanta concretização, como vai ocorrer uma simbolização? Na contemporaneidade, existe uma questão muito complexa em relação a isso tudo.

**PERCURSO** Em boa parte de seus artigos e indagações dos últimos vinte anos, você investiga a questão da representação e daquilo que fica fora da representação, o irrepresentável, o que não se representa no psiquismo. Com isso, talvez você percorra um difícil caminho entre a filosofia, a semiótica e a psicanálise. Você acha que a clínica psicanalítica, hoje, nos daria mais elementos para fazer frente a esta questão?

**MIRIAM** Nós precisamos pensar o que é a clínica psicanalítica. Quando falamos de representação, estamos falando do quê? Será que a questão é a representação ou o discursivo? São questões diferentes. Ou ainda, será que se trata da possibilidade de um lugar psíquico para certas vivências? Quando você se refere à representação dessa maneira, penso no Deleuze, em sua crítica da noção de representação, por existir aí uma interpretação representacional: “você está dizendo isso, mas isso quer dizer aquilo”. Mesmo Lacan critica essa concepção de interpretação em que a questão é

descobrir o que está no lugar do quê. Eu sempre me irritei com a psicanálise que propõe uma verdade do inconsciente à qual só o psicanalista teria acesso. Quando Lacan afirma que não existe metalinguagem, ele está afirmando que não existe uma verdade atrás daquilo que está sendo dito.

Quando eu falo sobre a questão da representação, estou sempre pensando nos afetos, naquilo que não tem forma. Os meus documentários, assim como a clínica psicanalítica, são tentativas de instaurar caminhos de circulação daquilo que está empacado, bloqueado. A clínica tem uma função importantíssima exatamente nisso: poder propiciar processos que chamamos de simbolização, mas que eu preferiria chamar de semiotização, de circulação de sentidos, de cadeias de sentido onde seja possível fluir, criar, inventar e produzir caminhos inusitados.

Eu tenho escrito sobre o quanto a psicanálise nasceu de uma questão ligada ao afeto e, desde o Freud, se colocava a questão de como nomear algo que não tem forma, que não cabe no discursivo. A conversão histórica fala disso, de algo que, por não ter sido nomeado, encontra expressão no corpo. Daí a importância que eu tenho dado à arte, em que o informe vira obra... Daí a importância de formas expressivas que não passam pelo verbal.

**PERCURSO** Você afirma – em seu texto “Inconsciente e História”, em *Ensaios de psicanálise e semiótica* – que, como psicanalistas, perdemos a curiosidade e que nosso trabalho tornou-se descobrir o que já foi descoberto, as produções que inventam são raras. No campo da teoria, que produções você destacaria como criações genuínas?

**MIRIAM** Existem teorizações importantes na psicanálise, tais como os novos pensamentos acerca da metapsicologia que me parecem significativos. Eu aprendo muito quando leio Fédida, André Green, os franceses em geral. Entre os brasileiros, tem muita gente pensando coisas interessantes. Como psicanalistas brasileiros, ocupamos um

lugar interessante e escrevi sobre isso. Nosso des-  
centramento nos faz mais livres. Derrida propõe  
uma geografia da psicanálise, o que significa que  
precisamos nos inventar como psicanalistas o  
tempo todo e eu concordo com essa idéia.

Eu me encanto quando vejo encarnado  
num encontro, num filme ou numa leitura de  
jornal o que li na teoria. Isso aparece quando eu  
me debruço sobre um filme ou quando vou para  
a rua. Eu adoro o trabalho teórico, mas sinto um  
encantamento enorme quando consigo apreender  
aquilo que está na minha frente e só depois  
faço as pontes com a metapsicologia.

**PERCURSO** Você está falando sobre como você  
vê ou como escuta na clínica?

**MIRIAM** Esses processos são enigmáticos.  
Assim como quando escutamos uma história e  
fazemos alguma intervenção e, somente depois,  
pensamos de onde ela surgiu. Esse acontecimen-  
to pode ter a ver com a clínica ou com um filme  
no cinema que te encantou, ou seja, com aquilo  
que te faz decifrar uma história. Não vou teorizar  
com o paciente, não vou lhe fornecer a teoria  
do inconsciente, ou da horda primitiva, ou seja  
lá o que for. O que me leva a fazer esta ou aquela  
intervenção é fruto de um processo criativo. Daí  
toda a importância de uma formação contínua.

**PERCURSO** Isso que você disse nos faz pensar em  
seu trabalho sobre o *Unheimlich*, no qual você re-  
toma Freud neste texto de 1919, em que ele, como  
você diz, ao prenunciar sua última elaboração so-  
bre a teoria das pulsões, tem como horizonte o  
sentimento estético “unindo a questão do belo à  
indagação sobre a morte”. O que você apontaria  
hoje como manifestação estética que pudesse re-  
presentar essa afirmação freudiana?

**MIRIAM** Eu adoro esse texto do Freud, que é de  
uma sabedoria imensa. Ele é tão bom que preci-  
samos tomar cuidado para que não vire um es-  
queminha a ser aplicado, mas me parece que ele  
é bastante apropriado para pensarmos a questão  
do estético e do belo. Hoje, mais do que nunca,  
estamos às voltas com o belo e a morte juntos.

»»

*eu terminei meu último  
documentário, “Sobreviventes”,  
há três semanas e não consigo ir  
ao cinema quando estou editando um  
filme, internamente não dá,  
é como quando  
fazemos uma tese*

É impressionante como isso pode ser visto no  
cinema e na *body art*, por exemplo.

Eu escrevi um texto sobre as imagens da cruel-  
dade. Cada vez mais, existe um destrinchamento  
do mortífero relacionado com a dificuldade de  
simbolização. Eu escrevi sobre o filme “Irreversível”,  
de Gaspar Noé, que é de uma imensa beleza e, ao  
mesmo tempo, de uma imensa atrocidade.

Nos últimos tempos o mundo piorou muito  
e o cinema vem tentando dar conta disso. Eu ter-  
minei meu último documentário, “Sobreviventes”,  
há três semanas e não consigo ir ao cinema quan-  
do estou editando um filme, internamente não  
dá, é como quando fazemos uma tese. Portanto,  
não assisti a muitos filmes que estão em circuito  
e lamento isso, mas a meu ver o cinema está ten-  
tando dar conta daquilo que não consegue se sub-  
jetivar, do traumático, do terror que também está  
presente quando você vê na televisão, em tempo  
real, a invasão do Iraque ou do Golfo Pérsico, ou  
seja, quando a violência se cotidianiza.

**PERCURSO** Nós poderíamos pensar isso na li-  
nha de uma repetição do traumático?

**MIRIAM** Eu não penso que isso seja uma repe-  
tição traumática e sim de uma tentativa de se-



*a minha pertinência ao Sedes é marcada originalmente por um sonho de, com a psicanálise, contribuir para um mundo melhor. A figura da Madre Cristina, sua linda história política e a Carta de Princípios do Sedes acompanhavam esse sonho*

miotização, de simbolização de algo, um esforço que não dá conta e por isso os filmes terroríficos proliferam. Pode até ser que exista nisso uma repetição do traumático, mas é uma tentativa de fazer caber aquilo que não cabe!

**PERCURSO** Você disse que pensa na contramão da idéia de que isso seria uma banalização e um esvaziamento da imagem...

**MIRIAM** Eu penso que existem filmes e filmes e lembro o que disse Freud sobre o belo ligado à morte. Existem filmes que banalizam a violência e eu não sei se esta banalização é decorrente de um grande incômodo, mas neles a violência vira qualquer coisa. Aí surge a questão de como trabalhar a violência em termos de linguagem.

**PERCURSO** Você participou ativamente da fundação do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e fez parte de vários de seus setores. Antes de finalizar esta entrevista gostaríamos de saber como se dá, atualmente, a sua pertinência a esse Departamento.

**MIRIAM** A minha pertinência ao Sedes é marcada originalmente por um sonho de, com a psi-

canálise, contribuir para um mundo melhor. A figura da Madre Cristina, sua linda história política e a Carta de Princípios do Sedes acompanhavam esse sonho. Já falei sobre isso no início de nossa conversa. Mas, é importante ressaltar que a criação do Curso de Psicanálise do Sedes instaurou um ato político no interior da história da psicanálise em São Paulo e no Brasil, na medida em que foi o primeiro grupo de formação de psicanalistas fora da Sociedade de Psicanálise. Os grupos lacanianos vieram depois.

O curso teve e continua tendo um papel importante no contexto da psicanálise em São Paulo; fomos aqueles que defenderam o aprofundamento em Freud como condição do devir psicanalista em um momento em que as pessoas iam para Melanie Klein ou Lacan. E isso foi, e ainda é, de enorme importância. A criação do Departamento tem sua origem no curso. O momento de sua criação é inaugural por pretender inovar a institucionalização da psicanálise. Aliás, a idéia inicial era mesmo de questionar qualquer pertinência institucional, uma vez que essa só teria sentido em função de uma produção, de uma troca, de um agir. Não haveria pertinências vazias, pertinências que só buscassem a institucionalização em função de uma autorização no mundo.

Penso que devemos ter sempre presente que o que motivou a instauração do Departamento é o cuidado com uma institucionalização que não esvazia aquilo que é a psicanálise. A luta contra qualquer cristalização na formação é o que nos faz estar no Departamento e isso é acompanhado por conflitos. Mas viver impasses, a meu ver, é salutar, obriga a repensar e reestruturar.

Houve um momento em que preferi me dedicar ao Departamento e deixei de dar aulas no curso. Eu tinha, como ainda tenho, minha pesquisa, meus interesses. No Departamento encontrei um espaço que me permitia falar daquilo que estava pesquisando e estudando. No curso, com um currículo de matérias, há um caminho a ser percorrido. No momento em que



saí do curso, creio que em meados dos anos 1990, eu questionava a sua estrutura escolar. Eu sonhava com uma proposta onde cada um pudesse construir a sua formação.

Hoje, eu acho que o curso (eu questioneei muito o nome “curso”) tem uma função importante, de propor um caminho para o estudo da psicanálise. E, no Departamento, cada um vai construindo sua pertinência.

No Departamento, trabalhei na comissão editorial da revista *Percurso* e depois no grupo de entrevistas e, mais recentemente, participei do Grupo de Estudos sobre a Intolerância, parceiro do Centro de Estudos sobre Psicanálise e Intolerância (CEPI) do Laboratório de Estudos

sobre a Intolerância da USP (LEIUSP). Todas foram experiências muito ricas.

Com o crescimento do Departamento, foi se formando uma estrutura de poderes, e isso traz riscos. Por exemplo: como acolher propostas para eventos dentro do Departamento? Em nosso projeto inicial, haveria voz para todos que fossem membros, todos nós nos preocupávamos em criar uma instituição transversalizada, onde diferentes vozes e posições tivessem lugar. Sabemos que nem sempre isso aconteceu. Mas, o que ainda me faz estar no Departamento é a luta por um lugar onde as transferências possam ser nômades, onde as desidentificações levem a movimentos de busca.



Malvine Zalcborg  
Tales A. M. Ab'Sáber  
Christian Ingo Lenz Dunker  
Silvia Leonor Alonso

## Uma lente de aumento sobre o feminino no século XXI

**Malvine Zalcborg** é psicanalista e doutora em Psicologia (PUC/RJ)

**Tales A. M. Ab'Sáber** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise, professor do curso de Psicopatologia e Saúde Pública da Faculdade de Saúde Pública (USP). É autor de *O sonhar restaurado – formas do sonhar em Bion, Winnicott e Freud* (Prêmio Jabuti 2006).

**Christian Ingo Lenz Dunker** é psicanalista, livre-docente do Departamento de Psicologia Clínica do Instituto de Psicologia da USP. Membro do Fórum do Campo Lacaniano. Autor de *Lacan e a clínica da interpretação* (Hacker, 1996) e *O cálculo neurótico do gozo* (Escuta, 2002).

**Silvia Leonor Alonso** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise e professora do Curso de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, onde coordena o grupo de trabalho e pesquisa "O feminino e o imaginário cultural contemporâneo".

*Não há dúvida de que neste século a mulher protagonizou mudanças importantes no cenário sócio-político ocidental, cuja extensão nem sempre é fácil dimensionar. O acesso ao controle da procriação, por exemplo, revolucionou os registros da sexualidade, do casamento e da família. Por outro lado, há grandes divergências entre os psicanalistas quanto ao alcance dessas transformações na constituição subjetiva do feminino.*

*A II Jornada Temática – Interlocuções sobre o feminino na clínica, na teoria, na cultura, realizada em maio de 2007 pelo Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae, reuniu trabalhos com o propósito de debater e refletir sobre o teor dessas mudanças, utilizando e questionando o instrumental teórico da psicanálise. No intuito de prosseguir as discussões ali suscitadas, pedimos a alguns colegas que respondessem à seguinte questão:*

*A progressiva conquista de espaço público trouxe uma infinidade de ganhos para a mulher, mas exigiu-lhe mudanças em sua posição subjetiva, criando novos impasses e conflitos na construção de sua sexualidade, já marcada pelo difícil desligamento da figura materna e pela conquista do amor paterno. Até que ponto devemos concordar com André Green, o qual, em seu artigo "Agressão, feminilidade, paranóia, realidade"<sup>1</sup>, afirma que "Embora o acesso conquistado pelas mulheres a atividades anteriormente restritas a homens tenha atenuado as diferenças entre os sexos no âmbito social, num nível mais amplo tal diminuição revela-se como superficial. É preciso levar em conta o que Freud disse acerca do 'repúdio à feminilidade' presente em ambos os sexos".*

1 *On Private Madness*. Londres, Rebus Press, 1996.

Nos textos que se seguem, temos quatro elaborações a respeito desse tema.

**MALVINE ZALCBERG** “Que antes renuncie a isso, portanto, quem não conseguir alcançar em seu horizonte a subjetividade de sua época.” [Jacques Lacan. *Discurso de Roma*]

Essa frase de Lacan é absolutamente atual. A psicanálise se propõe não só como um tratamento do um por um, mas também como um tratamento do mal-estar na civilização, tal como deve ser interpretado em cada época.

As importantes conquistas sociais alcançadas pelas mulheres em nossos tempos abriram-lhes novas possibilidades de realizações pessoais e profissionais, mas não produziram uma verdadeira modificação no psiquismo feminino. O que é ressaltado por André Green em seu livro *Sobre a loucura pessoal*: “A abertura, para as mulheres, das atividades sociais que costumavam ser reservadas aos homens levou a uma atenuação, em seus aspectos sociais, da diferença entre os sexos. Não obstante, desejamos realçar que uma tal atenuação, até certo ponto, é superficial”<sup>2</sup>.

Propormo-nos a discutir essa questão é reconhecer sermos atravessados pelo importante e sempre atual tema da diferença entre os sexos, diferença que Freud pretendeu inicialmente ignorar postulando uma igualdade no desenvolvimento psíquico do menino e da menina<sup>3</sup>.

Confrontar-se com a constituição diferenciada dos sexos fez Freud rever sua primeira teoria do Édipo e postular a importância da figura materna no destino da filha<sup>4</sup> aspecto até então desconsiderado. Essa descoberta o leva a postular que a questão feminina advém da profunda ligação de uma filha com sua mãe da qual decorre a dificuldade de separar-se da mãe<sup>5</sup>. Freud antecipava o que Lacan desenvolveu: que, ao entrar no complexo de Édipo a implicar a separação com o Outro materno primordial pela intromissão da figura simbólica do pai, menino e menina são iguais. Não o serão depois. O processo edípico da menina deixa um *resto* na condição de separação

»  
a metáfora paterna, conceito pelo qual Lacan redefine o Édipo freudiano, mostra-se não totalmente operante no caso da menina

de uma filha com sua mãe, como ressalto no meu livro *A relação mãe e filha*<sup>6</sup>. Este *resto* que tem relação com o gozo feminino da mãe é pelo qual a filha tem receio de ser absorvida e acabar se dissolvendo na escuridão da órbita materna.

Isto porque a metáfora paterna, conceito pelo qual Lacan redefine o Édipo freudiano, mostra-se não totalmente operante no caso da menina. Só em parte. A identificação viril, que é a marca deixada em ambos os sexos da passagem pelo processo edípico, dá a uma filha a condição de sujeito, isto é, liberta da alienação no campo do Outro dos primeiros tempos, mas não lhe dá a condição de mulher. Não há significante específico do sexo feminino como o há – o falo – no caso do homem. Cabe a cada mulher constituir-se uma feminilidade num processo de invenção. Onde Freud postulou um “menos” na mulher, Lacan formulou um “não-todo”, num movimento na psicanálise que leva da insuficiência à incompletude. O “não-todo” na castração, na lógica fálica e no Édipo no caso da mulher a torna mais próxima do real e de uma certa “loucura”. É nesta via da não inscrição completa na lógica fálica que Lacan postula um gozo específico da mulher, suplementar, como o chama; um gozo que ela tem, além daquele que compartilha com o homem, o gozo fálico<sup>7</sup>. Deste gozo elas nada dizem – nem uma palavra, mesmo que se lhes peça de joelhos, sustenta Lacan<sup>8</sup>. A idéia de que as mulheres têm um gozo que não se limita às descontinuidades do gozo fálico acena com um acesso a qualquer coisa de oceânico, se podemos utilizar o termo ao qual Freud recorre para falar da aspiração religiosa.



*a mulher pode ser ameaçada  
de por esse gozo ser invadida  
se ela não encontra uma  
forma de enodá-lo*

A diferença entre os gozos do homem e da mulher se faz sentir pelo fato de que o gozo do homem tem “começo e fim”. O homem encontra um limite no gozo fálico; afinal, ele goza de uma parte do próprio corpo, não propriamente da mulher. Já a mulher não encontra em seu corpo um limite para o seu gozo. Não há órgão para identificá-lo. É esse sentido do não localizável de seu gozo que dá à mulher a idéia de seu gozo ser infinito quando ela o experimenta. A mulher pode ser ameaçada de por esse gozo ser invadida se ela não encontra uma forma de enodá-lo. Essa experiência de ilimitado é à qual a mulher pode ficar sujeita sem recursos, mais além de toda “relação sexual”. Não poderíamos ler junto com Lacan a “recusa do feminino” isolado por Freud, como a recusa das mulheres de dizer algo sobre esta experiência do ilimitado à qual são abandonadas?

Não podemos deixar de constatar o quanto o ideal de independência da mulher em relação ao homem – descartar os homens é cada

- 2 A. Green (1972), *Sobre a loucura pessoal*. Rio de Janeiro, Imago, 1988, p. 110.
- 3 S. Freud (1905), “Three essays on the theory of sexuality”. London, Hogarth Press, *Standard Edition*, Vol. VII, 1953.
- 4 S. Freud, (1925), “Some physical consequences of the anatomical distinction between the sexes”. London, Hogarth Press, *Standard Edition*, Vol. XIX, 1961.
- 5 S. Freud, (1931), “Female sexuality”. London, Hogarth Press, *Standard Edition*, Vol. XXI, 1961, p. 225.
- 6 M. Zalcberg, *A relação mãe e filha*. Rio de Janeiro, Campus/Elsevier, 2003, p. 15.
- 7 J. Lacan, (1972-1973), *Mais, ainda*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, p. 99.
- 8 J. Lacan, *op. cit.*, p. 101.
- 9 M. Torres, Buenos Aires, *Enlaces*, n.12, 2007, p. 42.
- 10 J. Lacan, (1962-1963), *A angústia*. Rio de Janeiro, Jorge Zahar, 2007.
- 11 M. Zalcberg, *Amor paixão feminina*. Rio de Janeiro, Campus/Elsevier, 2007.

vez mais possível para a mulher em nossos dias – tornou-se um imperativo superegótico que obriga a mulher a se sentir ou dizer “liberada”. A clínica, contudo, nos mostra que angústia, inibição, sintoma estão à espreita, sob um modo bem feminino. É porque ao pretender se passar de toda mediação do homem, uma mulher pode não só estar abrindo mão de aspectos de sua feminilidade como também estar sujeita a ser invadida pelo ilimitado de seu gozo. Não podemos deixar de notar uma certa inquietude quanto às mulheres modernas.

A legitimação do gozo sexual e da busca desenfreada por objetos de gozo que prevalece em nossos tempos afeta tanto as mulheres quanto os homens, mas são as mulheres que mais se ressentem do curto-circuito que afeta o laço social com o Outro. Em nossos tempos, tempo de festa permanente, se trata de que nunca chegue o momento de “the party is over”, porque o sujeito, entregue à festa perpétua, procura obter todo vazio, toda falta<sup>9</sup>. Assim, o ser falante, profundamente separado do Outro, pretende, contudo, não separar-se do objeto. E o mercado lhe oferece o que quer que seja para sua adição ao objeto ser ininterrupta. Mas esta “ânsia” generalizada, esta ansiedade, é a outra face de uma tristeza cada vez mais agravada. Números crescentes de casos de anorexia, bulimia, toxicomania, alcoolismo são testemunhos da existência de sujeitos orientados por uma força que os empurra ao gozo numa forma que prescinde do Outro, no qual se goza a sós e em que não há espaço para o desejo. É um aspecto particularmente enfatizado por Lacan em seu seminário sobre a Angústia: que o gozo deve ceder espaço para o desejo<sup>10</sup>. O amor tem essa importante função, a de favorecer a substituição do gozo pelo desejo, motivo pelo qual o amor possibilita o encontro entre os sexos, de outra forma, condenados ao exílio em seus gozos próprios, como sustento em meu livro *Amor paixão feminina*<sup>11</sup>.

Se é o amor que possibilita o encontro entre os sexos e o amor está em crise, a questão do laço social com o Outro se apresenta como



nossa questão do momento. Principalmente quando, como sustenta Zygmunt Bauman, os amores hoje se “liquefazem” em prol de relações flexíveis, de vínculos temporários e de redes afetivas que só fazem mudar<sup>12</sup>.

É a função subjetiva do amor segundo os sexos que nos cabe questionar. Se as mulheres se revelam as grandes artífices de Eros, o princípio que une os sexos pelo amor é que, pela mediação do homem, elas encontram uma forma de enodamento com a lógica fálica e com o gozo que as podem ultrapassar. Motivo pelo qual elas fazem do amor, uma causa. Se a via da vontade de gozar é deixada livre, sem limite de alguma natureza, ela revela a face de pulsão de morte. Por essa via se manifesta o excesso na clínica feminina constatada em nossos tempos.

*a situação real da experiência do feminino no mundo de hoje é plural, e conhece uma série de determinantes e contradições próprias*

das dimensões, experiências e contradições do mundo externo que nossos pacientes habitam, do mundo em que vivem e que os habita mesmo como objeto, campo de representações e dinâmica ideológica em busca de esclarecimento, quero dizer, para mim, em busca de trabalho analítico. Do mesmo modo que interessa ao bebê humano as condições gerais do ambiente original que o sustenta, para a vida psíquica do homem adulto importa vitalmente a ordem simbólica de sua cultura; se, por exemplo, habitamos um espaço virtual de eros e civilização, como pensou o filósofo, ou se, ao contrário, estamos no campo de uma patologia da civilização, como pensou um certo analista.

Desde o ponto de vista deste laboratório investigativo e especulativo também de caráter social que é a clínica psicanalítica, tenho observado a presença de alguns fenômenos fortes envolvendo o posicionamento do feminino em nosso mundo e nossa cidade, hoje. Crise nas condições de maternagem de mulheres e mães que não dispõem mais de uma comunidade imaginária que as sustente e que as ajude no trabalho radical de receber, conceber e investir libidinalmente um bebê humano; mulheres, jovens ou maduras, que não podem contar com a parceria produtiva de um homem, dada a impotência social do campo do masculino, paralisado no tempo da crise do emprego, dos salários e das profissões; mulheres que necessitam, sozinhas, equilibrar a problemática equação entre ser mãe, trabalhar e amar, com homens que, em um sistema geral de neuroses narcísicas e impotência social, se recusam ao comprometimento

**TALES A. M. AB’SÁBER** Como todos sabemos, de fato, a posição da mulher na vida social ocidental se viu alterada e transformada enormemente nos últimos cem anos, e – mais ou menos como o próprio boom tecnológico do último estágio do capitalismo de consumo e da espetacularização das mediações sociais, de fetichização generalizada –, nos últimos cinquenta anos, a partir da década de 60 do século passado, as transformações envolvendo o trabalho da sexualidade, da produção econômica e da casa foram maiores, mais rápidas e mais intensas do que provavelmente o foram durante todo o período da modernidade anterior, desde o momento original em que a dinâmica do capitalismo industrial libertou em massa as mulheres da classe trabalhadora para o trabalho.

A situação real da experiência do feminino no mundo de hoje é plural, e conhece, na vida social, bem como nas possibilidades e tensões psíquicas, uma série de determinantes e contradições próprias. Do meu lado, acredito que o consultório psicanalítico não é apenas um dispositivo poderoso de atenção e cuidado ao mundo vivo e complexo da realidade psíquica, mas é também um ótimo posto de observação





*há uma condição contemporânea de empobrecimento egóico generalizado, ou mesmo do sujeito do inconsciente, frente à massa de representações sociais*

com tais mundos humanos, e apontam com sua depressão para o anacronismo problemático de tais projetos. Sabemos, e qualquer clínica social nos dá amplo acesso a esse problema, que no mundo da pobreza brasileira é comum a família constituída só de mãe e filhos, com a ausência sistemática, estranha e negativamente fantasmática da figura paterna, enquanto os homens não sentem comprometimento e nem têm condições materiais mínimas para a reprodução do modelo da família triangular burguesa, que aliás, nesta esfera social sempre foi um ideal muito frágil. Por fim, entre as jovens de classes média e alta verificamos a dúvida trabalhosa sobre a contradição entre a realidade plural do desejo sexual humano, que elas assumem, e o modelo monogâmico tradicional – questão enunciada por essas moças que porta uma esperança dialética utópica – com algumas delas chegando a conceber regras racionais para a constituição de relações amorosas abertas, todavia de muito difícil sustentação emocional e ideológica, e, também e ainda, temos jovens muito inteligentes que, dada toda a radicalidade extrema da ordem social falhada brasileira, e o mal-estar geral do capitalismo contemporâneo visto desde nossa periferia, confirmam a impossibilidade de reproduzir o modelo da família nuclear burguesa pensando muito seriamente em não ter filhos.

Estes circuitos de problemas de vários portes que o mundo contemporâneo traz à vida das mulheres, que posicionam de modo novo os três grandes campos da subjetivação humana, a

12 Z. Bauman, *L'amour, élément liquide*. Paris, Editions du Rouergue, 2004.

maternidade e a ordem da casa, o sexual e sua angústia e o trabalho social e sua política, convivem em tensão produtiva com velhas imagens próprias de fantasmáticas femininas tradicionalmente pensadas como histéricas, acrescidas dos novos avanços de leitura e teorização psicanalítica sobre as falhas simbólicas arcaicas, no plano da narcisização primária, abertas ao desamparo e à dependência humana primordial. Evidentemente, nessa região de produtividade psíquica, a ordem edípica – positiva ou falhada – dessas mulheres tem importância capital.

Assim continuamos observando fantasias de sedução traumática generalizadas frente ao masculino, ou de onipotência ideal e salvadora projetada no homem, que repararia e instabilidade egóica, por vezes fundada sobre fissuras muito mais profundas na estrutura do ego, que aportam um fundo de ansiedade psicóticas à forma histórica turbulenta do desejo e do valor do outro para estas mulheres. Ou, ainda, dúvidas constantes sobre o valor erótico e auto-erótico, e de integridade do self, no campo da imagem do corpo, dúvidas estas evidentemente pautadas pela pulsação política e ideológica sobre o assunto que vem do todo, os discursos sobre o corpo, a imagem e o valor da sexualidade feminina existentes na cultura, que têm orientação ideológica muito interessada.

Este último problema, que importa profundamente, por exemplo, na implosão psicótica e somática frente à invasão da imagem alucinatória que vem do todo na experiência anoréxica, já demonstra em sua própria dinâmica o que acredito ser a questão psicanalítica por excelência de nosso tempo: há uma condição contemporânea de empobrecimento egóico generalizado, ou mesmo do sujeito do inconsciente, frente à massa de representações sociais, ou de condições materiais concretas e históricas adversas, que o invadem a ponto de colocar mesmo em risco as velhas estruturas pulsionais e formas de defesa, e a ponto de pressionar a formulação de novas equações simbólicas, não descritas pela psicanálise original, bem como uma nova ordem de



problemas que o campo de metáforas original da disciplina, para a sua experiência do inconsciente, também desconhecia.

Se, no passado, a posição da mulher e do feminino na cultura moderna vitoriana, ainda não plenamente realizada no campo da universalidade dos direitos, foi uma das forças que pressionou e ajudou na emergência histórica da própria psicanálise como dispositivo necessário de ser pensado para poder pensar o humano, e esta força dialética do sintoma histórico encontrou em Freud o seu elaborador, no presente a positividade das mulheres em todos os campos da cultura e a revelação simultânea da crise de não sustentação desses próprios campos talvez exija uma nova ordem de trabalho e concepção da disciplina psicanalítica.

Desse modo, diferentemente de André Green, creio que as condições históricas concretas modificam a posição do sujeito do inconsciente, que talvez não deva mais ser concebido como constituído em uma estrutura simbólica de caráter universal, pré-fixada historicamente. Assim a pílula anticoncepcional, o microondas e a industrialização dos alimentos, o direito ao trabalho e a profissão feminina, a crise econômica e simbólica da forma casamento e do trabalho da maternidade, a fusão generalizada de fetichismo da mercadoria com a imagem sexual do feminino são dados históricos fortes que devem implicar mais profundamente o valor das equações simbólicas primitivas descritas pela psicanálise original. A dimensão dialética da psicanálise, que deve checar o pólo singular e subjetivo do sujeito com as formas e texturas simbólicas gerais de seu tempo, se torna assim, para mim, o dado maior para a orientação do trabalho analítico, e sua busca elaborativa, neste nosso tempo de novas Capitus, Chihiros, Madonnas e Marcias Denser.

**CHRISTIAN INGO LENZ DUNKER** A idéia de que as mulheres conquistaram acesso a atividades sociais antes restritas pode ser matizada em



*observa-se o fenômeno inverso,  
ou seja, a feminilização geral da  
cultura, em seu modo ideológico,  
a serviço de técnicas  
de exclusão e opressão social*

três sentidos. No sentido sociológico, ela remete mais a transformações que organizam um projeto de equidade, ainda em realização, do que uma realidade universal. Basta constatar o caráter regional da afirmação, se o escopo de consideração for a África, a Ásia, as populações de baixa renda, ou as sociedades ocidentais mais conservadoras, para verificar a relatividade dessa constatação. Sem mencionar as profundas diferenças salariais e todo o espectro problemático de questões em torno dos direitos humanos e da inclusão de minorias. Recentemente discuti uma pesquisa que isolou o seguinte problema: em inúmeras empresas, verificou-se a crescente presença de mulheres em cargos executivos, no entanto, não se conseguia explicar por que estas mulheres recusavam-se a progredir ainda mais na carreira. Recusavam cargos mais elevados e a mera “possibilidade de acesso” a tais cargos exercia um efeito disruptivo e curiosamente desalentador para tais mulheres. Um bom exemplo de como a emergência da mulher, como categoria política, não implica, necessariamente, identidade de funcionamento. Equidade não se confunde com igualdade, assim como o direito subjetivo distingue-se do direito objetivo. Logo o repúdio à feminilidade não deveria sobrepor-se à exclusão social da mulher. Aliás, nesse contexto, observa-se o fenômeno inverso, ou seja, a feminilização geral da cultura, em seu modo ideológico, a serviço de técnicas de exclusão e opressão social. O discurso da flexibilização das relações de trabalho, da estetização da política, da proteção da criança, da evitação do risco, muitas vezes assume a forma progressista





*poderíamos assim associar o repúdio da feminilidade, como processo social, à paranóia sistêmica cujo melhor exemplo é a vida nas instituições*

para justificar práticas ainda mais autoritárias e ainda menos eqüitativas.

Isso nos leva à segunda perspectiva, na qual o progresso social do narcisismo das pequenas diferenças funciona como repúdio calculado do narcisismo das “grandes diferenças”. Aqui Green parece caminhar ao lado de Lacan no posicionamento da questão, ou seja, distinguindo a diferença proveniente do antagonismo entre a pulsão erótica e a destrutiva (o sexual e o Real), da diferença proveniente da antinomia entre identificações femininas e masculinas (a inscrição fálica e a inscrição não-toda fálica). Ou seja, ambos percebem um problema na junção entre a teoria freudiana da bissexualidade e a tese da premissa universal do falo. Esta dualidade trabalha longitudinalmente nas propostas de Green. Por exemplo: a paranóia masculina é uma luta em duas frentes: contra a feminilidade e contra a hostilidade. Paranóia e histeria afinizam-se na vacilação da identificação feminina, ressexualizando relações sociais como forma de redestinar a agressividade, suturando a diferença entre os sexos pela uniformidade do sentimento amoroso ou odioso. Esse dualismo real-sexual, feminino-masculino, encontraria sua solução de irreversibilidade e irredutibilidade na anatomia: homens não podem ter filhos, mulheres não podem inseminar (114). Daí que seja tão importante para Green a retomada da diferença entre realidade interna e realidade externa, com este importante adendo de que a realidade externa é, sobretudo, social.

O repúdio à feminilidade, pensado no contexto dos laços sociais, terá uma solução par-

cialmente homóloga em Lacan. Penso aqui na afirmação de que o progresso das relações conjugais tende a instituir uma homo-sexualidade. Homo refere-se aqui não à escolha de objeto do mesmo sexo, mas à unificação neutralizadora da sexualidade. Homo, portanto, no sentido de ser humano, como categoria universal com exclusão da diferença sexual. É uma condensação das formulações freudianas sobre a mais generalizada degradação (Erniedrigung) do objeto na vida amorosa. Esta homo-sexualização implica uma espécie de hipertrofia da confiança na universalidade do falo. Uma única lei que incidiria de forma eqüitativa (na economia do desejo – erótico-agressiva) e igualitária (na economia do gozo – masculino-feminino). Ora, é esta exclusão da bissexualidade, como forma não complementar da relação entre os sexos, que retorna de modo deformado na paranóia. Retorno agressivo na persecutoriedade, pela unificação amorosa-odiosa, e retorno identificatório, pela unificação da feminilidade em Uma mulher.

A noção de homo-sexualização encontra vários sucedâneos na teoria social. Ela não se verifica apenas nas relações conjugais, mas no processo mais extenso de regulamentação e administração da vida, na perda da experiência e da pessoalidade nos laços sociais. Poderíamos assim associar o repúdio da feminilidade, como processo social, à paranóia sistêmica cujo melhor exemplo é a vida nas instituições ou ainda a vida presidida pelo que chamo de lógica do condomínio, caracterizada pela razão cínico-burocrática, pela proliferação de regras e regulamentos, pela falsa paridade entre eqüidade e igualdade.

Esta forma específica de bio-poder parece ter uma incidência particular na mulher, no que diz respeito à paranóia sistêmica. Uso o termo para distingui-lo da paranóia clínica (kraepferiana) e da paranóia como posição (Klein). A paranóia sistêmica aproxima-se do que Lacan chamou de paranóias do superego, cuja principal característica é sua curabilidade. De fato

sua cura aparentemente depende de certos “atos” capazes de articular pulsões agressivas (insuficientemente socializadas) e formações de ideal (capazes de gerar uma desidentificação). Mas “articular” não quer dizer aqui unificar, mas separar simbolicamente (síntese disjuntiva) a diferença entre o sexual e o real, da diferença entre masculinidade e feminilidade. Saliente-se o fato de que Lacan isolou duas formas dessa paranóia: a forma autopunitiva e a forma reivindicatória. Ele demonstrou clinicamente seu funcionamento em dois casos de mulheres (Aimée e o Caso da Esposa Enfurecida). Das inúmeras diferenças entre esses dois tipos clínicos destaco uma que aparece na tese de Green acerca das relações entre paranóia e histeria, a saber: a ressexualização das relações sociais em relação com a agressivização de si. Na paranóia de auto-punição, o ato tem a finalidade de punir a si, mas através do outro (masoquismo-sadismo). Aimée agride a atriz, pois esta é uma forma Ideal de si, que é sentida como já concluída. Aimée separa-se dessa identificação através do ato. Na paranóia de reivindicação, ao contrário, o ato tem a finalidade de punir ao outro, mas através de si (sadismo-masoquismo). A esposa enfurecida atira contra o marido que expoliava seu dinheiro e quando ela é presa isso age como prova concluída de que o marido é covarde, preguiçoso, egoísta, falso e, sobretudo, mau. A esposa enfurecida mantém a identificação ao marido, mas separa-se da culpa intra-agressiva pela perda de sua própria filha (ela atira em seu pescoço, mesmo lugar da doença letal da filha).

Ambas realizam uma ressexualização de laços sociais (com a atriz e com o marido, neste contexto sócio de um empreendimento imobiliário). Ambas são hipermorais em seus atos. Ambas atacam a unificação entre o sexual-agressivo e o identificatório. Contudo, há uma diferença interessante acerca da conotação que a idéia de laço social traz em cada caso. Lacan argumenta que na paranóia de auto-punição o sujeito, via de regra, sai-se de modo eficaz no contexto social-profissional e apresenta dis-

»

*as mulheres foram ocupando os espaços do trabalho e das decisões, conseguindo lugares de fala, autonomia para suas vidas e independência econômica*

funcionamentos, lentificações e errâncias no contexto materno-sexual. Na paranóia de reivindicação dá-se o contrário. O sujeito apresenta adequação e adaptação ao contexto materno-sexual e sérias dificuldades de inscrição na cena social-profissional.

Relativizadas em formas da paranóia sistêmica, esses dois tipos clínicos talvez nos ajudem a pensar por que a freqüente dificuldade das mulheres em conciliar trabalho e vida familiar ou, inversamente, mas não de forma excludente, laço social e experiência erótica, deriva não apenas de injunções sociológicas (geralmente formuladas de modo abstrato), mas também da resistência salutar, ou de uma tentativa de cura possível, para a primazia da formalização no laço social de nossa época.

**SILVIA LEONOR ALONSO** Grandes são as mudanças que o século xx e o início do XXI implicaram para o lugar social da mulher. A mulher do século XIX tinha o seu espaço de atuação reduzido ao lar, onde, nos cuidados da casa e na educação dos filhos, exercia o seu reinado. O espaço público, o poder político e econômico eram reservados aos homens.

Essa realidade certamente mudou, as mulheres foram ocupando os espaços do trabalho e das decisões, conseguindo lugares de fala, autonomia para suas vidas e independência econômica. As mudanças no exercício da sexualidade foram muito grandes e o acesso aos anticoncepcionais fez um corte entre a vida sexual e a procriação. Mais recentemente, as técnicas de



*as formas em que se apresentam as históricas se transformaram; a presença cada vez mais freqüente das obsessões nas mulheres é tema entre os analistas*

reprodução assistida introduziram mudanças significativas na relação da mulher com o desejo de ter um filho.

Sabemos que a subjetividade se constitui num determinado momento histórico, totalmente atravessada pela história e imersa no mal-estar civilizatório. Os novos lugares sociais e as novas tecnologias introduziram mudanças nos discursos sobre as mulheres e modificaram o imaginário social sobre o feminino. O erotismo foi incluído neste imaginário. A inclusão da sensualidade, da sedução e do prazer abriu para as mulheres a possibilidade de desfrutar da sexualidade e do corpo. A atividade e a agressividade foram tendo lugar na educação das meninas e no mundo do trabalho passaram a ser condições não só permitidas mas também exigidas para as mulheres.

Os novos lugares, quer sejam lugares sociais ocupados ou lugares incluídos no imaginário, abriram para as mulheres novos caminhos identificatórios e novos destinos para a pulsionalidade. Abriu-se o leque de gratificações para o narcisismo e reformularam-se os ideais.

No novo momento da história, os aprisionamentos que trazem sofrimento para as mulheres são outros. Na clínica, escutamos as adolescentes pressionadas pelo mandato de gozar que se lhes impõe superegoicamente, solicitadas que estão a experimentá-lo todo, sem postergação, sem poder desperdiçar qualquer experiência que acene com a possibilidade de prazer. Condição na qual fica difícil sustentar um espaço para reconhecer o próprio desejo. Escutamos as mulheres mais novas, e também as que não são tão jovens, sofrendo com a exigência de ter um corpo perfeito

colocada permanentemente pelo discurso midiático. Corpo fetichizado, capturado no ideal narcisista da pura imagem, que pressiona a todos – principalmente as mulheres – e produz sintomas.

Perante a maternidade, escutamos as mulheres sentirem-se, de um lado, tendo logrado liberdade maior para exercitar o seu desejo de ter filho que se configurou mais claramente como escolha, na medida em que não é o único caminho possível. Liberdade vigiada, no entanto, já que as próprias condições de vida e de trabalho vão tornando cada vez mais difícil para as jovens abrirem um espaço possível para serem mães. As escutamos queixarem-se até o cansaço da TPM ou da depressão na menopausa, termos que lhes foram oferecidos para expressar, numa total condensação, as dificuldades para processar algumas passagens.

As mudanças nos vínculos, nas organizações familiares, nos discursos sobre a sexualidade introduziram mudanças na subjetividade, fazendo surgir novas formas de as neuroses se apresentarem na clínica, e também novas formas de vivenciar os momentos de passagem: adolescência, gravidez, menopausa. As formas em que se apresentam as históricas se transformaram, a presença cada vez mais freqüente das obsessões nas mulheres é tema entre os analistas, os distúrbios alimentares que viraram epidemias têm mobilizado esforços grandes de entendimento sobre as teorias e as formas de trabalho etc.

Quer isto dizer que tudo mudou? Certamente não.

A sexualidade, para a Psicanálise, constitui-se num complexo de articulações entre as moções desejantes e os mandatos que provêm do mal-estar civilizatório que se combinam e se ressignificam. A identidade de gênero e a sexualidade se entrecruzam, construindo um complexo sistema sexo-gênero, mas certamente a identidade de gênero não recobre toda a identidade sexual e esta por sua vez não abrange todo o sexual.

As categorias de homens e mulheres são definidas a partir do sexo biológico, do corpo com o

qual se nasce e que é lido desde a cultura, a qual ordena os corpos por meio de uma bipartição, incluindo-os numa das duas categorias: homens ou mulheres. Por sua vez, essa mesma cultura fornece as atribuições de gênero com as quais a criança se identifica, passando a pertencer a uma das categorias e construindo sua identidade de gênero.

A identidade sexual se constitui no processo de sexuação que, sabemos, é complexo, sujeito a vicissitudes de percurso que são específicas para cada um dos sexos, com complicações nem maiores nem menores, mas certamente diferentes para ambos. Todos conhecemos e certamente não vou repetir aqui as especificidades que Freud estudou nesses processos.

Mas, além disso, a sexualidade na psicanálise não se reduz ao ordenamento do masculino/feminino. A diferenciação dos sexos é tardia e antes desta o perverso polimorfo ocupa a cena. No que se refere à constituição psíquica

e ao surgimento da sexualidade, as coisas não mudaram. A forma de constituição do sexual continua sendo traumática, implantada pelo adulto que erogeniza e limitada pela cultura, responsável por limitar o gozo do adulto que poderia aprisionar o corpo da criança. A situação assimétrica, tanto sexual quanto simbólica, entre o adulto e a criança, se mantém como tal e, portanto, o Édipo continua sendo o eixo ordenador da construção da alteridade e da relação amorosa com o outro, além de origem do desejo, na medida em que neste retorna aquilo que começou com a sexualidade do adulto. Ainda que devamos diferenciar o Édipo, hoje, das formas de subjetividade a partir das quais foi inicialmente pensado. Mudou o que é da ordem da subjetividade, mantém-se o que é a forma em que o psíquico e a sexualidade se constituem. Assim como as vicissitudes específicas para cada um dos sexos no processo de sexuação.

## Fidelidade ao inconsciente: trajetória de um psicanalista

Urania Tourinho

Resenha de Emilio Rodrigué, *O paciente das 50.000 horas*, Rio de Janeiro, Imago, 1979, 104 p.

**NOTA DE EDIÇÃO** Este texto foi publicado em 2005 no livro Emilio Rodrigué – caçador de labirintos, de Urania Tourinho Peres, editora Corrupio, Salvador. Excepcionalmente, o Conselho de Resenhas aceitou publicá-lo como parte da homenagem ao pensamento sempre vivo de Emilio Rodrigué.

Além das três resenhas que ora seguem de livros do próprio Rodrigué, encaminhamos também o leitor àquela de Sigmund Freud – o século da psicanálise 1895-1995, feita por Ana Maria Amaral e publicada na Percurso 17, do segundo semestre de 1996, bem como a outra, por ele mesmo escrita, do livro Freud: um ciclo de leituras, Percurso 19, segundo semestre de 1997.

Maria de Lourdes Caleiro Costa

Em 1969, Emilio recebeu um convite para participar de uma edição especial, comemorativa dos 50 anos da *Revista Internacional de Psicanálise*, publicação oficial da IPA. Juntamente com outros

1 E. Rodrigué, *O paciente das 50.000 horas*, Rio de Janeiro, Imago Editora, 1979.

**Urania Tourinho** é psicanalista, fundadora do Colégio de Psicanálise da Bahia

19 psicanalistas, integraria o volume intitulado *Bodas de ouro*. O convite o deixou lisonjeado e ele resolveu escrever um texto, no qual faria uma avaliação de seu trabalho como analista, através da criação de um paciente/personagem, síntese de todos os pacientes que havia atendido durante os seus 25 anos como psicanalista. Surge assim o título: *O paciente das 50.000 horas*.

Este artigo não foi publicado em Buenos Aires, e, posteriormente, no ano de 1976, é revisitado pelo autor, que não deixa de confessar a difícil tarefa de se reavaliar. O artigo transforma-se, então, em livro<sup>1</sup>.

Me resulta difícil meterme en esa piel tan mía y hoy tan ajena. No sé como tratar al Rodrigué de antes. Cuando lo pongo al microscopio no doy con el aumento que lo evalúe y no lo disique. Se puede ser muy cruel con esa versión más joven – aunque milenaria – que uno fue. (Rodrigué, 1977, p. 25)

O livro está dividido em duas partes. A primeira resulta dos 25 anos de experiência como analista ortodoxo, segundo sua própria definição, contém o relato clínico de um paciente em análise didática. A segunda parte, através do relato de uma “cura”, realizada em laboratório social, traz a tentativa de teorizar sobre a possibilidade de integração da psicanálise, com o Psicodrama, Bioenergética e Gestalt Terapia. Ou seja, uma nova proposta de trabalho.

A primeira parte tem, nitidamente, um tom testamentário, quase uma prestação de contas, uma despedida e um balanço do vivido, como se Emilio, neste texto, estivesse fazendo um depoimento de “final de analista”. E nos chama à atenção a sinceridade através da qual ele se expõe. Contudo, uma sinceridade carregada de amargura.

Ele não tem pudor em afirmar que a psicanálise envelheceu, entretanto, considera uma “afirmativa crucial” a transformação do homem pela psicanálise.

Uma cuidadosa análise deste livro nos leva à compreensão de uma trajetória aparentemente

com muitos cortes, mas, em verdade, mantendo sempre o mesmo fio condutor: uma forte inquietação, uma luta apaixonada contra a impostura, uma recusa à adaptação empobrecedora, uma fidelidade ao inconsciente. E, o que é mais importante: travestido de transgressor, Emilio esteve sempre movido por uma ética intransigente, que o levou a buscar a verdade, a sinceridade do depoimento, a felicidade, a experiência de vida. Ainda que sabendo que nenhuma destas metas atingiria em sua totalidade, assim mesmo as buscou.

Questionando o lado adaptativo da psicanálise, ponto maior de sua inquietação, ele faz uma afirmativa, um forte alerta aos jovens analistas.

No se trata solamente de si vale la pena adaptar al individuo a una sociedad alienada; hay que ver, también, las consecuencias de esa práctica sobre los valores que determinan nuestra forma de producir psicoanálisis. Ya hemos considerado los óxidos que se cargan en cincuenta mil horas; ahora es cuestion de preguntarse sobre el tipo de adoctrinación que he dado a mi PACIENTE y, además, qué adoctrinación he recibido de él. ¿Qué tipo de gran círculo vicioso ideológico hemos conformado? (Rodrigué, 1977, p. 41).

[...] el analista es sólo un ejemplo más de la deformación de una sociedad no liberada. (p. 42).

Emilio expressa seu ressentimento por ter-se submetido a um enquadre convencional e desvitalizante, pela cronificação de um vínculo resultante em um desgaste da palavra, pela minimização da ação e recusa de mudanças. E, o que é mais importante, não se exime dessas culpas (Rodrigué, 1977, p. 45-77).

Critica-se por ter perdido a “vocalização urticante” que o acompanhou quando se iniciou como analista e que o dotava de uma disposição, a mesma de Freud, em revolucionar a ordem estabelecida (Rodrigué, 1977, p. 37). A psicanálise era banhada de uma grande onipotência, tempo de “probar lo imposible”.

O homem freudiano seria um homem novo; o ato psicanalítico daria uma diferença qualitativa

a quem a ele se submetesse. Provocaria uma verdadeira transformação do homem (Rodrigué, 1997, p. 38-9). Contudo, Emilio constata que Freud, ao iniciar a sua luta, sofreu o que denominou de “esplêndido isolamento”, sendo que as gerações vindouras não souberam manter a força do pensamento freudiano, promovendo uma “lamentável expansão” que, inevitavelmente passou a psicanálise da solidão teórica ao simples lugar comum.

Para ele uma teoria não envelhece.

Las ideas no mueren de muerte natural: son asesinadas por nuevas ideas o cometen suicidio. [...] Hay que indagar los factores específicos de inhibición, las contradicciones incompatibles y los elementos refractarios dentro de la teoría psicoanalítica. (Rodrigué, 1977, p. 39).

Neste ponto ele chama a atenção para a acusação de traição feita a Freud, defendida, sobretudo, pelos franceses. O importante é, pois, buscar, dentro da própria psicanálise, sua teoria, sua técnica e prática, elementos que impediram o livre crescimento, e produziram um “endurecimento das artérias”.

Emilio chama a atenção para três grandes dilemas que a psicanálise enfrentava, no final da década de 1960: questões de procedimento, de metas e de teoria analítica.

O primeiro (procedimento) está ligado às questões da didática, do autorizar-se analista. Interrogações importantes e atuais são levantadas, valendo a pena segui-las de perto. O procedimento básico, a análise pessoal, é inquestionável. Tornar-se objeto de conhecimento, para em seguida tomar o outro e colocá-lo nesta posição. Na sua época, eram quatro a cinco sessões semanais durante quatro ou cinco anos. “Uno es el primer (y más irritante) paciente en el lento aprendizaje en carne propia.” (Rodrigué, 1977, p. 42-3).

Este ponto forte é também, para ele, o ponto fraco, na medida em que, de uma maneira geral, as análises iniciavam-se ao concluir a universidade e o término atingia o “candidato” com

a idade média em torno dos 33 anos. Segundo sua observação, “las promesas analíticas cursan los 40” e, somente aos 50, o analista, verdadeiramente, está no momento de expandir-se. Para Emilio, este prolongamento da didática tende a incrementar a burocracia das Instituições, uma nítida crítica à análise didática. Ainda no que se refere ao *procedimento* ele aponta outro ponto que considera escabroso. “¿Cuál es la subjetividad del candidato en los 5-6-7 años que está en el diván?” (Rodrigué, 1977, p. 43-4). Anos de uma relação assimétrica, mantida por um diálogo singular onde o paciente fala mais de oitenta por cento e o analista quase, inevitavelmente, intervém com um “si...pero”.

Emilio se interroga:

¿Cuál es el resultado de años simétricos donde todo lo que uno dice y hace en *realidad* significa otra cosa? Años donde uno nunca ve al analista en la cara. En el mejor de los casos se configura una caracterología profesional, un pensamiento relativista, medroso, que conlleva un “si...pero” internalizado. (Rodrigué, 1977, p. 45).

O enquadramento esconde uma violência e nosso autor questiona se, dentro desse modelo, não se produzem jovens analistas adaptados, sem rebelião e criatividade. Ou, ainda, que a rebelião se manifeste exatamente onde não deve, ferindo a regra de abstinência erótica?

Segundo dilema: *metas*. A ambigüidade da cura analítica, que se confunde com uma terapêutica no estilo médico. O analista não cura e, por isso mesmo, é preferível o nome de analisando ao de paciente. O analista pode cometer uma traição; o paciente procura alívio para sua enfermidade, e o analista persegue algo que tem relação com um suposto encontro com a “verdade”: “[...] el cambio en el otro que involucra mi propio cambio” (Rodrigué, 1977, p. 47).

E diz:

[...] la zona de convergencia es relativa y poco explicitada. Ello se debe a que nosotros mismos no tene-

mos el punto claro. La ambigüedad es nuestra, pero se remonta al propio Freud con sus enigmáticas contradicciones en lo que hace al curar. (Rodrigué, 1977, p. 48).

Outro dilema, no que se refere às *metas*, toca na questão da dimensão experimental. A psicanálise é um método de investigação passível de controle? Esta confusão entre analisar e experimentar, que toca nos anseios cientificistas, confunde a identidade do analista. “El psicoanálisis no es experimentación, es experiencia” (Rodrigué, 1977 p. 51).

O terceiro dilema dirige-se à teoria analítica, onde aponta uma divisão, surgida, então, no meio do kleinismo, defendida por George Klein e que, mais tarde, na revisão que Emilio fará do texto, em 1976, considerará um erro e a rejeitará. Uma divisão entre uma teoria clínica e uma teoria metapsicológica, que procura estabelecer uma separação entre conceitos clínicos e conceitos metapsicológicos, propondo-se a construir uma “teoria clínica”. Foi dessa época a expressão “teoria da clínica”. O impasse, entre outros, foi colocado quando a distinção entre um conceito clínico e metapsicológico tornou-se difícil de ser realizada. Em verdade, essa oposição à metapsicologia escondia um questionamento de outra ordem. A revisão, feita em 1976, o conduz a retomar os pontos fracos dessa colocação de George Klein por ele abraçada.

Emilio faz uma revisão de suas idéias, neste particular: para ele, esse erro decorreu do que se refere como sendo efeitos da análise ortodoxa, que produzia uma “desvitalização da psicanálise”. “[...] mi error: estar mirando al psicoanálisis desde el pesimismo en que la práctica alienante del mismo me había sumido. Reflejaba una desvitalización.” (Rodrigué, 1977, p. 57).

Foi também uma maneira de reagir a Hartmann e seu grupo “[...] que descorporizaron el concepto de libido hasta convertirlo en una hipotética unidad de tensión[...].” (Rodrigué, 1977, p. 61).

Emilio critica a “teoria do eu” dos americanos que, para ele, segue em direção oposta a

Freud, banalizando a noção de libido, reduzindo-a a um “monte de excitação”. Herdeiro de kleinismo, ele tinha claro o mérito de Melanie Klein em

[...] construir una teoría orientada hacia la práctica, abriendo espacios nuevos para la comprensión analítica del niño y del psicótico [...] los analistas kleinianos son, por lo general, más imaginativos y también más comprometidos con la inmediatez del material clínico. [...] Para ellos cada sesión *tiene que arrojar su cuota de asociación libre* y las interpretaciones pasan a ser hipótesis de trabajo en esa búsqueda”. (Rodrigué, 1977, p. 55).

Acaba por concluir que a metapsicologia “es un espacio que Freud enmarcó para tener un apoyo fuera de las representaciones verbales de los contenidos psíquicos, un espacio donde

la palabra le deja el lugar al cuerpo” (Rodrigué, 1977, p. 61).

Uma olhar sobre a história do movimento psicanalítico lhe conduz a afirmar, entre outros, dois grandes desvios: um de Reich, à esquerda de Freud, que postulava “un cuerpo cargado de una energía que en última instancia llega a ser cósmica”; (p. 61) o outro à direita, privilegiando a palavra e fazendo-a legislar sobre a vida, cujo artífice era Lacan.

La dialéctica de estos extremismos es sumamente enriquecedora si uno se sabe colocar en la posición que, tomando las palabras de Kesselman, denominaría de ultracentro, donde la palabra es cuerpo y donde el cuerpo habla. (Rodrigué, 1977, p. 62).

Atingir essa posição de “ultracentro” era o que naquele momento ele procurava.

# Contribuições ao estudo do processo analítico

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho

Resenha de Emilio e Geneviève Rodrigué,  
*El contexto del proceso analítico*,  
Buenos Aires, Paidós, 1966, 245 p.

Em 1966, Emilio e Geneviève Rodrigué publicam, pela editora Paidós, de Buenos Aires, o livro *El contexto del proceso analítico*. Trata-se de um marco importante na literatura psicanalítica, pois, nesse livro, os autores defendem que os analistas argentinos têm contribuições originais ao estudo do *proceso analítico*, ou seja, à forma de ver o que acontece no curso de uma análise. Eles destacam dois analistas que consideram um marco de referência para o grupo argentino: Enrique Racker e Enrique Pichon Rivière. Apoiados na expressão conceitual *numerosidade da relação*, de Susanne Langer, eles sublinham como muito importante o número de elementos que entram na relação analista-analisante.

Para os autores, a posição reclinada do paciente, o “anonimato” do analista, a diminuição de estímulos que origina uma situação de ligeira privação sensorial e a estabilidade espaço-temporal do contrato analítico criam uma situação quase-experimental na análise, na medida em que, como em todo experimento científico, há na sessão analítica uma diminuição do número

de variáveis intervenientes. O exame sistemático do que ocorre nessa situação é a única via de validação do conhecimento próprio da psicanálise. Os autores destacam que o tempo cronológico de uma sessão não é um critério de tal validação e postulam que a análise tem um *tempo onírico*. Eles defendem que, na sessão, se produz, então, um fenômeno de condensação e de intensificação de conteúdos, que atualiza certos ciclos básicos da biografia do paciente.

Diferenciando-se da posição de Kris e de outros analistas da escola americana, para Emilio e Geneviève uma boa sessão não é aquela na qual o próprio paciente é capaz de fazer uma síntese e tirar suas próprias conclusões, mas sim a que faz surgir um conteúdo a mais, a ser interpretado pelo analista. Consonante às idéias de Pichon-Rivière, os autores consideram que o material do paciente, a interpretação do analista e o novo material que emerge na sessão constituem três momentos visíveis de uma espiral que se desenvolve permanentemente.

Neste livro, os Rodrigué chamam a atenção para a importância do *enquadre* no processo analítico. Eles definem o enquadre como o conjunto de atividades não interpretativas que tem por finalidade manter a marcha ordenada do processo analítico. O enquadre é considerado por eles “correto” quando proporciona um mínimo de interferência na atividade associativa do paciente e interpretativa do analista. A interação associação-interpretação constitui, portanto, o cerne da relação analítica.

Segundo Emilio e Geneviève, a regularidade e o pagamento dos honorários, a obediência e a mudança de horário, a situação de começo e de final de sessão não fazem parte da relação analítica propriamente dita, mas de uma relação perianalítica que se mantém relativamente constante. Ou seja, “não são o jogo, mas as regras do jogo”. Um índice de que o tratamento marcha adequadamente é dado quando o paciente reage com grande sensibilidade a pequenas mudanças que se produzem no enquadre.

Maria Thereza Ávila Dantas Coelho é psicanalista, professora titular da UNIFACS, doutora em Saúde Coletiva pela UFBA.

Os autores consideram a interpretação, então, como o instrumento principal de intervenção do psicanalista. No que diz respeito à análise de criança, revelam que o analista adota, inconscientemente, um outro estado de ânimo e de disposição perceptiva, a que denominam de *atenção lúdica*. Esse tipo de atenção requer um estado mais ativo do analista, que lhe possibilita rastrear as diferentes áreas de expressividade da criança, criando uma disposição para jogar. Emilio e Geneviève ressaltam que a atenção, seja ela flutuante (na análise do adulto) ou lúdica (na análise de criança), é parte constituinte da interpretação, já que o que se diz ao paciente está determinado pelo modo como o analista reúne o material escutado. Por isso, à atenção lúdica eles fazem corresponder uma outra modalidade de intervenção, que chamam de *interpretação lúdica*.

Emilio e Geneviève salientam que tal tipo de interpretação é constituído de dois tempos superpostos. No primeiro tempo, o analista imita o jogo da criança e, no segundo, transmite-lhe o sentido do jogo, fazendo uso dos meios não-verbais que a criança empregou. A interpretação funciona, então, como um possível estímulo para o próximo emergente do jogo. Os autores destacam que pouco se tem investigado sobre as diferenças entre a expressão verbal do adulto e a

não-verbal da criança. Apesar das dessemelhanças entre a análise de criança e a análise de adulto, o trabalho com as crianças exerce influências significativas no trabalho com os adultos, sobretudo no que diz respeito à significação extra-verbal do que o paciente expressa. Partindo da noção de contra-identificação projetiva de Grinberg, eles acrescentam que a interpretação mutativa é aquela em que se inverte o processo de indução projetiva, fazendo com que o paciente experimente aqueles aspectos seus que nega e que projeta em seu analista.

Este recorte do conteúdo do livro *El contexto del proceso analítico* revela que o trabalho de Emilio e Geneviève faz jus ao seu propósito de mostrar as contribuições que consideram originais ao estudo do processo analítico, na medida em que eles utilizam expressões conceituais inovadoras, que traduzem a forma pela qual o grupo argentino lida com os diferentes aspectos deste processo, na década de 1960. As noções de enquadre, tempo onírico, atenção e interpretação lúdica são algumas dessas inovações que, dentre outras, podem ser melhor investigadas a partir da leitura do próprio texto. O livro, mais do que relato histórico, nos faz repensar as questões concernentes ao processo analítico e nos faz relançar a busca de sinais de uma nova práxis.

# Gigante, para além do princípio do prazer

Andrea Hollnagel Araújo

Resenha de Emilio Rodrigué, *Gigante pela própria natureza*, São Paulo, Escuta, 1991, 368 p.

Em *Gigante pela própria natureza*, texto que considera como um grande conto de amor no outono da vida, Emilio Rodrigué revela aspectos da sua posição singular no contexto social e cultural da Bahia.

Como fez antes com questões como a sabedoria em *Lição de Ondina*, e a erótica da ética em *Ondina Supertramp*, o amor e a religião são abordados aqui tanto pelo viés da fascinação, da qual Rodrigué não se abstém, como por um caminho *a-mais* que lhe permite sair da posição de possuído e avançar na direção de novas significações. Tendo como interlocutor o irmão Jack, seu herói na infância, enriquece o corpo do texto com uma dimensão atemporal onde há lugar para a associação livre e em que, como é bem do seu estilo, os comentários instigam o leitor a uma participação ativa.

Nas primeiras páginas do livro, um glossário de palavras regionais e iorubanas introduz a trilha que o autor propõe, levando o leitor a percorrer, no limite entre ficção e realidade, a riqueza cultural que fez de Salvador a capital do sincretismo, não apenas religioso. Personagens como as filhas de santo podem, por exemplo, aparecer folheando tranqüilamente a revista *Casa e Jardim*

Andrea Hollnagel Araújo é psicanalista, membro do Colégio de Psicanálise da Bahia.

ao som dos *Beatles*, passeando no *Shopping Barra* ou comendo moqueca tomando *Liebfraumilch*. O autor, criando um ritmo de alternância entre os fatos singelos de um encontro de enamorados, as lembranças vividas de outros tempos e a história do povo nagô, seus Orixás e seus rituais religiosos, leva o leitor ao umbral onde a sugestão recebe o questionamento da fé. A surpresa acontece quando em certos momentos um fato que só poderia ser ficcional aparece no contexto cotidiano, ou quando no contexto da ficção desponta mais realidade do que seria de se esperar. Em diversas passagens, a ligação com o candomblé promove acontecimentos diante dos quais surge a pergunta: afinal, ele crê? Rodrigué responde: “Oxalá um dia eu seja um homem de fé”.

O livro conta, em paralelo, a história de seu amor com Gracinha de Oxum, declarada a mulher da sua vida, com a qual se casou e viveu por vários anos, e a história do povo Nagô na Bahia, cujo fio ele puxa desde a chegada dos navios negreiros ao Brasil, passando pela escravidão, pela saga dos quilombos, pelo heroísmo de Ganga-Zumba e Zumbi dos Palmares, até a constituição dos terreiros de candomblé sob o matriarcado das mães de santo Mãe Aninha, Mãe Senhora, Mãe Ondina e Mãe Stella como perpetuadoras da tradição cultural e religiosa do candomblé.

À medida que o texto avança, as duas vertentes se fundem no espaço do Axé Opô Afonjá, terreiro dos mais tradicionais da Bahia. O sonho oracular com uma pedra introduz o mistério que paira à sua volta desde o primeiro encontro com Mestre Didi, sumo sacerdote do culto dos mortos, em Buenos Aires. A questão com o sentimento religioso retorna na narrativa de inúmeras situações vividas, fantasiadas e, quiçá, alucinadas, a partir das várias ocasiões em que esteve hospedado no terreiro: entre outras, febres e fleimões que chegam e se vão misteriosamente, animais que caem mortos no chão como que por vontade própria, um galo que parece ser a própria encarnação de Exu, elementos que produzem o contexto no qual Rodrigué acaba por se confessar sugestível por natureza.

Depois de participar de inúmeras cerimônias e festas, sabendo-se homem de Xangô, Rodrigué testemunhou manifestações e teve direito à sua própria experiência extática. O texto dá testemunho do mergulho nesse mundo de religião e revela o saber desse analista de formação kleiniana, que sacrifica a ortodoxia em favor da plasticidade, sem com isso perder a coerência. A mitologia é perpassada pela psicanálise. Ao final, não sem ter deixado no texto as chaves para decifração de tal enigma, o autor narra a sua polêmica confirmação como Obá de Xangô junto a Mãe Stella no Axé Opô Afonjá.

Por outro lado, também adernando em direção à ficção, a história de Tristão e Isolda é convocada para balizar, ponto a ponto, a sua própria história de amor que, nascida na fantasia infantil da princesa africana, permanece atravessada por uma posição sublimatória que desde o início a caracteriza. Como filha de santo, Graça, como as Damas cantadas outrora pelos trovadores, mantém sua parcela inacessível, sendo envolvida num amor que se diz casto por natureza. As cinco caras do amor – Amor Cortês, Amor Herético, Amor Platônico, Amor Lacânico, Amor Lacônico –, assim como os cinco nomes de Graça – Maria das Graças, Gracinha de Oxum, Oxum-Adé, Mãe do século XXI e Princesa Africana – são cantados quando o autor se vê privado da mulher por ocasião de sua reclusão por motivos religiosos.

Garantindo a manutenção de um espaço privilegiado para o mistério, religião e amor constituem, junto com a política, o tecido a partir do qual Rodrigué analisa o curto-circuito que expõe o assujeitamento que se dá em cada um desses três campos e que ele chama de possessão. A possessão, fio que percorre o texto de ponta a ponta, une e ao mesmo tempo separa, uma vez que constitui a alienação explícita, tesoura narcísica a ser quebrada. Enfocando a questão a partir de vários ângulos, numa pesquisa que vai de Nina Rodrigues a Sheila Walker, passando por Arthur Ramos, Ravenkrof, Bárbara Brown, João Batista Rios e Marcio Goldmann, o autor chega à idéia de que o possesso é um ser eviden-

temente unitário e, apesar disso, de modo paradoxal, ele é *mais-que-um*.

Rodrigué é enfático ao afirmar existirem apenas duas formas de sair da possessão: a explicitação extática ou a cura psicanalítica. A partir daí é possível aceder a essa posição outra que ele diz ser a do psicanalista, que é a de ser herege pela própria natureza, uma vez que partimos de um dualismo que desemboca em outra coisa mais além do Princípio do Prazer.

Contrariando, portanto, o amor narcísico e a submissão religiosa por serem fundamentalmente alienantes, amor e religião, imbricados como estão nesse livro, são chamados na sua aparição herética. Para tal, Rodrigué recupera com Denis de Rougemont a relação entre a cena do amor cortês e da doutrina cátara, a chamada igreja do amor, que difundiram ao mesmo tempo, em meados do século XII, pela região do Languedoc, Pitou, Catalunha, Lombardia, respectivamente, uma forma de amor casto pela Dama que, sendo esta sempre objeto inalcançável, era sublimado gerando uma infinidade de poemas e exaltações verbais e musicais, e uma forma de amor a Deus que, suspenso num dualismo – Satanás de um lado e o Altíssimo do outro – alimenta-se na perspectiva de uma solução escatológica. Assim como Jesus Cristo, para os cátaros, não encarna, manifesta-se, ou seja, não faz Um, o amor cortês, de saída impossível, desemboca em algo *mais-que-um*. Também o Gigante não nos oferece uma solução, não nos permite encontrar um sentido unívoco. A contradição entre a afirmação de ser um sujeito descrente pela própria natureza e a confirmação como Obá de Xangô não se resolve, antes abre à possibilidade de, como é aqui sugerido, inventar a partir da vivência explícita do *mais-que-um*, a partir de uma mitologia existente, coletiva, uma mitologia própria efetuando, na saída da possessão, uma mutação que leva à identidade. É certo, porém, que ao final deparamos com um limite. A *Kesila*, o tabu que suspende a escritura desse livro pode bem ilustrar que no fim restará sempre uma palavra que não pode ser dita.

Fecha-se o livro, mas não a questão.

# Ousadia e verdade (ou: “*Je ne regrette rien*”)

Ana Lucia MacDowell  
Gonçalves

Resenha de Emilio Rodrigué, *Separações necessárias – memórias*, Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2006.

Quando Federico Fellini lançou *8 ½*, sua opulenta autobiografia cinematográfica, o então crítico da revista *Time* definiu o filme como sendo “*Self-indulgent – but, what self! What indulgence!*”, acontece algo semelhante com estas memórias de Emilio Rodrigué, *Separações necessárias* (Rio de Janeiro, Companhia de Freud, 2006): que *self*, que vida! Não se trata porém de uma autobiografia complacente, portanto não se pode defini-la como auto-indulgente; pelo contrário, há uma certa discrição, uma elegância interna, que o impede de se exceder – tanto em relação a seu extraordinário percurso como analista, quanto ao seu percurso como auto-confessado mulherengo...

Trata-se de um relato que se inicia proustiano e termina lacaniano. Diz ele: “É importante nascer numa família afortunada, isso dá segurança, uma certa mais-valia social e todo um verniz cultural na hora de manejar os talheres, a língua e as gorjetas. Esse verniz pode ser chamado de ‘ter classe’” (p. 25). E é esta “classe” que permeia todo o livro – contando o suficiente para manter a verdade, nunca para ser indiscreto, sobretudo em rela-

ção às mulheres que amou. Há um pudor em sua narrativa, talvez porque ele mesmo se espante com o escopo de suas andanças, com o arco imenso das pessoas com quem conviveu – desde um icônico “latin lover” hollywoodiano como Fernando Lamas à neta de Melanie Klein. De Bion a Mestre Didi de Salvador; de Arminda Aberastury a Fritz Perls, passando por David Rappaport, Armando Bauléo, Heinrich Racker, David Cooper, Guattari e tantos outros. Parece um desfile da história da psicanálise em todos os continentes, abrangendo quase todas as “linhas” e marcando épocas distintas. Um leitor mais rancoroso pode, num primeiro momento, supor que trata-se de um puro “*name-dropping*”, como dizem os americanos, mero exibicionismo de quem se apóia em nomes conhecidos para projetar sua imagem. Não é o caso. Como ele mesmo diz: “meu compromisso é com a verdade” (p. 248), e este “*who’s who*” é a verdade, não só de um percurso mas de uma época, os marcos das vicissitudes da própria psicanálise e seus desdobramentos. Mas não só. Há os desdobramentos políticos que até mesmo ao autor espantam: “Eu não podia acreditar, estava no centro dos acontecimentos, na Bastilha, nas três caravelas [...]” (p. 132), quando relata sua presença na residência de Salvador Allende quando começou sua queda.

Não se trata de uma autobiografia psicanalítica, mas sim do relato da vida de um psicanalista, um que seguiu à risca e sem medo sua própria direção: “que cada analista deve inventar seu próprio divã” (p. 219). Como Fellini, esta “invenção do próprio divã” não foi feita da noite para o dia, seguiu de início os caminhos mais ortodoxos, porém não menos surpreendentes: morar em Londres e ser analisado por Paula Heimann, fazer supervisão com Melanie Klein e, *last but not least*, ser analista da netinha da supervisora, recomendado pela própria. Estudar, conversar e conviver com toda a segunda geração dos fundadores da psicanálise, eles mesmos grandes mestres como Bion e Winnicott. Curiosamente, porém, Rodrigué não se detém em descrevê-los, relatar pequenas anedotas ou críticas; cita seus nomes porque são a verdade, menos como van-

Ana Lucia MacDowell Gonçalves é psicanalista, mestre em Comunicações e Semiótica.

glória, mais como o relato de um período intenso de sua formação profissional. Mas há um detalhe interessante neste formidável panteão psicanalítico que cita: se o leitor não é psicanalista, ou versado nela, passam a ser meros nomes, sem peso nem de pioneiros nem de mestres, nomes que qualquer psicanalista respira com lentidão ao citá-los para o leitor leigo são nomes apenas e o autor não se detém para avisar este leitor que se trata de Nomes Importantes! Este detalhe propõe talvez a primeira questão referente ao livro: a quem se dirige o autor? Certamente sabe que ele mesmo é um ícone, um mestre, criticado, pioneiro e produtivo, não um desconhecido nos meios psicanalíticos de onde, supõe-se, seus leitores certamente sairão e para quem tais nomes têm um peso considerável. A questão que fica, de início é: é preciso ser psicanalista para apreciar exatamente o peso dessas pessoas? O significante que eles carregam é indispensável ao leitor ou não? É importante saber quem foi Melanie Klein? Ou Pichon-Rivière? Difícil responder, mas o autor dá uma dica: escolheu como interlocutora privilegiada sua neta – é a ela que se dirige ao contar sua história, e nisso frustra seus leitores psicanalistas que gostariam de um olhar mais íntimo sobre estes grandes nomes da psicanálise ou, na falta disso, uma certa visão crítica de suas teorias. Nem intimidades nem avaliações teóricas, apenas a precisão dos fatos: com quem estudou, com quem conviveu, com quem foi mais, ou menos, próximo; há um certo pudor aí, talvez porque se o leitor não sabe quem são esses nomes o autor sabe muito bem, e ele mesmo um pouco intrigado com convívio tão próximo com mestres especiais decide que não seria elegante exhibir-se demais. Por outro lado, não é uma autobiografia psicanalítica de um psicanalista, pouco se detém em auto-interpretções, embora não deixe de se referir ao grande apego que tinha pela mãe, já denunciando seus embates edípiacos com o pai por quem, apesar de tudo, tem imenso afeto; é o relato de uma vida, portanto não teria sentido se deter demais nas teorias, nos meandros profissionais,

nas corajosas viagens até outros terrenos e terrenos.

Sem dúvida pesa o fato de ter sido presidente da Associação Psicanalítica Argentina – abre portas, abre braços, abre espaços; é um trampolim – talvez resquício de seus dias de nadador na juventude – para provar outras formas de trabalhar, de escutar, de investigar. Não se identifica, *malgré tout*, como um filho pródigo:

sou psicanalista até a raiz dos cabelos, escrevo como um psicanalista, psicanaliso psicanaliticamente e até mesmo nos motéis eu introduzo a causa freudiana. Sou uma máquina psicanalítica (p. 295).

(Confissão talvez surpreendente para o leitor que conhece sua trajetória ousada como psicoterapeuta, sua curiosidade constante de abrir portas novas e de ter interlocutores absolutamente diversos dos que os meios psicanalíticos esperaríamos).

Sim, era necessária uma referência aos motéis. Mulherengo assumido, ainda que de uma forma um tanto marota pois criticava seu pai por sê-lo, talvez se redima para si mesmo quando afirma: “Quando sobrevôo as cenas, vejo em mim um romantismo condenável, mas redentor” (p. 209). Caçula de uma família abastada, neto de uma avó milionária, criado no requinte e no que, mais tarde, reconhece com certo humor, um certo excesso burguês: o relato do verdadeiro banquete que eram os jantares formais em sua casa – só de entrada três tipos de peixes – demonstra que há um DNA não só de classe, mas de uma maneira de ser barroca, que se desdobra na forma como ama suas mulheres (e todas as mulheres). Também neste capítulo de sua vida fala com discrição e afeto daquelas com quem casou. Quatro. Mais apaixonado por umas do que por outras, mas não menos gentleman ao se responsabilizar pelas mágoas causadas – talvez uma exceção aqui ou ali, que ele não é nem masoquista nem penitente em excesso. Conta para sua neta a beleza da avó, sua primeira mulher; conta para o leitor o charme e

o carisma de sua segunda mulher; descreve sua companheira de viagens e descobertas profissionais do terceiro casamento e, por fim, chama de “mulher de sua vida” a quarta, paixão profunda e especial. Quase que o Vinícius de Moraes da psicanálise – um humor em relação a si próprio, uma queda pela aventura – em todos os sentidos – uma dificuldade com a monogamia, uma paixão pela paixão.

O que faz uma pessoa se interessar pela vida de outra? Levá-la a ler suas memórias? Certamente cada leitor tem sua resposta: seja a fama açodada pelo marketing, o profundo conhecimento de um assunto, a posição exaltada; seja o que for, há sempre algo que se refere a um tempo especial que é testemunhado na biografia. O curioso em Rodrigué é que, de fato, ele é um homem de seu tempo – de todos. Dos anos glamurosos da década de 1940 da alta burguesia de Buenos Aires, regados a champanhe e verões passados em Mar Del Plata, aos anos frugais, marcados pelos cartões de racionamento do pós-guerra londrino do início da década de 1950 – ele estava lá, com a sobriedade reforçada pelos rituais psicanalíticos ortodoxos; nas primeiras experiências de grupos terapêuticos americanos, com Erickson e Rappaport, lá estava, participando, produzindo, pertencendo; os anos 1960, revolucionários, radicais, perigosos, Rodrigué os viveu política e profissionalmente; e por aí afora. É um homem do seu tempo, seja qual for o tempo. Se entrega a investigar, se propõe a aprender. Esalen com Perls? O Chile de Allende? Sim e sim. Mas, sempre, fiel à psicanálise, à sua forma de “fazer seu divã”. Talvez este seja um dos pontos fascinantes deste livro, pois sempre se reinventando nunca perde a coerência; corajoso, sem perder a âncora de um espírito crítico que lhe permite ser revolucionário sem ser insensato. Talvez o segredo deste permanente “estar no seu tempo” é que, como ele diz; “as coisas são parecidas mas nunca se repetem” (p. 270). Nunca se acomodar, nunca ter certezas, nunca deixar de buscar, parece ser a fórmula,

embora ele também nunca se detém para dizê-la. O tempo que passa não é denegado, é importante ressaltar. Ciente das necessidades que cada idade traz e de suas nuances, desenvolve o que chama de “teoria da aposentadoria”, não muito diferente de sua “teoria das separações”: “Depois dos cinqüenta anos, corre-se o risco de estourar como uma rã se não nos protegemos. Há os mortos a enterrar, os adultérios a cometer e as pragas do Egito” (p. 270). O fundamento de sua teoria da aposentadoria é: “chegou a hora de ser sábio” (p. 194), o que envolve a sabedoria de saber se separar do que é necessário e a sabedoria de continuar articulando o que chama de “meu dever desejanter” (p. 194/258). E assim chega à Bahia.

“Na minha vida há um antes e um depois da Bahia” (p. 222). A Bahia é o grande estuário onde vêm desembocar e se enlaçar todos os caminhos, os desejos, as teorias e as paixões. A partir da chegada à Bahia, o relato dessas memórias se torna mais aberto, mais íntimo, mais detalhado, mais confortável. É como se tivesse voltado ao lar. Conclusão descabida talvez, na aparente discrepância entre uma origem tão aristocrática e privilegiada, quase esnobe, e a entrega às cores e sincretismos, à malemolência baiana e sua cultura. Pode-se dizer, entretanto, que há um elo em comum entre ambas: sua natureza barroca. Os rituais refinados da casa da avó, os cerimoniais sazonais das férias, dos drinques, dos esportes, as vestimentas quase sacramentais que acompanham tais rituais, são reencontradas nas cerimônias, na sacralidade, nos ritos solenes do candomblé. A estrutura barroca do discurso aristocrático se reproduz na estrutura barroca do discurso do candomblé. Existe o solene, o nobre, e suas exigências disciplinares, e a elas Rodrigué se entrega. Movido pela paixão por Graça, certamente, mas como não supor que certamente movido também pelo conforto de uma releitura de suas raízes?

Este lado barroco que ressurgir traz ao leitor um presente, um alento – devagar Emilio vai dando o nome aos bois, ou melhor, vai ci-

tando os livros onde encontrar os detalhes de fases de sua vida que não conta nestas memórias, estabelecendo então seu caráter rizomático. As lacunas que o leitor deseja preencher estão contadas em outros livros do autor, fazendo deste um hipertexto totalmente coerente para quem viveu a vida como tal: numa aparente desordem que se faz ordenada pela lógica da busca e do “dever desejante”, ou, como diz: “eu levantava minha orelha para além do rumor do mar e, efetivamente, talvez ouvisse alguma coisa nessa grande concha que é o mundo” (p. 373). Estas memórias são testemunho desta “escuta”, aberta sempre para o “mundo”, talvez aquilo que André Bréton chamava de “o maravilhoso” e, por isto mesmo, um convite para que o leitor faça o mesmo.

“O analista deve ser tão inocente quanto o lago que reflete a imagem de Narciso. Com o Louco eu tinha a cabeça em branco, maquiavelmente pura” (p. 227), sendo assim, inocentemente – ou maquiavelmente? – obriga o leitor que, embalado por narrativa tão inebriante se esquecera que haveria um final, a um que vem curto e desconcertante, sem mais delongas, deparando-se o leitor com sua frustração narcísica: “mas logo agora ele pára?!”. Final lacaniano:

corde seco. Ironia daquele que, por anos, como conta, relutou a ler Lacan:

Lacan foi uma pedra no meu sapato [...]. Imaginem um homem realizado que, nas proximidades dos sessenta anos, perdeu o jogo de cintura do toureiro que ele nunca foi. Lacan me fez cair de meu pedestal de pioneiro fossilizado (p. 218).

Não se pode dizer que tenha se tornado lacaniano, mas sim que, como ele, foi “analista até o fim”, e também coerente até o fim nunca deixou de “inventar seu próprio divã”, um divã que passa pelo seu corpo:

[...] eu encontrei meu corpo na teoria da alma. [...] O que restou no meu caso foi uma leitura mais atenta e mais profunda do corpo do outro, a partir da transferência do meu corpo. [...] Ficando o dia inteiro sentado, imóvel em sua poltrona, o analista convencional se achata, perde sua redondez copernicana (p. 219).

Não tendo perdido sua “redondez copernicana”, Rodrigué em suas memórias oferece o relato de uma vida vivida com coragem, ousadia e paixão; nunca um Hamlet – sua escolha foi sempre ser.

# Emilio Rodrigué, o psicoargonauta de Ondina

Danielle Schramm

Resenha de Urania Tourinho (org.),  
*O caçador de labirintos*, Salvador,  
Currupio, 2004, 216 p.

Em 2004, lançou-se um livro, o primeiro de uma coleção imaginada pelo Colégio de Psicanálise da Bahia, a coleção “Memorar” das Edições Currupio. Essa primeira obra não podia deixar de ser uma homenagem a Emilio Rodrigué, o mestre – por mais que ele recusasse ocupar esse lugar – de todo um grupo de psicanalistas baianos, fundadores do Colégio de Psicanálise da Bahia.

Assim, Urania Tourinho, discípula dos primeiros tempos, analisada e formada por Rodrigué, assumiu a coordenação desse trabalho contando com a colaboração de Maria Teresa Dantas Coelho, Regina Sarmiento, Griselda Teixeira de Castro Pêpe, Sérgio Augusto Franco Fernandes, Andrea Hollnagel Araújo, cada um abordando facetas diversas do psicanalista, do escritor, do homem diante de si mesmo e dos outros, diante do mundo. O próprio Emilio, afetuosamente lisonjeado por ser o objeto de tal homenagem, escreveu o prefácio do livro.

Hoje, três meses após a morte de Emilio Rodrigué, aos 85 anos, ainda em pleno vigor criativo, o livro de Urania Tourinho é um pre-

cioso testemunho. O único – fora os escritos, sempre um pouco autobiográficos, do próprio Rodrigué – sobre o pensamento, a vida, a personalidade desse reconhecido psicanalista e escritor, desse homem de uma originalidade e inteligência pouco comuns. Uma homenagem formulada como uma pergunta: “quem é você, Emilio?”, ecoando com aquela, lancinante, que lhe foi feita durante um seminário em Amsterdã, cem vezes repetida até a exaustão e à qual, naquele momento, ele não tinha resposta. Até que, por fim, décadas mais tarde, o próprio Emilio descobre e afirma: “Eu sou um caçador de labirintos.”

Que caminhos conduziram esse “psicoargonauta” dos tempos modernos a aportar nas praias de Salvador da Bahia e ali permanecer?

Urania fala, na sua apresentação, do pioneiro. “A constituição de um grupo psicanalítico se faz em torno a um pioneiro.” De fato, é como um pioneiro que Rodrigué chega um dia a Salvador, acompanhado por Marta Berlin, sua companheira de então, rompendo as amarras com sua vida anterior, para dirigir os seminários que reuniam jovens psicanalistas baianos.

A dramática situação política na Argentina coincidia com o desejo alimentado por Emilio Rodrigué de romper com a psicanálise institucional. Deixando Buenos Aires, ele deixava também, corajosamente, o conforto de uma prática tradicional e do reconhecimento. Conforto que já estava comprometido por ter deixado, acompanhado de outros trinta analistas, a Associação Psicanalítica Argentina (APA) e por ter criado, com seus amigos Armando Bauleo, Hernán Kesselman e Tato Pavlovsky, o grupo Plataforma, que era, de fato, um grupo dissidente. Desde a criação de Plataforma, Emilio nunca deixou de buscar, de inovar, “mantendo sempre”, como diz Urania Tourinho, “uma luta apaixonada contra a impostura, uma recusa à adaptação empobrecedora, uma fidelidade ao inconsciente”. Mesmo pagando o preço de parecer transgressor ou escandaloso.

Recapitulemos com Urania, desde o início. Tudo começa em 1923, quando Emilio nasce

em Buenos Aires, último filho de uma família riquíssima (riqueza essa dilapidada ao longo dos anos e da qual Emilio não ficará com um único centavo), adorado por sua mãe e seus muitos irmãos, o único dos filhos a não tratar o pai de “senhor”. Quando foi crescendo, a criança paparicada se descobre, como Jean-Paul Sartre, feio. Seu irmão Jack, como diz ele, seu segundo pai, o ajuda a se desvencilhar do complexo de feiúra e faz dele um quase campeão de natação. Será que seu amor pelo mar vem dessa época? Faz a faculdade de medicina e descobre Freud através de seu pai. Começa uma psicanálise com Arnaldo Racovsky em 1943, mas rapidamente se desentendem. Sendo impossível continuar uma análise na Argentina, Emilio decide partir para a Inglaterra com sua jovem esposa, Beatriz. Penetra a elite da psicanálise austríaca radicada em Londres, faz sua análise didática com Paula Heimann, acompanha de camarote a disputa entre as grandes estrelas da psicanálise, Melanie Klein e Anna Freud, freqüente, entre outros, Masud Khan, Ernest Jones, Winnicott, Bion (o homem do “para quê?”). A pedido da famosa avó, analisa a neta de Melanie Klein. Num jantar, encontra a Sra. Ernst Freud, nora de Sigmund, que, olhando a jovem e bela esposa de Emilio, diz-lhe: “O senhor, que tem tão bom gosto na escolha da esposa, seria um ótimo biógrafo do meu sogro.” Premonição?! Enquanto isso, ele freqüenta a National Gallery, vai a concertos e ao teatro. Aprende e se cultiva.

Ao cabo desses fecundos quatro anos, o “menino de ouro do kleinismo” retorna a Buenos Aires. Chega em plena efervescência psicanalítica. Participa da APA, escreve seu primeiro livro, *Psicoterapia de grupo*, vive problemas sentimentais. Fascinado pela leitura de *Filosofia em nova chave*, de Susanne Langer, parte, com mulher e filhos, para os Estados Unidos para conhecer a filósofa. Instala-se bem próximo a Stockbridge, onde exerce a função de psicoterapeuta na famosa clínica de Austen Riggs dirigida por Robert Knight, Erik Erikson e David Rappaport. Aos 35 anos, este é um novo período de sua vida que

começa, enriquecida pelos encontros semanais com Suzanne Langer, que com freqüência afirma ser “uma de minhas quatro mestras”, aquela que lhe ensinou a “dúvida”, o “será isso mesmo?”

Mas Emilio é um grande apaixonado. E, inteirando-se da morte do psicanalista argentino Racker, marido de Noune, por quem ele foi loucamente apaixonado antes de sua partida para os Estados Unidos, volta para Buenos Aires, deixa Beatriz (a primeira das grandes “separações necessárias” que pontuarão sua vida), os filhos e casa-se com Noune, psicanalista como ele, bela e rica. Emilio fala de uma “operação cirúrgica, sem anestesia [...] como um raio num lago sereno.” Cruel Emilio ... Mas Noune morre cedo demais.

É nesse momento que Emilio se revela como romancista. Em 1969, publica *Heroína*, seu primeiro e único romance, um sucesso transformado em filme em 1972. Nessa época, ele está com 42 anos e Urania Tourinho afirma que é aí que aparece um segundo Emilio, o Emilio escritor. Inclusive, Emilio Rodrigué se define como “um analista de alma literária”. Como lembra Griselda Teixeira de Castro Pêpe na epígrafe do capítulo dedicado à sua obra literária, ele mesmo declara: “Minha roseira é bífida, como a estrela do aikido. Um pé é psicanalítico. O outro é literário.” Ainda segundo Urania, foi em Salvador, na paz que encontrou vivendo nessa cidade de magia e onde conheceu sua quarta mulher, Graça, que se revelou mais claramente sua vocação de escritor. Não esquecendo os livros importantes escritos anteriormente na Argentina, como *Biografia de una comunidad terapéutica* (1966), *El anti-yoyo*, o excelente *El paciente de las 50.000 horas*, entre outros.

Mas é verdade que foi mesmo em Salvador que nasceram a maioria dos seus grandes textos, período próspero inaugurado com *A lição de Ondina* (1983). Ondina, praia mágica, lugar de meditação, de reflexão e de criatividade e onde Emilio viverá até o fim dos seus dias. E é ainda em Salvador onde nasce a fantástica biografia de Freud, *Sigmund Freud, o século da Psicanálise*

(1995), resultado de cinco anos de trabalho, escrito em português. E suas memórias, alegremente narcisistas, terminando no momento do rompimento com Graça, *Separações necessárias* (2000).

Em 2004, para *O caçador de labirintos*, Urania lhe propõe uma conversa, uma troca inteligente, amistosa e calorosa. Ali Emilio se expõe com simplicidade, sem complexo, seguindo uma citação de Oscar Wilde: “se você quer privacidade, conte tudo”. Nesse momento, ele está com 81 anos e testemunha a felicidade de envelhecer. Ele, que conseguiu cuidar bem do seu corpo (que comparava com um cão fiel e amigo que se tem que cuidar), sendo assíduo frequentador da Academia do Ondina Apart Hotel, fala de uma sexualidade apaziguada, “sexo velho decantado em tonéis de mirra e carvalho...” Mas fala também da proximidade com a morte: “Na idade avançada que tenho, faço parte de um grupo de alto risco [...]. A morte é para mim um tema de maior atualidade.” E quem diz morte, talvez diga eternidade...

“E Deus, Emilio?”, pergunta Urania. “Tudo é possível, até mesmo Deus.” A espiritualidade (ou a magia), ele a encontrou, primeiro com sua mãe, a muito católica e amada Marita Schuchard Rodrigué. Depois, durante uma experiência onírica comendo cogumelos no México com uma bruxa e, enfim, com o candomblé através de Graça, sua esposa, filha-de-santo do terreiro Axé Opô Afonjá. Tudo é possível, mesmo os orixás...

Sérgio Augusto Franco Fernandes lembra o percurso político de Emilio, sua simpatia pelo peronismo e recorda o episódio da carteira de

membro ao Partido Comunista que lhe foi empurrada numa viagem a Moscou, e que Emilio conservou por somente três horas! Mais seriamente, o movimento Plataforma foi um engajamento político, vindo daí a descoberta de que “o analista também podia ser um animal político”.

Não falaremos aqui do aspecto puramente psicanalítico desenvolvido em *O caçador de labirintos*, outros teriam mais condições de fazê-lo. Ao se ler o livro, fica evidente que cada autor trata de um aspecto diferente de sua prática psicanalítica: Emilio e o Kleinismo; Emilio e Pichon-Rivière; Emilio e a psicanálise infantil (com Raul, seu pequeno paciente autista); Emilio, Oscar Masotta e Lacan; Emilio e o retorno ao divã; Emilio e suas próprias pesquisas e idéias – como a invenção da terapia de 90 minutos ou LIUS...

E, para concluir, nada melhor que uma citação de Emilio Rodrigué, o velho sábio de Ondina: “A sabedoria é polimorfa, aceita múltiplas definições. Para Montaigne é um sentimento; para Susanne Langer, um estado de consciência; para Rieff, euforia sublimada. Mas todos a ligam com a arte de bem morrer. O sábio faz aquilo que está fazendo, como se fosse um poema – preocupa-se com o estilo, inventa uma nova maneira de fazer qualquer coisa, desde o amarrar o sapato até o fazer amor. Sim, o sábio inventa e, nisso, possui uma semelhança surpreendente com as crianças.”

Ondina...

Emilio Rodrigué morre em 21 de fevereiro de 2008.

Acabava de terminar seu último livro.



# A filiação da narrativa

Lia Fernandes

Resenha de Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso, *Fadas no divã*, Porto Alegre, Artmed, 2006, 328 p.

164

PERCURSO 40 : junho de 2008

Quase em lágrimas acabei por depor os livros sobre os joelhos de minha mãe. Ela levantou os olhos de seu trabalho. “O que queres que eu te leia, querido? As fadas?” Perguntei incrédulo: “As fadas estão aí dentro?” [...] Daquele rosto de estátua saiu uma voz de gesso. Perdi a cabeça. Quem estava contando? O quê? E a quem? Ao cabo de uns instantes compreendi: era o livro que falava. [...] Quanto à história, endomingarase: o lenhador, a lenhadora e suas filhas, a fada, todas essas criaturinhas, nossos semelhantes, tinham adquirido majestade, falava-se de seus farrapos com magnificência. As palavras largavam sua cor sobre as coisas, transformando as ações em ritos e os acontecimentos em cerimônias. [...] Senti tornar-me outro [...] Parecia-me que eu era filho de todas as mães e ela era a mãe de todos os filhos.<sup>1</sup>

[J.P. Sartre]

Há livros que são escritos para transmitir informações, estabelecer lógicas e provar hipóteses. Outros para que o leitor seja *tocado* não só naquilo que eles dizem – e conceituam – mas sobretudo naquilo que suscitam. *Fadas no divã*, de Diana Lichtenstein Corso e Mário Corso pertence a este segundo tipo de narrativa em que o feitiço das palavras, sua dimensão geradora de sentidos e de novos pensamentos toma a dianteira. Convida o leitor não a um lugar de borda do texto como espectador, aluno ou receptáculo,

**Lia Fernandes** é psicanalista, mestre em Teoria Psicanalítica pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), autora de *O olhar do engano: autismo e Outro primordial* (Escuta).

mas o instiga a um caminho criativo e partilhado no qual o texto busca permanentemente alcançar seu ouvinte e fazê-lo vibrar no compasso do conteúdo que enuncia. É o que Barthes chama de *escritura*<sup>2</sup> – uma forma de discurso em que o autor dá provas ao leitor de que o deseja – dando lugar, no encadeamento do pensar teórico, menos aos efeitos de poder do texto que de uma *transmissão aliada ao prazer, à fruição*.

Concebido graficamente em formato grande, *Fadas no divã* tem capa e páginas em tom sépia, marejadas por pontilhados em suas extremidades imitando os bolores característicos das obras guardadas por gerações. Conta também na grafia do título e nas iniciais de cada capítulo com letras estilizadas e belamente desenhadas. Toda esta apresentação particularmente sugestiva já surpreende o leitor, atíça sua curiosidade e dá à obra uma aura de mistério que nos introduz na matéria mesma de seu assunto: o encantamento. Seu tema é a literatura fantástica – tanto a folclórica tradicional (hoje reservada às crianças) como a contemporânea – à luz da psicanálise.

Em seguida à suntuosidade e referência à tradição de sua concepção gráfica, abre-se um tópico incomum denominado *Modo de usar*. Trata-se de um convite à liberdade na ordem da leitura. Lembrando *O jogo da amarelinha*, de Júlio Cortázar<sup>3</sup>, em que o autor propunha que os leitores optassem entre a ordem direta dos capítulos ou uma outra que se iniciava no meio do livro, retornando ao início para prosseguir em saltos para os capítulos restantes conforme uma original e instigante seqüência, *Fadas no divã* adota a mesma premissa. Um livro é, de fato, muitos livros e para que uma narrativa cumpra seu destino é mister alcançar seu destinatário. Por isso os autores aconselham ao leitor que proceda da maneira que mais lhe aprouver, seja dirigindo-se diretamente para os capítulos dos contos de fada que lhe interessam, seja navegando pela ordem sistemática de sua seqüência linear.

1 J. P. Sartre, *As palavras*. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, 2005, p. 34.

2 R. Barthes, *O prazer do texto*. São Paulo, Perspectiva, 1999.

3 J. Cortázar, *O jogo da amarelinha*. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982.



Partindo de uma extensão maior do que a do campo das narrativas que envolvem fadas propriamente, os autores se dedicam ao estudo dos chamados contos maravilhosos, ou seja, “aqueles que contêm um elemento extraordinário, surpreendente, encantador” (p. 27). Isto basta para que possam abranger um escopo maior que seu predecessor, Bruno Bettelheim em *A psicanálise dos contos de fada*<sup>4</sup>. Diana e Mário Corso dividem o livro em duas partes: a das histórias clássicas de contos de fada que contemplam contos como *O patinho feio*, *João e Maria*, *Chapeuzinho Vermelho*, *Rapunzel*, *A Bela Adormecida*, *Branca de Neve*, *João e o pé de feijão* etc. e uma segunda dedicada às produções contemporâneas incluindo os inusitados *Turma da Mônica*, *Harry Potter*, *Mafalda*, *Calvin*, *Peanuts*, além de *Pinocchio*, *Peter Pan*, *O Mágico de Oz*, entre outros. Finalizam com uma bem humorada história – *Vampi*, o *Vampiro Vegetariano* – de cunho do próprio Mário Corso e elaborada com auxílio da audiência das duas filhas do casal.

Partidários da posição de reconhecer nas histórias contemporâneas (incluindo as de formato não ortodoxo como os quadrinhos) o mesmo potencial elaborativo de suas antecessoras, os autores questionam, num capítulo específico, os argumentos defendidos por Bettelheim no tocante à validade exclusiva atribuída por ele (e por muitos) aos contos tradicionais. Para este pioneiro no assunto, as histórias clássicas seriam as únicas indicadas para crianças por transmitirem mensagens pretensamente mais corretas ou verdadeiras. Além disso, Bettelheim aposta no poder intrínseco às narrativas tradicionais como sendo capazes de, por si sós, determinar um “bem sucedido desenvolvimento infantil” ou de, quando adulteradas, levar a descaminhos subjetivos futuros. Menos comprometidos com a pedagogia e mais desembaraçados das idealizações, Diana e Mário Corso demonstram bastante confiança no inconsciente das crianças, deixando por conta delas todo critério de valor e aprovação. Consideram que o sen-

tido desta literatura não é o de veicular qualquer tipo de moral, mas o de dar forma a sentimentos difusos vividos por aqueles que começam a ser habitados pela linguagem, ajudá-los a expressar fantasias inconscientes, nomear enigmas e dramas do crescimento ou do momento histórico vivido, vislumbrar a multiplicidade de caminhos que o humano comporta e convidar à invenção permanente que é o mundo do desejo em todos nós.

Aproximando os contos dos mitos cuja vocação é, antes de mais nada, a de operarem como “estruturas geradoras de sentido” (p. 28) e não como porta-vozes de um sentido último, intrínseco à obra e que caberia ao intérprete decifrar, os autores decidem por manter o trabalho da narrativa sempre aberto, não esmagando com a foice da univocidade o enigma próprio ao trabalho sublimatório da arte e da ficção. Escapam desta forma à cilada de, com interpretações exaustivas, reduzir a mágica do deslizamento e do *tornar-se permanentemente outro* que é a matéria-prima da poesia e da ficção. Optam menos pela lógica explicativa que pela associativa, propondo ao leitor relações evocadas pelas histórias com as complexas operações que uma criança precisa fazer para galgar o longo percurso de sua constituição subjetiva.

Tomando como fio condutor de toda a primeira parte o crescimento de uma criança, os diversos contos são dispostos em grupos temáticos, conforme o tipo de fantasia dominante pela qual transita seu enredo.

Dessa forma, o leitor encontrará, por exemplo, no primeiro capítulo – poeticamente denominado “Em busca de um lugar” – os temas que cercam a dolorosa chegada de uma criança ao mundo. Dos contos como *O patinho feio*, *Cachinhos Dourados*, e *Dumbo* são derivados e rigorosamente trabalhados os conceitos de desamparo infantil, importância do amor materno na constituição de um lugar simbólico bem como as sensações de exílio e estranhamento que marcam esse momento. A cada capítulo que se segue, os desafios subseqüentes a este início do desenvolvimento são teorizados sucessivamente sempre no balouço das questões levantadas pelas histórias, o

4 B. Bettelheim, *A psicanálise dos contos de fada*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 2001.



que confere à densidade da conceituação psicanalítica uma forma leve e compreensível.

Cabe destacar algumas passagens felizes do livro, como as diversas faces do pai desenvolvidas a partir de *João e o pé de feijão*, leitura através da qual encontramos no conto uma bela metáfora do drama do crescimento, além de uma boa ilustração da função paterna nos três tempos do Édipo. As complexas e, normalmente, tensas vicissitudes pelas quais atravessa a relação menina-mãe no decorrer do desenvolvimento se encontram originalmente teorizadas pelos autores através da escansão – extraída dos contos – da figura materna entre as formas possessiva, maternal, madrasta e madrinha. Também chama a atenção o rigor com que é discriminado objeto proibido de objeto perdido (cap. VI “O pai incestuoso”) bem como a precisão com que é tratada a relação menina-pai na sexualização feminina, cuja delicadeza de estrutura é referida pelos autores como constituindo o “fio da navalha pelo qual caminha a identidade de uma mulher” (p. 100). Igualmente criativa é a articulação traçada entre a intimidade inaugural com o outro sexo (e a separação que lhe é inerente) e as histórias de noivo animal.

Na segunda parte, “Histórias contemporâneas”, é proposta uma relação entre modernidade e os novos contos para crianças, enfocando as mudanças de questões que o momento histórico atual confronta a todos. Os temas da divisão subjetiva, do crescente desprestígio dos adultos, das mudanças nas formas de convívio social bem como do advento dos anti-heróis são extraídos de lugares insuspeitados. As articulações propostas entre as narrativas contemporâneas e o individualismo moderno constituem uma contribuição surpreendente e valiosa para pensar o nosso tempo e levam o leitor a estabelecer suas próprias conexões. Faz pensar, por exemplo, no quanto a atração atualmente exercida no público infantil pelos personagens insuficientes e atrapalhados (presentes em narrativas como *Peanuts*, *Agente 86*, *Perdidos no Espaço* ou no recente *A Era do Gelo*) responde ao anseio de aliviar o peso dos se-

veros imperativos modernos de perfeição e completude estabelecidos em suplência à ausência das garantias subjetivas da tradição. Dessa maneira funcionam como chistes, permitindo esvaziar estereótipos supostamente plenos e introduzir a possibilidade da criação de novas e, sobretudo, singulares maneiras de estar no mundo.

Resta por último enfatizar a intensa pesquisa a que se dedicaram os autores, não se restringindo à versão mais conhecida das histórias mas se reportando a várias, pelos novos elementos que cada uma permite agregar e, com isso, alargar os horizontes da interpretação. Todas as versões têm descritas suas fontes e datas de registro. Além das histórias compiladas pelos irmãos Grimm, Perrault e das narrativas escritas por Andersen, muitas linhagens de contos desconhecidas do público marcam presença. Em Cinderela, por exemplo, são apresentadas as versões de origem italiana, francesa e alemã. Da mesma maneira, nos contos em geral são, por diversas vezes, apontados ecos possíveis das narrativas com elementos mitológicos e ancestrais – com menções aos gregos, aos mitos indígenas, à religião romana. As adaptações para o cinema são objeto de equivalente valor nas análises das histórias.

Finalmente, o que transborda de todo o livro e redundante em um de seus maiores méritos é a *demonstrada capacidade de envolvimento dos autores com o universo infantil*, único lugar a partir do qual se faz possível extrair com profundidade e intensidade os dramas das crianças, suas sensações e experiências. Nesse sentido, esta produção nos lega um importante ensinamento no que diz respeito ao que chamamos de escuta analítica e que só ocorre, de fato, quando nos aproximamos do outro que queremos ouvir, reconhecendo-o não como estranho, mas como uma possibilidade em nós mesmos. Jean-Luc Godard, um dos grandes cineastas franceses da *nouvelle vague*, em seu penúltimo filme, “Elogio ao amor”, observa que o objetivo de filmar não é dirigir-se às coisas, mas recebê-las. Diana e Mário Corso mostraram que são capazes de hospedar a infância e aproximá-la de nós.



# Silvia Bleichmar: paixão pelo conhecimento

Maria Laurinda Ribeiro  
de Souza

Resenha de Silvia Bleichmar, *Clínica psicanalítica e neogênese*, São Paulo, Annablume, 2005, 325 p.

Não há nada mais angustiante para um analista do que se deter frente a um enigma, a um outro que não tem resposta

[S.Bleichmar, p. 57]

Silvia Bleichmar foi uma analista itinerante. Circulou por diferentes países, por muitos grupos de trabalho e por conversas instigantes com vários autores. A metapsicologia foi sua preocupação constante e o solo da clínica, um campo de experimentação criativa. A vivacidade surpreendente de sua presença, um estímulo para a paixão pelo conhecimento, pelo estudo, pela investigação contínua do que se vive nos encontros analíticos. Seu campo de interesse extrapolou as fronteiras da clínica; ocupou o espaço público com críticas e análises da situação política de seu país e das questões de sofrimento presentes na contemporaneidade, buscando evidenciar as possibilidades de transformação da cultura.

Este livro foi construído a partir dos seminários oferecidos para psicanalistas, no ano de 1996, no Hospital de Niños Ricardo Gutiérrez,

**Maria Laurinda Ribeiro de Souza** é psicanalista, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e professora do curso *Psicanálise*, do mesmo Departamento. É autora de *Mais além do sonhar* (com aquarelas de Ada Morgenstern) (Marco Zero, 2003) e de *Violência* (Casa do Psicólogo, 2005), entre outras publicações.

em Buenos Aires. Está dividido em 11 capítulos, correspondentes às aulas iniciadas em abril de 1996 e encerradas em julho do mesmo ano. Na primeira parte, a autora aborda a constituição psíquica e a instalação do processo terapêutico e, na segunda, o funcionamento psíquico como premissa da inteligência. Ao lê-lo, somos introduzidos no cenário de sua construção. Aos que nunca assistiram aos seus seminários, é uma possibilidade de conhecer sua forma de pensar “em ato”, de vivenciar seu interesse pelas interpelações dos que a escutam e de verificar como essas questões vão redirecionando seu ensino. Aos que conviveram com ela, uma forma viva de reencontro.

*Clínica psicanalítica* é o lugar de ancoragem e de partida. É a partir dela que a autora se propõe a difícil tarefa de delimitar as questões que “testam as teorias que sustentamos com convicção” (p. 15). Sua mola propulsora, a idéia de uma possível e necessária transformação daquilo que parece tão solidamente determinado. O inatismo kleiniano e o estruturalismo lacaniano, duas fortes tendências que marcam a história da psicanálise, são constantemente retomados e revisados, ao longo de suas aulas – tanto por seus aspectos produtivos e inovadores, quanto por suas contradições e engessamentos. A psicanálise de crianças – suas indicações e vicissitudes (com muitos relatos ilustrativos) – e as primeiras marcas presentes na constituição do psiquismo – os signos de percepção, o traumatismo, o acontecimento, as condições de metabolização e em especial o recalçamento originário –, ocupam lugar de relevo neste livro.

*Neogênese* é um termo condensador do movimento criativo no intra e no extramuros. A idéia de movimento é fundamental; as fronteiras estão continuamente abertas aos efeitos de outras referências. O trabalho analítico não se propõe apenas a recuperar o já existente, mas também, e sobretudo, a criar novas condições de simbolização e abrir outras possibilidades de vida.

Quando fazemos uma intervenção em momentos estruturantes do funcionamento psíquico – o que eu

chamo de intervenções analíticas – para produzir, por exemplo, uma passagem da relação binária para uma relação terciária, inauguramos um processo de neogênese: algo, que não estava pré-formado e nem instalado por si mesmo, será produzido em função da intervenção analítica (p. 40).

Estamos diante de uma proposta de trabalho de construção e questionamento contínuos. As diferenças, a singularidade do sujeito, o indeterminismo, a potência dos encontros e a idéia de fronteiras plásticas no psiquismo são, em seu pensamento, pressupostos necessários.

Em sua primeira aula, “Intervenção analítica e neogênese”, retomando como modelo o caso Hans, explicita o efeito privilegiado da experiência analítica sobre as convicções teóricas previamente formuladas pelo analista – ato já presente, portanto, no fundador da psicanálise e que deveria ser reproduzido por todo aquele que se aventura a sustentar este encontro com aquele que o interpela. Freud, ela nos diz, foi até Hans para comprovar a teoria do Édipo e Hans o surpreendeu com a teoria cloacal, provocando uma ruptura no corpo teórico, pondo em relevo a importância da analidade e obrigando-o a repensar a condução da cura.

Delineia, também, as condições necessárias para que seja possível a implementação do método psicanalítico: inconsciente constituído e, portanto, existência de conflito; sujeito capaz de posicionar-se perante o inconsciente, recalque e defesa. E, para explicitar e problematizar essas condições, Silvia Bleichmar nos apresenta uma queixa freqüente na psicanálise com crianças: a recusa a comer. E lança uma série de interrogantes: entendemos essa queixa como um  *sintoma*; uma formação de compromisso resultante do conflito entre o desejo recalçado e sua proibição? Já se delimitaram as fronteiras entre as instâncias? Ou, deparamos com um  *transtorno*, resultante não de um conflito, mas de um momento constitutivo, onde a negação é simultânea ao surgimento do Eu? Trata-se de uma resposta de sobrevivência decorrente de uma invasão mater-

na aniquiladora? Que lugar essa manifestação ocupa no psiquismo da criança? É pertinente ou não a indicação de uma análise? E nos mostra como as estratégias de implementação e condução da cura dependerão de nossas referências metapsicológicas, do modelo de aparelho psíquico que sustentamos, de nossa concepção de sujeito e do inconsciente, mas também da continência possível para a surpresa, que pode nos forçar a uma mudança inesperada de rumo.

Há em toda mensagem um caráter enigmático e os seus efeitos não podem ser inferidos a priori. Em situações altamente investidas libidinalmente, em especial quando a relação é assimétrica, como as que ocorrem nas origens do sujeito e as que se vivem na transferência, esses efeitos são investidos e se inscrevem de modo peculiar. Na psicanálise de crianças isso se potencializa pois estamos diante de uma dupla assimetria: adulto-criança, paciente-analista, além de uma limitação do intercâmbio linguageiro.

Quanto às origens do sujeito psíquico, a autora insiste na necessidade de se compreender o modelo de construção das tópicas, o registro das primeiras inscrições, os momentos de instalação do recalçamento originário e sua diferença do recalçado secundariamente, diferenças entre representação-coisa e representação-palavra, pois isto é decisivo para que, na clínica, se possam levantar hipóteses diagnósticas e decidir sobre a pertinência da aplicação do método ou de sua modificação, propondo formas mais adequadas de intervenção: atendimento com os pais, entrevistas separadas, indicação ou não da análise... Ainda que se possa perguntar aos pais sobre a história de certos acontecimentos, e possamos intervir de forma indireta sobre seus próprios sintomas, “teremos que descobrir, na própria criança, por que uma inscrição fixou-se de um ou outro modo, porque é desde aí onde teremos que desfixá-la” (p. 91). E, além disso, é sempre difícil saber como se deu a passagem dos ditos parentais para a inscrição no psiquismo da criança; como ela os recebeu, em que circuns-

tâncias e como os metabolizou. Nossa teorização, ressalta ela, é sempre insuficiente...

Essas considerações que aparecem nessa apresentação de um modo muito geral são analisadas detidamente pela autora nos capítulos iv e v, para transmitir sua concepção acerca da fundação do inconsciente e do lugar ocupado pelo traumatismo. Retoma, então, a origem histórica dessas questões, destacando as posições de Melanie Klein, de Lacan e de Anna Freud e aponta os aspectos conflitantes no interior de cada Escola, para, ao mesmo tempo, elucidar as diferenças do que vem teorizando e como isso produz efeitos na clínica.

No pensamento de Melanie Klein, diz ela, a concepção do funcionamento psíquico está determinada endogenamente, o inconsciente existe desde o início e seria impensável, portanto, supor que o recalçamento originário ocupasse um lugar fundante. Já para Lacan, o inconsciente só existe no discurso, é um fato da cultura e sua fundação é exógena; o recalçamento originário é entendido como um momento mítico, definido pela presença da metáfora paterna – e, portanto, é a estrutura edípica que ocupa, aqui, um lugar fundante.

E Silvia Bleichmar pergunta: o inconsciente é o que está no discurso ou ele tem uma existência para além do discurso? Sua investigação vai se deter na necessidade de “cercar os tempos reais do recalque originário e na necessidade de abandonar a conceitualização de um tempo mítico” (p. 116).

O primeiro tempo da vida psíquica, diz ela, retomando Freud e Laplanche, traz a marca do traumático, introduzido pela sexualidade inconsciente do outro, adulto, que se responsabiliza pelos cuidados iniciais; são tempos de implantação da pulsão.

O segundo tempo caracteriza-se pela constituição do recalçamento originário. A incidência do recalque permitiria constituir instâncias psíquicas diferenciadas – inconsciente, pré-consciente e ego narcísico –, a instauração intrapsíquica do conflito e o reequilíbrio de

um psiquismo, perturbado originalmente pela insistência do prazer pulsional. Através desse ato, o psiquismo fica livre da tarefa de renúncia constante, ou da sujeição a uma compulsão perturbadora e abrem-se vias possíveis para a sublimação. São tempos reais de fundação, embora isso não queira dizer que as pulsões não possam seguir operando independentemente.

É só num terceiro tempo que irá se produzir o fundamento das instâncias ideais e da consciência moral; tempos de sepultamento do Édipo. As conseqüências clínicas são evidentes, pois, se não se produz a ação eficaz do outro significativo, o recalque do inconsciente e a organização de uma tópica para o auto-erotismo recalçado, não se poderiam instalar, em sentido estrito, os mecanismos clássicos da cura psicanalítica.

Referindo-se ao momento de instauração narcísica do ego, Bleichmar aponta para uma diferenciação importante entre os traços do ego ideal e os do ideal de ego. Estes últimos têm um caráter móvel e de projeto e, embora se articulem como mandatos, não submetem o sujeito à angústia de aniquilamento, mas sim à de castração; já os primeiros tornam-se exigências terríveis, marcando uma só possibilidade para o devir do sujeito: ou serás isto (rico, belo, com sucesso) ou não serás nada! Essa diferenciação tem um lugar importante na elaboração diagnóstica, pois certas manifestações altamente valorizadas pela cultura podem, na verdade, estar respondendo, no sujeito, ao evitamento terrorífico de seu aniquilamento. É o caso dos estados denominados de limite ou *borderline* ou dos assim chamados falso-self.

Introduzimos, assim, aquilo que será o tema inicial da segunda parte deste livro: uma aproximação ao modelo diagnóstico. A discussão inicia-se com a apresentação do caso Erna; trata-se da “Análise de uma neurose obsessiva em uma menina de seis anos”, texto lido pela primeira vez em 1924, por Melanie Klein. Silvia Bleichmar questionará a validade atual desse diagnóstico, apontando as diferenças en-

tre compulsões e neurose obsessiva e propondo que, nesse caso, os desenvolvimentos teóricos atuais lhe permitem concluir que o sofrimento de Erna derivava de um transtorno e não de um sintoma; a renúncia pulsional não se efetivara e o recalque não se constituía. Mas, na apresentação do caso, sua conclusão não é o mais interessante. O que importa é o caminho percorrido, é como ela vai nos permitindo acompanhar a construção de seu pensamento, suas hipóteses acerca do desenvolvimento libidinal da criança, a compreensão de risco e urgência presentes no tratamento, do impedimento intelectual da menina, seus impasses, suas possibilidades de abordagem clínica, as derivações para outras situações de tratamento, as perguntas que faria, os acontecimentos que privilegiaria, a conversa póstuma com Melanie Klein e sua teorização...

Erna tornou-se uma jovem muito perturbada; e embora o fracasso de seu tratamento não invalide a psicanálise, coloca em xeque o caminho percorrido por Melanie Klein e deixamos como questão, em cada caso, de qual seria a melhor estratégia clínica. Na segunda aula em que o caso é discutido, Silvia propõe uma tarefa coletiva: “Abramos o debate como se estivéssemos diante de uma paciente atual. O que proporíamos como conduta terapêutica?” E segue com entusiasmo, comentando as alternativas levantadas e as formas de intervenção mais adequadas ao caso. Interessa a ela, no momento do diagnóstico, detectar se já se constituíram as instâncias psíquicas, a forma pela qual está operando o conflito intrasubjetivo, intersistemico, como estão sendo processadas as relações com os semelhantes, com os objetos parentais, e quais são os ganhos primários e secundários das manifestações sintomáticas.

Quando se indica, então, uma análise para uma criança? Silvia responde que há duas situações em que isso deve ser feito: primeiro – quando o sofrimento é muito intenso, e, segundo, quando está comprometendo o futuro da criança. Isso se abre para a idéia de que nem todo sofrimento deveria derivar necessariamente

para uma análise, o decorrente de uma morte acidental, por exemplo. “Se se pressupõe que os sistemas psíquicos são abertos, é necessário que se dê o tempo para que as recomposições reequilibrantes possam produzir-se espontaneamente” (p. 168). E, também, para o reconhecimento de que existem outras possibilidades de intervenção analítica que podem ser postas em prática até que, de fato, seja indicativo o início de um processo analítico. Mas saber quando, como e por que é uma tarefa complexa e que só pode ser decidida considerando-se as singularidades de cada caso.

A riqueza de um texto como este é a de nos interpelar a respeito de nossa própria prática e nos implicar com a necessidade contínua de estudar e repensar nossas referências metapsicológicas e considerar, enquanto analistas, os efeitos de nossas falas, nossos atos e nossas intervenções. Um relato anedótico expressa a força enigmática das mensagens e a conseqüente necessidade de teorização:

uma pessoa analisou-se com um analista que, durante dez anos, não emitiu nenhuma palavra... essa pessoa então se divorcia... de sua mulher, não do analista... e este lhe diz: “você não me deu seu novo endereço” Era tão intenso o excesso de enigma propiciado pelo silêncio, que esta frase foi entendida como uma avaliação de seu divórcio... É muito interessante... quanto maior a escassez de palavras, maior a força da mensagem enigmática e maior o esforço de teorização para dar-lhe algum tipo de trama (p. 214).

Mas, por outro lado, um excesso de fala pode incorrer no parasitismo do psiquismo, na intromissão invasiva e impedir que se estructurem espaços para vias simbólicas necessárias.

No capítulo VIII, somos apresentados a um outro caso clínico. Trata-se de uma criança de 4 anos e 10 meses que se recusa a ir à escola. Novamente, a autora, generosamente, vai nos mostrando desde o relato das primeiras entrevistas, as hipóteses que podem ser levantadas, as perguntas que se fazem necessárias, os mo-

vimentos pulsionais em questão, seus destinos, o enlace com a história familiar, os lugares ocupados pelos pais, pelos avós, pelos irmãos, pela criança, pela analista, os acontecimentos traumáticos, suas determinações culturais... Os múltiplos atravessamentos presentes numa análise com crianças...

E, ao final, uma conclusão sobre a especificidade desse trabalho: a análise de crianças é “cansativa” não porque se tem que brincar com elas, mas sim porque obriga o analista a entrar em contato com seus aspectos mais primários e mais reprimidos e suportar o conjunto de transferências que se colocam em jogo; “analisamos a um, suportamos a transferência de vários, e estamos obrigados a conduzir um processo no qual as variáveis se multiplicam” (p. 245).

Os três últimos capítulos tratam da investigação da Inteligência: *Inteligência e psicanálise*; *Inteligência: a psicanálise e seus limites e Inteligência e recalque*. Logo no início, uma precisão do tema: os transtornos de aprendizado podem ou não incluir transtornos de inteligência; o tema de suas aulas serão os transtornos do funcionamento propriamente dito da inteligência, relacionados à problemática específica da constituição dos processos de pensamento e da simbolização. Novamente coloca-se em evidência seu campo de interesse: pesquisar os tempos da origem quando se dá a constituição do aparelho psíquico, a diferenciação das tópicas e dos processos primários e secundários, que vão possibilitar a organização do conhecimento. A inteligência humana, diz ela, é radicalmente diferente da inteligência animal; o ser humano é o único capaz de uma imaginação produtiva; de criar uma realidade capaz de transformar, inclusive, as necessidades básicas de sobrevivência.

Retomando o modelo proposto por Freud no Projeto, na carta 52 e o conceito da alucinação primitiva descrito na *Interpretação dos sonhos*, assinala como já a primeira simbolização não é algo que responde a um objeto real, externo, mas sim que é uma criação própria da cria humana, cujo objetivo é o domínio sobre a excitação interna.

Essa criação surge a partir dos traços da vivência de satisfação, mas o que é interessante é que essa inscrição já não é, desde sua origem, memória de objeto, pois sua referência já está perdida; o seio alucinado é muito mais complexo do que o objeto real e já está para além da autoconservação. A realidade, no humano, está sempre atravessada pela ordem libidinal.

Temos, a partir disso, uma questão central: como se constitui a objetividade necessária do conhecimento? Através de um complexo processo, dirá a autora, onde se não se instalem certos pré-requisitos – alucinação primitiva, inscrições primárias, auto-erotismo, recalque originário, processos secundários de inibição, negação e contra-investimento, categorias de tempo e espaço e apropriação da linguagem –, não haverá possibilidade de inteligência lógica e interesse pelo conhecimento. E, algo fundamental, essa complexidade só se instala graças à ação de um outro desejante; um outro capaz de “um gozo ligado ao corpo da criança que ele próprio desconhece” (p. 284). Mas, um outro passo é necessário: que esse outro – a mãe, o semelhante humano –, seja capaz de ligar as quantidades que produz, isto é, que tenha um ego que ultrapasse a parcialidade do corpo erógeno e represente a criança como uma totalidade. Estes seriam pré-requisitos simbólicos, pois há possibilidades de facilitação genética que pertencem ao campo da neurobiologia. E, ainda, condições culturais que funcionam ou não como abertura para essas possibilidades. Tema complexo, a questão da inteligência, dos talentos, da genialidade coloca-se na imbricação de diferentes campos de saber e demanda, ainda, muito trabalho investigativo.

Ao final do livro, permanece o desejo de que a conversa pudesse continuar, de que certas afirmações pudessem ser retomadas – como quando Silvia Bleichmar afirma, por exemplo, que em Freud, ao contrário de Lacan, o inconsciente “não está originado pelo outro” (p. 268), ou que pudessemos discutir melhor a relação entre denegação, negação e recalque... Temas que,

embora já trabalhados por ela em seus livros anteriores – *A fundação do Inconsciente* e *Nas origens do sujeito psíquico*, sempre deixam restos que nos convocam a uma conversa infundável; coisas próprias daquilo que diz respeito às origens...

Mas há, neste livro, um fio que se tece de forma consistente na posição analítica de Silvia Bleichmar e nos convoca à mesma implicação: sua preocupação com o sofrimento do outro e

seu desejo epistemofílico; o analista não se limita a encontrar o existente, mas a tentar produzir algo novo, num movimento constante de neogênese. Retomo suas palavras finais: “Que solidão terrível deve implicar não ter quem nos pense e não ter em quem pensar”; sem isso estabelecido, fica muito doloroso, senão impossível – ter o que pensar... Com sua paixão pela transmissão, deixou-nos a marca de sua presença; uma convocação ao pensamento.

# La mer, la mère

Rubia M. Tavares Delorenzo

Resenha de Marguerite Duras, *O amante*,  
São Paulo, Cosac Naify, 2007, 105 p.

“Muito cedo foi tarde demais em minha vida.”

Feito no trançado do tempo, nos intervalos, nos ecos e nas vertigens, o romance nos transporta e nos fixa, concentrado na cena da balsa. Cena imóvel, pretérita, fotográfica. Cena movediça que desliza fazendo ocasião para a memória.

Ali está a figura da menina e também o contorno da mulher. Nesse entre-dois, a imagem da metamorfose em processo. Está ali, na roupa da garota, essa inconstância. No chapéu masculino da liquidação, nos sapatos de saltos altos de lamê dourado, a presença do desejo. No vestido transparente, translúcido por roto, os farrapos das esperanças maternas. Cada peça que a veste, chapéu, sapatos, vestido – a leveza do tecido, a cor, o corte e a textura dos acessórios – cada uma delas se desdobra nas reminiscências da longínqua Indochina.

A cena da travessia do rio é elemento onírico, pura imagem, rébus. Tem de tudo: o milagre, o mistério e o enigma. O milagre da transformação da menina: quase Lolita, quase Capitu, densos olhos de ressaca.

Vemos ali o inquietante sofrimento que carrega, o rosto, como ela diz, “visionário, exte-

nuado, esses olhos pisados antes do tempo...”. Mas há mais neste trajeto do barco. Há a atmosfera de urgência, de iminência, de tensão. Há o acontecimento prestes a advir: o encontro com o homem elegante da limusine preta.

Através do amante, transpondo oblíqua esse corpo de gozo, a paixão, a mãe.

A mãe é como as águas barrentas do Mekong que ela observa: belas águas, densas e selvagens, cuja correnteza feroz é capaz de arrastar tudo.

“Há uma tempestade que sopra no interior das águas do rio. Um vento que se debate.”

Correnteza que atrai os detritos, a imunidade e a morte, mas leva suas águas a banhar territórios distantes, encontrando os arrozais, nutrindo a vida.

Mãe louca, de sangue e nascença, desabada por desânimo e abatimento, de repente se revira, se agita, compra, muda, cuida, oferece. Imensamente cândida.

Mãe nômade, provisória no humor, desesperadamente morta, desesperadamente móvel. Cigana errática, que vai e vem, que atravessa os continentes e os tempos num misterioso impulso, parece habitar a própria escrita do romance, ela própria em espiral.

Escrita que leva e traz uma dor insana, indestrutível, os restos que não se absorvem e que expõem a alma devastada.

Nesta lenta travessia, o rio observado da amurada, dito manso e violento, sugere o manancial infinito das palavras, sua lenta passagem, sua espessura, a força de sua correnteza.

Foi preciso sustentar-se no brilho precoce dos sapatos de lamê, distanciar-se dos saltos deformados pelo andar torto da mãe, de sua silhueta cinza, desistida, descontente, para começar a escrever.

Foi preciso deixar no esquecimento a miséria de sua mãe e o espetáculo de seu desespero que ocupou, na infância e desde sempre, o lugar íntimo do sonho.

Foi preciso tornar-se matricida como Orestes, para dar à escrita a luz do mundo.

Rubia M. Tavares Delorenzo é psicanalista.

... Eles estão mortos, agora, a mãe e os dois irmãos... Eu os deixei. Não tenho mais na memória o cheiro de sua pele nem em meus olhos a cor dos seus. Não me lembro mais da voz, exceto às vezes a voz da doçura mesclada ao cansaço da noite. O riso, não ouço

mais, nem os gritos. Está acabado, não me lembro mais. É por isso que escrevo sobre ela, agora, de modo tão fácil, tão longo, tão estirado, ela se tornou escrita corrente.

Escrita: amor dos começos.

# Um olhar psicanalítico sobre as disfunções sexuais

Sonia Maria Rio Neves

Resenha de Cassandra Pereira França,  
*Disfunções sexuais*, São Paulo,  
Casa do Psicólogo, 2005, 149 p.

O texto “Sexualidade masculina: somatizações e impasses teóricos” – apresentado por Cassandra Pereira França na mesa-redonda sobre “Corpo e Sexualidade”, no IV Simpósio de Psicossomática Psicanalítica, realizado em São Paulo em outubro de 2007 – só reforçou a impressão positiva que a leitura de seu livro havia me dado. Nele, reencontra-se a desenvoltura e simplicidade com que fala sobre um tema difícil, apresentando, de forma especial, idéias e hipóteses de vários autores, posicionando-se em relação a eles e deixando no leitor uma vontade de continuar a pesquisar sobre tais temas. Uma leitura atenta permite rastrear também caminhos que auxiliam no estudo de várias patologias, não só as especificamente sexuais.

A sexualidade humana durante séculos foi um tema cercado de barreiras. Poder falar desse tema, com delicadeza, significa encontrar palavras para expressar vivências ligadas às inscrições corporais mais primitivas, ao campo das sensações, do indizível. No entanto, essa delicadeza se opõe às exigências culturais atuais: nunca se exigiu tanto um desempenho sexual

perfeito e um corpo também perfeito, o que cria grandes angústias e reforça a necessidade de se conhecer mais sobre o tema. O próprio termo “disfunção sexual” utilizado pela terminologia médica, mesmo que pretenda não favorecer discriminações, aponta para um ideal nada fácil de assumir.

Para contextualizar as disfunções sexuais femininas, é útil um percurso histórico. Nessa passagem pela perspectiva histórica, a autora expõe a ascensão social da mulher até ela ter direito a exercer sua sexualidade, e analisa muitos dos elementos presentes na cultura, apontando para fatos e movimentos importantes em relação às mudanças que vão ocorrendo na forma como a mulher se vê ou é vista ao longo dos últimos séculos. De bruxa a “rainha do lar”, há um longo caminho. O século XIX e boa parte do XX é dominado por essa visão da mulher como figura complementar ao homem, destinada ao casamento, à maternidade e cuja capacidade intelectual era considerada inferior. Só a partir da década de 1960 e 1970, com o advento da pílula anticoncepcional e a revolução sexual, é que mudanças profundas e intensas têm lugar.

A autora comenta brevemente as discussões atuais sobre as diferenças dos sexos e as descobertas das neurociências. Todo esse percurso é povoado de citações de autores que abordam a questão da identidade feminina e sua construção. O leitor é então remetido a várias dessas fontes, tais como filmes, livros e revistas que podem ser considerados marcos ou modelos da concepção de mulher e sua sexualidade na época atual. Adélia Prado, Martha Medeiros e Alice Gama estão no texto para dizer do “indizível” e transportar o leitor a outro nível de compreensão.

O desenho da mulher-mãe, romântica e contida, oposto ao da mulher desfrutável, vai, ao longo destes últimos anos, se aproximando de forma que o direito e o desejo ao orgasmo podem aparecer.

Essas mudanças no papel social feminino têm repercussões intensas no comportamen-

Sonia Maria Rio Neves é psicanalista, coordenadora e professora do curso de Especialização em Psicossomática do Instituto Sedes Sapientiae.

to masculino e nas disfunções que o homem apresenta. Assim, parte das disfunções sexuais femininas só puderam vir à tona a partir dessas novas formas de ser.

O orgasmo entra em cena apenas após este longo percurso histórico e ocupa o centro da atenção com a questão da divisão em orgasmo vaginal e clitoridiano. Este será o tema do início do capítulo 3. O próprio Freud contribuiu para reforçar esta divisão que só foi questionada nos anos 1950, com as primeiras pesquisas sobre a sexualidade feminina (Relatório Kinsey – 1953 e Masters e Johnson – 1966), deslocando-se o acento para a inter-relação dos estímulos clitoridianos e vaginais.

Após essa introdução sobre o orgasmo, a autora analisa a classificação médica das disfunções sexuais femininas: frigidez, anorgasmia, vaginismo e dispareunia (dor na relação), definindo e comentando suas prováveis etiologias e pesquisas a respeito. Como as disfunções aparecem, com que frequência e com que se relacionam é o tema do sub-item “Uma escuta possível”. Nele, Cassandra Pereira França se vale de relatos de ginecologistas experientes que dizem que a queixa mais comum, além da dificuldade de falar sobre a sexualidade em si, é a dificuldade de orgasmo e a ausência de desejo sexual. Outra das queixas frequentes é o vaginismo.

As possibilidades de compreensão psicanalítica desses quadros iniciam-se com o interesse de Freud pela histeria, interesse este que o levou aos caminhos da sexualidade infantil e ao conceito de pulsão. A autora, a partir da leitura de um texto de Silvia Alexim Nunes (2002), traça três esboços de mulher, presentes nos textos de Freud: a mulher invejosa, a mulher-mãe e a mulher castradora.

O primeiro esboço – mulher invejosa – é função da concepção falo-centrada da sexualidade em Freud, na qual o feminino é resultante da falta. Ao se referir à necessidade de aceitação da castração e de mudança da zona erógena proposta por Freud, a autora mostra como é possível apreender o desenvolvimento da frigi-

dez nessas passagens sem esquecer de destacar a importância das questões culturais da época. O texto “Moral sexual civilizada e doença nervosa moderna” (1908) mostra bem como o fator cultural pode ser importante no desenvolvimento da frigidez e da anorgasmia. Outro tema importante para a compreensão da sexualidade feminina é o complexo de Édipo e seus possíveis destinos nas mulheres. Algumas das críticas de que Freud foi alvo neste modelo de identidade feminina são citadas pela autora e há linhas de compreensão das disfunções sexuais a partir da concepção freudiana que podem ser deduzidas, embora ela não as exponha claramente.

O segundo esboço é o da mulher-mãe relacionado ao vínculo da menina com a mãe na fase pré-edípica e posteriormente com o pai. Interessante destacar aqui a ligação que Cassandra Pereira França faz com os problemas conjugais, muitas vezes reflexo das vivências edípicas e pré-edípicas e a sua repercussão na vida sexual do casal. Os textos freudianos, segundo ela, permitem desdobramentos interessantes tanto para as questões das vivências e dificuldades sexuais como para as questões conjugais marcadas por características sadomasoquistas. Põe ainda em destaque a importância da relação da menina com a mãe, as vivências de castração e suas possíveis influências nas depressões pós-parto. A autora faz referência a outros textos freudianos de forma que o leitor possa se orientar no aprofundamento desses temas. Aponta também para o fato de que o monismo fálico levou a um estreitamento dos destinos do feminino na teoria freudiana, deixando de fora o aspecto criador e positivo do corpo feminino pela ênfase no falo e na falta.

A meu ver, a autora não dá o destaque devido à idéia de Freud em “Análise terminável e interminável” (1937) sobre a questão da castração nas análises, embora cite Birman (apud Néri, 2002), que vê a feminilidade como uma experiência além da representação fálica, uma construção defensiva contra o desamparo original. Esta é uma idéia fecunda e que entre outras

derivações pode auxiliar na compreensão dos quadros de pânico e sua maior incidência nas mulheres como mostra Pereira (2003) em seu livro *Pânico e desamparo*<sup>1</sup>.

O terceiro esboço é o da mulher castradora, representação da mulher forte e atemorizadora. Aqui a autora segue alguns textos freudianos onde esta representação de mulher pode ser observada; trata-se da mulher fonte de vida mas também de morte, a mãe-terra, que dá a vida e para onde se retorna. As questões da virgindade e da primeira relação sexual têm aqui a oportunidade de serem comentadas sob a luz dos mitos e fantasias.

A construção da feminilidade é abordada de outras maneiras a partir de Freud por vários autores. A escolha de alguns como Abraham, Ernest Jones, Karen Horney, Melanie Klein, Lacan e Joyce McDougall e a apresentação de uma síntese de suas idéias sobre a feminilidade é, como diz a autora, “uma entrada apetitosa” para a obra de cada um deles.

Se, ao introduzir o tema da sexualidade feminina foi necessário apontar para as mudanças históricas no papel da mulher de forma que sua sexualidade pudesse ser reconhecida, no âmbito da masculinidade, é importante situar as grandes mudanças no papel masculino a partir da revolução sexual nas décadas de 1960 e 1970. Estas passaram por todas as áreas que por décadas ou mesmo séculos se mantiveram inalteradas: o trabalho, o poder, a família, a aparência física e a sexualidade. Um novo homem que cuida também das tarefas domésticas, que é sensível e se emociona está surgindo; aqui também a sensibilidade da autora se faz presente na escolha de um poema de Tico da Costa (“Puxa vida”).

Como essas importantes mudanças se refletem na vida sexual dos homens? Seguindo a mesma linha de abordagem das questões femininas, a autora introduz a questão das disfunções sexuais masculinas segundo a clínica médica. A impotência é o primeiro tema a ser apresentado,

em seu lado histórico, seja pelas citações de textos chineses, datados de quatro mil anos atrás, seja pela atribuição a maldições ou feitiçarias. O tema da impotência é antigo mas as terapias sexuais propriamente ditas só surgem por volta dos anos 1950, com os estudos de Masters e Johnson, quando, ao lado das abordagens psicanalíticas, surgem as terapias comportamentais e educacionais.

Os estudos sobre a sexualidade masculina evidenciam a importância da parceira quer nas definições de ejaculação precoce quer como auxílio importante nos tratamentos. O relacionamento do casal é também levado em consideração nos destinos do tratamento. Por outro lado, a inclusão desses estudos em equipes multidisciplinares ampliou as possibilidades de compreensão e atendimento.

O tratamento da disfunção erétil ganha força com o lançamento do Viagra pela Pfizer em 1998, cuja eficácia parecia colocar as questões psicológicas de lado. Porém, como a própria bula afirma, o efeito da medicação é eficaz se não houver alteração de libido; assim, como destaca a autora, “a medicação ajudou a entender o conceito de libido” (2005, p. 105).

Uma descrição simples sobre o funcionamento normal do processo erétil e os órgãos envolvidos, destacando a atuação oposta dos sistemas nervosos autônomos simpático e parassimpático, mostra como a ansiedade interfere neste funcionamento fisiológico. São apresentadas a seguir as disfunções sexuais masculinas, iniciando-se com a disfunção erétil, termo proposto, em 1992, pelo Instituto Nacional de Saúde Norte-Americano, em substituição à terminologia anteriormente usada: impotência sexual. São citadas causas tanto orgânicas como psicológicas para o quadro de disfunção erétil assim como os tratamentos mais comuns, clínicos e cirúrgicos.

A ejaculação precoce é outra disfunção sexual bastante comum. As demais (ejaculação retardada, retrógrada, anejaculação e a anorgasmia) são brevemente descritas. Encerrar este ca-

1 M. E. Pereira, *Pânico e desamparo*. São Paulo, Escuta, 1999.

pítulo – O enquadre da sexologia – com o belo poema de Martha Medeiros evidencia a importância da parceira no tratamento das disfunções sexuais dos homens.

Como podem ser compreendidas essas questões à luz da psicanálise? E o que esses sintomas revelam? Essas são as indagações que antecedem o último capítulo. Os textos iniciais de Freud com seu foco na histeria destacam a influência da ejaculação precoce para o desenvolvimento da neurose de angústia na mulher. A compreensão psicanalítica da disfunção erétil e da ejaculação precoce tem como balizas a fixação na fase fálica, o complexo de castração e sua vinculação com o complexo de Édipo. Assim, o primeiro desenho freudiano – o homem fálico – dá elementos para a compreensão da ejaculação precoce e o segundo desenho – o homem castrado – favorece o entendimento da impotência masculina.

Na literatura psicanalítica, a ejaculação precoce está associada a uma defesa contra a sexualidade. A autora discute a importância dada por Freud à masturbação no desenvolvimento posterior da ejaculação precoce e as contribuições de Ferenczi e Abraham para esse aspecto. Destaca também a importância da fantasia na fase fálica, embora seus eixos de compreensão teórica liguem-se à correlação: objeto incestuoso/Édipo/castração. Melanie Klein faz um acréscimo à teoria freudiana para a compreensão da ejaculação precoce na medida em que

destaca a importância da ligação com a mãe e as ansiedades arcaicas despertadas.

A compreensão do complexo de castração conduz ao tema do narcisismo, importante e promissor no estudo das disfunções masculinas. Dentre alguns dos autores psicanalíticos atuais, a autora destaca a contribuição de Joyce McDougall nos estudos sobre as feridas narcísicas e sua influência em vários quadros-limite, nos quais as problemáticas sexuais masculinas podem se incluir, e chama a atenção para a oscilação de investimentos narcísicos e objetivos, e as formas peculiares destes últimos nos homens com ejaculação precoce ou disfunção erétil. Apresenta um paralelo sobre as diferenças nos investimentos objetivos para cada um dos dois quadros acima citados, assim como os pontos comuns relacionados à fragilidade do ego, à regressão à sexualidade pré-genital e à incapacidade de amar.

Pela riqueza das contribuições que traz, pelas inúmeras possibilidades que abre para o aprofundamento de vários temas ligados à sexualidade, quer nas disfunções, quer na formação da identidade sexual, não poderia concluir de outra maneira que não fosse seguindo a sensível trilha poética da autora:

Se procurar bem, você acaba encontrando  
não a explicação ( duvidosa) da vida,  
mas a poesia (inexplicável) da vida.

[ Carlos Drummond de Andrade ]<sup>2</sup>

2 Carlos Drummond de Andrade, *Corpo*. Rio de Janeiro, Record, 1984, p. 95.

# Contos do divã: entre a bruxaria e a ficção

Luciana Saddi

Resenha de Sylvia Loeb, *Contos do divã (pulsão de morte e outras histórias)*, São Paulo, Ateliê Editorial, 2007, 150 p.

Ao longo dos meus estudos psicanalíticos, li muitos relatos e livros dedicados aos casos clínicos; alguns, inesquecíveis pelo talento em apresentar de forma vívida para o leitor – e mesmo para o leitor psicanalista – o trabalho clínico, questões e impasses do encontro terapêutico, a transferência, o analista e o paciente. O livro *Contos do divã (pulsão de morte e outras histórias)*, da psicanalista Sylvia Loeb, com certeza, está entre os mais interessantes e bem escritos que já conheci.

É notória, entre os psicanalistas, a tradição, vinda de Freud, em bem contar casos clínicos; deles extrair o sumo teórico e, num salto, maior ou menor, derivar conceitos. Afinal, cada paciente e seu correspondente relato clínico se tornaram um passo adiante na construção da teoria

1 *Da clínica extensa à alta teoria, meditações clínicas*. Segunda meditação: O análogo. A esta segunda meditação foram dedicadas as aulas do primeiro semestre de 2003 na pós-graduação PUCSP.

2 Toda a relação comporta um campo – é uma ordem produtora de sentidos. Um campo rompe-se quando as relações que o determinam se tornam conhecidas.

**Luciana Saddi** é psicanalista da Sociedade Brasileira de Psicanálise de São Paulo, autora do livro *O amor leva a um liquidificador* (Casa do Psicólogo), mestre em psicologia clínica pela PUCSP e colunista da *Revista da Folha* do jornal *Folha de S. Paulo*.

psicanalítica. As histórias nascidas da clínica, nascidas do encontro inusitado entre paciente e analista – histórias que contaram as descobertas psicanalíticas e que ao serem escritas descobriram e inventaram esse saber – levaram a escolhas narrativas particulares, que revelaram a forma de o analista pensar aquele determinado caso, inclusive, a maneira de conceber a própria psicanálise. Assim, no caso Dora há suspense e um enigma a ser decifrado pela interpretação de seus sonhos. O trabalho obsessivo de decifração de Freud revela detalhes sobre o mundo anímico dessa moça, sobre sua família, sua curiosidade e sexualidade, e quando acreditamos que nada mais poderá acontecer nessa história, que tudo que tínhamos para saber já havia se cumprido, somos surpreendidos, no final, pela descoberta da importância da transferência no tratamento, o que sugere estarmos diante do desvendamento de um crime – encontramos um culpado. Curiosamente, a culpa recai sobre o próprio tratamento – e nós que pensávamos ora ser o pai, ora o senhor K e até acreditamos na culpa da senhora K, somos pegos por observações sutis, quase fora do contexto narrado, que desvendam não apenas o enigma de Dora: desvendam o próprio tratamento psicanalítico, revelando a forma de Freud pensar – sempre além das evidências, diga-se de passagem.

Herrmann (2003)<sup>1</sup> afirma que nosso saber se faz por ruptura de campo<sup>2</sup>; que o método psicanalítico não pretende nem pode enunciar uma verdade objetiva; sua capacidade heurística reside na atribuição de sentido, por vezes inesperado, em despertar reações, em jamais capturar objetivamente qualquer de seus objetos. Dessa impossibilidade metodológica nasce uma forma específica de saber criada num lugar reservado. Ao teorizarmos a clínica, ao fazermos psicanálise, nos retiramos para esse lugar especial: a literatura, o análogo da Psicanálise. Freud dissera que a metapsicologia se equivale à bruxaria e que o aparelho psíquico era ficção teórica. Mas onde, então, situar a narração dos casos clínicos? Entre a bruxaria, operação invisível e o aparelho psí-

quico, produto da ficção teórica? Decerto, o caso, então, ocuparia o mesmo lugar que os estranhos ingredientes ocupam no caldeirão da bruxa e o aparelho psíquico compreenderia o conhecimento do modo de funcionamento das magias. Mas não há encanto sem canto, não basta que a bruxa, em silêncio, coloque seus ingredientes no caldeirão, é preciso que urre, que clame por seus demônios, que solte uma risada maligna cada vez que pronunciar: “rabo de lagartixa”.

De início, o sentido de narrar o caso clínico para a construção da psicanálise se apoiava na demonstração dos efeitos curativos do tratamento, na comprovação da veracidade das descobertas analíticas, na apropriação de um ato médico legitimando o ato analítico, de difícil caracterização para a época. Mas a operação de nosso método, a ruptura de campo, nos levou mais longe do que imaginávamos – é sempre assim –, os casos viraram novelas que ganharam vida; nasceram histórias e personagens que marcaram uma época: Freud, e mesmo Breuer, foram virados de cabeça para baixo, seus relatos de caso sofreram transformações inesperadas, a ciência se ligou a paixões proibidas, a sonhos, lapsos e chistes, até a minicontos. Essa transformação mágica da palavra escrita em ficção – não há nada como uma boa história contada numa linguagem apropriada – se encontra entre a bruxaria da metapsicologia e a ficção teórica. Espaço potencial de Winnicott, magia que integra ilusão e realidade – tudo que um leitor deseja de um bom livro – ilusão real que só a literatura e as artes nos proporcionam ao criarem um saber próprio. É a magia do escritor que devolve aos pobres fatos clínicos o direito usurpado pela ciência positivista, direito de serem boas ou grandes histórias, misteriosas, enigmáticas, estranhas.

*Contos do divã* encontra-se no cruzamento entre a bruxaria e a ficção. É magia, narrativa desconcertante, que arremessa o leitor no centro de um acontecimento ímpar, feita de estranheza dura, produzida pela dupla intenção de elevar o relato clínico à categoria de literatura e

economizar o leitor da digressão das infundáveis teorias psicanalíticas, quase todas aplicáveis a quase tudo e, portanto, reificadas, distantes de seu poder criativo original. É para dar vida à psicanálise clínica que a magia da palavra escrita é aqui recuperada, e o encanto produzido pela escrita, por sua vez, é recriado por meio da temática analítica. Ótimo casamento.

O desgaste teórico-clínico-literário desse gênero – o caso clínico – é bem grande. Esse gênero exige fôlego e requer a solenidade diante da morte. Ao longo da formação dos analistas ouvimos relatos sem graça, sem valor de descoberta, aplicações teóricas corretas, e até mesmo criativas, mas com a intenção de afirmar que a própria psicanálise reside num campo de saber em que conhecimento soma com conhecimento e constrói um edifício teórico sólido rumo à ordem e ao progresso. E todos participamos da construção dessa ciência, mesmo que divididos em escolas, em estilos arquitetônicos, em mais ou menos vanguarda, nos certificamos de que algo semelhante ao ideário de nossa bandeira, ordem e progresso, ocorre. O livro de Sylvia Loeb destrói essa tal ordem e pede trabalho para suportar o mistério que é ser analista e encontrar-se com pessoas e dramas que não alcançamos. Entre outros recursos, ela utiliza o murmúrio das histórias de horror, que sugerem os piores pesadelos, deixando para nós a tarefa de imaginação. O domínio do tempo na narrativa suspende o leitor da realidade e o coloca à espreita do trauma, no meio da fantasia. Por isso a linguagem poética, a escolha ousada pela ficção demonstra que a clínica é feita de um líquido que não se agarra facilmente, material escorrido, gasoso ou sólido, sempre liquidificado pela presença do método de ruptura de campo.

Para quem deseja matar a curiosidade sobre o que ocorre ao analista e ao paciente, o livro também é indicado. Pois sua linguagem e narrativa permitem ao leitor estar dentro da sala de análise, dentro da cabeça do analista. Creio que isso é o que diferencia *Contos do divã* de outros livros de relato clínico. O leitor na

pele do analista pode pensar e sentir como ele, é transportado no tempo e no espaço para que suporte a impotência de acreditar que sabe de algo que ainda não pode ser falado ou para calar o que não deve ser sequer pensado. Muitos bons relatos levam o leitor até o consultório, aos livros, às teorias, mas não ousam invocar a magia da literatura.

À estranheza de escolher narrar análises partidas (o que alguns classificariam de fracasso clínico) chamo de coragem analítico-literária, rara em nosso meio, que ainda procura, através de relatos clínicos exitosos e até mentirosos, demonstrar eficácia analítica. Não precisamos mais disso. Até mesmo Freud, um dia, escreveu: – não acredito mais em minha Neurótica – e por isso a psicanálise nasceu. Hoje, se progrediremos

como quer nossa bandeira nacional, será apenas à custa da capacidade de lidar com nossos limites e desordem. Não é o conceito de pulsão de morte que gera a estranheza desses relatos, muitas análises são interrompidas. O sucesso analítico depende da demanda do paciente por análise e não do desejo do analista em fazer uma psicanálise bem sucedida, nós sempre queremos mais. Mas, afinal, se nosso objeto escorre é porque está vivo, não seria justo imobilizá-lo, acusando um conceito por tal capacidade. No livro, a proximidade quase invasiva do leitor à ignorância sábia do analista, por meio de pequenos socos no estômago e surpresas poéticas-narrativas, é que gera e constitui estranheza. O estranho é a matéria-prima do encontro analítico e Sylvia Loeb sabe disso.



# Um jabuti no labirinto da violência

Renata Udler Cromberg

Resenha de Paulo César Endo,  
*A violência no coração da cidade – um estudo psicanalítico*, São Paulo, Escuta, 2005, 320 p.

182

PERCURSO 40 : junho de 2008

O impacto e ineditismo do livro de Paulo Endo *A violência no coração da cidade: um estudo psicanalítico* trouxe-lhe um prêmio merecido, um dos Jabutis de 2006, principal prêmio literário do país. A imagem da longevidade do jabuti, símbolo de um caminhar lento e cauteloso, mas implacavelmente farejador, é uma boa metáfora para o trabalho de pesquisa que se descortina nesta cidade de São Paulo pelos labirintos da violência que se instala em seu coração.

De saída ele se faz e nos faz acompanhar do lugar de um bom pai, um pai Tirésias, cego visionário, que sabe que antes da cidade vieram as florestas, os bichos, o profundo da noite e que não se esquecer disso pode trazer a aposta de que a cidade possa ser melhor, construída como um lugar sem medo, lugar de vida, trabalho, amor e diversão. O lugar do bom pai é aquele da transmissão de uma esperança lúcida e a escrita de Endo se anima e se tece entre a criança que se foi, a lembrança de uma cena de violência assistida aos seis anos, uma briga de adultos cheia de

**Renata Udler Cromberg** é psicanalista, formada em psicologia e filosofia, membro do Departamento de Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae e doutora pelo IPUSP. É autora dos livros *Paranóia* e *cena incestuosa* para a coleção Clínica Psicanalítica e de vários ensaios, artigos e resenhas.

ódio, agressão e armas, onde pela primeira vez se sentiu chocado com a determinação de ferir e machucar – e a impotência da intervenção do homem forte a seus olhos que era seu pai – e a criança que seu filho é e que pergunta aos três anos: “Pai, o que é a justiça?” O desejo e o dever da transmissão do que é a construção da justiça possível, no mundo em que um corpo habita e que habita o corpo. Tal escrita busca então restituir o dizível ao que era imagem quase sem pensamento no coração do menino que se foi e atribuir imagem e palavras ao que é conceito de justiça em abstrato no pensamento do menino que é. É a ameaça de perda do pai vivo que remete àquilo que atinge o corpo do pai e o corpo do menino. Paulo Endo se põe a velar por uma espera de um sentido ausente que insiste na contracorrente dos sentidos habituais. Mas o faz de forma a não sucumbir ao medo da constatação da violência que pode atingir qualquer corpo na cidade e que induz ao encolhimento do jabuti na sua casca protetora. Não é uma psicopatologia do medo que nos apresenta estratégias defensivas, mas, ao contrário, o jabuti se arma apenas de uma coragem lúcida e sai às ruas se fazendo primeiro geógrafo que, com os olhos e o pensamento, traça mapas que dão uma inteligibilidade ao que se apresenta como o labirinto caótico da violência na cidade.

Se o eixo organizador do livro, o seu foco, é a violência na cidade de São Paulo, os instrumentos da coragem lúcida em enfrentá-la como problema vêm do psicanalista: falar no público do privado, trazer a morte e o luto, temas negados na contemporaneidade como coisas da vida privada, para o centro da cidade. A psicanálise freudiana como ferramenta fundamental, eixo teórico organizador para os deslindamentos subjetivos das violências cometidas e recebidas. O geógrafo se faz presente na caracterização do corpo, com suas representações e desejos, na cidade das intersecções violentas na maneira de ocupá-la e habitá-la. E se torna historiador ao buscar as determinações deste mapa na história da transformação da cidade em metrópole



no início do século xx. Depois o pesquisador se faz geólogo ao buscar as bases metapsicológicas da violência na neurose traumática, no sadomasoquismo e na pulsão de morte. Por fim o pesquisador volta à superfície se fazendo psicanalista – filósofo político atuante na cidade ao apontar as propagações das violências, suas politizações e o combate politizado contra ela. A sua participação junto às atividades do Fórum em Defesa da Vida e Contra a Violência do Jardim Ângela traz as periferias como o lugar pululante de criação de novas políticas. Há que ouvir o que a rede de solidariedade produz como nova política para repensar as políticas públicas e legislativas sobre violência. O lugar do novo é lá mesmo onde se age nas entranhas do lugar violento para transformá-lo, através dos protagonistas da violência sofrida, em solidariedade com as virtuais novas vítimas, que se tornam agentes da Paz. O testemunho dos habitantes é aqui seu diapasão, seu instrumento de ressonância.

### A violência no coração da cidade

São Paulo é uma das cidades mais violentas do país e do mundo e a violência foi apontada em pesquisa recente, de maio de 2008, como a principal preocupação do paulistano, desbancando a alta do custo de vida, preocupação predominante 25 anos atrás. Curiosamente, este é o intervalo de tempo dos dados de pesquisa nos quais Paulo Endo se apóia para suas lúcidas e antecipadoras constatações. Os números mostram a propensão geométrica da taxa de mortalidade por homicídio na cidade, embora haja variações díspares que colocam os índices em Moema abaixo dos menos violentos do mundo e Jardim Ângela acima dos mais violentos do mundo.

Endo distingue muito bem o que são violências fundantes dos acordos, das leis e da ética e as violências devastadoras onde o movimento de fuga para o próprio narcisismo é a reação a qualquer mínima diferença com ódio, mal-estar e indiferenciação que autoriza a eliminação

do diferente. É esta operação que produz um distanciamento radical dos que diferem que autoriza a sua expulsão para fora da cidade como forma reiterada de anular as possíveis e prováveis experiências de conflito. Há uma relação orgânica entre os anseios expulsivos, segregacionistas e eliminacionistas e as sucessivas políticas públicas em prol das elites minoritárias que têm se mostrado eficazes e catastróficas ao longo da história da cidade na desconstrução sucessiva de espaços em que a cidade possa se exercitar na dificuldade crescente que um habitante destas zonas tem para construir-se como cidadão.

Os mapas da violência apresentam, com clareza, a correlação estreita entre a desigualdade social e a violência urbana, quase sinônimo de injustiça. Certos distritos da cidade de São Paulo, assolados pela desigualdade, tornaram-se verdadeiros campos abertos onde se pratica a violência de modo cotidiano e corriqueiro e, portanto, onde, apesar da transição para a democracia na década de 1980, graves violações dos direitos humanos continuam a ocorrer, com execuções sumárias, torturas e detenções arbitrárias pela polícia e por grupos ligados à segurança privada e ao crime organizado.

Há uma intrínseca relação entre os processos violentos do período escravocrata e as formas de violência no Brasil atual através da espoliação do corpo do escravo, do negro, do pardo, do não-branco. O corpo adquire um papel fundamental como causa dos sofrimentos e violências que o sujeito padece socialmente. A categoria racial pardo salvaguarda a todos de reconhecer a sociedade brasileira como uma sociedade predominantemente negra; afirma um certo status social daquele que estaria excluído dos benefícios que a “brancura lhe daria” mas livre das violências prévias que recaem sobre os pretos que por definição autorizam desmandos e intrusões. Ser negro no Brasil é assumir uma posição conflituosa e em oposição, na qual se é previamente colocado, a não ser que se faça visível em sua alma algo que o embranqueça, mas somente no tempo que estiver evidente: alma de



artista, de jogador, de empresário, de político, que tire o negro de sua negritude.

Na verdade, estar entre os não-cidadãos numa cidade como São Paulo é aterrorizante e suas consequências podem ser dramáticas, entre as quais figura a máxima exposição do corpo e, com ela, a nudez da própria vida, exposta à sua eliminação. Ser branco, rico e bem-sucedido envolve e exige cada vez mais uma superproteção do próprio corpo, da própria vida, que se torna ela também, exposta, matável, justamente porque estes corpos tornam-se perfeitamente comutáveis em valores, como mercadorias caras no mercado da violência, o que é atestado pela escala incontrolável dos seqüestros na cidade (p. 31).

Isso tem exigido resguardo, proteção física, enfeudamento e construção de enclaves fortificados, formas de isolamento e proteção que desumanizam a cidade.

A definição do cara certo a ser morto ou preso fica inteiramente a cargo da polícia, do policial em ação. A tortura praticada pela polícia civil no Brasil, como violência ilegal institucionalizada, é o caminho curto para o dinheiro fácil, violação do direito de não ser violentado.

A ação específica de torturar degrada o sujeito através da usurpação de seu corpo, sendo um dispositivo que permite ao praticante ganhar poder, através da ação arbitrária e direta sobre outrem, reconhecimento, através da confissão, e dinheiro, através da propina. Tudo no escuro da ilegalidade (p. 37).

As polícias brasileiras em segredo ou ostensivamente buscam impor-se e sua ação não permite abstrações de nenhuma espécie. Deter, prender, privar de liberdade não é o bastante; é dispor, dessubjetivando o cidadão, do que tem de mais próprio e singular: sua vida, seu corpo.

Paulo Endo traça um implacável mapa histórico de como se deu a partilha da cidade de forma injusta, a serviço das minorias privilegiadas e seu jogo de interesses. Ele se mostra então um geógrafo e historiador do mapa recor-

tado a sangue no corpo do habitante, a serviço de um projeto de cidade mais justa e solidária, que quebre a elitizada privatização territorial, o investimento urbanístico injusto e a legislação como meio para execução dos sonhos e projetos das camadas mais privilegiadas, em detrimento das mais pobres.

Assim, ele apresenta de forma minuciosa a história da partilha imobiliária especulativa entre centro e periferia da cidade traçada desde o início do século xx pela Companhia City e Light, ambas firmas estrangeiras, de forma injusta e espoliadora, uma passagem avassaladora pelos territórios abertos de uma metrópole ainda nascente e promissora a partir do aumento populacional gerado pelo aumento de industrialização que determinou grande procura de terrenos e habitações. Essas determinações históricas vão definindo um traçado da cidade que submete as novas gerações à crença de que as demarcações são inapagáveis, tamanha sua solidez e força, resultando numa cidade demarcada pela desigualdade e por subjetividades que mantêm e reforçam estas desigualdades em muitos aspectos. A urbanização trouxe consigo processos discriminatórios, cuja linha de corte recaiu sempre sobre o corpo do cidadão negro e pobre.

Tornar-se cidade para São Paulo tem sido um processo cuja estrutura repousa no alijamento, da maioria da população, dos benefícios da cidadania e a tornam uma cidade injusta, incapaz de promover o bem-estar para a maioria de seus habitantes, e que fracassou em seus compromissos republicanos e democráticos. A truculência policial, o ideal da justiça com as próprias mãos, a lei do tráfico, os crimes passionais, os seqüestros, os linchamentos, os processos de periferização e exclusão territorial urbana são exemplos claros da violência que ocorre como instrumento pessoal, que viabiliza a consecução de interesses conflitivos, através da eliminação da parte que obstaculiza e que se opõe.

Endo introduz um conceito fundamental, a distinção entre lugar e espaço, para dar conta de entender o sistemático processo de limpe-



za das áreas centrais da cidade de São Paulo que ocorre sistematicamente desde o final do séc. XIX e prossegue até hoje nas disputas pela ocupação e uso dos espaços da metrópole paulistana e nos permite testemunhar o litígio permanente pelos direitos de habitar e partilhar a cidade cidadã.

O lugar é aquele em torno do qual forma-se uma comunidade, com suas raízes históricas, seus costumes e suas tradições. Lugares instauram identidades, pois separam o que é próprio do outro, ao contrário do Espaço que é o poder da uniformização que destrói o lugar enquanto lugar especial, que dissolve no ar tudo o que é sólido. Nas grandes desapropriações de terrenos de favelas ou casas populares para construções públicas, como a avenida Água Espraiada ou a Operação Nova Faria Lima, há estratégias de pressão sobre os moradores que indicam a maneira como o local foi se desconstruindo como um lugar dos moradores para transformá-lo em espaço expropriado, em experiência de medo e de morte. O mais terrível é constatar que quando o espaço invade o lugar, destruindo-o, desfigurando-o, fazendo o morador desconhecê-lo, a resistência fica abalada pelo medo e a sensação de estar em grande perigo. Sua presença física torna-se, então, subitamente descontextualizada e indesejável. “A circulação do cidadão, própria e singular, que só pode ser exercida pelo corpo contextualizado, inscrito em um determinado lugar, é bruscamente impedida e inviabilizada” (p. 71). Nesta operação de transformação do lugar em espaço, é o corpo que é visado, como obstáculo, entulho, objeto de degradação pública e subjetiva. Um projeto para a cidade que implique o seu reconhecimento como um bem partilhável por todos e denuncie o desconhecimento desta partilha como uma violência vai se tornando insustentável. A violência se incrusta no coração da cidade, quando é condenada no público e exercida no privado. “Quanto mais exposto o corpo, mais tocável, menos interessante torna o que ele tem a dizer. O último que fala é o primeiro que apanha”.

Esta conjunção da dor no corpo e o emudecimento e da oportunidade única de reversão da dessubjetivação, que implica fazer a violência falar, está exposta no último capítulo da primeira parte, para mim, o coração do livro: a conjunção entre corpo, lugar e linguagem. A violência na cidade incide no corpo. Mas o corpo é onde se articula o lugar enquanto possibilidade de vivência e constituição do próprio que possibilita o exercício da singularidade no espaço comum e público. A violência é aquilo que irrompe cindindo esta articulação intrínseca entre corpo e lugar. O que é gerado é um corpo desterritorializado, desterrado, objeto que pode ser eliminado por circular indevidamente pela cidade. Como ninguém reclamará este corpo, é desejável eliminá-lo. É o campo das trocas de linguagem que está proibido a este indivíduo, onde a escuta recíproca traz a possibilidade de reconhecimento e inscrição no seio da cidade, como uma das suas partes integrantes e inalienáveis. Nesse sentido, populações inteiras foram separadas de sua condição cidadã ao serem apartadas do seu direito ao lugar e se tornarem habitantes clandestinos e ilegais. É aí que Endo localiza o início da violência, antes mesmo de um corpo se atracar violentamente com outro, violência que não é reconhecida por quem a comete, as camadas privilegiadas e protegidas da sociedade, que mantêm uma diferença inconciliável com as camadas pobres, os moradores de favelas, da periferia e do subúrbio das cidades brasileiras. A observação diferencia esses corpos. Os do lado de dentro, que permanecem e usufruem da cidade, são corpos, zelados, seguros, fortificados; os de fora, os excluídos, são passíveis de interpelação, deslocados, invadidos, expulsos e eliminados. Ex-corpos, corpos retirados de si sem qualquer cerimônia. Ao morador da não-cidade impõe-se a tarefa cotidiana de se opor às formas de organização violenta que vicejam onde as redes de sociabilidade são inexistentes ou estão enfraquecidas. Nesse caso, há pouca possibilidade de ser poupado da violência, a não ser barganhando bens de interesse do

violentador entrando no comércio da violência. Um exemplo disso é a ligação dos comerciantes locais com a polícia corrupta ou o policial guardião do traficante.

Paulo aponta, numa observação genial, que a avaliação dos sinais e marcas corporais dos suspeitos na lente do policial coincide com os valores da sociedade paulistana. “Preto, pobre, nordestino, maconheiro e adolescente representam autorizações prévias que permitem as práticas abusivas” (p. 81). O discurso da eliminação define os elimináveis segundo a cor da pele, a região geográfica da cidade ou o estado de origem, a roupa e a conta bancária: pretos, pobres, moradores da periferia, crianças e mulheres da periferia. Uma diversidade de aparatos, recursos e investimentos da sociedade, gerenciados ou não pelo Estado, estão voltados contra os espaços já ilegais, miseráveis e depauperados da cidade, mantendo a crença de que o mal está isolado e pode ser localmente controlado.

Ele nos mostra, com Hanna Arendt, que os sujeitos se fundam, se reconhecem e se diferenciam no exercício da política, aquisição tardia e de modo algum inerente ao homem. O imperativo de proteção ao próprio corpo em detrimento dos demais encobre todo o espaço alteritário e instável que funda o sujeito e a política, reivindicando através do ato a própria supremacia absoluta expressa na capacidade de determinar a vida e a destruição de alguém. Paulo Endo prepara a entrada do pensamento freudiano ao dizer que o desejo de eliminar pretende expulsar o que lhe é intrínseco, ao querer assegurar exterioridade a algo que nasceu em seu próprio seio, que quer matar o que não pode ignorar como sendo, de algum modo, parte de si.

Se o lugar para o corpo é a linguagem, o lugar para a linguagem é a cidade. A linguagem deveria ser o lugar de reconhecimento da diferença, do diferente e do singular. A elisão da linguagem pela violência é um dos aspectos essenciais do fenômeno e do processo violento, pela impossibilidade do psiquismo representar uma força que o atinge de forma excessiva e inesperada e emu-

dece, esteriliza, cala, animaliza. Há um trabalho infinito, permanente e incessante da linguagem, para aquele a quem a violência aturdiu e deixou o seu rastro sempre inacabado. O ataque ao corpo é uma maneira de interromper a linguagem em seu princípio originário de mediação e de imposição de uma distância. Violentar o corpo só atinge pleno êxito quando se alcança a des-subjetivação do sujeito, privando-o dos lugares onde ele se constitui. Ao corpo violentado que se restitui um lugar pela linguagem, é imprescindível que ele seja devolvido aos lugares onde seja possível uma experiência de singularização, uma ocupação e circulação própria e singular pela cidade, para que ele reencontre um acolhimento mínimo onde seja possível a defesa autônoma em face das agressões que a cidade inevitavelmente lhe imporá. As várias entidades de combate à violência no Brasil são peças-chave na tentativa de buscar comunicar a violência através da linguagem, onde o intuito é reconstruir, com o sujeito partido pela violência, uma linguagem capaz de colocar em sua história o fato violento que acabou de atravessá-lo. É só retornando ao público, à cidade, que o acontecimento violento encarcerado na subjetividade privada de quem sofreu a violência pode ser verdadeiramente compreendido e estancado em sua repetição. A dor física é o não-lugar da linguagem, excluindo do jogo os princípios que a sustentam: referência a algo exterior, necessidade de compreender, compreender-se, comunicar e criar.

### A violência no coração do sujeito

A pergunta que leva ao pensamento freudiano é: qual o impacto que esse cenário urbano onde se produzem e reproduzem as violências traz para as subjetividades? O itinerário que Paulo Endo propõe liga a evolução do pensamento freudiano à problemática do corpo, do ego e das violências. Cinco partes tratam de maneira minuciosa os desdobramentos conceituais da obra de Freud sobre a violência do corpo, do ego e

da guerra, a relação do corpo com a violência, o sadomasoquismo, a pulsão de morte e as violências e as pulsões.

A pulsão de destruição é a expressão de uma força que se caracteriza por ignorar todos os esforços de ligação, representação e linguagem, ao mesmo tempo que se dirige para um além da civilização, um além de Eros, no qual a vida, enquanto laço, associação e sexualidade, terminaria. A neurose traumática é onde se pode demonstrar a crueza do embate egóico ante uma experiência que o ultrapassa por constituir-se previamente como absolutamente estrangeira e alheia (a morte, o acidente, o desastre, a catástrofe). Isso recoloca o ego diante da iminência do fracasso de sua tarefa de mediação e de sua gênese corporal. O corpo estranho do trauma é um excesso que se tornou puramente psíquico, que insiste como coisa enterrada viva, soterrada, a partir de uma realidade extrapsíquica excessiva que atinge o sujeito como exterioridade absoluta, ultrapassando suas possibilidades de metabolizá-la. Num meio excessivamente violento, as intensidades que atingem o sujeito podem ser de tal monta que dificultem a subsistência de uma atividade egóica, de um corpo erógeno, formas de ligação e vida sexuais, submetendo o aparelho psíquico à repetição estanque e empobrecedora. “Isso faz do ego, após seu fracasso, um vassalo da situação traumatogênica, condenado a repeti-la” (p. 138). A preocupação freudiana é a de compreender os processos que envolvem o psiquismo no ponto em que ele se articula e é ultrapassado por uma realidade que lhe é alheia e adversa, realidade traumática que é uma porção incapturável,

marca de uma insuficiência no ponto de articulação entre ego e corpo, onde operam, também a nível psíquico, as defesas de que o organismo vivo dispõe para salvaguardar a própria sobrevivência e a da espécie (p. 143).

Paulo Endo apresenta sua originalíssima leitura ao dizer que, após a surpresa que golpeia o aparelho psíquico, um novo ordenamento

e uma nova tarefa se impõem a ele, pois uma nova dualidade passa a vigorar: um princípio de sobrevivência e um princípio de realidade. O que está sob risco é o corpo vivo e não o corpo sexual.

Os sonhos traumáticos, a compulsão à repetição, a mutilação do corpo físico, a pulsão de dominação e de destruição terminam por ocupar o lugar de defesas egóicas, diante das perturbações que passam a agir de dentro e de perto, tendo se originado fora e longe (p. 146).

Como abordar psicanaliticamente os processos da agressividade, crueldade, dominação e violência humana? Na mutualidade, na implicação intrínseca, imbricação radical entre o agressor e a vítima.

As diferenças entre sadomasoquismo que associa radicalmente Eros e dor física e psíquica e a neurose traumática, impelindo-a incessantemente ao desprazer intenso através da compulsão repetitiva, permitem compreender formas subjetivamente diferenciadas de perpetuar a violência ou de superá-las (p. 148).

No sadomasoquismo, a própria dor seria uma meta e um objetivo psíquico, acompanhado de intenso prazer do submetimento infligido ao outro, e não a dor física como sinal de algo que deve ser evitado, minorado, estancado. Assim, Endo não considera a pulsão sadomasoquista como exclusiva na compreensão das violências, mas a vertente privilegiada do pensamento psicanalítico que esclarece e permite avançar na compreensão das violências intersubjetivas. Na sua leitura, no itinerário freudiano, os fenômenos da agressividade e destrutividade orbitam em torno de dois eixos fundamentais: a pulsão sadomasoquista e a pulsão de morte. A neurose traumática e o sadomasoquismo são dois caminhos fundamentais para a compreensão psicanalítica das violências que se estruturam orientados, desde o princípio, segundo forças e necessidades psíquicas diferentes.

O sadomasoquismo representaria então um exemplo do triunfo do ego-prazer sobre o ego-realidade, no sentido em que desabilitaria, a partir de uma relação fusional, o outro como objeto e como realidade (p. 189).

A violência no coração do sujeito se inscreve no desejo superegótico de cruelizar e destruir o ego e a violência com que este é capaz de desejar e impor a outrem, articulação entre masoquismo e sadomasoquismo morais. O que evidencia a profunda implicação do sujeito tanto na violência sofrida como na violência infligida, já que processos sadomasoquistas exigem mutualidade, pacto erógeno e reversibilidade. Endo é cuidadoso ao tentar mostrar sua intenção de evitar um coroamento de quaisquer posições e explicações sobre a violência, com o intuito claro de dispor de todo arsenal psicanalítico diante dos fenômenos analisados, mas é a introdução do conceito de superego que define a violência como constitutiva da própria interioridade do homem, versão interiorizada da destrutividade, do autoritarismo e da crueldade que, entretanto, retirou todos os seus ensinamentos de sua relação com seus primeiros objetos de amor, prazer, horror e ódio. “O aparelho psíquico se constitui tendo a violência como percalço e como estrutura, assimilando-a a fim de aplacar os seus perigos” (p. 194).

Assim, a análise das relações problemáticas entre indivíduo e cultura num de seus aspectos mais limitantes, a violência, remonta à gênese do aparelho psíquico numa de suas instâncias, o superego, que se radica e coincide com a cultura. Se ser civilizado é renunciar às pulsões e, ao mesmo tempo, satisfazer o superego que exige esta renúncia contínua,

a vida, psicanaliticamente falando, só pode ser concebida sob uma única modalidade: conflitual, ambivalente e paradoxal. O mal-estar como condição do estar na civilização e na cultura indica que a própria cultura é sempre um lugar inacabado, um lugar impossível, incapaz de sustentar a humanidade do homem no que ela tem de mais radical: o desejo de morte intrincado ao de vida (p. 205).

As formas multifacetadas e plurais com que Freud apresenta as violências, como um dos núcleos de sua obra, apontam para a impossibilidade de capturar o fenômeno da violência num conceito geral. Ao optar por nomeá-lo como pulsão de morte, a violência é inscrita num movimento vital paradoxal, visível sob formas infinitamente variáveis que remete-nos à tarefa de

uma reflexão contínua que deve se exercer sobre a experiência excessiva. É o que indica para a psicanálise o caráter incapturável das violências, a tarefa de compreendê-las continuamente como forma de não sucumbir a elas (p. 217).

### A partilha solidária no coração da paz

Na última parte do livro, o corpo está de volta à cidade. Endo trabalha primeiramente a degradação do corpo vivida e testemunhada no espaço público da cidade e a exposição das violências dos mesmos corpos, pelas mídias, transformadas então em espetáculo, reino das aparências, da banalização e glamurização da violência. Em seguida, será o papel da partilha e do testemunho da violência na comunidade, através da sua participação e escuta dos depoimentos no Fórum em Defesa da Vida Contra a Violência e na Caminhada pela Paz e pela Vida que finalizará a pesquisa.

A solidariedade e o papel da escuta surgem como fundamentos prioritários neste momento de participação no cotidiano de um movimento social. Agir solidariamente, importar-se com um outro, interpelando a ação do agressor, reconhecendo também nesse outro uma face humana prestes a ser borrada, modificar com a própria ação, palavra ou presença na vida de alguém que pede auxílio humano, suscita, põe novamente em circulação o prazer erógeno. Ser solidário passa a ser uma necessidade vital do ego, que encontraria neste reconhecimento uma prova de autonomia e de vitalidade psíquica, um sinal evidente de que ainda se vive, na medida

em que tal ação restitui, ainda que provisoriamente, uma imagem narcísica investível, perdida nos escombros das experiências violentas. O gesto solidário mostra o caráter transformador que se impõe a quem se coloca à escuta diante do excessivo. A partilha que se coloca é de uma exigência absoluta onde se estabelece um compromisso, uma forma de cumplicidade que nos coloca rente a uma dor que, após ser ouvida, não podemos deixar, de algum modo, de sentir. Torna-se um patrimônio comum de quem fala e quem escuta, algo partilhável entre iguais que, nesse momento, exercem e constata suas diferenças, fazendo disso o esteio onde algo novo se inaugura e inspira a prosseguir falando. A experiência testemunhal tem um caráter radical e inédito através do ato de fala em que se realiza por meio de uma narrativa que mesmo que seja a descrição de um universo de morte é comunicada por uma pessoa que rememora, pensa, chora e leva adiante.

Quando Paulo Endo traz os testemunhos, inclusive o seu, revela-os como o principal apoio de suas reflexões por onde se escolhe um dos objetivos centrais de todo seu trabalho: “poder repercutir e ser de algum modo instrumentado por aqueles que vivem e reconhecem a dimensão da violência na cidade com crueza, constância e sem atenuantes” (p. 266). O Fórum em Defesa da Vida Contra a Violência é um exemplo de que é possível se opor às violências restaurando o sentido profundo que só a participação intrínseca e verdadeira da população atingida e envolvida por estes abusos pode alcançar; que a dor e o medo não devem ser assunto apenas para especialistas; que os testemunhos são parte do conhecimento imprescindível nesse processo de reconhecimento e compreensão das violências.

Já na Caminhada pela Paz e pela Vida, realizada uma vez por ano, pessoas serpenteiam como um cordão pelas ruas do Jardim Ângela e Jardim São Luís e realizam de uma só vez a conquista do direito de viver ocupando a cidade e o reconhecimento de si mesmos como sujeitos singulares e cidadãos de direitos. Um cordão

policial protege, durante a caminhada, o direito à dor, ao sofrimento e ao luto. Nela, a dor pode ser partilhada e exposta de forma diferente da espetacularização. Os mortos anônimos podem ser ali, naquela coletividade, singularizados, e podem passar, por instantes, a existir, adquirindo importância e rosto. Refaz-se desse modo, todos os anos, o ritual dos lutos impossíveis, onde cada um dos participantes reivindica para si os entes queridos que, arrebatados por “mortes matadas, não puderam ser celebrados, homenageados, velados. Articula-se na caminhada seu caráter político intrinsecamente ligado à experiência singular da dor” (p. 281).

Mas Endo nos oferece um final inquietante, que relança a questão do fundamento da violência numa nova direção, reunindo o pensamento de Freud e Agamben. Na minha leitura, ele nos fala que segundo o mito psicanalítico da origem da civilização, na casa do pai, reinava a matança dos filhos e dos irmãos, até que estes mataram o pai e depois, arrependidos, renunciaram à repetição do crime. Freud colocará nesta renúncia, que põe a problemática paterna no centro, o fundamento da política e o paradigma do exercício da soberania. Ora, mas indo mais além, é a matança dos filhos e a realizada pelos filhos, o fundamento primeiro do poder político: vida absolutamente matável, que se politiza através da sua própria matabilidade. Os seres matáveis são o ponto zero da política, sua estrutura originária. O elemento político originário é a vida nua, vida exposta à morte. A vida nua que persevera como elemento concreto e reiterado do assassinato primordial infinitamente repetido pelos mesmos filhos que também o atualizam psicologicamente como sentimento de culpa, como pulsão de morte e como instância superegóica. O fundamento da finitude é substituído pelo da matabilidade.

Assim, a figura do bom pai do começo do livro se modificou ao final. Agora ele é a figura de um pai justo e amoroso, representante da atenuação da destruição interna e externa que protegeria os filhos da sua própria capacidade

de destruírem a si mesmos e aos outros. A civilização torna-se a passagem de uma renúncia às pulsões a uma renúncia a agredir este que faz renunciar às pulsões, o pai. Mas paradoxalmente há que renunciar a satisfazer o superego, desobedecendo-o e burlando-o para sobreviver a ele.

O jabuti sai do labirinto da violência pela sua principal característica: ser gregário para poder sobreviver. No final, ele encontra a flor da solidariedade e da paz. É difícil essa flor extraordinária vicejar, suportar a atmosfera da civilização. Mas, às vezes, ela abre as pétalas uma a uma, tal como a flor de lótus e depois rapidamente fenece. Segundo a lenda, esta flor foi criada a partir de fragmentos do poder criador do fogo, do ar, da água e da terra, para expressar sua combinação harmônica, mas também suas diferenças e sua independência para que servisse de símbolo e exemplo para o homem de sua própria possibilidade de pureza e perfeição. Desde épocas remotas o dia oito de maio

foi fixado como o dia de sua comemoração. Em 1948, esse dia tornou-se também em todo planeta o “Dia da Paz”.

“Pai, da próxima vez eu queria ouvir a menina cantar”. Esse sábio apelo da filha, que serve de epígrafe à última parte do livro, ao ver uma criança no semáforo que pedia para cantar em troca de algum dinheiro, foi escutado pelo pai. O que ela pede é para ter um duplo prazer erógeno: de escutar a canção e de ter o prazer de ver o prazer se instaurar na criança que canta, que não é só o de receber o dinheiro, mas de ter seu canto compartilhado. O que a menina pede ao pai é que ele, na sua posição de guardião das pulsões, tenha mobilidade de manter a abertura da janela; que o jabuti possa, às vezes, retirar sua casca e habitar prazerosamente o lugar do corpo, sem temer a morte. Que o pai possibilite corpos erógenos circulantes, compartilhando a cidade. É esse o difícil e principal feito do pai.

# Novidades *Percurso*

## Erratas

### Percurso 34

No artigo “Regulamentação das psicoterapias: o precedente francês”, a apresentação do autor saiu incompleta. Este é o texto correto:

**Fernando Aguiar** é doutor em Filosofia e professor no Departamento de Psicologia da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC). Este artigo é uma adaptação de parte de um dos capítulos de sua tese de doutorado, *Le transfert analytique: approches épistémologique et éthique de la clinique freudienne*, finalizada em 1994 e defendida em março de 1995, na Universidade Católica de Louvain (Bélgica), como bolsista da CAPES.

### Percurso 39

Na entrevista com Maria Rita Kehl, devem ser retificadas algumas incorreções:

1. *Página 125, coluna 1, última linha e coluna 2, linha 1:* onde se lê “o Fórum organizado pela Dominique...”, leia-se: “como o Fórum, com o qual tive contato através da Dominique Fingermann...”
2. *Página 130, coluna 2, linha 8:* onde se lê: “outro”, leia-se: “Outro”.
3. *Página 135, coluna 2, linha 21:* onde se lê: “friccionar”, leia-se: “ficcionar”
4. *Página 140, coluna 2, linha 4:* onde se lê: “aborrecida”, leia-se: “ensandecida”

Também informamos ao leitor que a entrevista revisada por Maria Rita Kehl está disponível no site a revista.

A ambos os autores, nossas desculpas!

## Índice Temático na Internet

No decorrer do mês de agosto estará disponível no site da revista ([www.uol.com.br/percurso](http://www.uol.com.br/percurso)) a nova edição do Índice Temático, cobrindo os números de 1 até 37 inclusive. Agradecemos a Berta de Azevedo Hoffmann, mes-tranda em Psicologia Clínica da PUCSP, o cuidado com que realizou a indexação dos números 30/31 até 37.

Para se ter uma idéia do volume e da qualidade do material que o Índice torna facilmente acessível, aqui vão alguns dados numéricos.

1. Até o número 37, *Percurso* publicou 681 matérias, das quais 449 são artigos, 232 resenhas e o restante entrevistas, debates e outros documentos. Estes textos são assinados por 339 autores diferentes, muitos dos quais não-membros do Departamento ou situados em Estados brasileiros que vão do Pará ao Rio Grande do Sul.
2. O número de matérias vem crescendo consistentemente, assim como a variedade dos temas abordados. As dez rubricas com maior número de referências são:
  - + Freud: conceitos/técnica: 172
  - + Processo psicanalítico: 140
  - + Psicanálise e fenômenos sociais: 139
  - + Relatos clínicos: 109
  - + Psicanálise e literatura: 101
  - + Psicopatologia psicanalítica: 97
  - + Sujeito: 97
  - + Transferência: 94
  - + Psicanálise e filosofia: 93
  - + Funcionamento do psicanalista: 88
3. Esta distribuição de freqüência sugere algumas observações:
  - a. a referência fundamental continua sendo Freud, o que não impede a revista de acolher textos de orientação lacaniana (47 referências a este autor) ou inglesa (Winnicott, 36; Melanie Klein, 18; Bion, 9).

- b. a atenção aos problemas da sociedade contemporânea é uma constante nos textos selecionados: o verbete *Psicanálise e fenômenos sociais* teve de ser desdobrado em outros, para os quais foi efetuada uma varredura nos números anteriores. Assim, rubricas como *Psicanálise e Violência* (13 referências) incorporam o material pertinente desde o número 1, e outras, como *Psicanálise e Política* (37) ou *Sexualidade Feminina* (64), continuam a receber acréscimos a cada novo número.
- c. o trabalho analítico “extra-muros” continua a ser um tópico de grande densidade na revista: *Psicanálise e Instituições*, por exemplo, contém 57 indicações. Da mesma forma, *Psicanálise no Brasil* (64) e *Psicanálise na França* (44) são temas freqüentes, demonstrando o interesse pelo contexto tanto social quanto teórico da nossa prática.
- d. a tarefa de pensar psicanaliticamente a cultura também é assumida com freqüência pelos nossos autores: ver *Psicanálise e Cultura Contemporânea* (76 referências), *Psicanálise e Literatura* (101), *Psicanálise e Cinema* (26), *Psicanálise e Artes Plásticas* (26).
- e. do trabalho psicanalítico *stricto sensu* ocupam-se muitos textos, além dos mencionados no item 1: *Psicanálise da Criança* (48), *Transferência* (94), *Complexo e Édipo* (51), entre outros. Aspectos da formação são discutidos em média duas vezes em cada número (*Formação do Psicanalista*, 70 referências); a supervisão é tratada em 23 trabalhos.
- f. por fim, atenta à história e às atividades da instituição que a publica, encontramos nos 37 números indexados 28 referências ao Departamento de Psicanálise do Sedes, inclusive um extenso debate por ocasião do vigésimo aniversário da sua fundação.

Boas consultas!

## Colaboradores deste número

### Ana Lucia MacDowell Gonçalves

anamacdowell@uol.com.br

### Ana Lúcia Panachão

R. Capote Valente, 1394  
05409-003 São Paulo SP  
Tél.: (11) 3864-9273 / 3868-1296  
apanachao@uol.com.br

### Ana Paula Moreira

R. José Clemente, 573 ap. 1601  
Zona 07  
87020-070 Maringá PR  
Tél.: (44) 32624244  
apmore@gmail.com

### Andréa Carvalho Mendes de Almeida

R. Mario Amaral, 210  
04019-000 São Paulo SP  
Tél.: (11) 3889-9406  
andrea@construnet.com.br

### Andrea Hollnagel Araújo

Condomínio Parque Encontro  
das Águas H-01  
42700-000 Lauro de Freitas BA  
daraujo5@terra.com.br

### Andrea Menezes Masagão

Estrada do Layer, 440  
06709-240 Granja Viana Cotia SP  
Tél.: (11) 3871-3221  
andreamasagao@uol.com.br

### Bela M. Sister

R. Maranhão, 584, cj. 42  
01240-000 São Paulo SP  
Tél.: (11) 3825-3470  
belasister@terra.com.br

### Christian Ingo Lenz Dunker

R. Abilio Soares, 932  
04005-003 São Paulo SP  
Tél.: (11) 3887-0781  
chrisdunker@usp.br

### Danielle Melanie Breyton

R. Prof. João Arruda, 53  
05016-110 São Paulo SP  
Tél.: (011) 3873-3457  
danibreyton@gmail.com

### Danielle Schramm

La Brigotterie, 41600  
Nouan le Fuzelier France  
Tél.: 33 2 54 96 29 90  
daschramm@orange.fr

### Decio Gurfinkel

R. Maranhão 620, cj. 64  
01240-000 São Paulo SP  
Tél.: (11) 3825-9794  
deciogur@usp.br

### Flavio Carvalho Ferraz

R. João Moura, 647 cj. 121  
05412-911 São Paulo SP  
Tél.: (11) 3088-9606  
ferrazfc@uol.com.br

### Gustavo A. R. Mello Neto

R. Prof. Ney Marques, 21  
87020-300 Maringá PR  
Tél.: (44) 3031-4326  
garmneto@hotmail.com

### Ignacio Gerber

Av. Brig. Faria Lima, 2121 cj. 64  
01452-907 São Paulo SP  
Tél.: (11) 3813-3683  
ignaciogerber@terra.com.br

### Lia Fernandes

R. Maranhão, 620 cj. 121  
01240-000 São Paulo SP  
liafernandes@uol.com.br

### Luciana Saddi

Pç. Morungaba, 66  
01450-090 São Paulo SP  
Tél.: (11) 9983-7195  
lusaddi@uol.com.br

### Malvine Zalberg

R. Visconde de Pirajá, 414 sl. 914-915  
Rio de Janeiro RJ  
Tél.: (21) 2521-0948  
zalbergrio@domain.com.br

### Mara Selaibe

Rua Maranhão, 554, cj. 36  
01240-000 São Paulo SP  
Tél.: (11) 3662.4640  
selaibe@terra.com.br

### Maria Laurinda Ribeiro de Souza

Av. Moema, 170 cj. 106  
04077-020 São Paulo SP  
Tél.: (11) 5051-8175  
mlrsouza@uol.com.br



**Maria Thereza Ávila Dantas Coelho**

R. Theodomiro Baptista, 150 apto. 102  
41940-320 Salvador BA  
Tel.: (71) 9123-5682  
therezacoelho@gmail.com

**Marli Ciriaco Vianna**

Av. Graúna, 183  
04514-000 São Paulo SP  
Tel.: (11) 5533.4841  
marcivianna@uol.com.br

**Mauro Hegenberg**

R. João Ramalho, 156  
05008-000 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3676-1097.  
mhegen@sti.com.br

**Michele Araújo Santos**

R. Quarenta e Oito, 895, ap. 502  
52050-380 Recife PE  
Tel.: (81) 3075-0872  
michelemail\_br@yahoo.com.br

**Miriam Chnaiderman**

R. Maranhão, 620 cj. 33  
01240-000 São Paulo SP  
Tel: (11) 3666-4537  
chnaide@uol.com.br

**Philippe Willemart**

R. Pio VII, 86  
05657-220 São Paulo SP  
philippewillemart@terra.com.br

**Renata Puliti**

R. Ferreira de Araujo, 333  
05428-000 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3816-7450  
renatapuliti@uol.com.br

**Renata Udler Cromberg**

R. Inhambu, 873 cj. 203  
04520-013 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3816-2184  
renatauc@uolcom.br

**Rubia M. Tavares Delorenzo**

R. Honduras, 365  
01428-000 São Paulo SP  
Tel: (11) 3887-3557  
rubia@milaomob.com.br

**Silvia Leonor Alonso**

R. Maranhão, 584, cj. 73  
01240-000 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3666-2045  
silviaalonso@uol.com.br

**Silvio Hotimsky**

R. Ilhéus, 135  
01251-030 São Paulo SP  
Tel: (11) 3862-7743  
silviohotimsky@hotmail.com

**Sonia Maria Rio Neves**

R. Morás, 680 ap. 201  
05434-020 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3287-9019  
smrn@netpoint.com.br

**Susan Markuszower**

R. Dr. Franco da Rocha, 488  
05015-040 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3672-9156  
susanmark@uol.com.br

**Tales A. M. Ab'Sáber**

R. Joaquim Antunes, 490, cj. 21  
05414-020 São Paulo SP  
Tel.: (11) 3083.7108  
tsaber@usp.br

**Urania Tourinho**

Rua Alfredo Magalhães, 96 1º andar  
40140-140 Salvador BA  
Tel.: (71) 3264-3569  
colpsiba@terra.com.br

**Viviana C. V. Martinez**

R. Prof. Ney Marques, 21  
87020-300 Maringá, PR  
Tel.: (44) 3031-4326  
vcvmartinez@hotmail.com

194

Colaboradores deste número



# Normas para envio de artigos e resenhas

A apresentação de trabalhos para publicação na *Revista Percurso* pressupõe o conhecimento prévio e a aceitação, por parte do articulista, das seguintes normas:

1. Os trabalhos enviados para publicação na *Revista Percurso*, sempre originais e inéditos, deverão ser antecedidos por uma **página de rosto** contendo o título e o nome do autor, sua qualificação, endereço e telefone (incluir CEP e DDD) e e-mail, um resumo de cinco linhas em português e inglês, até seis palavras-chave em português e inglês, o número exato de **caracteres com espaços** do texto, e a data de remessa. O título (somente este) deverá ser repetido na primeira página. A página de rosto é destacada quando o trabalho é remetido para avaliação, de modo a preservar, durante todo o processo, o sigilo quanto à identidade do autor.

2. Os trabalhos deverão ser entregues em seis cópias, pessoalmente ou por correio, à Coordenação Editorial de *Percurso*: Rua Amália de Noronha, 198, 05410-010 São Paulo. Não serão aceitos trabalhos enviados por e-mail.

3. Todos os trabalhos são analisados em detalhe pelo plenário da Comissão Editorial ou da Comissão Editorial de Resenhas, que poderão solicitar ao Conselho Científico Externo um ou mais pareceres. Uma vez aceito, um membro destas transmite ao autor eventuais recomendações para mudanças na forma ou no conteúdo, em particular – mas não só – a fim de o adequar aos padrões gráficos da revista.

4. É indispensável seguir os padrões gráficos utilizados por *Percurso*:

- + O que merecer destaque deve vir em *itálico*; não utilizar sublinhado nem negrito.
- + Colocar intertítulos para facilitar a leitura.
- + Palavras estrangeiras e títulos de livros mencionados no texto: estilo *itálico*, sem aspas.
- + Títulos de artigos mencionados no texto: estilo normal, com aspas;
- + Citações: entre aspas, com chamada de nota.

5. As notas deverão vir no rodapé da página em que figura a respectiva chamada e ser numeradas **consecutivamente** em algarismos arábicos. Podem ser explicativas ou bibliográficas; neste caso, seguir o formato europeu, como indicado abaixo:

- a. **Nome do autor:** em ordem direta, com maiúsculas somente nas iniciais do nome e do sobrenome. Exemplos: S. Freud; M. Klein; D. W. Winnicott.
- b. **Artigos e capítulos de livros:** título entre aspas, seguido do nome do livro em que aparecem, cidade, editora, ano de publicação e página citada, precedida apenas da letra “p.” Exemplo: N. Bleichmar e C. Bleichmar, “Os Pós-Kleinianos: Discussão e Comentário”, in *A Psicanálise depois de Freud*,

Porto Alegre, Artes Médicas, 1994, p. 286. Caso se trate de uma revista ou periódico, colocar em *itálico* o nome da revista, indicando número ou volume, local de publicação, ano e página citada. Exemplo: R. Zygouris, “O Olhar Selvagem”, *Percurso* nº 11, São Paulo, 1993, p. 12. (Não se usa *in* antes do nome de um periódico).

- c. **Livros:** *título em itálico*, cidade, editora, ano de publicação e página(s) citada(s). Exemplo: J. Greenberg e S. Mitchell, “Object Relations”, in *Psychoanalytic Theory*, Cambridge, Harvard University Press, 1993, p. 377 (ou: p. 377-378).
- d. **Textos citados mais de uma vez:** a partir da segunda vez inclusive, colocar apenas nome do autor, a expressão *op. cit.* em *itálico*, e a página citada. Exemplos: R. Zygouris, *op. cit.*, p. 73; Bleichmar e Bleichmar, *op. cit.*, p. 289. Se entre a primeira e a segunda citação for citada OUTRA obra do mesmo autor, escolher uma forma simples de distinguir entre ambas. Exemplo: primeira citação, Marcia Neder Bacha, *A Arte de Formar*, Petrópolis, Vozes, 2002, p. 45; segunda citação, Marcia Neder Bacha, *Psicanálise e Educação: Laços Refeitos*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 1009, p. 70; terceira citação, Bacha, *Laços...*, p. 90; quarta citação, Bacha, *A Arte...*, p. 134; quinta citação, Bacha, *A Arte...*, p. 136; e assim sucessivamente.
- e. Ao final do trabalho, deverão constar as referências bibliográficas em ordem de sobrenome dos autores, seguidas pelos dados da obra. Exemplos: Mezan, R.: *Interfaces da Psicanálise*, São Paulo, Companhia das Letras, 2002; Levisky, D.: *Um monge no divã*, São Paulo, Casa do Psicólogo, 2007.

6. Para resenhas: título da resenha, seguido da expressão “Resenha de”, nome do autor, *título da obra em itálico*, cidade, editora, ano de publicação e número de páginas. Exemplo: Freud, o Fio e o Pavio – Resenha de Chaim Samuel Katz, *Freud e as Psicoses: Primeiros Estudos*, Rio de Janeiro, Xenon, 1994, 274 p. O nome, qualificação, endereço, telefone e e-mail do resenhador devem vir no final do texto, seguindo o solicitado no item 1 destas Normas. Colocar na página de rosto as palavras-chave da resenha: não é necessário apresentar resumo ou *abstract*.

7. Uma vez atendidas as recomendações das Comissões Editoriais, os trabalhos serão entregues no endereço acima, em disquete, no formato Word (.doc), acompanhados de uma cópia impressa.

8. O autor receberá cinco separatas do seu trabalho, além de um exemplar do número em que ele figura. Os trabalhos recusados não são devolvidos; o *copyright* dos aceitos pertence aos seus autores. Caso venham a ser publicados em coletâneas ou outros periódicos, inclusive eletrônicos, solicita-se mencionar que a primeira publicação se deu na **Revista Percurso**. Os autores declaram aceitar a divulgação de seus trabalhos no site da revista, [www.uol.com.br/percurso](http://www.uol.com.br/percurso).

## Onde encontrar *Percurso*

### **Belém**

Lúcia Helena Silva Alves  
Travessa Teófilo Conduru  
Passagem 2 Américas, 16  
Tel.: (91) 259.2431

### **Belo Horizonte**

Livraria do Psicólogo  
Rua Cuverlo, 132 Loja 27  
Tel.: (32) 3273.5808

### **Campinas**

Livros Neli  
Rua Dr. Pelégio Lobo, 131  
Guanabara  
Fone/Fax: (19) 3243.7649

### **Fortaleza**

Livraria da Lua  
Av. Carapinima, 2200 Loja 121 B  
Tel.: (85) 223.4336

### **Goiânia**

Dimensão Editorial e Distribuidora  
R. 1121, nº 249 – setor Marisa  
Tel.: (62) 281.4135

### **Porto Alegre**

Livraria Cultura  
Av. Túlio de Rose, 85 loja 302  
Tel.: (51) 3028-4033  
gaalmeida@livrariacultura.com.br

### **São Paulo**

Casa do Psicólogo  
Rua Mourato Coelho, 1059  
Tel.: (11) 3034.3600

FNAC Brasil – Paulista

Av. Paulista, 901  
Tel.: (11) 2123-2000

FNAC Brasil – Pinheiros

Praça Omaguás, 34  
Telefax: (11) 3815.1099 r. 271

Livraria Cortez

Rua Bartira, 317  
Tel.: (11) 3873.7111

Livraria Cultura – Villa Lobos

Av. das Nações Unidas, 4777 loja 245  
Tel.: (11) 3024-3599  
ehnunez@livrariacultura.com.br

Livraria Cultura – Market Place

Av. Dr. Chucri Zaidan, 902 Loja 222  
Tel.: (11) 3024-3599  
ehnunez@livrariacultura.com.br

Livraria da Vila

R. Fradique Coutinho, 915  
Tel.: (11) 3814-5811

Maura Books

Instituto Sedes Sapientiae  
Rua Ministro de Godoy, 1484  
Tel.: (11) 3873.2314 ramal 734

Livraria Moisés Limonad

Pós-Graduação PUC/SP  
Rua Monte Alegre, 984  
Tel.: 3871.2023

Livraria Pulsional

Rua Dr. Homem de Mello, 351  
Telefax: (11) 3865.8950 / 3675.1190

Maura Book's

Rua José Gonçalves Gomide, 545  
Tel.: (11) 6909.1959

Oriana Livros e Periódicos

Instituto de Psicologia USP  
Av. Prof. Mello de Moraes, 1721 Bl. B  
Tel.: (11) 3037.0874  
orionalivros@hotmail.com

Resposta Editorial

R. Texas, 658  
Tel.: (11) 5044-7565

### **Sorocaba**

Veronika Martins Hoffmann  
Av. Presidente Kennedy, 316 – Jd  
Paulistano  
Tel.: (15) 3417-2014  
wmhoffmann@terra.com.br

### **Uberaba**

Ilcéa Borba Marquez  
Rua Alfen Paixão, 599 – Mercês  
Tel.: (34) 3312.7761

## Para assinar *Percurso*

- **Assinatura anual:** R\$ 100,00 (dois números)
- Por telefone:** ligue para (011) 3816-3780, das 8:00 às 21:00, de segunda a sexta-feira. Você receberá uma ficha de compensação, que poderá ser paga em qualquer agência bancária.
- Por cartão:** ligue para (011) 3816-3780, nos mesmos horários. Tenha em mãos o número de seu cartão. Aceitamos Credicard, Visa e American Express.
- Por cheque:** envie seus dados pessoais e cheque nominal para  
*Revista Percurso*  
a/c Setor de Assinaturas  
R. Paulistânia, 593  
05440-000 São Paulo SP

### Autorização para assinar *Percurso* por cartão de crédito

NOME: _____	DATA: ____/____/____	
ENDEREÇO: _____		
CEP: _____	CIDADE: _____	ESTADO: _____
TELEFONE RES.: ( ) _____	COM.: ( ) _____	
CIC: _____	RG: _____	
E-MAIL: _____		
<b>Credicard:</b> nº <input type="text"/>	val.: <input type="text"/> / <input type="text"/>	
<b>Visa:</b> nº <input type="text"/>	val.: <input type="text"/> / <input type="text"/>	
<b>AmEx:</b> nº <input type="text"/>	val.: <input type="text"/> / <input type="text"/>	
Quantidade de Parcelas:	<input type="checkbox"/> 1 <input type="checkbox"/> 2 <input type="checkbox"/> 5	

Remeta este cupom por fax ou ligue, informando seus dados, para:

REVISTA PERCURSO – SETOR DE ASSINATURAS  
R. Paulistânia, 593  
05440-000 São Paulo  
Tel.: (11) 3816-3780/3816-1137

Você também pode nos enviar um e-mail ([percurso@uol.com.br](mailto:percurso@uol.com.br)) autorizando-nos a debitar em seu cartão o valor da assinatura. Neste caso, seu cadastro será feito pelo telefone. Por favor, tenha em mãos os documentos necessários.





Impresso em Aparecida SP, em julho de 2008  
no parque gráfico da Editora Santuário